

Todos os dias são  
difíceis na Barbúria



Márcio Catunda

# Todos os dias são difíceis na Barbúria



Fortaleza – Ceará  
2018

Todos os dias são difíceis na Barbúria

Copyright © 2018  
by Márcio Catunda

REVISÃO  
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

CAPA  
Etevaldo Gomes de Menezes

FOTO DA CAPA  
Tela do pintor Hieronymus Bosh

IMPRESSÃO  
RDS Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Carlos Câmara, 1048 – Gentilândia  
60020-150 – Fortaleza (CE)  
rds1048@gmail.com

---

Catunda, Márcio

Todos os dias são difíceis na Barbúria / Márcio Catunda.

Fortaleza, CE: RDS Editora, 2018.

268 p.

ISBN: 978-85-7997-176-1

1. Literatuda brasileira I. Título.

CDD B869

---

É proibida a reprodução, total ou parcial, dessa obra, por qualquer pessoa ou instituição, salvo com a prévia autorização por escrito da editora e consentimento do autor.

# Sumário

---

Primeira Parte .....	7
Segunda Parte .....	49
Terceira Parte .....	91
Quarta Parte .....	132
Quinta Parte .....	166
Sexta Parte .....	202
Sétima Parte .....	218
Oitava Parte (Já falta pouco).....	240
Nona Parte (Final) .....	255
O Autor .....	266





## Primeira Parte

Crátilo Portela, um rapaz branco, quase moreno, de estatura média e cabelos grisalhos, exerceu, na Ilha dos Patrupachas, durante dois anos, a função de escriturário, ao serviço da empresa Ventura. Em seguida, serviu em outros três Escritórios da empresa, localizados, respectivamente: na República das Bananas, em Estínfalo e no Principado das Trevas. Ao final dessas insólitas e árduas missões, foi promovido ao cargo de *Amanuense*, que passaria a ocupar na cidade de Barbeville, capital da Barbúria. Naquele país, Crátilo viria a se sentir, como ele mesmo confessara, *qual um prisioneiro*.

Por conta de certa demência de seus chefes e diretores, a Ventura adotava, por vezes, nomenclatura exótica para os cargos, como, por exemplo, promover escriturários a amanuenses, como se fora uma repartição pública. O criador do cargo, o outrora Gerente Geral Dr. Cabeça de Vaca, aficionado obsessivo pelo romance *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, impôs esse grau hierárquico.

Para Crátilo, a designação de sua atividade tinha a ver com a origem do vocábulo, que, nos tempos do Império Romano, significava o *escravo que servia de secretário a seu amo*. Essa impressão lhe ocorria, sobretudo, porque, a cada dia, abominava mais o serviço **burocrático**, a que se tinha de dedicar, em detrimento de seu trabalho intelectual na literatura. Quanto ao Dr. Cabeça de Vaca, extraordinária coincidência era o fato de o seu insólito nome de batismo corresponder à maledicência de seus empregados e colegas, que espalhavam boatos a respeito de seus supostos ornamentos de bovino, oriundos de sua vida conjugal.

Quando Crátilo chegou à triste Barbúria, foi recebido, no aeroporto, por um negro alto e simpático, de nome Dionísio Petrócio, e pelo Amoralato, um sujeito branco, forte, alto, de rosto largo e barbas escuras; motorista do Chefe. Do aeroporto, o amanuense foi levado diretamente à presença do Diretor da Empresa, Dr. Giocondo Malaquias, vulgo Mala, um cara alto, meio pardo, com cabeça, olhos e boca muito grandes e de calças frouxas. Efetivamente, Giocondo não fora feito para seduzir os espelhos, como dissera Shakespeare do monstruoso Ricardo III.

Mala convidou Crátilo para ficar uns dias na Residência Funcional do Escritório. O que parecia ser uma gentileza consistia, na realidade, em um presente de grego. Exausto da viagem, depois de doze horas de voo, o amanuense não pôde descansar. O Giocondo foi logo apresentando-o ao pessoal do Escritório e, em seguida, convidou-o tanto para um almoço quanto para um jantar com empresários locais.

Crátilo ficou mais de uma semana na Residência Funcional, a mansão destinada a acolher quem ocupasse o cargo de Diretor e sua respectiva família. A casa era antiga. Parecia um castelo. Tinha escadarias em caracol e compartimentos labirínticos. Grandes lustres apagados refletiam, no escuro, as sombras noturnas.

Uma noite, quando estava entre o sono e a vigília, o amanuense sentiu que alguém lhe passava a mão pelo rosto. Foi à meia-luz. Ele estava sonolento, mas ainda não havia dormido. Ficou irritado, porque queria dormir e despertara-o aquela mão indiscreta, que o acariciou no lado direito da face. Foi um acontecimento muito estranho. Ele se levantou abruptamente e dirigiu-se à janela. Na rua, não havia ruído de carros. No alto, a Lua brilhava indiferente. Decorria o mês de fevereiro e havia estrelas, apesar da poluída atmosfera da cidade. A mão do espanto tocou-lhe a face, em noite de sobressalto.

\* \* \*

No primeiro dia de trabalho, veio ter com ele um funcionário pardo, baixo, de barbas e cabelos grisalhos, e de boca rasgada e dentes amarelos, que se chamava Ansésimo Saci, o qual lhe forneceu um computador cujo teclado se achava desconfigurado. Apesar disso, o chefe Giocondo não deu colher de chá a seu subordinado. A cada meia hora, passava ao amanuense algum recorte de jornal para que ele transcrevesse o conteúdo e o enviasse à Gerência Geral ou à sócia estatal Soterbúria.

Nos dias subsequentes, se o Diretor visse Crátilo passando pelo corredor, observava aonde ia e pedia-lhe logo algum trabalho. Para piorar, a Malufa e o Murano, assessores de Crátilo, não sabiam português. Escreviam em inglês e Crátilo traduzia os escritos deles para o vernáculo.

O que intrigou, logo de cara, o funcionário recém-chegado não foi só o volume exorbitante de trabalho, mas a forma com que o chefe controlava tudo e desconfiava de todo mundo.

Em meio aos afazeres decorrentes de sua instalação no novo país e de seu trabalho, Crátilo teve, de repente, uma

hemorragia no olho esquerdo. O olho ficou completamente vermelho, com irritação, coceira e ardência. Ele terminava o expediente com os olhos ardendo, depois de passar o dia inteiro a fixá-los na tela do computador. O serviço exigia que ele ficasse muito tempo exposto àquela luminosidade nociva. Passava colírio, mas continuava com extrema sensibilidade a qualquer esforço visual ou claridade intensa. Notava que os óculos já não serviam para ler letras pequenas. A lente que servia ao olho que sofrera o derrame estava desatualizada.

Quando saiu definitivamente da casa do Giocondo, Crátilo foi para o hotel Biafra, recomendado pela Clotilde, mulher do Diretor. A esposa de seu chefe era uma velhota muito branca, com olhar de cobiça e pernas tortas. Tinha o cabelo pintado de lilás e se expressava com fala engrolada, piscando os olhos.

Clotilde assegurou que o hotel Biafra era um dos melhores da cidade. O local revelou-se uma tremenda espelunca. Além de sujo, tinha um pessoal antipático na portaria. No café da manhã, somente ofereciam pão, manteiga e leite. Tinha-se quase que implorar para que trouxessem o café à mesa.

\* \* \*

Quando Crátilo ainda estava no Principado das Trevas, Giocondo já lhe escrevera, dizendo que o Gerente Geral estava providenciando sua transferência imediata para a Barbúria. Pelo prazo regulamentar, faltavam ainda seis meses para que Crátilo se apresentasse ao novo posto de trabalho. O amanuense, preocupado, falou com Antônio Miguel, Chefe do Departamento de Pessoal. O Chefe do DP tranquilizou-o, garantindo-lhe que a transferência somente aconteceria depois que passassem os seis meses, conforme as normas da Empresa. Ou seja, antes mesmo de chegar à Barbúria, Crátilo já se sentiu alvo das armações do Diretor, junto ao Gerente Geral.

\* \* \*

Como ainda não dispunha do automóvel, que viria com o restante da mudança, Crátilo, para ir e voltar ao trabalho, subia e descia uma penosa e longa ladeira. Levava cerca de meia hora, em cada trajeto de ida e volta, do Escritório ao hotel. Isso, quatro vezes ao dia, em meio a um trânsito agitado de carros e, muitas vezes, debaixo de chuva, em plena estação das águas. Em Barbeville, os pedestres erguiam as mãos e acenavam para que os motoristas os deixassem atravessar as estreitas e perigosas ruas sem semáforos. Crátilo demorou a entender o trânsito local, em que os cidadãos se lançavam entre os carros, nas vielas íngremes, e os motoristas paravam de repente para deixá-los atravessar.

\* \* \*

Dionísio Petrúcio, o funcionário guineense, que o havia recebido em sua chegada, convidou-o para visitar, num fim de semana, o principal monumento da cidade, que tinha estátuas de soldados armados. Mas não apareceu na hora marcada para levá-lo ao passeio, nem ligou para cancelar o compromisso. Depois de esperar mais de meia hora, Crátilo telefonou para saber o que havia ocorrido. Petrúcio disse que fazia mau tempo e que havia muito trânsito. Então, Crátilo resolveu sair só. Negociou o preço da corrida com um taxista e foi em direção ao centro da cidade, onde havia lojas de roupas, artesanatos, perfumes e três pequenas livrarias, entre outros outros estabelecimentos comerciais. Caminhou no meio da multidão, até sentir-se quase sufocado pela fumaça dos carros e pela falta de espaço para andar. Conheceu um antigo bairro tradicional, chamado Barcasbás, um pardieiro, composto de casas destroçadas e ruas decrepitas, repletas de lixo, com garrafas de plástico, espalhadas por toda parte.

Em Barbeville, as ruas eram insuficientes para a quantidade de carros. Ruas demasiado estreitas, com ladeiras em curva e de mão dupla. O fato de não haver sinais de trânsito dificultava as coisas tanto para os motoristas quanto para os pedestres.

No Poço, bairro da parte alta da cidade, onde morava Crátilo, ficavam os escritórios, as casas dos funcionários das empresas internacionais e as pequenas quitandas de frutas, doces, chocolates, cigarros, jornais e desodorantes. Dali até o centro, o trajeto durava 40 minutos de automóvel.

Bons restaurantes, só nos hotéis Auradark e Santropé, cujos preços se equiparavam ao padrão europeu. E os garçons, quando viam os clientes, fugiam para a cozinha e só voltavam depois de muito requisitados.

Os barbúrios não queriam receber turistas em seu país. Temiam que os turistas contaminassem a ortodoxia religiosa que os distingue e receavam a volta dos atentados terroristas, caso aparecessem muitos estrangeiros. Estes, por sua vez, não faziam questão de visitar a Barbúria, porque havia pouca coisa interessante para ver.

Vestidos com saiotes brancos ou camisolões desbotados e calças negras, os barbúrios jogam dominó e bilhar na praça principal do centro de Barbeville. Exalando odores fétidos e ruminando como bois e carneiros, sentados no chão, bebiam café, naquele ócio de que só a população masculina desfrutava. Sem direito a essas regalias, as poucas mulheres que saíam às ruas trajavam saias largas, até os pés, e cobriam as cabeças com véus e lenços.

Nas ruas, muitos policiais, todos barbudos, garantiam a segurança. Havia também agentes secretos, não barbudos. Em todos os bairros, havia soldados armados e barreiras em quase todas as esquinas.

Quase todas as famílias tinham gatos de estimação, mas não os alimentam bem. Os pobres animais farejavam as latas

de lixo pelas esquinas. De vez em quando, assustavam os passantes, saltando, de súbito, de uma lixeira.

À noite, predominava a escuridão. Teria o ditador mandado apagar as lâmpadas das ruas do Poço para os terroristas não verem onde estão os guardas que protegem as famílias e as empresas internacionais? Os terroristas não precisavam correr para destruir. Simplesmente se explodiam junto com seus alvos. Acreditavam que, assim, iriam para o paraíso.

Os barbúrios só não metiam a cama e a cozinha para dentro dos carros porque neles não cabiam. A rua da ladeira, no Poço, perto da casa de Crátilo, terminava num beco sem saída. Era uma das menos movimentadas da cidade. No entanto, por ela transitavam inúmeros veículos e havia até engarrafamento. Os pedestres se esgueiravam entre os carros estacionados e os que passavam rente aos muros das casas, na falta de calçadas.

Na rua em que Crátilo residia, os carros avançavam, em bloco, na estreita viela. Era uma das poucas ruas em que se conseguia estacionar. Os motoristas aproveitavam a ocasião para saírem do carro, deixando o motor ligado, horas a fio. Com edifícios e ruas às escuras, parecia que fora detonada, na capital do país, uma bomba de nêutrons.

\* \* \*

Crátilo não nasceu para ser um executivo, mas sim para ser um artista. Lamenta que passou a juventude morando em cidades menos desenvolvidas do que a maioria das capitais brasileiras. Sonha poder residir em Madri ou Paris e passar longas temporadas em Veneza. O visionário vive da utopia imaginada. Acredita que ainda será um poeta consagrado. Diverte-se com a lembrança dos momentos de prazer em que contemplou o mar, satisfação que, na Barbúria, não podia ter.

Na Barbúria, sua diversão, nos fins de semana, era caminhar pelos decadentes bairros de Barbeville, respirando a fumaça deletéria dos carros. Ele ia se esgueirando, encostado às paredes, sem saber se prosseguia ou se voltava para casa. Descia a ladeira fétida que conduz ao comércio, situado na parte baixa do bairro do Poço. Dos canos furados das casas, jorrava água suja, ladeira abaixo. O lixo, espalhado pelas imediações, exalava o fedor característico. Carros e caminhões disseminavam sufocantes lufadas de fumaça. Das varandas dos edifícios desbotados, pendiam roupas encardidas. Os tetos e as paredes ostentavam antenas parabólicas enferrujadas.

A vida de Crátilo se resumia a ir do hotel para o trabalho e vice-versa. Consolava-o apenas pensar que aquela poderia ser sua última experiência de trabalho na Ventura. Queria aposentar-se, a curto prazo, para viver uma vida normal no Brasil ou num país mais desenvolvido. Uma existência em que não estivesse mais submetido à vontade de chefes fanáticos, a cobrar-lhe a redação incessante de relatórios comerciais.

Em certa ocasião, Crátilo precisou recorrer a um banheiro público. Deparou-se então com uma fila grande. Vários homens esperavam sua vez para entrar: um guarda vigiava à porta. De fora, Crátilo avistou que todos lavavam, interminavelmente, os pés nas pias. Pensou que poderia passar à frente, já que iria somente urinar e a necessidade estava apertando.

Perguntou então ao guarda se poderia entrar, já que não vinha lavar os pés, apenas urinar.

– Não funciona – Disse-lhe o policial.

Um magro da fila lhe disse que esperasse, porque o banheiro funcionava. Crátilo andou uns 300 metros, fugindo da multidão, e aliviou-se sob uma árvore, de costas, sem ser percebido pelos vigilantes que olhavam para a multidão ambulante.

\* \* \*

Depois de um mês, o olho de Crátilo ardia menos, e o hematoma foi sumindo aos poucos. No entanto, sentia ainda os olhos irritados, principalmente o esquerdo. Percebeu que precisava evitar ao máximo o uso do computador. O excesso de luz causava-lhe ardor nos olhos. O médico barbúrio, um profissional gordo e barbudo, vestido com uma bata verde desbotada, diagnosticou a necessidade de uma fotocoagulação na retina e, em seguida, o tratamento de cataratas nos dois olhos, que estavam, além disso, com a pressão alta. Deu-lhe o prazo de dois meses para fazer esses tratamentos.

\* \* \*

Giocondo deu meio expediente no período do carnaval, mas a Crátilo advertiu que, se ele quisesse trabalhar, poderia comparecer ao Escritório. Crátilo não entendeu bem a coisa. *Será que o Diretor não faz distinção entre trabalho e lazer?*— Perguntou a si mesmo.

O Dr. Malaquias, porém, não trabalhou a semana toda. Foi passear na Europa e, ao regressar, perguntou, ironicamente, se Crátilo tinha brincado o carnaval na Barbúria.

\* \* \*

Quando Crátilo encontrou uma casa habitável, que estava sendo reformada e tradaria um mês para estar em condições de ser habitada. O proprietário, de nome Satur, um sujeito careca, de barbas desgrenhadas e olhar de rapina, impôs a condição de que Djair – um negro baixo, forte e calvo – fosse contratado como empregado. O inquilino lhe pagaria, sem constar no contrato escrito, 350 dólares mensais para cuidar do jardim (que tinha pouco mais de dois metros quadrados de grama).

Após a chegada de seu Nissan, Crátilo evitava dirigir. Naquela enxurrada de carros, cada milímetro de espaço era disputado pelos motoristas em reduzidos labirintos. Seu carro tinha quase a largura de uma camioneta, muito amplo para as ruas de Barbeville. Comprara o veículo, de segunda mão, no Principado das Trevas, seu anterior posto de trabalho.

E se transitar por Barbeville era difícil, mais ainda conhecer as cidades dos arredores. O Governo da Barbúria recomendava aos estrangeiros não viajar para fora da capital, porque temia sequestros. Após um mês da chegada de Crátilo, mataram um estrangeiro na serra, onde havia grupos terroristas. Os estrangeiros só podiam viajar às cidades do interior com escolta policial, mediante prévia solicitação às autoridades locais.

Para ir-se acostumando com o trânsito, Crátilo foi, pela primeira vez, dirigindo o próprio carro, visitar o Monumento dos Soldados Armados. A obra consistia de dezenas de estátuas de soldados armados sobre um prédio de concreto. Foi com Anésimo, vulgo Saci, aquele sujeito miúdo de estatura, de rosto simiesco e barbicha grisalha. Anésimo estava encarregado da contabilidade e se autointitulava *Chefe da Administração*. Trabalhava numa sala em frente a uma escada e conversava o tempo inteiro com os outros funcionários, em tom de voz tão alto, que se escutava em todo o Escritório.

\* \* \*

No dia primeiro de agosto de 2014, ocorreu um tremor de terra em Barbeville. As autoridades barbúrias declararam *estado de alerta*. Morreram seis pessoas e 420 ficaram feridas. O epicentro, que se localizou a vinte quilômetros da área central da cidade, teve impacto sobre 240 km de extensão. Foram treze segundos de oscilação. Tão assustador quanto o balanço da terra foi o barulho produzido. Parecia que um

caminhão estava passando por perto do quarto de dormir. A porta tremia e a cama se movia de um lado para o outro. Os sismólogos previam outros terremotos. Crátilo não podia fugir da Barbúria naquele momento.

Giocondo Malaquias referiu-se ao tremor de terra como *um terremotozinho de reduzidas proporções*. Em sua obsessão proativa, o homem zombava até das catástrofes. Ele queria que o terremoto tivesse sido mais forte para que ele pudesse chamar a atenção da Gerência e solicitar ao Gerente doações de víveres para os sobreviventes. Assim, seu nome apareceria no noticiário internacional. Ele sonhava com a participação da Ventura em projetos de restauração de vivendas e outras atividades em diversas áreas de atuação. O Diretor era uma espécie de *apátrida cínico*. Conforme as conveniências, para uns dizia ter nascido no Uruguai, mas somente o terem registrado no Brasil, como paraense. Para outros, falava que nascera na França, mas fora registrado como carioca. Para os Diretores da Matriz, em São Paulo, garantia ser paulista.

A julgar pelas medidas adotadas pelo Giocondo, naquele período, o abalo sísmico talvez lhe tenha mexido a cabeça. Ou teria sido o Anésimo, aquele sujeito pequeno (tanto de estatura quanto de espírito), quem incutira na mente do Diretor que se deveria fazer um a investigação nos computadores para descobrir por que estavam lentos? Sorrateiramente, Anésimo fez vir uma moça, técnica em informática, para bisbilhotar os computadores de todo mundo. Em seguida, Giocondo mandou o seu capataz fazer circular uma nota de serviço, que deveria ser assinada por todos os funcionários, na qual se atribuía a lentidão das máquinas ao uso indevido de sites de relacionamento social, como o Facebook, e ao acesso intensivo a programas de músicas e filmes. Crátilo recusou-se a assinar. Afinal, tratava-se de uma repreensão que Anésimo Saci não tinha autoridade para fazer, porque era subalterno a Crátilo. Não poderia subverter a hierarquia, dando ordens a

um amanuense, seu superior hierárquico. O sujeito, porém, revelava-se pretensioso. Vangloriava-se de ter sido ex-líder sindical e de quase haver derrubado o Diretor Geral da Ventura, numa greve por aumento de salários! Eis que a Eminência Parda do Escritório praticava a espionagem!

Outro episódio, envolvendo a petulância e grosseria de Anésimo, deu-se com Ivonete, a bela moça do Setor de Comunicações. Ivonete entregou à Nemésia o telefone celular, usado para o serviço de plantão. Fez isso sem avisar o Anésimo, que, nervoso e arrogante, esbravejou, furibundo:

– O que você fez é um absurdo! Você não deveria ter entregue essa tarefa à Nemésia, sem me perguntar se eu já não havia feito a escala de plantões!

– Isso não é motivo para se exaltar tanto, Anésimo! Por causa de suas atitudes, dois motoristas já pediram demissão. Não é assim que se lida com as pessoas! – Retrucou ela, indignada.

Crátilo tomou-lhe as dores. Ficou a favor daquela morena, magrinha, alta, de cabelo curto e rosto afilado. Passou a detestar o pretensioso Anésimo.

De fato, o motorista Cincinato se viu forçado a pedir demissão por causa de um incidente provocado por Anésimo. Por outro lado, apesar de ter sido injusto o motivo da demissão do motorista, o fato é que Cincinato também dera mostras de desonestidade. Certa vez, foi trocar dinheiro para a Ivonete e, sob o mentiroso pretexto de que o câmbio mudara, trouxe menos quantia do que a importância devida. Cincinato era um barbúrio bem moreno, que vivia metendo na gengiva, sob o lábio, um chumaço de tabaco, motivo pelo qual tinha um lado da boca sempre inchado. Aliás, esse hábito se mostrava comum entre a população masculina de Barbeville.

Sherlock, o outro motorista, mais jovem do que Cincinato, vivia a queixar-se da vida, com uma entonação chorosa na voz. Ambos pediram demissão porque o Anésimo fez confusão

com os horários dos compromissos do Giocondo. Em duas ocasiões, Anésimo mandou que esses motoristas chegassem a determinada hora, mas, na verdade, eles deveriam chegar uma hora antes, para que o Diretor não sofresse atraso em seus compromissos sociais. Nas duas vezes, Anésimo sustentou que dissera a hora certa, enquanto os motoristas afirmaram ter a certeza de que a hora indicada fora outra.

\* \* \*

Na Barbúria, as transferências financeiras, via internet, demoram até duas semanas. Na expectativa da entrada da ajuda de custo em sua conta, Crátilo foi ao banco várias vezes. Os bancários diziam que o dinheiro ainda não havia chegado.

Numa manhã, Crátilo pensou em aproveitar a ida do motorista da Ventura ao banco para ir junto, com o propósito de ver se a Direção da Empresa já havia depositado o montante para o pagamento das diárias do hotel. Quando Crátilo ia entrando no carro, Joseph, o jovem motorista do cabelo espetado com brilhantina, atendeu a um telefonema no celular. Era o Giocondo, que mandava dizer a Crátilo que o carro estava com a bateria descarregada. Ora, o automóvel estava bom! Tanto que fora retirado da garagem e já estava na porta do Escritório. O motorista foi forçado a mentir.

Havia seis carros e quatro motoristas no Escritório; todos à disposição do Giocondo. Apesar da fatura de veículos, o Diretor dizia que sua mulher só andava de táxi.

\* \* \*

Num início de semana, o Giocondo enviou um documento ao Gerente Geral, na Matriz, em São Paulo, solicitando autorização para alterar a folha de pagamento dos salários. Segundo ele, pela perda do poder aquisitivo na

Barbúria, dois funcionários eficientes se demitiram, sendo imediatamente substituídos. Na verdade, Sherlock e Cincinato não deixaram a Empresa por causa da suposta *perda do poder aquisitivo na Barbúria*, mas sim porque ficaram revoltados com as reclamações injustas promovidas pelo Anésimo Saci.

Dizia Giocondo, em seu relato oficial, que eliminaria pessoas com pouca qualificação. Assim, propunha à Gerência Geral que alguns funcionários, contando mais de 15 anos de contribuição à Previdência local, seriam *encaminhados à aposentadoria, por decisão unilateral*. Para dois outros, solicitava a redução da carga horária em troca de menor remuneração (40% a menos).

Para comentar sobre esse e outros assuntos de trabalho, o amanuense confiava apenas em Ivonete. Ela o ajudava em tudo, e Crátilo retribuía, auxiliando-a a escanear documentos para o *pen drive* e enviá-los anexos a *e-mails*.

– É uma perversidade o que Diretor está tramando, juntamente com o Saci. – Confidenciou-lhe Crátilo.

Ao Saci, que estava em vias de ser transferido para a Gerência Geral, na sede principal da Empresa, localizada em São Paulo, coube a repulsiva tarefa de informar aos funcionários barbúrios sobre o plano de reforma salarial. Ao Murano, assessor de Crátilo no Setor de Compras e Vendas, e ao Dionísio Petrúcio, lotado na Publicidade, o Diretor propôs a diminuição dos salários, em troca de uma redução das horas de trabalho.

Três funcionários foram coagidos a aceitar as respectivas aposentadorias: Núbia, Belarmina e Facundo.

Núbia tinha como função escrever cartas de recomendação. Era uma senhora idosa, magra, de óculos espessos e cabelo desgrenhado. Circunspecta, os cabelos em desalinho e o rosto vincado pelo tempo, Núbia queixou-se perante Crátilo. A voz tinha uma entonação mais grave do que de costume. Confessou que aceitara, a contragosto, a aposentadoria.

– Com esse ambiente de trabalho, não vale a pena continuar no Escritório. Há um clima geral de desconfiança. Parece que todo mundo é suspeito, até que prove o contrário. Nemésia já me caluniou, dizendo ao Diretor que eu havia pedido dinheiro a uma das empresas clientes da Ventura, por haver trabalhado horas extras. E o pior é que o Dr. Giocondo acreditou na versão dela.

– Mas você não se defendeu? – Indagou Crátilo, perplexo.

– Sim, defendi-me e neguei tudo, mas o Dr. Giocondo se deixa facilmente convencer pela Nemésia.

– Você devia ter exigido uma acareação – Opinou Ivonete, presente naquela ocasião.

Belarmina, a faxineira, também idosa, era uma mulher branca, magra e encarquilhada que cobria a cabeça com um pano manchado. Ao trazer a Crátilo uma garrafa de água de plástico, Belarmina não comentou nada com ele. Mas o amanuense a incitou a falar, perguntando se ela estava de acordo com a aposentadoria nas condições que o Giocondo impunha.

– Claro que não estou de acordo. – Declarou a pobre mulher com lágrimas no rosto enrugado.

– Trabalhei vinte anos na Ventura, dei toda a minha força ao Escritório, e sempre recebi um salário-mínimo. Agora, me mandam embora. O Diretor não deveria ter mandado o Sr. Anésimo simplesmente nos comunicar, de repente, uma decisão desse tipo. Ele mesmo, em pessoa, deveria ter conversado com os funcionários sobre o assunto. No entanto, ele não falou com ninguém. Ao longo de todos estes anos, jamais me dirigiu a palavra.

Facundo, o musculoso eletricista e mecânico, de voz mansa e olhar altivo, também lamentou as medidas do Giocondo e de seu capataz. Parecia-lhe um absurdo repartir o salário dos excluídos com outros funcionários. Lamentou,

também, que as leis da Barbúria permitissem ao empregador forçar o empregado, de sessenta anos de idade e quinze de contribuição, a pedir aposentadoria. Facundo concordaria, contra sua vontade, em assinar o documento pelo qual aceitara a aposentadoria.

– Trabalho na firma desde 1984. O Escritório não encontrará funcionário com a minha versatilidade. – Queixou-se, cabisbaixo.

– Vou sentir sua falta. Toda semana alguma lâmpada se danifica na minha sala e há sempre algum serviço de conserto no Escritório, que você vinha executando corretamente.

Murano também ficou indignado:

– Sou pai de família. Não posso aceitar fazer menos expediente em troca de rebaixamento de salário. Foi o Escritório que estabeleceu o horário de trabalho, e não eu. Por que, então, somente a mim propõem redução de salário? E por que carregar o aumento da remuneração dos outros sobre as minhas costas?

– Parece que propuseram a mesma coisa ao Petrúcio.

– Ele vai aceitar porque é solteiro. Não tem família para sustentar. – Lamentou Murano, consternado, falando de suas três filhas, que se achavam com dois, quatro e seis anos, respectivamente.

– Tenho que pagar os estudos delas. A primeira ainda está na creche. Além disso, 50% do meu salário é destinado ao pagamento do aluguel.

Mostrou o *curriculum vitae*, em que constavam estágios em diversos países europeus. Durante cerca de meia hora, criticou a reforma salarial imposta pelo Diretor.

– Mantenha a firmeza desses argumentos, se o chefe o chamar para falar pessoalmente sobre o assunto.

– Prefiro não chegar ao extremo de contratar advogado.  
– Disse ele, com uma inflexão na voz que revelava grande constrangimento.

Crátilo se angustiava diante do caos que o Diretor implantou no ambiente de trabalho. A proposta de aposentadoria antecipada não fora feita aos brasileiros. Só aos funcionários barbúrios, aos quais se aplica a legislação trabalhista local.

O Diretor estava convicto:

– Não tenho predileções e preciso premiar quem trabalha. – Garantiu Giocondo, com o olhar lúgubre e a voz de orgulhoso caudilho que distribui a justiça sem laivos de sensibilidade. Após proferir seu arrazoado implacável, sentenciou:

– Temos que ser proativos. Não é possível tolerar funcionários inoperantes. – Repetia o chefe Mala, com aquela habilidade de mandar sem alterar a voz.

\* \* \*

Dona Clotilde, mulher do Giocondo, sofria de dislexia. Tinha a língua um tanto presa, as pernas tortas e pintava o cabelo de lilás e sempre reclamava dos que lhe atendiam, como na vez em que alegou ter sido forçada a entrar na piscina, para retirar umas folhas, porque os funcionários disseram não ser isso tarefa deles. No dia que a esposa do Diretor comemorou, na Residência Funcional, o aniversário da Dona Laura, a velhinha mãe da Júlia, declarou que Facundo, o eletricista e mecânico, seria aposentado compulsoriamente, porque, ao ser por ela convocado para colocar uma lâmpada, não apareceu imediatamente para fazer o serviço. Uma semana depois daquela festa, com bolo e canto de parabéns, Clotilde demitiu a pobre mulher e proibiu Júlia, a filha dela, de entrar na Residência Funcional, casa onde Dona Laura trabalhou *durante tantos anos*, conforme observou Ivonete, com pena da velhinha. Dona Laura, já com idade avançada, servia ao casal na mansão, passando a ferro as roupas, corretamente. O Diretor endossava

a demissão, assegurando que a servidora não passava direito as meias que ele comprava nos Estados Unidos.

\* \* \*

Crátilo havia lido, recentemente, a obra prima de Guy de Maupassant e percebera certa semelhança entre o Giocondo e o Bel-Ami, jornalista, de origem pobre, ambicioso e sem escrúpulos, que enganou todo o mundo para conseguir o que desejava. Fornicou até com a mulher do patrão, dono do jornal, com cuja filha se casou, contra a vontade da sogra, de quem também fora amante. O interesse dele pela moça era movido pela inveja da riqueza do patrão e pela cobiça de partilhar dessa riqueza (o chamado *golpe do baú*). No caso do Bel-Ami, a conquista das mulheres mostrava-se um meio para meter a mão no dinheiro e obter poder. Disse a Nemésia que Giocondo agiu assim, em seu primeiro casamento, ao desposar a filha de uma eminência nacional; mas o casamento não deu certo, talvez porque a mulher não aguentou as chatices dele.

Ao fazer a avaliação funcional de seus subordinados, Giocondo deu notas baixíssimas à Ivonete. E escreveu o seu veredicto com uma caneta supercara que a moça lhe dera quando ela tomou posse do cargo. Ivonete chegou transferida à Barbúria, dois meses antes de Crátilo. Em virtude da avaliação injusta, a funcionária se encheu de indignação e passou a falar mal do Diretor todos os dias. Dissera-lhe um funcionário que trabalhou com o Giocondo, no Ministério da Assistência Social, que ele fora um inoperante *puxa-saco* do Ministro. O certo é que o Diretor se achava um Todo Poderoso. Gabava-se de haver demitido muitas pessoas ao longo de sua vida profissional. No fundo, fazia jus à fama de ser um grande *puxa-saco*. Somente conseguiu promoções à custa de intrigas e calúnias, a exemplo do que ocorreu também quando trabalhou no Instituto de Política Social.

\* \* \*

Na companhia de Ivonete, Crátilo foi ver a casa, cujo fim da reforma ele esperava. Sabendo que a empresa oferecia vantagens a seus funcionários, Satur, o dono do imóvel,

A mudança chegou em abril, mas a ajuda financeira que a Empresa dá para os alugueis dos funcionários não. Os colegas de Crátilo, lotados na Gerência Geral, falavam em restrição orçamentária. Cada um deles dizia que a responsabilidade cabia a outro setor.

Quando, depois de quinze dias, chegou a ajuda de custo, Crátilo pagou, adiantado, os serviços da empresa Ribar, responsável pela entrega dos seus pertences. Os funcionários da Ribar só abriram uma parte das caixas. Esperavam que a Ventura pagasse as taxas de armazenamento e os serviços de despachantes. No entanto, essa era uma cobrança indevida, já que esses gastos deviam ficar a cargo da empresa entregadora.

Morena, alta, gorda, de nariz adunco, a Diretora da Ribar queria mais três mil e quinhentos dólares para mandar abrir o resto. No fim, Crátilo mesmo abriu as caixas. Verificou que havia diversos objetos danificados.

\* \* \*

Crátilo teve de novo aquele sonho engraçado (espécie de pesadelo) em que subo numa torre alta e, na hora de descer, constato que a escada é precária e insegura, tendo de ser percorrida com as mãos e os pés. Depois de conseguir descer, voltava a subir, mas a subida ficava difícil, porque faltavam alguns degraus; assim, tinha de fazer um esforço inesperado para alcançar com as mãos cada degrau que estava acima. Parecia-lhe, todas as vezes que sonhava com aquela situação, que aconteceria alguma chateação no trabalho. De fato, no Escritório, chegava a hora do Giocondo tirar duas semanas

de férias, o que, aparentemente, amenizaria as atribuições profissionais do amanuense, mas, na realidade, só complicaria o quadro de angústias por ele vivenciado.

– Não deixe de responder a nenhum expediente que chegar da Gerência Geral. É preciso ter iniciativa e tomar as providências com rapidez. – Recomendava Giocondo a Crátilo.

Crátilo ficou responsável pelo Escritório. Para atender às consultas sobre o mercado local, dependia da colaboração da Soterbúria, empresa estatal, associada à Ventura, que tardava a responder às consultas sempre urgentes da Gerência Geral. Em alguns casos, não dava qualquer retorno às cartas e aos ofícios.

O barbúrio Burrelfo, diretor da empresa estatal Sotebúria, aproveitou as férias do Giocondo para não dar sossego ao atarefado Crátilo. A Gerência, por sua vez, solicitava informações sobre a sociedade, as leis e a economia da Barbúria. Pedia detalhes sobre a legislação comercial, dados de importação e exportação. Até sobre aspectos do Direito Penal e as normas para o uso de internet no País. De todos esses assuntos, o amanuense prestaria conta no regresso das férias do seu zeloso chefe.

Os funcionários pareciam contentes com a ausência do Diretor, exceto o Anésimo, que andava agitado. Por desconfiar da capacidade de Crátilo, o Diretor queria acompanhar tudo de perto, mesmo nas férias e requisitava o seu funcionário predileto para mandar-lhe cópia de todo papel que chegava à Empresa.

Anésimo, no entanto, não tardaria a partir definitivamente da Barbúria, porque a missão dele no país já estava terminando.

Crátilo comentou com Ivonete que o Anésimo era um mau caráter.

– Ele relata ao Giocondo os comentários que nós fazemos sobre a redução dos salários, as aposentadorias forçadas e qualquer outro desmando por ele perpetrado.

Num final de tarde, Nemésia, uma funcionária gorducha, branca e de cabelos eriçados como serpes (por isso levava o apelido de Medusa) convidou-o a tomar um cafezinho, depois do expediente, em seu apartamento, num edifício cuja construção se dirigia para baixo do solo, na encosta do monte. Nemésia, a funcionária responsável pelo Setor de Emissão de Documentos, era uma mulher gorducha de pele branca e oleosa. Nemésia lembrava a feiticeira Canídia, do Épodo V de Horácio, a qual *rodeando-se os cabelos e a cabeça despenteada com pequenas víboras, mordida, com o dente negrusco, a unha do polegar nunca cortada*.

O elevador do apartamento da Nemésia não funcionava. Servia para depósito de quinquilharias dos vizinhos. De um lado, o andar dela dava para a rua, e, do outro, para um abismo. Os moradores dos andares inferiores ficavam no subsolo. A porta de entrada do prédio ficava mais alta do que o chão em aproximadamente cinco centímetros. Quando chovia, inundava-se aquela entrada e a água encharcava o chão da vizinhança de baixo. Em tom queixoso, ela comentou que a empregada lavava a própria roupa na pia de lavar a louça, além de ficar fumando horas e horas no terraço. Diante de tal quadro estapafúrdio, disse-lhe o amanuense:

– Você mora num abrigo antinuclear, mas não anti-inundação.

– Pra quem *tá* se afogando, jacaré é tronco. – Respondeu ela.

Depois, talvez para provar que tinha bom gosto, ela mostrou as músicas que escutava e se gabou de ser eficiente, porque trabalhou em muitos postos difíceis.

Uma semana depois, a funcionária revelaria o seu caráter intriguento. Numa tarde, de um momento para outro, ouviram-se uns gritos no andar debaixo, onde ficava o setor de

emissão de documentos. Era Nemésia que tratava mal a uma cliente, esposa de um barbúrio, recusando-se a emitir uma fatura em nome da tal mulher. Quando Ivonete interferiu, dizendo que a cliente tinha direito ao documento, Nemésia gritou como uma celerada:

– Que ninguém se meta nos meus assuntos!

Depois desse episódio, Nemésia ficou mais de um mês sem falar com Crátilo e Ivonete. Já não se oferecia para levar os colegas no carro e mostrar as músicas que ela baixava no computador. A ocorrência se deu enquanto o Diretor estava de férias.

\* \* \*

Quando o Giocondo voltou a assumir a direção do Escritório, perguntou a Crátilo:

– Qual a reação do pessoal às medidas que adotei antes de me ausentar?

– Foram discretos, talvez porque quisessem falar diretamente com o senhor sobre o assunto.

O Diretor reiterou que não desistiria da trama. Em vão, Crátilo defendeu, um por um, os funcionários que Giocondo Mala decidira prejudicar; mas o homem estava com a cabeça obcecada.

– Não vou *de-sis-tir!* – Falou desse jeito, calmamente, mas num tom um pouco mais grave e enfático do que o habitual, separando as sílabas, como costumava fazer, de vez em quando, com as palavras paroxítonas e proparoxítonas. Quando queria se referir a algo interessante, costumava dizer: *Co-los-sal!* Ou: *Im-pres-sio-nan-te!*

– Como está a vista?

Crátilo respondeu, lendo o diagnóstico do oftalmologista:

– O médico me disse que tenho astigmatismo composto miópico, desprendimento vítreo posterior e degeneração

reticular e diagnosticou a necessidade de que eu faça uma fotocoagulação, na retina do olho esquerdo.

– Eu nunca vi funcionário cego. – Ironizou o Diretor.

\* \* \*

No Escritório, Crátilo começou a suspeitar que alguém bisbilhotava o seu computador durante sua ausência. Quando ele chegava de manhã, encontrava a mesa mexida, com papéis fora de lugar. Desconfiou de Nemésia. Então, inseriu uma senha na máquina.

Ao regressar do fim de semana, encontrou as persianas da janela arrebitadas: não subiam nem baixavam, pois o dispositivo de movimentá-las estava quebrado. Poderia ter sido mesmo aquela atrevida da Nemésia, que, entre outras, continuava a tratar com grosseria as clientes da Empresa.

Essa sensação de vigilância, de estar sendo espionado, deixava Crátilo angustiado. O Diretor vinha espreitando o que ele e os outros faziam, desde os primeiros dias de Crátilo em Barbeville. Giocondo entrava na sala do amanuense, com os olhos arregalados, diretos no computador dele, para ver o que ele estava fazendo. Para evitar aquele assédio, Crátilo conseguiu reorganizar os fios de conexão da máquina e dos periféricos, e mudou a posição da mesa. Assim, em vez de permanecer, como antes, de costas para a porta, passou a ficar de frente. Portanto, quando Giocondo entrava, não tinha mais como pôr os olhos diretamente na tela do computador.

Num momento em que Crátilo escrevia um *e-mail* a um amigo, Giocondo entrou de súbito, atabalhoadamente. Percebia-se que o Diretor se encontrava meio trêmulo, com os olhos escancarados. Disse, de supetão:

– Temos que escrever duas mensagens urgentíssimas: uma sobre a queda do preço do petróleo e outra sobre a greve

dos policiais. Os diretores das empresas internacionais estão preocupados.

Enquanto ligava para Sacy, para saber se os motoristas já estavam de volta, passou a Crátulo um calhamaço de recortes de jornais.

Giocondo queria saber a que horas saíram e a que horas voltaram os quatro motoristas da Empresa. Obcecado e transido, olhava o papel com a lista de carros, motoristas, com os horários de chegadas e saídas. No portão de entrada, os guardas indagavam e anotavam o motivo pelo qual cada motorista saía ou entrava com seu respectivo veículo.

Apesar de todo o zelo do seu chefe, Crátulo temia que a Ventura se estivesse convertendo numa guarida de ladrões. Quando Crátulo levou ao Diretor o artigo que escrevera sobre a greve dos policiais, Giocondo se gabou de que haviam chegado os trinta mil dólares complementares, que ele pedira, no dia anterior, para a reforma do teto da Residência, além dos 125 mil já recebidos. Em seguida, ao notar que faltava uma letra numa palavra do texto, perguntou:

– Quando você vai comprar o programa corretor de textos?

– Não sei por que o Escritório não pode comprar esse material.

– Não está no pacote. A opção é sua. – Retrucou Giocondo.

Em seguida, mandou refazer todo o texto, no qual viu muitos erros. Crátulo refez e mostrou a nova versão. Giocondo não gostou e reescreveu tudo. Crátulo passou o artigo todo a limpo, entregando ao Diretor o documento impresso e também gravado num *pen drive*. Giocondo acrescentou muitos detalhes de somenos, como as horas em que começou e terminou a manifestação, e uma desnecessária retrospectiva sobre a história do país, desde a Guerra da Independência até os dias atuais. Nos dias seguintes, o homem manteve a cara

amarrada, contrariado por Crátilo não ter escrito direito o que ele queria.

Crátilo sempre escreveu mensagens curtas, na certeza de que os executivos, na Gerência Geral, não tinham tempo de ler tudo quanto os escritórios do mundo inteiro redigiam. Mas o Diretor aumentava o seu texto, de quatro ou cinco parágrafos, para cinco ou seis páginas.

\* \* \*

Na noite chuvosa do aniversário de Ivonete, sentindo-se solitário, Crátilo a convidou para ir à casa dele. Fez uma sopa de legumes e comprou um bolo numa padaria do bairro do Poço, onde ele morava e onde ficava também o Escritório. O clima estava agradável. Não fazia calor nem frio. Ele lhe mostrou canções de Flávio Venturini, compositor que ambos admiravam. Enquanto escutavam, ele se sentou na cama. Ela então acompanhou-lhe o gesto, também se sentando a seu lado. Crátilo experimentou o perfume que se desprendia dos cabelos de Ivonete, enquanto *Todo Azul do Mar*, de Venturini, espalhava-se no ambiente. Ele não resistiu e começou a alisar o braço da bela morena e a beijá-la no ouvido. Ivonete aceitou todas carícias.

Naquela noite, Ivonete dormiu na cama de Crátilo, e começou entre eles uma cumplicidade duradoura. Desde então, Ivonete passou a frequentar a casa dele, todos os dias, e com ele pernoitar. Até que, meses depois, ela se mudou definitivamente para a casa do seu colega

\* \* \*

Para ampliar uma rua que havia na parte baixa do bairro em que Crátilo morava, o Governo demolira casebres e mercearias. Os monturos continuavam, depois de quatro

meses da demolição. Os entulhos atrapalhavam o caminho, especialmente quando chovia, o que acontecia amiúde, durante boa parte do ano.

Na Barbúria, quem não tinha carro se via em apuros. O pedestre corre para atravessar as ruas e os carros lhes passam de raspão. Desviando-se dos escombros e das poças de lama, o amanuense caminhava a pé até o Escritório, só para não ter que dirigir o carro naquela confusão. Ivonete, que a essa altura já morava com Crátilo, queria ir de carro, e ele concordava em que ela dirigisse o seu automóvel na ida e na volta. Às vezes, com o engarrafamento, levavam até 30 minutos para percorrer a distância de um quilômetro de ida ou de regresso ao trabalho.

\* \* \*

No dia a dia, o baixo-astral do Diretor era a principal provação. O homem sempre encontrava erros de digitação e reclamava com Crátilo pelo fato de seu subordinado não ter adquirido ainda o corretor eletrônico. Numa das vezes em que o seu chefe reclamou, Crátilo falou:

– Não é somente o problema do corretor. É que estou com a vista deficiente e preciso me tratar.

– Que problema você tem na vista?– Perguntou o Diretor, como se Crátilo nunca lhe houvesse feito qualquer comentário anterior sobre o assunto.

– O médico barbúrio me disse que tenho catarata e uma afecção na retina.

Sem comentar o assunto, Giocondo rabiscou o texto, acrescentou frases, riscou o que Crátilo redigira e tornou a escrever.

– Refaça tudo. Você tem que me trazer os textos em condições de serem assinados por mim, sem que eu precise revisar nada.

Um tanto estupefato, Crátilo deixou a sala do Diretor. O assédio ocorria de modo sistemático. O Diretor telefonava, nos fins de semana, para falar de trabalho. Além desse abuso, reclamava quando o funcionário não atendia imediatamente à chamada. Crátilo depois se justificava: dizia que estava tomando banho, fazendo ioga ou que não se achava em casa, quando do toque do aparelho.

– Mas, por que não ligou de volta? Por que não viu a mensagem?

Quando Crátilo atendia, Giocondo o intimava a comparecer ao Escritório.

– Vou ao Escritório ver se há alguma previsão da vinda do Gerente Geral. É importante que você venha também...

A obsessão do Giocondo consistia em levar à Barbúria alguma personalidade importante da Direção da Empresa.

\* \* \*

O Murano e a Malufa, os dois assessores de Crátilo, o ajudavam na redação dos textos. Murano, principal redator de notas comerciais em inglês, era um sujeito baixo, magro, moreno, de olhar sagaz. Tinha um rosto meio bicudo, com um dente quebrado, sempre visível quando ele sorria. Malufa, encarregada dos assuntos de compra e venda de diversos produtos, exibia um rosto branco, de palidez de cera, com grandes olheiras. Era uma mulher alta, magra, cabelo curtinho; trajava calças apertadas e botas que chegavam até os joelhos. Malufa se queixava da Nemésia, de quem dizia ser macumbeira e dedo duro.

– Dona Nemésia é boazinha com o chefe. Ela fica, depois do expediente, na sala do Giocondo para adulá-lo. E mostra as garras de fera, quando quer fazer intriga. Briga com todo o pessoal, por qualquer bobagem.

Ao comentar sobre a máquina fotocopadora nova, que registrava quantas cópias cada funcionário fazia, disse Malufa:

– Nunca vi tanta vigilância e tanta desconfiança numa empresa.

\* \* \*

Crátilo contratou, como empregada, uma senhora idosa, chamada Lindoia. Gorda e branca, Lindoia tinha uma voz aguda. Usava vestidos pretos e envolvia a cabeça com lenços escuros, como fazia a maior parte das mulheres daquele país. Ela trabalhara na casa do Stélio Pires, amanuense antecessor de Crátilo no Escritório. Também servira à Nemésia e fizera estágio na mansão do Diretor. A casa continuava empoeirada, com muitas teias de aranha nos cantos das salas e dos quartos. Lindoia deixava a porta da geladeira e o telefone impregnados de gordura. Nemésia, que a havia despedido, perguntou a Crátilo se “a preguiçosa da Lindoia” ainda não havia quebrado nada.

Já no primeiro dia de trabalho, Lindoia foi logo contando que Dona Clotilde mandava todo mundo ficar perfilado, quando entrava em casa. A mulher do Diretor também tinha por hábito fazer com que o pessoal trabalhasse de sete da manhã até as onze da noite. Lindoia revelou ainda que Dona Clotilde registrou oficialmente um salário menor do que o efetivamente recebido pelo motorista da mansão, pai de Joseph, cuja remuneração, aliás, era paga pela Ventura. Em consequência, quando o pai de Joseph morreu, ainda em plena atividade profissional, a viúva e a família viram-se prejudicadas, pois a pensão que recebiam tinha um valor menor do que aquele a que fariam jus.

Lindoia contou ainda que, quando morreu a mãe do mordomo anterior, o funcionário pediu permissão para ir assistir ao enterro. Porém, Dona Clotilde não deixou. Além

disso, a patroa o ameaçou. Se ele fosse, não precisaria voltar: que escolhesse entre o emprego e a viagem. Ele preferiu ficar. Mesmo assim, ela não gostou, porque, no íntimo, desejava que o serviçal viajasse, a fim de ter motivo para demiti-lo. Ao saber disso, o gordo e calvo mordomo ameaçou jogar-se de uma das janelas mais altas da mansão. Não o fez, mas espalhou panfletos por toda parte, denunciando a injustiça de que fora vítima.

\* \* \*

No dia do seu almoço de despedida, Anésimo já cumprira a abominável tarefa de informar os outros funcionários das propostas de redução de salário e aposentadorias forçadas. O atual mordomo, o magro e dentuço Albaba, todo vestido de branco sob a barba rala, serviu o carneiro em molho picante, prato típico da Barbúria. Como não havia convidados barbúrios, Giocondo sentiu-se à vontade para falar do país.

– O Governo da Barbúria subsidia açúcar, gasolina e passagens aéreas. Isso, economicamente, é pernicioso. Por outro lado, aqui não tem favelas. Quando aparece uma, em qualquer cidade, eles arrasam e destroem. A Barbúria é um dos países mais felizes do mundo, segundo o Instituto de Opiniões Politicamente Corretas, uma das mais sérias ONGs do Planeta. Eles não estão submissos à ditadura do PIB.

Em seguida, vangloriou-se de haver demitido 25 funcionários, quando trabalhava num projeto do Ministério de Assistência Social.

– Não sabiam escrever. Como iam ler o que se escrevia?

Pronunciou ainda outras pérolas de sabedoria, como: *Quem não dá merenda escolar nem constrói ponte não tem poder.*

Anésimo, com uma sintaxe um pouco confusa, a voz um tanto engrolada pela forte aguardente local, endossava o que Giocondo afirmava e acrescentava outras observações, despejando episódios em ritmo delirante:

– A culpa de tudo é o crescimento demográfico dos países de população excessiva e concentrada em algumas regiões, em detrimento de outras. Há lugares onde cada pessoa tem de 40 a 50 filhos. E os chineses vão chegando com malas cheias de dólares e comprando terras.

Exultante, Giocondo levantou o copo e brindou, elogiando o *espírito público e a capacidade de liderança* de Anésimo.

Orgulhoso pelo reconhecimento de sua eficiência, Anésimo Saci levantou o copo, sorriu com os dentes amarelos e se vangloriou:

– Tudo quanto pedimos à Gerência nos foi mandado. Os Diretores de lá não nos negaram nada. Conseguimos fazer a reforma dos tetos da Residência Funcional e do Escritório. A Gerência nos mandou 150 mil dólares. Mas foram retirados do teto sessenta toneladas de entulho, que ameaçavam desabar, no caso de algum eventual terremoto.

Depois do brinde, de súbito, soou um estrondo. Giocondo abriu mais os grandes olhos de coruja obcecada:

- Será bomba?
- É um trovão...

Um ar de decepção perpassou-lhe o rosto sagaz. Ele tinha obsessão de que ocorresse alguma coisa fora do comum: uma catástrofe, uma peste ou um terremoto. Qualquer ocorrência extraordinária sobre a qual pudesse escrever à Gerência Geral, informando os pormenores de tudo, e assim mostrar serviço aos Diretores da Matriz, em São Paulo.

– Precisamos sair dessa monotonia. Precisamos ser proativos! – Insistia o homem, ao mesmo tempo em que iniciava uma conversa sobre *o estado antediluviano do comércio estatizado da Barbúria*.

\* \* \*

Alguns dias depois da partida do Saci, Giocondo designou Crátilo como *responsável pelo pessoal* (ou pelas queixas do pessoal).

– Para essa função, é melhor que seja um homem, para que possa falar grosso e impor autoridade, quando necessário.  
– Sentenciou o Diretor.

Logo foi Dionísio Petrócio à sala do amanuense para reclamar da situação criada pelo Giocondo. Disse que nunca vira tamanha afronta. O pessoal tinha pedido aumento, e, em vez disso, o Diretor resolvera rebaixar o salário de alguns.

O trabalho de Petrócio consistia, eventualmente, em comparecer ao aeroporto para receber alguma delegação de Diretores, vindos da Matriz brasileira. Também, em ir ao banco, com um dos quatro motoristas, para retirar quantias em espécie para atender às despesas diversas da Empresa.

– Não entrei na Ventura por iniciativa própria. Fui convidado pela mulher do Diretor anterior. A razão do convite foi porque sei escrever bem no idioma barbúrio. Essa proposta é muito injusta. – Queixava-se Petrócio.

– Recorra às leis trabalhistas. – Recomendou Crátilo.

– Espero que não seja necessário chegar a tal extremo.

Após conversar com Petrócio, Crátilo se encontrou com Ivonete para voltarem juntos para casa. No carro, Ivonete revelou que Lindoia lhe falara a respeito da Minervina, uma jovem funcionária da Ventura, que morrera alguns meses antes da chegada de Crátilo. A *causa mortis* fora excesso de gás carbônico no organismo. Segundo Lindoia, a moça estava trabalhando havia sete meses, e fora encontrada morta, em seu próprio apartamento, com o gás ligado. Minervina afirmara estar com vontade de morrer. No dia do óbito, ela era aguardada, pelo Diretor, para um trabalho a ser feito na Residência Funcional. A versão oficial do Escritório registrara envenenamento acidental.

Crátilo perguntou a respeito da Minervina ao motorista Amorolato, o mais antigo dos quatro choferes. Amorolato,

cujo sorriso constante lhe valeu o apelido de Colgate, assegurou que Minervina morrera na Residência Funcional e não em seu próprio apartamento, conforme informara antes a Lindoia.

O amanuense se perguntava por que havia duas versões sobre o lugar do falecimento de Minervina. E Crátilo suspeitava que, se a moça tivesse morrido no casarão fantasma do Diretor, ela poderia ser aquele espírito que lhe passara a mão no rosto, numa das noites em que ele dormira na mansão mal-assombrada.

Alguns dias depois, Ivonete indagou à Djanira, secretária do Giocondo, sobre o caso da funcionária falecida. Djanira afirmou ter certeza de que a morte fora causada pelo tubo de escape da fumaça do gás, voltado para dentro do banheiro de Minervina, em seu próprio apartamento. Ela teria inalado monóxido de carbono até morrer.

Crátilo leu, a respeito de suicidas, que muitos deles tentam disfarçar, para que a família não fique tão traumatizada. Teria Minervina disfarçado o próprio suicídio? Ela falou que desejava morrer, e, uma semana depois, aconteceu o acidente com ela! Diante de tantas experiências negativas e dado o costume de os Diretores mentirem sempre, Crátilo aprendeu a desconfiar de tudo e de todos. Minervina tinha quantos anos? Chamaram a polícia? Fizeram autópsia? Haveria algum bilhete escrito? Todos evitavam falar no assunto. Respondiam evasivamente e diziam ser coisa do passado. Nemésia, que assumira no Escritório quase que simultaneamente à Minervina, falava mal da moça. Insinuou que Minervina se estaria prostituindo na Barbúria, em boates de duvidosa reputação. Haveria mesmo boates na Barbúria?

Minervina desapareceu por dois dias, e foi encontrada morta. Antes de morrer, queixou-se pra Malufa de que o pessoal trabalhava na Residência de oito da manhã às dez da noite. A falecida acusava a Ventura de treinar os funcionários

para se tornarem pessoas autoritárias. Achava também que os Diretores da Empresa só queriam ser *os reis da cocada preta*. Dona Clotilde, por exemplo, ligava para ela todos os fins de semana, chamando-a para trabalhar.

Alheio a tudo isso, Giocondo não tomava café pra não ficar demasiado ansioso, ou, quem sabe, por medo de ser envenenado.

Nemésia conhecia a história de Minervina e narrou tudo com detalhes incríveis. Antes de ser lotada em Barbeville, onde faleceu, a jovem funcionária trabalhara na República das Bananas, país em que enfrentou chefes mesquinhos. Ousada, ela lhes disse, nas fuças, o que não estavam acostumados a ouvir.

Minervina já tivera desavenças com os superiores hierárquicos na Gerência Geral. Tudo começou quando, certa vez, numa reunião, o Atanagildo, um dos Diretores da Empresa, em São Paulo, atendeu a um telefonema de um *amiguinho*, com o qual marcou encontro na Avenida São João. Minervina disse, atrevidamente, que não ficava bem um Diretor marcar encontro com a *bicharada de quinta*, na hora do trabalho, na frente de uma funcionária. Que convinha dar-se ao respeito, pois, caso contrário, ele perderia sua reputação.

O cara se revoltou e proibiu-a de fazer o curso de habilitação para transferência ao Exterior.

Ela foi ao Chefe do Departamento de Pessoal e ameaçou:

– Se não me transferirem, eu jogo os computadores pela janela!

Irritada com aquela perseguição injusta, foi ao médico e pediu um atestado de uma semana. Como castigo pela ausência, Minervina foi colocada à disposição do Núcleo de Psicologia.

Para justificar-se, Minervina declarou à psicóloga que andava com um gravador, registrando tudo o que diziam os chefes, para que, depois, não pudessem negar o que falaram.

A psicóloga não notou nada de anormal em Minervina. Os Diretores é que apresentavam problemas. Mesmo assim, a terapeuta lhe deu seis meses de licença.

Minervina passou seis meses passeando pelo Parque Ibirapuera.

Ao regressar, conseguiu trabalhar no gabinete do Diretor de Marketing. Um dia, chegou o Ronaldo Dolci, amanuense do Almojarifado, e entrou direto na sala do Zildo Moura, Vice-Diretor de Marketing. Zildo, o então chefe de Minervina, recomendara à funcionária jamais permitir que alguém mexesse em suas coisas, quando ele estivesse ausente. Fiel à tarefa que recebera, Minervina interpelou o Ronaldo, enquanto ele mexia nas gavetas do Zildo:

- Não pode!
- Quero uma chave.
- Você não *tá* autorizado a entrar.

Na discussão, ele lhe agarrou os ombros e a sacudiu. Minervina chamou a Vigilância. Pelo telefone interno mesmo, um guarda disse que não podia fazer nada, porque se tratava de um amanuense.

Ela, então, foi à Polícia e apresentou queixa. Declarou que fora agredida por um chefe do Escritório em que trabalhava. Além disso, escreveu um memorando à Gerência Geral.

Armando Prado, Diretor de Setor de Marketing, tentou aliciá-la:

- Retire a queixa e escolha o Escritório que você quiser, no Exterior.

Ela retrucou que não trocava a sua dignidade pela *merda* de uma transferência. E manteve a queixa.

Foram todos chamados à Polícia. Lá compareceram, com advogado e tudo. Os Diretores compraram os policiais e o assunto foi abafado.

Por conta desse imbróglio, Minervina ficou cinco anos sem ser transferida para Escritórios do exterior. Conseguiu,

finalmente, por sua competência, ir para a República das Bananas. E, naquele posto, ela não tardou a se queixar de assédio moral por parte da chefe, a Dra. Normanda Shipper.

Minervina tinha um gato que, todos os dias, levava ao veterinário. Tratado com mimos, ela vestia o felino com roupas importadas da Noruega. Às vezes, também trazia o bichano para o Escritório.

Normanda Shipper, uma solteirona neurótica, tinha o pescoço enterrado entre os ombros e, quando se sentava, abria as pernas. E não tomava banho. Fedia. Estava sempre de mau humor e queria dar patada no gato da Minervina.

Um dia, a tal Diretora truculenta mandou Minervina procurar um documento nos arquivos. A funcionária não o encontrou. A chefe a mandou procurar de novo. A subalterna protestou que tinha muito serviço. Normanda Shipper insistiu para que procurasse de novo, porque estava mandando. Minervina respondeu que ela fosse mandar na casa dela.

A Diretora a expulsou da sala e passou a lotá-la na cozinha.

Minervina ficou sem função; e o serviço, atrasado. Os papéis acumulavam-se na mesa da Diretora. Começaram, então, os roubos de documentos. Havia a suspeita de que os funcionários locais seriam os responsáveis tanto pelo roubo quanto pela venda de cartas de recomendação.

Para Minervina, as principais suspeitas desse comércio ilegal recaíam sobre a própria Diretora, ou sobre um tal Arquimedes, um funcionário complicadíssimo. Um sujeito de quase dois metros de altura, cheio de trejeitos, que dizia ser amante lindos homens casados. Ele fazia intriga e difamava os outros. Escondia documentos para causar confusão.

Depois dos desentendimentos com a Diretora Armanda, Minervina escreveu ao Diretor do Pessoal e a outros, na Gerência Geral, pedindo que o Escritório, em Bananas, fosse instruído a permitir-lhe acesso ao Setor das Comunicações. Perguntou se

existia, nas funções administrativas do Escritório, o cargo que lhe fora destinado, ou seja, o de Auxiliar de Cozinha, função na qual permanecia o dia todo.

Ao discorrer sobre a gravidade da situação, solicitou um processo administrativo para a apuração de cerca de noventa cartas, suspeitas de conterem recomendações irregulares.

Minervina ponderava não ser correto colocá-la na cozinha, reduzida a uma mesa, onde só lhe restava preparar café para os demais funcionários e presenciar todos os setores indo ao colapso. Citava, como exemplo, o caso da Amarilda, que, deslocada do Setor de Comunicações para o de Documentos, diariamente chegava ao Escritório cedo e lá permanecia, por exigência da Diretora Shipper, até as 22 horas, ou seja, muito além do horário. Essa mesma funcionária trabalhava também nos finais de semana e feriados locais, sem, contudo, conseguir dar conta do serviço.

Minervina pediu para sair de Bananas para outro escritório, porque a situação não ia nada bem. Atenderam ao seu pedido, transferindo-a para a Barbúria, onde ela acabou morrendo, ainda nos primeiros meses de sua permanência.

Crátilo viu, no arquivo, o maço de documentos pessoais de Minervina, inclusive, o atestado de óbito e o resultado da autópsia, nos quais o médico declarava: *Morte por envenenamento com monóxido de carbono*. O amanuense sentiu muita pena, ao constatar que uma pessoa lutadora e corajosa como Minervina morrera aos 28 anos de idade. Culpou a negligência e a burrice dos barbúrios que constroem as chaminés de gás voltadas para dentro dos banheiros, em vez direcionar o tubo de escape para fora.

\* \* \*

Depois que o major Otacílio e Dona Zélia, pais de Crátilo, faleceram, em 2003 e 2004, respectivamente, o amanuense

apegou-se mais ao velho primo Alonso, que ele considerava como um segundo pai. O major Otacílio, cacique eleitoral do Município de Santa Luzia do Caruru, viveu intensamente o mundo de intrigas da política provinciana. Queria que Crátilo fosse seu sucessor ou enveredasse pelo ramo da advocacia. O jovem, aventureiro, preferiu viajar pelo mundo. Dona Zélia era do lar. Por volta de 1950, não havia, no Piauí, curso de nível superior para as moças. Só os rapazes ingressavam nas universidades. E o seu Zé Carlos, avô de Crátilo, tinha recursos para manter os filhos e as filhas sem que precisassem de qualquer formação profissional. Dona Zélia se encantou com a farda e os olhos do então Tenente Otacílio e, desse encontro de almas, nasceu Crátilo, com um destino traçado de burocrata internacional.

Com saudade do nonagenário primo, Crátilo telefonou a Alonso, para saber notícias do amigo idoso e de saúde precária, que tanto o incentivara para que ingressasse na Ventura.

Devia, em parte, a Alonso, seu ingresso no quadro de funcionários da Ventura. Sobretudo por se haver hospedado no apartamento do primo, no Rio de Janeiro, durante os meses em que estudou para o concurso da Empresa.

Todas as vezes que ligava para o Alonso, ele lhe perguntava se defenderia a tese para pleitear o cargo de Diretor.

Em vão, Crátilo explicava que a tese não serviria para nada, porque, mesmo depois de aprovado, o candidato precisaria pedir votos a Diretores da Empresa, a deputados, a senadores e até mesmo a ministros de Estado. E mesmo com o aval de tais autoridades, era difícil vencer a concorrência, porque todos os candidatos também pediam apoio a políticos e a Diretores da Ventura.

– Se você conseguir tornar-se Diretor, terá grandes possibilidades de entrar para a Academia Brasileira de Letras.

– Insistia o velho Alonso, ligando uma coisa à outra.

– É perda de tempo – Crátilo reiterava –, até porque, se eu conseguisse chegar a Diretor, seria escalado para trabalhar em péssimos lugares. Além disso, não me interessa ser diretor de nada. Quero uma vida sem burocracia, sem horários rígidos e sem chefes me dando ordens.

– O mundo é dos espertos...

– Se a esperteza consiste em proceder como os Diretores da Ventura, prefiro estar entre os ingênuos. Para mim, ser esperto é viver sem estresse. Não há maior prazer do que dormir e acordar à hora que se quer, sem dar satisfação a ninguém, senão a si próprio. Ter todo o tempo livre para ler e escrever o que eu desejar, não o que os outros mandem.

Ivonete pensava como Alonso. Dizia que o velho queria o melhor para Crátilo e completava: *Na voz da velhice está a sabedoria.*

O amanuense estava farto do emprego na Ventura e tinha consciência de que as vantagens que a Empresa lhe conferia eram o salário e um computador. Poderia viver sem gastos supérfluos, depois de aposentado. Tinha 57 anos de idade e 32 de serviço; faltavam-lhe apenas três anos para usufruir do direito à aposentadoria. Queria ter os dias livres, sem estar preso à rotina do trabalho aborrecido. Desejava viajar e passar três meses por ano em Veneza. Também, ler os grandes autores da literatura mundial, em vez dos jornais da Barbúria, que todos os dias a Malufa ou o Murano lhe traziam.

– Por que Alonso insiste em que eu dedique o meu tempo a uma coisa que tanto me desagrade? O Dr. Alcântara, que foi um dos melhores amigos dele, não dizia sempre que o Alonso trabalhou nos Correios somente dez anos e conseguiu enganar os chefes, com muitas licenças médicas, e logo se aposentou?

\* \* \*

No dia seguinte, sábado, ainda pela manhã, Crátilo tomou um ônibus e foi sacolejando, nas íngremes ladeiras, até o centro de Barbeville. Casebres se divisavam nas partes altas da cidade. Soldados armados garantiam a segurança dos transeuntes.

Nas ruas de Barbeville, apareciam mais homens do que mulheres. Sobretudo à noite, as mulheres ficavam reclusas em casa, preparando o bem-estar dos maridos, que deambulavam ociosamente.

Sob a claridade do dia, Crátilo olhava, pela janela do coletivo, os edifícios nas encostas dos montes, enquanto ao redor soavam as buzinas dos carros nos sinuosos labirintos.

Mais tarde, comeu *pizza* num boteco. A privada desse estabelecimento era um fétido buraco em que um balde cheio de água servia como descarga.

Por fim, regressou num táxi, conversando com o motorista. Tinha receio de que o chofer não usasse o taxímetro e quisesse cobrar-lhe mais caro, como já havia acontecido algumas vezes, por ele ser estrangeiro.

- De que país você veio?
- Do Brasil.
- Brasil! Ah, o futebol! O Pelé jogou aqui, há muitos anos... Que lhe parece a vida na Barbúria?
- Bem...

\* \* \*

Numa tarde de sexta-feira, Giocondo entrou de súbito na sala de Crátilo, conforme seu costume.

- Como está o assunto da cantora? Precisamos trazer a Maria América para um *show* na Barbúria. Os barbúrios adoram música brasileira.

Crátilo precisou escrever quinze *e-mails* aos empresários da Maria América, outros dez aos burocratas da estatal

Soterbúria e outro tanto aos representantes do Governo local. Somente depois disso, foi possível obter dos barbúrios a promessa de que pagariam a passagem aérea da cantora. No entanto, faltava ainda pedir diretamente à Ministra barbúria da Cultura a disponibilização de uma sala de espetáculos para a realização do concerto.

– Peça à Djanira para marcar a audiência, – ordenou Giocondo, e convocou Crátilo para uma reunião no gabinete da chefia, para tratar da decisão sobre a reforma salarial. Na sala do chefe já estava Nemésia, sentada à grande mesa de reuniões.

– Vamos fazer esse exercício. A casa é nossa e a responsabilidade também. Eu não me furto. O Petrúcio receberá menos dinheiro, e eu redistribuirei os salários dele e dos aposentados com outros funcionários. Com o salário dos aposentados, mais os 40% do Petrúcio, vamos dar aumento aos jardineiros, que estão maltratados, à secretária e à telefonista.

– Iniciou Giocondo suas prelações.

Nemésia balançou a cabeça, concordando:

– É bom, está bem feito, senhor Diretor.

Abrindo só um pouco a bocarra e diminuindo o tom da voz no final de cada frase, Giocondo pediu a Crátilo que perguntasse ao Dionísio Petrúcio se concordava com a redução salarial.

Olhando diretamente para Crátilo, Giocondo foi taxativo:

– O Anésimo me disse que o Dionísio Petrúcio tem outro emprego. Assim, ele nem precisa trabalhar aqui... Ele tem sessenta anos. Quando tiver 65, eu pedirei a saída dele. Não pense no caso particular, mas no bem público.

– No fundo de tudo está o ser humano. – Argumentou Crátilo.

– Não há dinheiro público, dizia Margaret Thatcher, há dinheiro meu e seu. Se o salário dele saísse do seu bolso, você não ficaria com pena do Petrúcio. O Escritório não é

instituição de caridade. E eu pago, só do meu bolso, toneladas de impostos pelos meus imóveis e outras despesas. Aliás, o Murano que se cuide! Dê-lhe tarefas: você é o chefe dele.

– Ele redige bem as cartas de recomendação no idioma barbúrio.

– Se ele não for proativo, vai também ter o salário reduzido. – Sentenciou Giocondo, melando o dedo na língua e passando no olho.

A duras penas, Crátilo conseguiu convencer Giocondo a aceitar que Murano continuasse fazendo os dois turnos diários de trabalho, sem perda de salário. Mas não obteve o mesmo sucesso ao defender também o Petrúcio. Giocondo foi implacável com o africano, a quem qualificou de *um inútil*. Quando o amanuense argumentou que Petrúcio poderia ser mais bem aproveitado, se lhe dessem tarefas, o Diretor falou que o Anésimo tentou defendê-lo, *por solidariedade étnica*, mas que o africano continuou *inoperante e preguiçoso*.

Crátilo se retirou do recinto, ao final da reunião, sem nada dizer. Em seguida, falou com o Petrúcio:

– Rapaz, o homem está mesmo endiabrado. Ele precisa de alguém pra sacrificar e escolheu você. Ainda afirmou que o Anésimo garantiu que você tem outro emprego...

Petrúcio negou e reiterou seu queixume:

– Como eu poderia trabalhar, ao mesmo tempo, aqui e noutra lugar, se fico no Escritório desde a manhã até às cinco da tarde? Vou entrar com um advogado... O trabalho no Escritório está mal distribuído. Retiraram de mim as tarefas que eu fazia e passaram a solicitá-las a outros colegas. É um absurdo prejudicarem determinados funcionários, pagando-lhes menos. Se não me derem alternativa, serei obrigado a aceitar a redução do salário.

Ao saber que tal redução seria de 40%, Petrúcio revelou que não teria condições de viver com apenas 60 mil barburins. Precisava de, pelo menos, 80 mil, valor que o Anésimo lhe

prometera para ir trabalhar somente pela manhã, até as 14 horas. Reiterou que, se não recebesse pelo menos 80 mil, passaria fome, pois tinha de pagar 30 mil de aluguel, mais a água, a eletricidade e outras contas.

Quando Crátilo comentou o *ultimatum* que o Diretor dera ao Petrúcio, Ivonete disse que aquela seria a prova para se ver se o Petrúcio tinha poderes de feiticeiro mesmo, como apregoava o Karolene, com a voz fina e estridente, que contrastava com seu fenótipo de homem alto, forte, calvo e com uma espessa barba ruiva.

Ivonete também se sentia discriminada pelo chefe. Sua função era a de transmitir à Gerência as mensagens escritas pelo Diretor e seus assessores. De vez em quando, Giocondo a surpreendia com o computador aberto nas páginas virtuais da internet e implicava:

– Cuidado para não entrar vírus na máquina.

Por vezes, tomava-lhe, de repente, o *mouse* e ia bisbilhotar descaradamente as coisas que Ivonete estava fazendo. Diante da indiscrição do chefe, ela comentava com Crátilo:

– Enquanto você resolve os problemas que o Giocondo cria, ele se diverte por aí com a Djanira.

– Deixa pra lá. Já tenho tanto aborrecimento, que não quero nem pensar nisso. Ando ocupadíssimo. – Respondeu-lhe o amanuense.

Em meio àquele clima estressante, Crátilo foi passar férias no Brasil. Por telefone, ele soube que Alonso não iria ao Rio. O primo lamentou que estava muito velho e sem condições de viajar, nem mesmo para se despedir de Copacabana. Uma pena. Crátilo gostaria de revê-lo.



## Segunda Parte

Crátilo passou as férias em Copacabana, diante do colosso do mar. Feliz de apreciar as pessoas ao ar livre, diante do panorama das transmutações cromáticas das ondas. No primeiro dia de descanso, pensava nos funcionários de todas as empresas que permanecem, diariamente, olhando telas de máquinas eletrônicas que incidem agressivamente sobre seus olhos. Após tais reflexões, concentrou-se em três moças que jogavam bola, mostrando as coxas bronzeadas. Sua única preocupação era manter-se fora do alcance das ondas na arrebenção. Ainda assim, uma vaga forte molhou-lhe o tênis do pé esquerdo. Ele fora à praia de tênis. Ainda não se acostumara a andar de sandálias.

Toda a liberdade, com que vivia sonhando, consistia em desfrutar de tempo para escrever, num lugar tranquilo. Nem se lembrava mais das *babaquices* do seu chefe, Giocondo Malaquias.

O Escritório não existia, naquela tarde aprazível, em que as garotas sensuais mergulhavam nos vórtices da

espuma. Quisera que o seu trabalho fosse ficar sempre diante da claridade evanescente, estudando a escultura barroca das mulatas sinuosas. Caminhava descalço pela areia, contemplando o arco luminoso que se expande do Leme ao Forte de Copacabana. Via os barcos velejando no horizonte suave. No calçadão, paquerava as mais belas criaturas, cujo brilho dos corpos femininos se vê realçado pelo pôr do sol. Observava a grande luz dourada, por trás dos edifícios, ao lado do Morro do Pavãozinho, sobre o relevo azulado de translúcidas refulgências.

– Copacabana, esplendor de vida, apesar de uns quantos imbecis que propagam a violência. – Pensava Crátilo, ao caminhar.

Comprou um jornal e, já de volta do passeio para casa, leu notícias nada alvissareiras. A corrupção campeava, envolvendo políticos e diretores da Petrobrás. Outra manchete declarava que 2015 seria um ano de ajuste fiscal. O crédito ficaria caro e escasso, o que provocaria perdas no rendimento real das famílias. *Milhões de brasileiros estão ajustando o orçamento, com medo do desemprego*, ressaltava o periódico, acrescentando que, mesmo quem continuasse empregado, teria o salário corroído.

– Pelo menos, um banho de mar e o prazer de ir à praia são gratuitos. – Ponderou para si mesmo o amanuense.

As páginas seguintes do jornal noticiavam uma ocorrência, na Baixada Fluminense, em que a polícia disparou, por equívoco, nove tiros contra o carro de uma moça de 22 anos, que morrera na hora: os PMs julgaram tratar-se do veículo de um bandido.

Outra notícia informava que, no Posto Oito, em Ipanema, no fim de semana, ladrões agiram nas areias lotadas, provocando pânico e correria. Furtaram objetos da multidão que desfrutava do mar. Não satisfeitos, os criminosos, saíram da praia e assaltaram passageiros de um ônibus da linha 476 (Méier-Leblon).

Crátilo deixou de lado o noticiário impresso e ligou o televisor. Uma reportagem mostrava o choro indignado da mãe de um estudante, chamado Alex, assassinado num assalto, em frente a um ponto de ônibus, na saída da universidade. Também se informava que crianças foram atingidas, mortalmente, por balas perdidas, na Zona Norte.

Dos anos 80, do século passado, para esta década e meia do século XXI, a violência cresceu com a demografia e a desigualdade social: *Até quando continuará essa ignomínia?* – Perguntava-se o homem cujo sonho é morar no Rio de Janeiro, aonde só vai uma vez por ano, de férias, acomodando-se num apartamento que adquirira há alguns anos. Para evitar tomar conhecimento da barbárie existente nas grandes cidades brasileiras, Crátilo decidiu não ler mais jornal nem ver televisão nem acessar notícias pela internet. Assim, acreditava que viveria sem paranóia, tomando, evidentemente, os possíveis cuidados. Não desistiria de morar no Rio de Janeiro, cidade onde ele, depois de aposentado, desfrutaria a vida cultural e publicaria seus livros.

\* \* \*

O pai de Crátilo, major Otacílio, que fora vereador e deputado em quatro legislaturas, na cidade de Teresina, arranjou para seu filho um emprego na Câmara de Vereadores. Crátilo passou apenas alguns meses como funcionário municipal.

O velho pai o aconselhou a fazer concurso para promotor ou juiz, profissões estáveis e de prestígio social.

– Quero estudar no Rio de Janeiro. Ficarei hospedado na casa do primo Alonso, em Copacabana. Vou escrever para ele, avisando. – Respondeu Crátilo, sem hesitação.

Naquele mesmo dia, providenciou a carta. Nela, não pedia; comunicava a Alonso que iria estudar no Rio e que se hospedaria em sua casa. Assim terminava a missiva:

– Sei que você não se recusará a receber-me, pois tenho as melhores intenções.

O parente aceitou, meio a contragosto, que Crátilo morasse em seu apartamento, durante aquele período. Considerava boa a ideia de Crátilo de preparar-se para o concurso da Ventura. Porém, Alonso advertiu o major Otacílio:

– Ele vem, mas vou fiscalizar se ficará estudando ou malandrando.

Em 1983, Crátilo se mudou para Copacabana, a dois passos da praia.

A essa altura, já deambulava por todos os bares daquela Teresina provinciana, onde não ocorriam assaltos, porém, tampouco se encontravam livrarias com edições de literatura em idioma estrangeiro.

O jovem piauiense estudou apenas dois meses no Curso Prosperidade Internacional, em Laranjeiras. No começo, o primo Alonso achava que Crátilo só queria diversão. Passava, a todo momento, diante do quarto do rapaz, e perguntava do que o seu hóspede se ocupava: o que lia, e se o assunto caía ou não na prova para a Ventura.

Naquele tempo, Alonso comprou, na Livraria Leonardo da Vinci, toda a bibliografia para que o primo estudasse para o difícil certame da multinacional. Mandou a conta para o major Otacílio, que o reembolsou, enviando, junto, a mesada do filho.

Alonso, no entanto, vivia numa neurastenia aguda. Não confiava em Crátilo. Talvez o julgasse um irresponsável ou um maluco. Por outro lado, tinha certa razão, quando reclamava da bagunça que Crátilo e Sérgio, outro primo que também viera do Piauí, faziam em seu apartamento. Preocupadíssimo com o sucesso de Crátilo nos exames, tinha um medo, um tanto descabido, de que o futuro escriturário fizesse amizade com um rapaz da vizinhança: um doido que, certa vez, cortara o fio do telefone e atirara o aparelho pela

janela. Achava que Crátilo dormia demais e que não devia ir à praia pela manhã, já que viera ao Rio para estudar e fazer tratamento da coluna.

Solteirão, por volta dos sessenta anos, Alonso exibia uma careca até a metade da cabeça; possuía o nariz avantajado e usava óculos pesados, com lentes de elevado grau. Tingia o cabelo, com coloração marrom, e ostentava uma pança redonda. Tinha a testa sempre franzida e a cara irradiando, permanentemente, algum aborrecimento.

O desconfiado primo talvez tivesse motivos para temer a irresponsabilidade natural de um rapaz de vinte e poucos anos. Crátilo, por sua vez, tinha irrefreável tendência ao ressentimento. Assim, observava também os defeitos de Alonso, para eventualmente se vingar, acusando-o de neurótico. Via-o, a partir de 21h, empenhado em matar as pequenas baratas que se alojavam no fundo das gavetas, e, depois, contar os talheres, um por um, e tornar a arrumar tudo, tartamudeando: *Praga! Praga!*

Todas as noites, cronologicamente, Alonso praticava aquele ritual, que se completava com o criterioso esfregar da vassoura no chão e os sucessivos telefonemas para os parentes de Teresina. As ligações entravam pela madrugada: um passatempo para a sua inveterada insônia.

Uma de suas manias mais divertidas consistia em reclamar do custo de vida e sempre pedir desconto em qualquer coisa que comprasse. Chateava-se com quem adquirisse alguma coisa sem regatear.

Crátilo achava engraçado Alonso pintar todos os dias o resto dos cabelos e lhe perguntar, diversas vezes, se a cor parecia natural. Para Crátilo, aquele comportamento se mostrava característico de um neurótico. E o próprio sexagenário já confessara que vinha consultando psiquiatras.

Em sua preocupação obsessiva, teimava com Crátilo para que tivesse cuidado com as ruas, sobretudo com as

perigosíssimas travessias da Avenida Nossa Senhora de Copacabana e da Rua Barata Ribeiro.

– É uma loucura esse trânsito! Cuidado com os ladrões, a cidade *tá* cheia de marginais. Copacabana já foi um bairro aristocrático. Agora se acha decadente. – Repetia constantemente.

Queria que Crátilo não saísse de casa à noite e reclamava da hora que ele voltava. Tentava fixar horários para seu regresso dos passeios noturnos.

– Por que demorou tanto? Com quem você estava? Eu ando muito nervoso, tenho medo de que você seja atropelado ou assaltado... O Rio de Janeiro está um horror.

Embora Alonso adorasse o Rio e achasse Copacabana o melhor lugar do mundo, vivia com aquele medo maluco. Não deixava, entretanto, de aproveitar as coisas boas da cidade. Não ia mais à praia, mas passeava pelo bairro. Deambulava pela Zona Sul. Ia, de ônibus, ao Centro. Curtia o Rio de Janeiro, à sua maneira. Mantinha amizade com os garçons da orla de Copacabana, em sua maioria, moradores da Rocinha. Caminhava, conversando com todo mundo. Gostava de bater papo com os donos das bancas de revista, menos com o italiano da esquina, pois reclamou que Alonso lia o jornal e não o comprava.

– Esses restaurantes são todos caros e a comida não tem qualidade. É tudo feito pra turista.

Queixava-se também da decadência do bairro:

– *Tá* cheio de menino dormindo nas calçadas. Esse Governo é muito incompetente. O único Presidente bom que nós tivemos foi o Juscelino...

Alonso repetia as mesmas advertências, na intenção de controlar a vida do seu hóspede. Certa vez, queria até forçá-lo a cortar o cabelo. Segundo ele, Crátilo viera estudar no Rio, e não estava correspondendo às expectativas. Quanto a Sérgio, só queria viver em boates e fazia a maior bagunça

no apartamento, espalhando roupas em toda parte. Alonso chegou a dizer que deveriam ambos voltar para Teresina. E houve a ocasião em que engrossou, porque Crátilo retornou às duas da madrugada, num sábado.

O sexagenário primo era um operário do ócio. Tivera um emprego nos correios, ao qual deixara de comparecer. Médicos amigos deram-lhe atestados, com os quais ele se aposentou por invalidez. Assim, o Patriarca de Copacabana, como o chamava Crátilo, permanecia todas as manhãs na rede, dormitando, e, às tardes, ia passear.

Sob aquele clima de constrangimento, Sérgio acabou indo embora, aborrecido com as reclamações do anfitrião. Não suportou permanecer nem duas semanas. Principalmente quando Alonso declarou:

– Pensa que vou ficar apanhando as roupas que você deixa jogadas pelo chão? Em sua casa, está acostumado às mordomias de filho único, mas aqui é diferente!

Sérgio voltou, antes do previsto, para o Piauí. De qualquer modo, viajara ao Rio só para passar uma breve temporada, enquanto Crátilo planejava ficar alguns meses, aprontando-se para disputar uma vaga na Ventura.

A vida de Crátilo, no entanto, tomou outros rumos. Para desgosto dos seus pais e do primo Alonso, ele não concorrera para entrar na empresa Ventura naquele ano de 1983. Deixou o Rio e voltou ao Piauí, onde viria a se formar em Direito e dar aulas em três colégios, sucessivamente. Tais empregos conseguiu graças à ajuda de seus amigos docentes. Lecionou Gramática Portuguesa, História do Brasil e Inglês, em cada um dos respectivos estabelecimentos de ensino. Chegou a frequentar o escritório de advocacia de um amigo de seu pai. Depois, trabalhou num cartório de registro civil, mas não suportou *a chatice burocrática do serviço notarial*. Não queria ficar na província como professor, *advogado de porta de cadeia* ou funcionário de cartório. Queria viajar e conhecer o mundo.

Somente tornou a se interessar pelo ingresso na Ventura em 1996, quando foram abertas, mais uma vez, as inscrições para o concurso da multinacional. Releu os livros que Alonso lhe havia comprado, fez as provas em São Paulo, passou e foi admitido ao cargo de escriturário da Ventura S.A. Enquanto os colegas que obtiveram melhor classificação foram trabalhar nos Estados Unidos ou na Europa, ele foi para a Ilha dos Patrúchachas, de nefasta memória. Um lugar de expiação, como ele costuma dizer.

Depois que Crátilo ingressou na Ventura, Alonso se entusiasmou e encheu-se de expectativas quanto ao futuro do primo. Aconselhava-o a fazer uma carreira brilhante, já que a profissão de burocrata internacional honrava o nome da família.

Sesoubesse que sofreria as picuinhas de chefes autoritários, tacanhos e desleais, Crátilo não teria ingressado na Empresa. Teria evitado trabalhar em tantos países complicados, sob as ordens de chefes prepotentes. O mais doido de todos os seus chefes foi o temido e odiado *Demente Loucão*, que o perseguiu, sistematicamente, na Ilha dos Patrúchachas.

Na República das Bananas, o chefe era o Dr. Madeira Maldonado Flores, um gordinho do cabelo crespo, lábios grossos e olhar astuto, que reclamava da limitada produção burocrática de Crátilo. Havia terrorismo. Toda semana explodia algum edifício na cidade. Maldonado o chamava de distraído e afirmava que ele cometia erros de redação. Crátilo se chateava com as atitudes do Dr. Madeira Maldonado, um cara que vivia rindo, mas gritava com alguns subordinados. Na ficha de avaliação, registrou que Crátilo se mostrava um funcionário *sofrível*. Para o escriturário, a palavra *sofrível* não lhe cabia, porque, afinal, não estava ali para sofrer!

Enfim, comeu pães que diversos diabos amassaram, até que lhe prometeram o remanejamento para o escritório em Barbeville, capital da Barbúria. Afirmaram que lá se sentiria

como numa sinecura. A promessa ocorreu quando servia no Principado das Trevas.

Quando foi promovido de escriturário a amanuense, a promoção significava, financeiramente, o aumento de cem dólares no salário. Do ponto de vista da responsabilidade, implicava dar conta de quase todos os serviços do Escritório. Os administradores da Ventura lhe garantiram um cargo comissionado de Vice-Diretor, o que representaria uma importante melhora salarial, mas não cumpriram a promessa. Crátilo acabou fazendo o trabalho de Vice-Diretor, sem o salário e sem o *status* respectivos.

– Prepare-se para trabalhar muito. – Advertiu-lhe, por telefone, o Stélio, seu antecessor, um rapaz franzino e de voz melíflua, que soltava gritos histéricos, quando ficava nervoso.

Aviso diverso lhe dava o primo Alonso, todas as vezes que Crátilo ia trabalhar em um país diferente. Dizia que ganharia em dólares e que seu prestígio social aumentaria. Cada vez que o funcionário da Ventura mudava de país, no entanto, enfrentava dificuldades angustiantes, em decorrência das condições de vida locais, do comportamento da maioria dos cidadãos dessas nações e, principalmente, das atitudes maquiavélicas dos Diretores da companhia.

Quando passou no concurso da Ventura, em 1996, Alonso o abraçou contente e disse:

– Você terá uma vida de príncipe. Mordomias, festas suntuosas e um salário invejável. A Ventura é uma empresa famosa. Quem nela entra só sai rico. E adquire grande consideração na sociedade. Mas você tem de ser mais atirado, para conseguir as promoções na carreira. O mundo é dos espertos.

– Não tenho intenção de ser herói. – Rebateu Crátilo. Quero um emprego que me dê oportunidade de viajar e de escrever livros.

– Há muitos escritores que se dedicaram ao trabalho burocrático internacional. Vá em frente. Como funcionário da

Ventura, você virá ao Rio uma vez por ano. Aproveitará as praias de que tanto gosta e conhecerá amigos que o cortejarão.

Mesmo em 2015, aos 94 anos, Alonso, pelo telefone, desde Teresina, ainda o incentivaria, batendo na tecla de que Crátilo deveria empenhar-se para tornar-se Diretor da Ventura.

Quando o velho primo insistia no assunto, Crátilo respondia, sempre do mesmo modo:

– Não tenho garantia nenhuma de que, por mais que me dedique, serei promovido a Diretor. Porque isso depende de muitos pedidos a políticos, a outros Diretores e ao próprio chefe, que, geralmente, usa essa solicitação como pretexto para chantagear o subordinado. Já suportei, por demasiado tempo, as picuinhas dos chefes da Ventura. Agora, quero outra coisa.

– O quê? A aposentadoria? Perguntou Alonso, sorrindo.

– A liberdade. – Rebateu o amanuense.

Alonso riu e agradeceu o telefonema. Como sempre, queixou-se da velhice. Disse que está andando com dificuldade, cambaleando, e que só pode sair acompanhado.

Crátilo ficou triste pela condição de Alonso, porém, ao passear, no final da tarde, junto à multidão que desfilava pelo calçadão de Copacabana, esqueceu a impressão melancólica e se regozijou, assistindo ao espetáculo dos circunstantes.

Junto à orla, observou uns malucos, de braços e pernas tatuados, que vendiam artesanato. Um vendedor de milho expunha sua máquina ambulante de alumínio e seu aparelho de som tocando Bob Marley. Uma morena, com roupas transparentes, acionava o telefone. Um caricaturista desenhava o rosto de uma menina, vaidosa e sorridente. O garçom mulato, de um quiosque, cantava um samba, enquanto entregava a cerveja a um cara muito branco e gordo, que comia nacos de carne. Outro gordo, falando inglês, beijou uma asiática que usava um vestido quase transparente. Um velho corcunda, de bermudas e camiseta, passou, levantando e abaixando os braços. Uns caras jovens e morenos, com mochilas nas costas,

ofereciam *self*, uma vareta de metal para fotos com aparelho celular. Alguns mendigos catavam lixo. Trabalhadores de quiosques empilhavam cadeiras dobráveis para recolhê-las. Um sorveteiro empurrava o carrinho e gritava:

– Olha o picolé! Você chupa, você lambe; se morder é com você...

Transitavam aqueles viandantes do tempo, quando o semáforo abriu e Crátilo cruzou a Avenida Atlântica, desviando-se dos que andavam na direção contrária. Os carros avançavam com um ímpeto que não havia antigamente.

\* \* \*

Foi num dia meio nublado dos anos 1980, no Posto Cinco de Copacabana, que Crátilo, recém-chegado do Piauí, conheceu Damásio, um rapaz cabeludo, de calção preto, com uma camisa de estampas floridas, óculos escuros e com o jornal *O Pasquim* debaixo do braço. Crátilo, que já escrevia poesia naquela época, estava sentado na areia, empunhando um livro de Rimbaud, com um bloco de notas do lado. Damásio tomou a iniciativa de procurar amizade. Estendeu-lhe a mão, dizendo que também escrevia poesia e que o pessoal do bairro o conhecia como Jacaré. Crátilo, desde então, passou a encontrar aquele amigo todas as vezes que ia ao Rio de Janeiro.

Damásio era um poeta libertino e libertário, grande boêmio de Copa, presença constante nos recitais de poesia também frequentados por Crátilo. O salário da Ventura permitia a Crátilo publicar constantemente suas obras. Algumas delas ele as distribuía nos recitais.

Por sinal, publicaria, sob a edição de Damásio, ainda naquele mesmo ano de 2015, uma antologia de poemas sobre a realidade carioca. Os temas tratariam tanto da beleza litorânea da Zona Sul quanto dos dramáticos conflitos sociais da cidade.

Naquela noite de suas férias de 2015, passou pelo apartamento, pegou alguns livros de sua autoria e dirigiu-se a um recital no Leme. Percorreu a pé, velozmente, a calçada da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, desviando-se dos marmanjos que dormiam estendidos pelo chão. Os clientes de um bar davam risadas. Os veículos, acelerados, transitavam ruidosamente. Sirenes de polícia aumentavam os estrídulos. Mendigos bêbados e maltrapilhos ziguezagueavam. Aquela era uma avenida pela qual não gostava de andar, por causa da poluição do ar. Preferia a Domingos Ferreira ou a Aires Saldanha, em que há menos trânsito de automóveis, dependendo da direção que tomasse. Estava tão entusiasmado e tão apressado para chegar ao recital, que ia, pelo calorão da Nossa Senhora de Copacabana, sem se lamentar de que a camisa já se molhara de suor. Aquela noite de janeiro tinha um encanto que o fazia caminhar sem cansaço. Crátilo se regozijava por estar longe do Escritório da Barbúria. Sentia quanto era agradável não estar sujeito àquela ansiedade toda do trabalho, ainda que por apenas alguns dias. Tudo lhe parecia festa, em sua sede de prazeres.

Num quiosque do Leme, encontrou Damásio feliz, com sua namorada, Altina, além de outros amigos e familiares. Esbelto e sempre elegante, Damásio lidera um grupo de poetas que recita a céu aberto, uma vez por semana, em cadeiras distribuídas em círculos, ao redor daquele quiosque.

Os frequentadores do recital são arlequins, envoltos na dança do universo; *shivas* e dervixes do êxtase da arte da palavra. O Rio tem muitos recitais que são exercícios de liberdade e de fraternidade.

– Faço agora colagens e poemas visuais. – Ri alto, o poeta boêmio.

Frequentar as noites dos poetas, conhecer os artistas que recitam e brincam com as palavras é tudo quanto deseja o amanuense Crátilo. Não aquela solidão de Barbeville, cidade culturalmente morta.

– O ar está seco. – Comenta Damásio.  
– Hoje é um dia ritualístico. Vamos celebrar o projeto do nosso livro.

De repente, Crátilo se recorda de Alonso e pergunta:

– Você se lembra do Alonso?

Damásio respondeu que se lembrava bem, embora só o tenha visto uma vez, há muitos anos, quando o primo de Crátilo lhe perguntara:

– Que você faz?

– Sou professor.

– Onde mora?

– No Méier.

Naquela época Damásio residia lá. Então, Alonso virou-se, levantou-se da cadeira, foi para a cozinha e não voltou mais. O diálogo acabou ali mesmo. De fato, Alonso tinha aquela mania de classificar as pessoas pela profissão e pelo bairro em que moravam.

No clima daquelas recordações, Crátilo e Damásio saíram, falando a respeito do carismático Alonso. Foram ver o pôr do sol no Arpoador, onde ficaram conversando, até depois da meia-noite.

– Meu primo Alonso fechava sempre as janelas, por medo de que um cigarro, jogado do andar de cima, pudesse provocar incêndio, – continuava Crátilo com a memória ligada no velho parente.

– Jogam até preservativos e *Modess* na minha varanda. – Riu Damásio.

– O Alonso me contou que, certa vez, entrou num ônibus e sentou ao lado da Dercy Gonçalves. Olhava para ela, na expectativa de que a comediante lhe desse chance para puxar conversa. Mas a Dercy, fechadíssima, imóvel, não virava o rosto.

– Artista famoso, se não tomar cuidado, é triturado. Com muito amor, mas triturado.

– A arte é um modo de transcendermos os ambientes inóspitos. – Filósofa Crátilo.

Damásio falou de Clarice Lispector, a contemplativa angustiada, e de Cecília Meireles, a lírica espiritualista. Crátilo fez um elogio a Vinicius de Moraes, *o que dizia a beleza de maneira tão simples quanto profunda*.

Comentou Damásio que uma das excentricidades de Celso, poeta amigo deles em comum, é andar de noite pela casa, sem acender as lâmpadas, para ver se aparece algum espírito.

Damásio concentra tanto a mente no trabalho da poesia, que sonha com versos e redige o que sonha. Fica chateado quando não consegue registrar as palavras no momento, logo depois que acorda, porque, pouco depois, já não se lembra do que viu e percebeu. Dorme sempre tarde, perde a hora do almoço, fica o dia todo no computador, digitando. Não consegue parar de escrever.

– É preciso observar o corpo. Tudo diz respeito à circulação da energia. Não dá para ficar o dia todo sentado. É preciso caminhar. – Aconselha Crátilo.

– Eu costumava caminhar pelo calçadão. Vou voltar a fazer isso.

– Quando a médica falou que eu tinha problema na retina, o olho ardia o dia todo. Foi só o outro médico dizer que eu não tinha nada grave, o olho parou de arder. O trabalho tem de ser executado em função da saúde.

Damásio pediu mais um café. Falou dos perigos da cidade.

– Se for abordado por um cara estranho, o pedido é quase uma imposição. Tanto dizer *sim* quanto dizer *não* é perigoso. Quando abrimos a carteira pra dar o dinheiro, não sabemos o que o cara é capaz de fazer. É preciso reservar, num bolso, *algum* para o mendigo e, noutro bolso, uma importância maior para o ladrão.

De inopino, Damásio avista alguém ao longe e pergunta a Crátilo:

– Você conhece o Clemente?

Tãoabsortonaconversa, Crátilonemligou, imediatamente, o nome à pessoa. Pensou que fosse algum poeta ou ator. Mas, para sua completa surpresa, era o Demente Loucão, seu ex-chefe, que tanto o maltratara na Ilha dos Patrúpachas. O indivíduo chegou, todo desengonçado, descabelado e bêbado. Vinha fumando e pediu à moça do quiosque mais cigarros. Clemente Brandão estava aposentado, morando no Rio. Ao ver aquela imagem sinistra, Crátilo murmurou para Damásio:

– Ih, esse cara é meio doido.

Sem entender, Damásio falou:

– Ele é amigo do pai da Altina.

Daí o foi apresentando a Crátilo.

– Você conhece o Crátilo? Ele trabalha na empresa em que você trabalhou...

Dr. Brandão, laconicamente, respondeu:

– Coitado! – E virou-se para o lado, para cumprimentar outras pessoas.

Crátilo ficou sem saber se o seu ex-chefe se lembrou dele ou se fingiu que não se lembrava. Seria possível que seu antigo superior hierárquico se tivesse esquecido dos tempos, na Ilha dos Patrúpachas, quando fora expulso do escritório por atentar contra a vida do Dr. Ferro, contra quem disparou tiros de revólver? A única coisa que o ex-chefe pronunciou, ao vê-lo, foi aquele *coitado!* Em seguida, Clemente discorreu sobre coisas engraçadas, dirigindo-se a outros que estavam ao redor.

Falou da falta de água no condomínio onde ele mora e do fato de ter que usar a escada todos os dias, porque deu pane no elevador. Criticou os garçons que teriam a *síndrome da mãe do criminoso*. Segundo Loucão, tais indivíduos sentem orgasmos quando podem comunicar aos clientes que a mesa já fora anteriormente reservada para outros.

O ex-chefe, antes de acender um cigarro, batia a ponta dele várias vezes no tampo da mesa. Finalmente, punha-o na boca, mas o mantinha apagado.

Dr. Brandão, de repente, fez um gesto brusco com sua bolsa velha, toda rota, derrubando três copos de cerveja.

Diante de tal quadro grotesco, Crátilo não tardou a se despedir. Saiu, alegando ter outro compromisso.

– Depois você me conta o que sabe a respeito do Clemente Brandão. – Disse Damásio, na vã tentativa de reter Crátilo alguns minutos mais.

Crátilo apressou o passo pela Avenida Atlântica. Meditava, perplexo, enquanto caminhava:

– Quem diria! Às vezes as coincidências são tão incríveis que a gente custa a acreditar.

Ao andar, olhava para os lados, temendo que algum ladrão aparecesse. Naquela noite cálida de janeiro, as ruas estavam iluminadas e vigiadas por carros de polícia, o que lhe deu certa confiança. Ele seguiu pelo calçadão, do Leme até a Constante Ramos, imaginando o dia em que acabaria essa história de gente com medo de gente. Relembrava outros tempos, de 1980 a 1990, quando fazia o mesmo trajeto, menos tenso.

Algumas prostitutas o assediaram. Ele disse que estava noutro astral e que ia dormir.

Tinha sede, precisava comprar água. À uma da matina, os quiosques estavam fechados, mas os hotéis e os restaurantes ainda permaneciam abertos.

Uns travestis investiram contra ele, mostrando-lhe os grandes peitos e tentando alcançar-lhe os bolsos. Ele se esquivou e passou ao largo, evitando-os.

Diante da simétrica fachada de brancas pedras do Copacabana Palace, Crátilo sentia certo prazer em desafiar os perigos da noite.

Na esquina da Rua Fernando Mendes, comprou uma garrafa de água e bebeu, avidamente. Nas imediações, havia

diversos indigentes, homens e mulheres, dormindo no chão e nos bancos da calçada.

Por conta do inesperado encontro com seu ex-chefe, Crátilo dormiu mal à noite e teve um pesadelo. Que coisa estranha aparecer, numa reunião de poetas, aquela doida pessoa que ele pensava nunca mais rever! O Demente ser amigo do pai da namorada do Damásio! Quem diria!

De manhã, para banir as insistentes lembranças, Crátilo foi a pé, como antigamente, pela areia molhada da beira da praia, até a altura do Copacabana Palace.

\* \* \*

Às vezes, Crátilo surpreendia-se melancólico, recordando a época em que era mais jovem, quando olhava o mar com diferente encanto. Pensava então nas transformações que o transcorrer dos anos impõe ao corpo. Nessas ocasiões, considerava a fatalidade do tempo. Dentro de 30 anos, teria 86, se conseguisse tal longevidade. Estaria mais ou menos como Alonso: velho e sem ânimo para sentar-se diante do mar, tal um escriba egípcio, registrando a experiência do momento. Quando tinha 26, repetia esse gesto de escrever, observando o movimento eriçado das águas e escutando o tropel ritmado das ondas.

Naquele momento, sentado à escrivaninha, tentava transportar-se ao ano de 1983, quando estudou no Rio de Janeiro, meio inconformado com a severa disciplina de preparação que o concurso da Ventura exigia. De lá, deslocou-se mentalmente ainda a um período anterior: na 1972, quando tinha apenas 15 anos.

Nessa época, veio ao Rio com o propósito de assistir à Minicopa do Mundo, no Maracanã. Teve a alegria de ver, ao vivo: Pelé, Tostão, Gerson, Rivelino, Jairzinho e outros grandes atletas da Seleção Brasileira de 1970. Encontrou, além do espetáculo futebolístico, o visual da Baía da Guanabara,

o Pão de Açúcar e o Corcovado. A cidade, plantada na orla do mar. O trilhar das luzes, num passeio noturno de barca a Niterói, quando ainda nem existia a Ponte monumental.

Com isso, vieram as lembranças das vezes em que se hospedara, em Niterói, na casa do primo Egberto. Primeiro, no bairro de Santa Rosa; depois, no apartamento na Praia de Icaraí, para onde Egberto se mudou.

A evocação da época em que se hospedou em Niterói levou-o a recordar-se de haver assistido, no cinema da Universidade Federal Fluminense, a um filme sobre o *Dr. Fausto*, de Goethe.

Uma das noites, em que esteve hospedado na residência do Alonso, em Copacabana, levou uma moça para o quarto. O primo Alonso viajara a Teresina e ele ficara só, no apartamento, com todo o espaço à sua disposição, além de usufruir dos serviços da Dona Ariana, uma empregada já idosa, gorda e branca. Naquela noite, entrou, silenciosamente, com a jovem morena, a quem conseguiu convencer a deitar-se em sua cama. Compartilhou com ela agradáveis momentos. Era uma garota de cabelos pretos, lisos e longos, de pele bronzeada, cujos seios brancos contrastavam com o resto da pele, tingida pelo sol. Parecia uma indiana. Coincidentemente, ela lhe contou que havia frequentado uma religião hindu. Disse que vivenciara fenômenos sobrenaturais. Tinha vidências. Escutava barulhos estranhos quando só, à noite, em casa. Certa vez, uma panela girou na cozinha, sem que ninguém a movesse.

Crátilo já não se lembra o nome da jovem. Quanto à Dona Ariana, nada percebeu. Nem sentiu o cheiro do incenso que ele acendeu.

Era um tempo em que ele sentia saudade do futuro. Hoje, que saudade sentia, senão a relacionada à sua plenitude de outrora?

\* \* \*

Na fase em que Crátilo estudava para o concurso da Ventura, dona Ariana colocava-lhe um prato cheio de arroz, salada e carne para que ele comesse quando voltasse da aula, cerca das 23h. Alonso dizia que o primo precisava alimentar-se bem, porque chegara do Norte *quase subnutrido*. Crátilo, no entanto, jogava no lixo toda a carne e uma parte do arroz. A prática da ioga e a leitura de livros de filosofia oriental fizeram dele um espiritualista vegetariano. O estudante frequentava, inclusive, o restaurante vegetariano de Ipanema, na Rua Barão da Torre. A possibilidade, agora, de repetir a experiência de almoçar naquele restaurante dá ao amanuense a impressão de que nada mudou. Ao constatar, contudo, o tempo que passou, desde 1980, sente, perplexo, o quanto tudo muda e cada experiência vivida não se repete.

\* \* \*

No dia seguinte ao inacreditável encontro com o Dr. Brandão, Crátilo foi almoçar com Celso, o poeta espiritualista. Celso era um morenãõ alto, de olhos grandes e sorriso fácil. Conheceu aquele amigo em 1999. Depois de se corresponderem alguns meses, por intermédio da internet, trocando ideias e informações literárias, marcaram um encontro na antiga Livraria Leonardo da Vinci, no Centro do Rio de Janeiro e, desde então, tornaram-se amigos.

Antes de saírem para o restaurante, conversaram no apartamento de Celso. Crátilo contou-lhe alguns episódios que vinham acontecendo no Escritório da Ventura, na Barbúria:

– O Giocondo reduziu o salário dos funcionários e forçou-lhes a aposentadoria. Ao mesmo tempo, superfaturou a reforma de um telhado. Economizou, castigando os que não o adulam, e gastou os tubos (quase duzentos mil dólares) num telhado... O preço normal seria uns trinta mil. O superfaturamento lá é uma prática comum. Um rodo

de limpar piscina, por exemplo, foi comprado a oitocentos dólares, quando o custo real é cinquenta.

Celso muda o rumo da conversa:

– Você trabalha num lugar chato, com gente mesquinha, mas saiba que, em toda parte, a maioria das pessoas se comporta assim, como os da Ventura. Já não lhe disseram que é um privilégio morar sucessivamente em diversos países?

– Sim, mas nem todos são lugares bons...

– É que nós somos idealistas. Vivemos sonhando com um mundo perfeito. Mas você tem razão de se queixar desse seu chefe que só pensa em vantagens e lucros. Aliás, convenhamos, ficar oprimindo os outros, hipocritamente, como ele faz, é falta de humanismo e de caráter.

– Por isso, quero ser diretor, sim, mas dos meus próprios recitais de poesia, que organizarei quando estiver aposentado. Ser um ídolo entre os poetas marginais. Ter o dia livre para passear, vislumbrando o encanto marítimo, seduzido pela sublime experiência de existir.

Celso alisou a barba rala, abriu os olhos de visionário e disse:

– De qualquer modo, tente aproveitar o que há de positivo. Se eu fosse funcionário de uma multinacional, aproveitaria para viajar bastante. Já fui à Índia e lá fiz a iniciação no *Ashram* de Sri Aurobindo. Quero continuar conhecendo novos lugares. Com o seu salário, que não é nada desprezível, você pode fazer muita coisa.

Crátilo continuou a se queixar:

– Já viajei o que tinha de viajar. Agora, só quero passar uma temporada em Veneza, depois de me aposentar. Quero paz e tranquilidade. Muita gente é vítima de surto psíquico, em consequência das dificuldades que enfrenta no trabalho. Quando se é competente, os chefes sobrecarregam a pessoa. Num ambiente de competição e exploração, os que mandam nunca estão satisfeitos. Se o funcionário escrevesse três

páginas, eles reclamariam; se produzisse vinte, com o estilo do Jean-Paul Sartre, eles tampouco estariam satisfeitos.

– Nada como o prazer da arte e da contemplação. –  
Concordou Celso e acrescentou:

– A propósito, recentemente fui à casa do Mestre Guimarães Rosa, em Cordisburgo, no meio do sertão de Minas. Naqueles ermos, onde só se vê a Gruta do Maquiné por perto. Existe lá um pequeno museu dedicado ao Escritor. Tem a máquina de escrever, o mata-borrão, os óculos, fotos, manuscritos e outros objetos pessoais dele. Também, edições dos livros de que foi autor, numa vitrine.

Crátilo bebe um gole de água mineral e pergunta:

– Você trabalha muito para construir seus versos ou se manifestam de modo espontâneo?

– Sempre procurei desmontar o poema, tentando encontrar o melhor termo para a imagem pretendida. Na presente fase de minha obra, no entanto, os impulsos surgem na consciência de maneira despojada, numa linguagem que dá a ilusão de discurso oral, sem cair no descuido e na redundância da fala coloquial.

De súbito, Celso muda de assunto:

– Pense na possibilidade de fazer a prova para Diretor da Empresa...

– Não. Definitivamente. Qual a vantagem?

– Dinheiro.

– O dinheiro é a bandeira dos canalhas. Uma bandeira que às vezes nos seduz. – Sentenciou o amanuense, com sarcasmo.

– Aposente-se como Diretor. Até o Damásio, que é anarquista e escreve poemas pornôis, acha que você deveria se tornar Diretor da Ventura.

– O próprio Damásio me disse que sempre detestou o trabalho em repartições públicas ou em escritórios privados. Mais de uma vez, eu o ouvi afirmar que, em tais empregos, o

homem fica enjaulado na mesmice, como um peixe no aquário ou um pássaro na gaiola, e que, nesses lugares competitivos, as pessoas se comportam de maneira muito desleal. Ele recita poemas anarquistas, como resposta a essa sociedade, que nos obriga a fazer o que os outros determinam, e não o que nós mesmos decidimos. Damásio critica ainda os estadistas envaidecidos que, sendo lobos ferozes, submetem-se, como cordeirinhos, às tentações do capitalismo belicoso.

Foram comer *pizza* num restaurante da Rua Siqueira Campos. No alto, despontou a imagem do Cristo Redentor.

– A religião é uma necessidade para o ser humano. –  
Filosofa Crátilo.

– Religare. Mas sou meio desligado. – Brincou Celso.

\* \* \*

Entre os banhistas, diante da beleza geral do mar, Crátilo esqueceu-se, por algum tempo, da Ventura. Sabia, entretanto, que, dentro de poucos dias, precisaria regressar à Barbúria. Então, considerou o quanto se esperava por ele, do outro lado do oceano, para dar conta do rendimento do serviço do Murano e forçar a Malufa a produzir, diariamente, muitos textos sobre o comércio e a economia da Barbúria. Ele próprio teria de traduzir tudo aquilo, já que os funcionários da Empresa ignoravam o idioma do Brasil. Para não pensar nesse futuro próximo, ligava-se à harmonia do ambiente. E via a flutuação horizontal da água diamantina.

Era inevitável pensar no trabalho como um infortúnio. Comparava Giocondo com o Demente Loucão. Ambos tinham a mesma avidez, igual ansiedade fanática pelo rendimento do serviço e semelhante cabeça caótica, na hora de resolver os assuntos. A diferença consistia apenas na sutileza: Giocondo é maliciosamente discreto. Brandão era um espalhafato, uma caricatura surrealista do outro.

Recordou-se de que, no dia seguinte, iria a Niterói, para celebrar o aniversário do primo Egberto. Então rememorou aquele tempo, de 1983 em diante, em que, todas as vezes que chegava ao Rio, aquele homem de estatura baixa, careca e corcunda, agora um velhinho de 88 anos, ia esperá-lo no aeroporto. E o hospedava no apartamento da Praia de Icaraí. Em sua casa, o primo de Niterói recepcionava o hóspede muito bem. Levou-o, diversas vezes, a passeios pelas praias do litoral niteroiense. Em troca desses favores, Crátilo tinha que lhe trazer sempre, do *free shop* do aeroporto, uma garrafa de uísque, que o primo deglutia em poucos dias.

Conforme o combinado, Crátilo foi com a prima Juana visitar o Egberto. Foram de táxi, pela Ponte Rio-Niterói. A Juana, pintadíssima, e, como sempre, com seu vestido colorido. Tingira o cabelo. Estava louríssima e envolta em grandes colares dourados. Com sua voz rouca, não parava de falar.

– A Rio Branco *tá* irreconhecível.

Crátilo não prestava a atenção aos assuntos dela. Em plena Ponte Rio-Niterói, observava os barcos e a extensão do mar. Perguntou se Juana sabia de novidades sobre o primo Alonso, que agora estava em Teresina.

– Ele não tá nada bem. Levou duas quedas no banheiro.

O litoral, cingido de elevações, aos poucos se aproximava da visão. Entre a Ponte e a Praia de Icaraí, a tonalidade do mar se assemelhava à do céu. Azul, quase transparente.

Juana mostrou fotos dos netos dela no aparelho celular. A taxista, uma moça branquinha, de óculos escuros, de vez em quando, também dedilhava o celular. O Rio de Janeiro ia ficando para trás. O trânsito fluía na Ponte. Manchas de óleo faziam desenhos abstratos na lisura do mar. Os barcos de carga pareciam plantados na superfície aberta.

Egberto e as duas filhas, Silene e Lorena, estavam num restaurante barulhento, na Praia de São Francisco.

Ao ver Crátilo, o primo perguntou pelo Alonso e pela Raimunda, a fiel servidora do irmão mais velho. Egberto falava tão baixo e com tanta dificuldade, que o barulho tornava quase inaudível o que dizia.

– O problema do Alonso é a idade. Está com 94. O da Raimunda é complicado.

– O caso dela é grave?

– Sim.

– É tuberculose?

– Não, é câncer.

– E o *Gurgel*? Cadê ele? – *Gurgel* era um modo como às vezes Egberto se referia ao Alonso.

– *Tá* no Piauí. Levou uma queda na rua. Andou se machucando, mas melhorou.

Crátilo mencionou que Egberto, quando jovem, costumava exclamar:

– Ô, vidão! Se a gente não morresse, seria muito bom!

Egberto riu, feliz de saber que Crátilo preservara a memória daqueles tempos e aquela frase, dita nos prazeres da juventude.

Lorena, a mais velha das filhas dele, solicitou:

– Venha mais vezes aqui, Crátilo. Ele sente a sua falta.

O ancião recordou outros parentes, perguntando sempre se ainda estavam vivos. Foi quando Crátilo percebeu que a memória do velho primo começava a mostrar certos lapsos.

Depois do almoço, Silene foi deixar Crátilo e Juana no Rio.

No caminho da volta, de Niterói a Copacabana, Juana contava que fora roubada em Paris.

– Pegaram meu cartão de crédito, dentro de um ônibus. Fiquei muito nervosa. Gritei com o ladrão. Ele virou os bolsos. Eu gritei de novo, em português mesmo, apontando com insistência:

– *Tá* na cueca! *Tá* na cueca! – Ele acabou tirando a carteira da cueca e me devolvendo. O motorista ajudou. Mas, afinal, ao abrir a carteira, verifiquei que não se achava lá o cartão de

crédito. Aliás, tinha, no ônibus, uns brasileiros *sacanas*, que me chamaram de *perua*... E ainda me disseram pra ter cuidado com o meu colar, que parecia de ouro.

Silene contou que, no Rio, um cara arrancou-lhe à força, a pulseira de ouro e a bolsa.

– Você teve sorte. Porque ele não agrediu você, nem puxou faca ou revólver. – Observou Crátilo.

– Na bolsa, tinha só trinta reais. Saí com as pernas parecendo chumbo.

Juana gabou-se de resolver tudo no seu trabalho, na Eletrobrás.

– Quando minha chefe alega que fulano não trouxe o documento que ela pediu, eu vou lá. Chego, beijo, abraço e falo alto pra resolver.

\* \* \*

Ao chegar ao seu apartamento, Crátilo telefonou a Celso e o convidou para irem ao teatro.

– Estou esperando a Anastácia. Tô matando cachorro a grito, chamando urubu de meu louro... A Anastácia toma remédio para dormir e fica bipolar, neurótica. As mulheres não gostam, quando a gente começa a tratá-las muito bem. Parece que se sentem assediadas e começam a posar de gostosas e difíceis. Pode ser que ela ligue. Vou esperar.

– Tá legal, então, eu vou só. Afinal, andar só é um modo de dialogar consigo mesmo.

Crátilo vestiu uma camiseta e saiu em busca de um táxi. Passaria na livraria do Shopping Leblon e, em seguida, iria ao teatro da Rua Conde Bernadotte.

No Rio, a Zona Sul é a referência de Crátilo. A paisagem marítima, o horizonte aberto e as delicadas luzes do céu.

Do táxi, pela Vieira Souto, contemplou o foco incandescente do Sol, ao lado do morro do Vidigal. Havia

muita gente na calçada. Os carros formavam uma fila extensa frente ao semáforo.

Chegou ao *shopping* e, ao ver as lojas coloridas, refletiu: *O consumismo é uma invenção do capitalismo para aliviar a angústia dos solitários.*

Comprou um disco de música italiana e um livro de poemas, de Sylvia Plath, traduzido para o francês.

– Não há consumo que sacie a minha sede de viver intensamente e escrever, em poesia ou em prosa, as experiências vividas. – Meditou a respeito de sua condição existencial.

Saiu correndo em direção ao Teatro do Leblon. Assistiu à peça *Perdas e Ganhos*, uma adaptação de textos do livro *O Silêncio dos Amantes*, de Lya Luft, interpretada por Nicette Bruno. Apreciou a poesia, plena de reflexões existenciais da escritora.

\* \* \*

O almoço do dia seguinte foi na popular churrascaria Braseiro, com balcões e tamboretas, na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana. Os ventiladores não reduziam o mormaço. Uma moça reclamou:

– Que calor infernal!

– Calor da *porra!* – Ecoou um mulato, sem camisa.

– Oi, gente, chegou o verão. – Anunciava uma apresentadora de programa de TV.

Havia televisores em todos os botecos e restaurantes. Às vésperas do carnaval, mulatas apareciam nas telas, de biquíni e com adereços no corpo e na cabeça. Requebravam, balançando peitos e coxas. Crátilo, entretanto, regressaria à Barbúria antes que o reinado de Momo começasse.

Após o almoço, retornou ao apartamento e se deitou diante do ventilador. Naquele quentíssimo janeiro, Crátilo tomava de três a cinco banhos diários. Por volta das quatro da tarde, carregou livros, de sua autoria, devidamente

envelopados, para despachá-los pelos correios a diversos escritores de outros Estados brasileiros.

Usufruí da grande satisfação de ir à praia, ao teatro e ao cinema, além de encontrar os amigos poetas que recitam nas noites cariocas. Na Barbúria, não havia aquela boêmia lírica de poetas que se encontram nas noites para recitar e conversar. Poetas talentosos como o Damásio Ribeiro e o Celso Monteiro, pessoas de sensibilidade e de alto nível cultural.

Damásio, introspectivo e magro, é um místico cético. Andarilho irrequieto, escreve poemas, caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro. Tem ideias anarquistas e sonha com um mundo livre de preconceitos e de injustiças sociais. Foi professor de um colégio, em Santa Teresa, e funcionário do Ministério da Justiça. Está aposentado e mora na Rua Siqueira Campos.

Celso, o espírita, psicografa mensagens de Fernando Pessoa, Victor Hugo, Byron e outros. Leu toda a obra de Chico Xavier e escreveu uma biografia de Bocage. Foi professor de Português. Agora vive de poesia, isto é, tem a própria oficina literária. Fica sentado diante do computador boa parte do dia, em seu apartamento, na Rua São Clemente, preparando as aulas.

Refletia Crátilo sobre o seu ideal de viver de literatura, como faziam seus dois grandes amigos. Celso não tinha sequer uma aposentadoria. Damásio estava aposentado e ganhava um pequeno benefício. O amanuense imaginava o futuro, quando estivesse aposentado. Iria a Teresina uma vez por ano, como sempre fez o primo Alonso. Já não contaria com as veneráveis presenças do seu pai e de sua mãe, lá na província. Porém, um pedaço importante da minha história reside ali. Quisera rever alguns amigos que ainda o esperavam e que lhe dariam uma recepção fraternal.

\* \* \*

Em plena praia, contemplando o mar fervilhante, Crátilo divisou o lendário Pão de Açúcar, de inolvidável vislumbre. Planejava, antes de voltar à Barbúria, subir aquela grande pedra vertical para ver de novo o esplendor da cidade espreada pelo litoral e os veleiros pousados, como garças, na Baía da Guanabara.

Na direção oposta, no alto, acima dos edifícios, viu a grande estátua branca, plantada no topo da montanha. O Homem Divino, de braços abertos. Navios pousavam, na névoa do horizonte, de coloridas alegorias.

Crátilo lembrou-se de sua namorada Ivonete, que ficara na Barbúria, porque o Dr. Giocondo não permitiu que ela e Nemésia tirassem férias ao mesmo tempo. No Rio, não sentia muita falta da namorada. Na Barbúria, sentiria muitíssimo, se ficasse sem a sua companhia.

Para desligar-se do pensamento de que, em poucos dias, deixaria o Rio, pegou um táxi para Botafogo, onde mora o Celso. Ao passar em frente ao cemitério São João Batista, retornou-lhe à mente a ideia de que Celso, apesar de morar naquele bairro, não gostava de passar ali em frente, por achar que, nos sepulcros, permanece a vibração dos espíritos sofredores. Isso levou Crátilo a meditar a respeito do sentido misterioso da vida. Que existiria, na morte, além daqueles túmulos ornados de cruzes e anjos esculpidos?

Fechado o sinal, um negrinho apareceu ao lado do carro e ofereceu chocolates. O taxista comprou os doces do menino e devorou um, com avidez. O ar-condicionado estava tão forte que Crátilo fechou o casaco. O taxista corria como um desvairado, enquanto o GPS falava com voz de moça. As buzinas não cessavam seus ruídos estridentes.

Ao chegar ao apartamento de Celso, o amigo o recebeu, reclamando do barulho:

– No Rio tem de tudo. Outro dia, peguei um táxi do aeroporto a Botafogo: o motorista falava árabe ao telefone e

não sabia direito o português. Comunicávamo-nos metade em inglês e metade em português. No trajeto, ele passou por Olaria e deixou um pacote suspeito, num prédio desabitado. Tive a intuição de que aquele cara fosse um terrorista. Mas tem muita gente boa, nesta cidade também, graças a Deus. Na Zona Sul, a qualquer hora, pode-se almoçar ou jantar nos restaurantes que permanecem abertos até de madrugada. E, quando quero ver um filme, ponho uma camisa, um chinelo e vou a pé, ali, no cinema da esquina.

Celso mencionou, rindo muito, algumas peripécias do Damásio. Comentou que o poeta anarquista só escreve *patifarias eróticas*.

– Ele anda falando mal de mim, dizendo que eu só sinto inveja de quem morre. Mas eu não sou tão negativo assim. Agora ele se gaba de ser especialista na arte de detectar quando a mulher irá cruzar as pernas. Ele diz: *Elas sabem o estrago que fazem*. Depois da terceira cerveja, recita aquele famoso poema, que é o diálogo de um casal: – *Ele: Tô de pau duro. / Ela, sem pestanejar: – Vamos pro motel. / Ele: Não, vamos conversar um pouco. / Eu tenho uma fantasia com chocolate na felação. / Ela: vai ficar só no chocolate, porra?*

Os dois amigos saem para comprar papel de impressora na papelaria da esquina. Passa um menino correndo, com uma bolsa de mulher na mão.

– A esculhambação continua. Não dá vencimento. – Comenta Celso.

Interfere no assunto o garçom de cara redonda:

– É que nem rato. *Tu sai* de casa e fica até assustado. O Governo gasta um dinheirão com polícia e não dá jeito...

Depois de conversar durante cerca de uma hora, Crátilo se despediu de Celso e dos temas literários. Uma grande angústia acometeu o amanuense, ao lembrar-se de que teria de arrumar a mala e viajar doze horas de avião, de regresso ao seu exílio.

Ao sair do elevador e antes de entrar em casa, viu, à esquerda, a porta fechada do imóvel de Alonso, no mesmo prédio e no mesmo andar do apartamento de Crátilo. Evocou o velho parente, cujo desânimo o impede de regressar ao Rio. A mãe de Crátilo, Dona Zélia, costumava dizer:

– O Alonso, quando morrer, vai fazer muita falta.

Dona Zélia faleceu antes do ancião, acometida pelo mal de Alzheimer.

Alonso tem a doença de Parkinson e quase não anda mais. Crátilo reconhece que, graças à hospedagem de Alonso, desde 1980, desfrutou das praias e das benesses do Rio. Desde aquela época, pôde frequentar os teatros, os cinemas, os restaurantes; contemplar as vistas da Lagoa e da Baía da Guanabara. Passear pelo Cosme Velho, bairro de Machado de Assis e por Ipanema, bairro de Vinicius de Moraes e de Tom Jobim.

Quando Crátilo se formou em Direito, Alonso passou a tratá-lo com a maior distinção. Pedia à Raimunda (que substituíra Dona Ariana) que cuidasse bem do seu hóspede:

– *Menina velha*, traga a sobremesa para o Desembargador!

Crátilo era um bacharel inexperiente, mas Alonso se gabava de ter um primo magistrado.

– Raimunda, cadê o caviar e o faisão do Desembargador?

Bem-humorado, e com extrema consideração, declarava:

– Aqui você é quem manda. Disponha do seu primo.

Ao ver o apartamento de Alonso fechado, Crátilo percebeu que aquela ocasião marcava, certamente, a ausência definitiva do primo, da Cidade Maravilhosa, e se recordou da história da chegada do Patriarca de Copacabana ao Rio de Janeiro.

Alonso saiu do Piauí, com destino ao Rio, durante a Segunda Guerra Mundial. Viagou num navio que apagava as luzes à noite, para evitar ser bombardeado pelos submarinos dos países beligerantes.

O primo contava a história de um navio, em que viajara uma senhora de Parnaíba, que fora torpedeado. Todo o mundo aconselhou que ela não viajasse. No momento do desespero, um parente deu-lhe um salva-vidas, mas, mesmo assim, ela se afogou. Os meninos da vizinhança passavam em frente à casa dos órfãos e gritavam: *Tua mãe tá no bucho do tubarão*. A resposta deles era chorar.

Ao chegar ao Rio, Alonso hospedou-se numa pensão, no Catete. Uma das coisas que mais o incomodavam, então, era o chulé do conterrâneo que dormia na cama ao lado. Depois, mudou-se para a Rua Santa Luzia. Em seguida, foi para a Avenida Henrique Valadares, ambas no Centro do Rio, já por volta de 1950.

Com seu carisma e talento para cativar amigos, Alonso fez amizade com Dona Maroca, a italiana, dona da pensão da Henrique Valadares.

Quando arranjou emprego nos Correios e Telégrafos, sofreu a perseguição de chefes grosseiros.

Naquele tempo, a cidade se mostrava pacífica: tinha pouco trânsito e não havia nem assaltos nem tiroteios. Tudo era tão tranquilo que certa vez, em 1960, ao sair do trabalho, Alonso se achava no ponto do ônibus, e os policiais lhe ofereceram carona. Ele voltou para casa no carro da polícia.

A partir do momento em que juntou algum dinheiro, começou a viajar pelo mundo. Nessa época, ainda não comprara, *com as suas próprias economias* (como apreciava frisar), o apartamento de Copacabana, adquirido em 1978. Morava ainda no pequeno, de Botafogo, com vista para a Baía da Guanabara. Viveu ali durante mais de vinte anos, até mudar-se para Copacabana, que ele considerava *o melhor bairro da Zona Sul*. Não era mais chique do que Ipanema e Leblon, mas tinha todas as vantagens deles. Dizia não ter inveja de quem morava na Rua Visconde de Pirajá ou na Ataulfo de Paiva. Mas, se pudesse, compraria um apartamento

na Avenida Atlântica. Afinal, Copacabana tinha mais vida noturna.

Embora não se embriagasse, ao contrário de seus outros irmãos, nem fosse dançarino, Alonso gostava de frequentar as boates de Copa. Sentia-se diferente dos irmãos, sobretudo, porque gostava de viajar. Acreditava também que o simples fato de morar no Rio provava a superioridade de sua inteligência.

Nos almoços ou jantares, Crátilo o incitava a descrever os anos áureos. Alonso falava de sua saudade dos tempos em que as ruas de Copacabana se mostravam mais limpas, as lojas vendiam coisas mais sofisticadas e apresentavam vitrines mais bonitas. Lamentava a transformação da Confeitaria Colombo numa agência bancária. Sentia falta das luxuosas galerias comerciais de outrora.

Crátilo concordava com aquelas observações e também lastimava que não existissem mais as livrarias Entrelivros, frequentadas por escritores famosos e atores da TV Globo. Uma delas ficava na esquina da Rua Júlio de Castilhos com Nossa Senhora de Copacabana. Ali, o então jovem estudante encontrou, certa vez, o ator e compositor Mário Lago, que lhe autografou seu livro de memórias *Na Rolanção do Tempo*.

Quando Alonso se mudou para Copacabana, ficou cheio de entusiasmo: estava mais perto da orla marítima, com o calçadão a uma quadra de distância. Na juventude, às vezes o primo ia à praia. Contudo, depois que o amigo Iracildo, o médico falastrão que mora no Flamengo, resolveu arrancar-lhe uns sinais do braço, Alonso nunca mais foi à praia. Nessa época, quando ele era jovem, saía todas as noites e voltava tarde. Somente entre os cinquenta e os sessenta anos passou a tomar remédio para dormir.

Crátilo estava de férias no Rio, quando Alonso se mudou para o apartamento novo, em Copacabana, cujas paredes, recém-pintadas, ele mostrava ao amigo Xavier, que trabalhava

como decorador, para que indicasse os lugares dos móveis e dos quadros. A compra do imóvel coroava de êxito a sua perseverança. Ele fizera um grande sacrifício para juntar o dinheiro, trabalhando e tragando a insolência de chefes prepotentes.

A versão de Alonso difere da que conta o Dr. Célio Mendonça, de Ribeirão Preto, que lhe emprestou o dinheiro para a compra do imóvel de Copacabana. Segundo aquele amigo, também um dos médicos que Alonso consultava de vez em quando, o inteligente morador de Copacabana vivia fazendo resistência pacífica. Isto é, apresentava atestados para maximizar o tempo das férias, ficando até quatro meses seguidos sem ir à repartição.

– O Alonso é uma águia – garantia o Dr. Mendonça –, ele nunca trabalhou, e sempre teve dinheiro.

A longevidade do Alonso vinha da vida mansa que ele sempre levava. Mas parece que o ócio tampouco lhe fez muito bem, pois a falta do que fazer o tornava ansioso e lhe provocava insônia. Daí o motivo de ele tomar os ansiolíticos para dormir.

Sempre cultivou o hábito de flunar pelas calçadas de Copacabana, conversando com os garçons e os porteiros. Por volta de 1980, ele ainda lia o *Jornal do Brasil* na banca do italiano. De repente, o comerciante reclamou que ele mexia nos jornais, folheava-os e não os comprava. Alonso se chateou e não voltou mais lá. Ressentido, passou a qualificá-lo de *desgraçado do italiano da esquina*.

Houve também um tempo em que chegou a fazer assinatura de um jornal. Viu Egberto ler todos os dias as notícias e não quis ficar por baixo. Passou a ler o periódico, num parcimonioso exercício mental, deitado na rede armada sobre a cama, soletrando as palavras. Não tardou a abolir esse gasto, como medida econômica. Se já dispunha de um televisor e um rádio, para que ler jornal?

No engraçado episódio da compra do apartamento de Copacabana, Alonso pediu ao Dr. Célio Mendonça que fosse o avalista junto à financiadora, e o amigo médico lhe disse: *Mande esse gerente à merda*. Ato contínuo, preencheu e assinou um cheque no valor do empréstimo.

Entre os seus melhores amigos se encontrava o Dr. Alcântara, de sorriso bonachão, que falava sempre *meu caro*, depois de cada frase. Era especialista em pulmão e não acreditava em Deus. Certo dia, quando aconteceu um incêndio, numa favela, comentou:

– Taí, Alonso, o povo já tão sofrido. Onde é que está Deus?

Embora lamentasse a descrença daquele agradável companheiro, falava com ele, por telefone, todos os dias.

O vício de fumar acabou matando, precocemente, o Dr. Alcântara.

– Era gente boa. – Suspirava Alonso, quando se referia àquele velho amigo.

Havia, também, o Orlando, tão alegre, que gostava de cerveja e festas de jovens. Um sujeito cheio de vida. Um dia, Orlando foi encontrado morto na própria cama. Morava na Rua República do Peru.

A perda dos amigos Orlando e Alcântara, ocorridas quando Alonso já se achava idoso, o abateram sobremodo. Ele ficou deprimido por mais de um ano. Foi a diversos médicos, que lhe diagnosticaram Alzheimer e Parkinson.

Segundo a Raimunda, naquela fase, o primo quase despejou nos olhos o *leite de rosas* que usava como desodorante. Ela chegou a tempo de evitar o dano. A empregada disse que ele, às vezes, perguntava onde estava, se no Rio ou em Teresina. Em outras, queria voltar para Copacabana, pensando que ainda vivia em Botafogo.

Ao melhorar, saiu sozinho e tropeçou, na esquina da Santa Clara com a Domingos Ferreira, caindo e machucando a testa. Voltou para casa com o rosto todo banhado em sangue.

Raimunda o levou para o hospital, onde lhe deram doze pontos na frente, acima do nariz.

Apesar de tudo, mais tarde conseguiu superar a crise e constatou que não tinha aquelas doenças que os médicos lhe impingiam. Ainda assim, continuava com tremores nas mãos e tomando vários remédios, além do Bromazepam, que ingeria todas as noites, antes de dormir.

Antes de passar a tomar o soporífero, escutava rádio a noite toda, e só dormia pelas quatro da madrugada. Alonso estava sempre sonolento durante o dia e desperto à noite. Costumava dormir nu, principalmente, nos meses de verão. Um dia, Crátilo chegou da rua e o viu despido e imóvel, com os braços abertos, estendido na cama. Tomou um susto. Raimunda o tranquilizou:

– Ele agora *tá* com essa mania.

Num dos dias em que Alonso se encontrava falante e perguntador, contou-lhe o episódio da morte do Orlando. O cadáver foi descoberto depois de alguns dias, pelo mau cheiro que exalava:

– Tinha um filete de sangue, já ressecado, no lado esquerdo da boca. – Falou, dramaticamente. Depois, mudou de assunto e se lembrou do Piauí:

– Quando fui à casa da minha infância, só encontrei ruínas. Quase tive um troço.

Referia-se à fazenda, no interior do Estado do Piauí, que pertencera aos seus pais. Os sobrinhos de Alonso, herdeiros do imóvel, venderam-no ao primeiro impostor, que logo demoliu aquela linda mansão colonial. Também a destruição do bangalô, que fora de seus avós, no Centro de Teresina, era tema de suas confissões de tristeza.

– Nunca mais vou passar por aquela rua. Puseram um muro lá, tapando o terreno baldio, onde havia o bangalô.

Em 1984, Crátilo acompanhou Alonso ao dentista. Tomaram o ônibus, na Nossa Senhora de Copacabana, com

destino à Avenida Rio Branco. Alonso entrou num boteco e pediu um suco de maracujá, porque funcionava como calmante. Naquele dia, o odontólogo extraiu-lhe os dois dentes dianteiros da arcada superior. Voltaram de ônibus, ele cuspendo sangue num lenço. De noite, deitou-se na rede, e colocou debaixo uma lata de doce vazia, na qual passou a noite deitando saliva vermelha.

Esse episódio ocorreu quando Alonso já se havia mudado de Botafogo e já não morava com o Wilson, que fora apresentado a Crátilo como *o meu filho*. Aquele hóspede permanente do pequeno apartamento, de cuja janela se via a Baía da Guanabara, passou ali alguns anos. Depois se mudou para a Zona Norte, porque se casou. Mas aparecia, de vez em quando, sobretudo quando fazia a gentileza de ir ao aeroporto, esperar a chegada dos parentes de Alonso, que se hospedavam no apartamento da Rua Constante Ramos.

Outro episódio, mais ou menos da mesma época, foi quando Alonso mostrou-se arrojado, ao mandar parar um táxi, no qual seguia com Crátilo, em direção à Praça XV. O taxímetro saltava a cada segundo, e a conta já registrava um número exorbitante. Ele gritou para o motorista:

– Pare agora esse carro! Já percebi a sua trama! Esse taxímetro tá programado para ludibriar os passageiros. Eu não sou trouxa, não! Detesto desonestidade!

O motorista parou, no Aterro do Flamengo, resmungando. Alonso e Crátilo permaneceram, de noite, naquela área perigosa, cerca de quinze minutos, até tomar outro táxi, que os levou à estação dos barcos. Íam a Niterói, ver o Egberto, irmão de Alonso, que lá morava com suas duas filhas.

Esse outro primo de Crátilo veio a residir no Rio de Janeiro, alguns anos depois que Alonso, seu irmão mais velho, se estabelecera na cidade. Egberto, funcionário do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) tinha, como característica principal, queixar-se da vida. Apesar

disso, contraditoriamente, mostrava certo sentido de humor. Os dois irmãos eram grandes amigos, embora, em certas ocasiões, ficassem *de mal*, por algumas semanas, em virtude de fofocas da parentela. Alonso se considerava uma espécie de pai do Egberto. E, em tom de brincadeira, vez por outra, provocava o mano:

– Toma a bênção ao teu paizinho.

Em meio a prosas mais banais, Egberto chamava Alonso de *Gurgel*, e Alonso o chamava de *Doutor*.

Por volta de 1985, Egberto passou por uma fase de neurastenia, porque a filha Silene namorava um motoqueiro barbudo. Ameaçava jogar um cinzeiro de madeira maciça na cabeça da moça. Alonso o aconselhava a ter calma.

– *Doutor*, eu tô com medo que tu mates essa menina ou que tu mesmo te mates! – Advertia-o.

Egberto tinha adoração pelas filhas, e, como todo pai, queria arranjar um bom casamento para elas, principalmente para Silene, a mais bonita. Alonso se empenhou, sobremaneira, para que a moça se casasse com o irmão do marido bonito da Maria Belisa, a sobrinha mais querida dele. A Silene, no entanto, teimou e casou-se com o motoqueiro barbudo e feioso, de quem se divorciou, quando descobriu que o pilantra frequentava, nas madrugadas, o quarto da empregada. A outra filha, Lorena, também se casou com um cara doido, do qual se separou ainda no primeiro ano de consórcio.

Ao rememorar as viagens que fez à Europa, Alonso lamentava que Egberto não tivesse aproveitado melhor a vida.

– O Egberto é um sofredor. O *Doutor* viveu sempre em função daquelas meninas. Não tem o menor interesse em conhecer a Europa.

Alonso gabava-se de suas viagens. Sempre repetia que, da família, Crátilo e ele eram os mais viajados.

– O seu primo não é dos mais burros. Deu duas voltas ao mundo: Guilin, Nanquim, Cantão, Xangai, Pequim, Hong

Kong. – Citava os nomes das localidades que conheceu na China. Depois, lembrou que estivera no Japão, na Índia, na Tailândia e até na Singapura.

– Passei vinte dias em Buenos Aires. Seu pai morou na fronteira e não conheceu a Capital da Argentina. Ninguém da família deu duas voltas ao mundo como eu. – Arrematou Alonso com orgulho.

Crátilo elogiou-lhe o bom gosto:

– Meu pai sempre disse que você é o mais inteligente da família.

– Por quê?

– Porque nunca trabalhou e sempre teve dinheiro.

De tudo quanto Alonso viu, três cidades europeias o impressionaram mais:

– Paris é uma apoteose; Roma é uma glória; e Veneza, um deslumbramento. – Repetia o refrão, quando falava do prazer de viajar.

Na Cidade Luz, Alonso tinha um amigo português, o Zé da Corda, funcionário da Torre Eiffel, que o levava num elevador exclusivo, de graça e sem fila, ao alto daquele portento francês.

– Esse gosto de conhecer o mundo não é coisa de provinciano, e sim de cosmopolita. – Opinava Crátilo, a título de lisonja.

– Quando eu economizava algum dinheiro da pequena aposentadoria e do aluguel do apartamento de Botafogo, visitava Paris. Paris e Rio são minhas cidades prediletas. Se tivesse mais dinheiro, compraria um apartamento na capital da França. Mas o meu Rio de Janeiro é um esplendor, e eu vivo feliz aqui.

Na viagem que fizeram juntos a Paris, Alonso quis visitar a Torre Eiffel e a igreja de Santa Catarina de Labouré, na Rue de Bac, em que o corpo incorrupto da Santa jaz, num canto, ao lado do altar. Se sobrasse tempo, queria ver o espetáculo

do Lido e a Galeria Lafayette. Ele estava em Paris como no paraíso. Comprava cartões telefônicos para ligar, a cada dois dias, para alguma de suas irmãs.

– *Tu sabe* onde eu tô? Em Paris, passeando na Champs Élysées. E tu? Tá fazendo o que aí?

Crátilo lhe perguntava se ele queria esnobar as primas e se elas saberiam o que significava Champs Élysées. Ele respondia:

– Aquelas bobonas não têm curiosidade nenhuma. Ficam em Teresina, sem desfrutar o prazer de viajar pelo mundo.

\* \* \*

Crátilo se lembrou de que se achava na véspera de seu regresso à Barbúria. Teria de voltar àquele lugar inóspito e colocar-se às ordens do arbitrário e desleal Giocondo. Então, pensou numa imagem mitológica que representasse o seu chefe e encontrou Midas, o Rei de Atenas, que transformava em ouro tudo quanto tocava. Giocondo Malaquias transformava tudo em propriedade dele. O sujeito era efetivamente comparável a Creonte, Nero ou Calígula, tiranos maníacos que fizeram pacto com os deuses infernais. Teria ele sido, seguramente, um inquisidor, em sua encarnação anterior. Desempenharia, implacavelmente o trabalho de um *agent de police*.

Conforme planejara, foi ao Pão de Açúcar. Tomou um táxi até a Urca e subiu pelo bondinho, exercitando o olhar na contemplação dos rochedos verdejantes, cingidos pela amplidão do mar. Na primeira parada, do alto do Morro da Urca, viu o horizonte envolto em névoa, a baía esplêndida toda entregue à visão. Divisou as sinuosas curvas de areia, a vegetação e os edifícios nas encostas. No elevado cimo da colina, viu o Cristo sobre a cidade espreada. Gente do mundo inteiro se encostava nos ferros da mureta metálica para

fotografar o esplendor das praias de Botafogo e do Flamengo, do aeroporto Santos Dumont e da Ponte Rio-Niterói, com seu esqueleto simétrico, em suave arco, ligando as duas cidades. No ângulo direito, a Urca, toda arborizada, exibia pequenos prédios enfileirados. Na baía, os veleiros pontilhavam a água.

Na subida ao cimo da montanha, na paisagem ampla, os edifícios diminuía de tamanho. O Cristo Redentor parecia menos alto. Do outro lado, o semicírculo de Copacabana, cravejado de claras edificações. No oceano aberto, as ilhas, coroadas de verde.

Já na parte mais alta da montanha, Crátilo desceu alguns degraus, na escada da trilha, fugindo dos turistas. Sentou-se à sombra das árvores que deixavam vaziar o luzeiro do Sol e contemplou a imensa perspectiva, encantado pela magia visual. Diante daquela beleza, lembrou-se de que, provavelmente, àquela hora, Damásio e Celso estariam em casa, reclusos em seus apartamentos. Celso talvez ministrando sua oficina, na sala. Damásio, no quarto, trabalhando em seu computador. Mas ele, andarilho, escrevia ao ar livre, contemplando, no abismo, a Praia Vermelha, a água de tonalidade esverdeada. Percebia ainda, do outro lado, o mar azulando as serras e os quadriláteros de concreto, aos pés da serra. Um avião atravessou o céu. Passaram três garotas do Hemisfério Norte (ou seriam argentinas?). O vento soprou e levantou-lhes as saias, suscitando-lhe a sensação de encantamento. As cintilações da cidade invadiam os vales, as encostas dos montes e o litoral. Abutres de asas negras sobrevoavam as grandes pedras da Urca.

A temperatura elevada provocava sede. No banheiro, Crátilo borrifou água no rosto. O esforço de caminhar abriu-lhe o apetite. Ele comprou e comeu pães de queijo. Refrescou a garganta, bebendo líquidos em latas de estanho. Depois, caminhou pela escada de pedras em espiral, na encosta da montanha. A proximidade da natureza o consolava. Sentia-se

partícula do espaço líquido, aéreo, telúrico, vegetal-mineral. Imerso na totalidade, desfrutava do seu esporte predileto, que ele denominava de *montanhismo lírico*. Vivía aquele instante absoluto e pleno, sofrendo com a impossibilidade de perpetuá-lo.

Na descida do bondinho, os turistas alardeavam. O grande rochedo monumental, com seu opulento frontispício vertical, como um largo obelisco, ornamentava a cidade. As cigarras, chiando, celebravam a hora estival. O Sol aquecia a forja de janeiro, sob o Trópico de Capricórnio. Do macrocosmo ao microcosmo, uma jaqueira pendia da rama uma dessas infrutescências verdes, que a luz realçava.

\* \* \*

De volta à Constante Ramos, lembrou-se de Ivonete, que havia ficado na Barbúria e não estava desfrutando das visões magníficas do Rio de Janeiro. Injuriou, mentalmente, o Dr. Giocondo. O tirano não permitiu que Ivonete tirasse férias, alegando que não poderia ficar, ao mesmo tempo, sem os serviços dela e os da Nemésia, que também viajara de férias. Se a namorada estivesse ali, teria sido uma excelente companhia, embora não se interessasse por literatura e ficasse o tempo todo mencionando assuntos de trabalho. Ela, no entanto, o acompanharia nos passeios a pé, pela praia de Copacabana e nos cinemas.

Naquele derradeiro passeio, antes da viagem de regresso à Barbúria, ele passou em frente a uma banca de revistas e viu as manchetes do dia 20 de janeiro de 2015: *Moradores de Madureira reclamam que estão sem água desde novembro*. E, mais abaixo, na mesma página frontal: *Mais uma criança é vítima de bala perdida*. Pela calçada, passavam os banhistas, que voltavam da praia. Vinham meio trôpegos, por causa do prazeroso e entorpecedor verão.

Já no apartamento, melancólico, dirigiu-se ao quarto e começou a arrumar a mala. Voltaria ao exílio, mas aproveitaria, até o último momento, a satisfação de estar de férias no Rio de Janeiro.



## Terceira Parte

Deprimido por voltar à Barbúria e ao ambiente de trabalho estressante, Crátilo foi chamado pelo Diretor, que lhe perguntou como foram as férias, mas não lhe deu tempo para responder. Logo puxou um documento que, supostamente, o amanuense teria deixado de responder, antes de entrar de férias. Giocondo o censurou pela distração. Crátilo confessou que não havia entendido bem o assunto. Pensou que já não necessitaria responder àquela informação sobre a inadimplência de um cliente da Soterbúria. Era mais uma das confusões burocráticas da Empresa. Em seguida, o Dr. Giocondo falou da vinda do Gerente Geral em junho.

– Até lá, teremos muito trabalho.

Crátilo pensava já nas próximas férias, que havia programado para maio, mas o Diretor dizia não ter ainda a certeza das datas da chegada do Dr. Décio Pinto, e o amanuense só viajaria de férias depois da visita do poderoso homem da Ventura.

Crátilo perguntou se havia a possibilidade da vinda de mais um funcionário qualificado para ajudá-lo no seu trabalho exaustivo, uma vez que, até mesmo na República das Bananas, na Ilha dos Patrupachas e no Reino de Mektoub existiam sempre três funcionários qualificados, além do chefe. Aproveitou a ocasião para falar de sua intenção de partir da Barbúria para outro país.

O Diretor, astutamente, mudou de assunto. Cobrou a assinatura do Dionísio Petrúcio no documento em que declararia aceitar mudar o contrato de trabalho para receber menos. E se indignou, ao saber que Petrúcio ameaçara consultar seu advogado.

– Vou aposentá-lo! Diga a ele que, se ele não assinar, eu o aposentarei. Confirme se ele tem 62 anos. Se tiver, a lei me permite aposentá-lo. Não gostei dessa resposta dele. Ele quer me desafiar...

Petrúcio acabou assinando o documento em que admitiu o rebaixamento do salário. Uma vez consumada a reforma salarial, Murano agradeceu a Crátilo a intervenção a seu favor. Petrúcio, contudo, forçado a aceitar a redução do salário, passava cabisbaixo pelos corredores, com uma expressão de desânimo e decepção no rosto. Quando Crátilo mostrou o documento assinado pelo Petrúcio, o Diretor se gabou. Reiterou que tratava as coisas da Empresa como se fossem dele.

Durante a festa com que se comemorou a reforma salarial, Djanira tinha a cara desconsolada porque achou insuficiente o aumento que recebera. Petrúcio exibia o semblante mais triste do mundo. Já não estavam nem a Núbia nem a Belarmina, que se despediram antes da celebração. Giocondo sorria feliz. Falava de eficiência, produção e solidariedade social e desejava “muita alegria e muito amor” aos que partiam.

\* \* \*

Em almoço na Residência Funcional, a que compareceu o Dr. Burrelfo Sapriaca, representante da estatal Soterbúria, Malaquias falou da estratégia de vender mais carne e fosfato à Barbúria.

– Pode usar anabolizante à vontade.

Burrelfo, um baixote e branco azedo, de arisco olhar e óculos de lentes grossas, confessou que o único problema sera a falta de água nas cidades do interior. O caminhão-pipa poderia abastecer o frigorífico, mas a água chegaria contaminada. Elogiou, contudo, o seu país. Disse que os barbúrios venceram a guerra contra o colonialismo e foram martirizados no período terrorista. Mas o momento atual era de tolerância e liberdade.

Giocondo não quis saber da geopolítica barbúria e voltou ao tema dos negócios:

– A Índia só vende búfalo velho. Nós temos a melhor carne e o melhor açúcar do mundo. É preciso acessar a rede de varejo e aparecer no radar pra escoar os produtos. No projeto a ser desenvolvido no Brasil, a Soterbúria faz fosfato e volta com grãos. É um comércio multibilionário, que vamos comemorar com churrasco e caipirinha, mas com o cuidado de não servir muito, porque, da outra vez, um cara tropeçou na escada e rachou o crânio.

– A dificuldade é que, se o preço do petróleo cair, haverá restrição de importações, principalmente de alimentos – ponderou Burrelfo.

– É que a Barbúria tem petróleo demais. Muito petróleo é uma maldição. Mas os tempos são propícios. Nunca se viveu tão bem na história da humanidade. No Brasil, 20 milhões saíram da miséria e as crianças estão vacinadas e na escola. O que falta é infraestrutura e serviços – sentenciou Giocondo, quase sem mexer a boca e com um ar de sabichão.

Quando o convidado se retirou, Giocondo reclamou:

– Não gostei desse negócio do Burrelfo ficar tirando foto da casa...

No dia seguinte, Giocondo solicitou novas tarefa ao assessor. Não bastava desenvolver os negócios e informar a Gerência Geral. Era preciso escrever sobre assuntos que chamassem a atenção dos diretores para que eles considerassem o Escritório importante. Toda aquela retórica se destinava a alertar Crátilo para o fato de o Gerente Geral haver comunicado ao Ministro do Comércio da Barbúria, que visitaria à Barbúria dentro de poucos dias.

– Vamos pedir à Marion para fazer a versão, para o inglês, do artigo sobre o tratamento da água na Barbúria. Será um modo de verificar se ela merece ficar no lugar da Núbia. – Ordenou Giocondo Malaquias.

Marion, uma mocinha de vinte e poucos anos, branca, dos olhos repuxados, voz aguda e sorriso fácil, a mais jovem funcionária do Escritório, fez a tradução. No entanto, só a entregou no dia seguinte, porque tinha cartas comerciais para escrever. Não traduziu ao pé da letra, mas adaptando as frases ao idioma inglês. O Diretor viu a minuta e reclamou. Culpou Crátilo de não ter revisado direito e de lhe estar trazendo o texto com atraso, quando havia urgência.

– Você precisa revisar melhor isso! Ela fez tudo errado, e você não viu! – Franziu a testa, revirando os grandes olhos de lobo faminto.

– Achei que o inglês estava correto. Estou sobrecarregado, fazendo diversas coisas ao mesmo tempo. Voltei a sentir a afecção no olho e marquei consulta. – Justificou-se Crátilo.

– Todo mundo tem problemas de saúde – retrucou o Diretor.

– Mas o chefe tem que ser mais compreensivo.

Depois dessa alteração, Crátilo ficou muito nervoso, pensando num jeito de manifestar à Gerência Geral o seu desejo de ir embora da Barbúria, nem que fosse demitido.

Ivonete achou que o Diretor, depois daquela discussão, daria uma trégua a Crátilo:

– Ele é medroso, como todos os chefes da Ventura. Teme que falem mal dele.

– Ele tem o poder de infernizar minha vida, se eu me queixar dele à Gerência. Ele vai inventar mais trabalho e ficar me cobrando serviço a cada meia hora, sem trégua. Além disso, vai telefonar mais ainda nos fins de semana, exigindo minha presença no Escritório nos sábados e domingos. O jeito é ir aguentando.

O Diretor se gabou de suas proezas, quando trabalhava no Ministério de Obras Sociais.

– Demiti muitos funcionários que não sabiam escrever. Como iam ler o que se escreve? Tive tanta ansiedade, que eu me deitava no chão para aliviar a sensação de taquicardia. Por isso é que eu não posso tomar café...

Em seguida, pediu-lhe inúmeras tarefas: cópia da documentação de cada estagiário da empresa no Brasil; relatório do recente seminário sobre a reforma industrial na Barbúria; resumo dos assuntos tratados nas últimas dez visitas de autoridades internacionais à Barbúria; texto sobre os prognósticos do FMI sobre a economia do País e uma avaliação sobre o andamento do curso de lapidação de joias. Crátilo só conseguiu fazer a metade.

– Estou com as energias esgotadas – confessou o amanuense.

Era sexta-feira, final do expediente.

Giocondo se vangloriou:

– Vou ainda a uma reunião e a um coquetel.

No dia marcado para a consulta com o oculista, o chefe marcou a assinatura de um acordo com os vendedores de carne e leite para as três da tarde, justamente a hora em que o amanuense marcara o exame médico.

- É muito importante a sua presença na ocasião. Tente remarcar a sua consulta.
- É que o olho está começando a dar pane...
- Tente remarcar. É importante que você esteja presente.

\* \* \*

Quando Crátilo pôde ser examinado pelo gordo e maltrapilho médico barbúrio, ficou sabendo que precisaria fazer fotocoagulação na retina e submeter-se a uma cirurgia de catarata com urgência.

– Doutor, escreva o diagnóstico, por favor, para que eu mostre ao meu chefe.

O médico escreveu e deu-lhe o papel assinado e carimbado.

No dia seguinte, Crátilo mostrou a Giocondo o diagnóstico e solicitou uns dias para fazer o tratamento na Espanha, porque não confiava nos médicos barbúrios. O Diretor falou, convictamente:

– Pode ir se tratar o mais rápido possível, porque, no mês que vem, chega o Gerente Geral. E veja o assunto da licença médica com o Departamento de Pessoal.

No mesmo dia, Crátilo foi à agência de viagem e comprou passagens, com destino a Madri. Foi em seu carro, mas acompanhado do motorista Ramone, que lhe ensinou o caminho. Ramone, um sujeito baixo, entroncado, com um bigode grosso e olhar assustado por trás dos óculos de fortes graus, tinha sentido crítico:

– Não faça nenhum tratamento médico aqui, neste meu país de loucos. 90% da população barbúria é doente. Veja essa calçada quebrada e esburacada. Faz dois anos que começaram o serviço. Como é que não se fica doente, desse jeito?

Disse ainda o Ramone que sua mulher fizera tratamento de retina com médico barbúrio que lhe deixara o olho torto,

virado pro lado; em consequência, ela não enxergava bem. Contou também que não tinha casa própria. Vivia com a mulher, na casa dos pais dele. Crátilo ficou com pena. Aquele era um barbúrio sincero e bom caráter.

Crátilo buscou na internet uma clínica de Madri, cidade de que gosta, pela vida cultural e a beleza da arquitetura. Conseguiu falar com a telefonista da Clínica Visiones e marcou consulta com um tal de Dr. Judas González. Apesar do nome do médico, não duvidou de que estaria em boas mãos, já que os espanhóis são recomendadíssimos como oftalmologistas.

Avisou ao Giocondo sobre as datas da viagem e o Diretor ficou calado, como quem concorda. Depois de uns dias, voltou a falar no assunto.

– Mas, no dia onze, quem viaja sou eu. Tenho férias. Não posso deixar de tirar no prazo certo. – Determinou o Dr. Malaquias.

– O senhor deveria ter me avisado antes. Já comprei as passagens e marquei as consultas. Tenho que refazer tudo. Puxa, não se pode nem ficar doente!

– Não é isso. É questão de prazos.

O assunto estava resolvido. Crátilo teria que esperar a volta do seu chefe para ir à Espanha fazer o seu tratamento ocular.

Naquele mesmo dia, chegou a delegação da Genebrás, que vinha dar aulas de talhe e lapidação de joias. O Diretor da empresa, de nome Ariosto, um cara alto, forte e simpático, foi logo perguntando pelo Petrúcio.

– Lamento ter que falar de um problema. Na minha vinda anterior à Barbúria, há dois anos, ele ficou com umas joias dos nossos clientes pra vender e não devolveu.

– É gravíssimo - esbravejou Giocondo - Você tem provas?

– Tenho um contrato de consignação, assinado por ele, no qual declara que recebeu as joias para vender.

– E por que não as devolveu?  
– Disse que deixou na loja de um amigo, mas a polícia foi lá pediu um alvará que não havia e confiscou uma parte. A outra parte ele ficou de devolver, mas não o fez. Se as joias fossem da empresa, eu dispensaria, mas são de clientes.

- Qual o valor, Ariosto?
- Aproximadamente dois mil dólares.

Giocondo revirou e arregalou os agitados olhos de lobisomem, voltou-se para Crátilo e ordenou:

– Pegue os documentos com o Ariosto e faça um memorando pedindo ao Petrócio pra responder por escrito quem o autorizou a vender as joias de um cliente da Ventura. E pergunte onde estão as peças.

Na resposta ao memorando, Petrócio disse que não foi autorizado pela empresa. Que fez acordo diretamente com o Ariosto para vender as joias e prometeu devolver as que restaram.

– Vamos ver o que ele vai escrever. Não é correto um funcionário fazer negócios particulares com os clientes do escritório.

\* \* \*

Em fevereiro de 2015, Crátilo completou um ano no país dos barbudos. Sonhava com o dia de deixar a Barbúria e se aposentar. Era-lhe vital prescindir daquele estilo de vida, das mudanças a cada dois ou três anos e ficar livre da atitude desleal dos colegas.

Com sua proverbial fúria proativa, Giocondo passou muitos papéis para que Crátilo vertesse para o inglês e o francês. As cataratas de Crátilo evoluíram vertiginosamente, ao ponto de o amanuense enxergar tudo de modo indefinido, como se houvesse uma nuvem entre sua vista e as coisas mais distantes. Além das cataratas, havia o defeito na retina.

Com o avanço dos problemas da retina e da catarata e a iminência da visita oficial do Gerente Geral, Crátilo viajou a Madri e buscou, na Clínica Visiones, o Dr. Judas González, médico de estatura baixa, branco, de rosto anguloso e um tanto torto, sob o cabelo engomado.

– Meus olhos já não são eficientes como em minha juventude.

– Nem as pernas - brincou o oftalmologista.

Dr. Gonzalez nem sequer dilatou a pupila do seu paciente. Diagnosticou a necessidade do tratamento da catarata. Crátilo lembrou o Dr. Judas de que o médico da Barbúria havia detectado a necessidade da fotocoagulação na retina. Ao examinar outra vez o olho esquerdo de Crátilo, o oftalmologista comprovou a necessidade de tal tratamento e foi logo preparando tudo para fazer ali, na hora mesmo, a fotocoagulação.

Cheio de medo, Crátilo perguntou:

– O Sr. tem um calmante, Doutor?

– Não é preciso calmante pra isso. Agarre esses ferros com as mãos e ponha o queixo aqui, sem se mexer. É um pouco doloroso, mas é preciso suportar.

Crátilo colocou o queixo sobre o suporte de ferro. O médico colocou-lhe uma lente entre as pálpebras para abrir-lhe o olho e foi projetando raios luminosos na retina do seu cliente.

A cada dez incisões de laser, a metade doía-lhe profundamente no centro da cabeça. Era uma dor aguda e colorida como os raios que lhe penetravam o olho. O tratamento teria durado cerca de dez minutos. Crátilo não tinha certeza do tempo exato daquela experiência desagradável.

O Dr. Gonzalez não marcou nenhum retorno de seu paciente para comprovar o êxito do tratamento. Só lhe orientou a voltar quando quisesse fazer o tratamento das cataratas.

O olho de Crátilo ardia e aumentaram as filigranas dos desenhos abstratos que oscilavam em sua vista no dia seguinte.

Telefonou à clínica e perguntou ao médico sobre o ardor e as manchas que via. O ardor passaria com o tempo. *Esas moscas son de por vida*, declarou Judas González. Crátilo teria de se conformar com o fato de ver aqueles desenhos oscilatórios para o resto da sua vida.

\* \* \*

Crátilo nem teve tempo de passear nos lugares que mais o agradam: a Puerta del Sol, o Palácio Real e o Parque del Retiro. Voltou à Barbúria no primeiro avião. Era preciso voltar logo à Barbúria, onde o Diretor o esperava ansiosamente para a preparação da visita do Gerente Geral, entre outras tarefas prementes.

O amanuense tinha certeza de que a causa do seu problema visual era o estresse, por excesso de trabalho. Seu chefe vinha aumentando-lhe consideravelmente o número de tarefas. Sobre sua mesa passavam os temas administrativos, sociais, econômicos, comerciais e de pessoal. O funcionário não desfrutava um minuto de sossego. Lia os jornais barbúrios e retransmitia as principais notícias à Gerência Geral. Lia todas as informações que os escritórios da empresa enviavam. Traduzia e revisava os textos que os barbúrios escreviam em inglês. Era forçado a trabalhar o dia todo no computador, com o olho esquerdo ardendo. Fizera o tratamento da retina, mas faltava o da catarata. Quando falou em fazer a cirurgia da catarata, o Dr. Giocondo não se mostrou favorável.

– Por enquanto, não é possível. Porque o Gerente Geral virá dentro de 25 dias e depois é a minha vez de tirar férias.

Crátilo percebia que cada vez enxergava menos pelo olho esquerdo. A Gerência aumentava cada vez mais o volume de demandas e consultas sobre a realidade sócio-econômica da Barbúria. Perguntara a respeito dos regulamentos do uso de internet, da idade mínima para a responsabilidade penal, da

experiência do esporte no ensino de base no País. Pedira o envio dos registros fotográficos de aniversários de instalação da empresa, entre outras coisas. Tais informações não estavam facilmente disponíveis. Era preciso transmitir as perguntas ao Governo local, por meio da Soterbúria, que retransmitia à Ventura as respostas a tais consultas.

Na Barbúria, além do chefe, havia apenas Crátilo na condição de funcionário graduado. Nemésia e Ivonete não eram graduadas; eram subalternas e de menor qualificação profissional. A redação de tudo e os principais problemas caíam sobre a mesa do amanuense Crátilo.

Para complicar, a Ventura enfrentava um período de dificuldades financeiras. Não havia previsão para o envio dos recursos para o aluguel de Crátilo. Satur, o ávido proprietário da casa, cobrava insistentemente o pagamento. Na Barbúria, como nos lugares complicados onde a Ventura abria novos escritórios, os aluguéis dos funcionários eram pagos anualmente e a Empresa custeava até 100% do valor.

Os Diretores, em São Paulo, recusavam-se a fechar qualquer um dos escritórios em nações exóticas e remotas, apesar da crise e dos prejuízos que tais filiais causavam. Por outro lado, não faltava dinheiro para a reforma das residências dos Diretores.

\* \* \*

Ao chegar à casa, Crátilo sentiu um forte cheiro, que lhe parecia ser de gás ou veneno. Suspeitou que a velha empregada Lindoia havia infestado o quarto com alguma substância tóxica para matar mosquitos. Crátilo a orientava para que não deixasse a porta aberta, de forma que não entrassem mosquitos. Talvez ela tivesse entendido que deveria combater os insetos.

A empregada negou que tivesse colocado veneno no ambiente:

– Eu sei que o senhor não gosta dos cheiros de produtos químicos.

Crátilo ficou em dúvida. Seria veneno ou gás? O jardineiro Djair achou que era veneno ou cheiro de fossa. O banheiro, de fato, às vezes fedia, porque, como em todas as casas do País, havia o odor fétido de fossa e de esgoto. O amanuense percebeu que o próprio Djair também cheirava mal. Exalava um fedor sulfuroso, de quem fica muitos dias sem tomar banho. E a Lindoia não ficava atrás, em matéria de catinga. Por onde passava, deixava um rastro fedorento de roupa suja.

\* \* \*

O seu infernal chefe determinou que Crátilo viajaria de avião para representá-lo em Ruborina, no interior da Barbúria. A precariedade dos aviões barbúrios, o hábito de atrasarem de três a quatro horas e um medo descomunal de Crátilo das viagens de avião contribuía para que ele ficasse apreensivo.

No fim de semana, surgiu uma programação cultural. O Instituto de Língua Inglesa mandou para o Diretor da firma um convite para assistir a uma palestra a respeito de Shakespeare. Gicondo repassou o convite a Crátilo. O amanuense foi, de táxi, até o centro da cidade, local do Instituto. Ao chegar, mostrou a identidade ao pessoal da portaria, foi revistado pelo segurança e entrou. O evento estava começando. A Diretora do Instituto anunciava o conferencista. Mas todas as cadeiras, umas 25, estavam ocupadas. Crátilo sentou-se no chão. Chegaram mais cerca de dez pessoas e não trouxeram mais cadeiras. O amanuense não passou mais de dez minutos esperando. Retirou-se do ambiente pela mesma porta por onde entrou. Sua tolerância ao ritmo mental dos barbúrios ia chegando a zero.

Foi, dali mesmo, à óptica, onde havia encomendado uns óculos de sol com lentes para aliviar-lhe o ardor no olho

esquerdo. Já não estava na óptica o barbúrio que o atendera na semana anterior e que havia prometido entregar os óculos em uma semana. Estava ali uma mulher magra, grisalha e de olhos amortecidos, que lhe disse:

– Ainda não estão prontos os dois pares de óculos que o senhor encomendou.

– Mas eu encomendei somente um par de óculos, com lentes bifocais.

– O Sr. encomendou dois, sendo um para ver de longe e outro para ver de perto.

A mulher argumentou que um só par de óculos para as duas funções seria muito mais caro. Não seria aquele orçamento, mas o dobro. Crátilo contestou que a óptica já fizera o orçamento para uma única mercadoria, isto é, um objeto para por no rosto, diante dos olhos, com uma lente de cada lado, para corrigir a sua visão de perto e de longe.

– Encomendei ao Sr. Merdat um par de óculos de sol com lentes para perto e longe, e não dois pares de óculos. Paguei a metade, isto é, sete mil barburis, como sinal. Quero que me devolvam o dinheiro. Vou cancelar a encomenda.

A mulher insistiu em que a encomenda era de dois óculos e não de um só, bifocal. E esclareceu que, naquele momento, não poderia decidir nada. Só quando o seu patrão voltasse.

Crátilo se aborreceu:

– Sua ótica trabalha muito mal. Eu deveria ter escolhido outra. Tudo quanto se quer fazer na Barbúria é difícil. Não se pode fazer nada aqui sem imensos obstáculos. Dê-me a receita de volta e devolva o dinheiro.

– Só quando o patrão chegar. A partir de 17 horas.

Crátilo saiu *fumaçando* de raiva e voltou pra casa naquele sábado, ao meio-dia, sem ter conseguido fazer o que pretendia.

– Todos os dias são difíceis na Barbúria. Mesmo nos feriados a gente se chateia – resmungou Crátilo para si mesmo.

\* \* \*

Crátilo não sabia quando poderia pagar o aluguel anual ao proprietário da casa. A Ventura não tinha previsão de mandar o dinheiro da ajuda de custo.

– A Empresa se desmoraliza se não honrar os compromissos – queixou-se a seu chefe, na segunda-feira.

– Não tem é dinheiro – disse Giocondo.

– É falta de planejamento – rebateu Crátilo.

– Para o amanuense, tudo não passava de uma tremenda velhacaria. E ele se sentia numa conjunção astral desfavorável, cercado de embusteiros. Não só o Dr. Giocondo e alguns colegas da Empresa, mas também o sujeito da óptica, que insistiu em que haviam sido encomendados dois óculos e não somente um. Crátilo teve que concordar. Afinal, deixou o homem da óptica fazer o que queria fazer: dois pares de óculos. Ao experimentá-los, Crátilo constatou que não via bem nem de perto nem de longe, com nenhum dos dois. Não adiantava insistir. Pagou a conta e meteu os óculos no bolso, sabendo que para nada serviriam.

\* \* \*

Na terça-feira, quando o Dr. Giocondo deu-lhe a notícia de que seu assessor não mais viajaria a Ruborina, Crátilo comentou:

– Que alívio! Seria um sacrifício!

– Que sacrifício nada. Você seria paparicado lá. Ficaria no Hotel Araztí...

Giocondo cobrou serviços do seu subordinado, indagando sobre a tarefa de *marketing* que lhe encomendara. E confessou que ele mesmo teria de viajar para Ruborina. Os diretores das estatais barbúrias exigiram que estivesse presente o próprio Diretor da Ventura e não um subordinado seu.

– O feitiço caiu sobre o feiticeiro – pensou Crátilo.

Antes de viajar, Giocondo deixou uma lista de tarefas para o amanuense.

Era a véspera da chegada do Gerente Geral, Sílvio Danúzio. Giocondo estava apreensivo e desgostoso de ter que viajar a Ruborina, já que temia algum problema de última hora na viagem do Dr. Danúzio, e não confiava na capacidade do seu principal assessor.

\* \* \*

Por fim, a Matriz, em São Paulo, mandou a ajuda de custo para Crátilo quitar o aluguel. Que coincidência! O dinheiro chegou na véspera da visita do Gerente Geral! Ao receber a verba, o amanuense transferiu o dinheiro por correio eletrônico à conta do proprietário da casa, mas a remessa voltou para a conta da Empresa. Por problemas no sistema eletrônico dos bancos, era preciso repetir a operação.

Marion, a da contabilidade, perguntou a Crátilo quem pagaria a taxa bancária, incidente sobre o regresso do montante, já descontada da conta da Empresa.

Foram à sala do Diretor para dissipar a dúvida:

– Você tem que pagar. A Empresa não tem nada a ver. O imóvel foi alugado por você - sentenciou Giocondo.

Nemésia, com quem Crátilo e Ivonete fizeram as pazes, estava por perto e interferiu:

– Existe a possibilidade de a Empresa pagar.

– Mas são 180 dólares! Esse dinheiro é suficiente para um jantar com clientes – reclamou o Diretor, acrescentando, com o rosto contrafeito: – A Empresa assumirá a taxa da primeira remessa, mas se voltar de novo, quem paga é você, Crátilo.

– Tá bem, eu posso pagar.

– Então o Crátilo vai pagar tudo.

– Opa, tudo, não! O senhor falou só no caso de uma segunda remessa, se o dinheiro voltasse de novo e fosse preciso reenviar. Não dê marcha à ré! Quando Nemésia de retirou da sala, Giocondo convocou Crátilo para receber com ele, no aeroporto, o poderoso Dr. Silvio Danúzio.

O Gerente Geral era um tipo esgalgo e longilíneo, de quase dois metros de altura, grisalho, as costas empenadas para a frente. Magro, esquelético como um cabo de vassoura. Ao desembarcar, entrou na sala VIP com o andar altaneiro e empedernido, o pescoço erguido e o olhar arrogante. Cumprimentou Giocondo com pouca amabilidade e dirigiu-se a Crátilo de maneira fria, sem um sorriso sequer. Foi mais simpático quando cumprimentou Petrócio, porque esboçou um sorriso para o guineense.

O Diretor foi num dos carros, com Giocondo. Crátilo foi no outro carro, com Petrócio, que levava as malas do Gerente. Já na Residência do Diretor, o Chefão foi logo olhando o jardim e as árvores. Chegou perto da piscina e perguntou:

– Que aconteceu?

Giocondo, desajeitado:

– Tá vazia

– Ela não pode ficar vazia.

– Vou encher, no verão.

Giocondo começou a se justificar:

– Aquela parede tá desbotada, mas vou mandar pintar.

Aqueles tijolos no chão foram os carros dos visitantes que quebraram...

Clotilde, exótica e com sotaque de gringa, foi narrando o histórico da casa. O antigo dono da casa era bígamo. Do lado direito, morava a mulher oriental; do esquerdo, a ocidental.

Danúzio sabia de tudo aquilo, pois já havia morado ali.

– Eu sei - disse ele, meio enfadado. – E os carros? Ainda são os mesmos?

Durante o jantar, os comensais se sentaram à grande mesa, na sala de ladrilhos coloridos, lustres e espelhos enormes. O mordomo Ayababa, calvo e bicudo, tardava a trazer a comida. Crátilo já ia começando a comer um pedaço de pão, que estava ao lado do prato, quando Clotilde o advertiu.

– Espere, já servirão a carne.

Por fim, o mordomo veio e entregou pratos individuais, com uma nesga de frango para cada comensal.

Danúzio perguntou:

– É carneiro?

– Amanhã vamos servir carneiro – desculpou-se Giocondo, submisso e adulator.

– Vocês viajam pelo interior do País?

– Pouco. Por causa da segurança. É preciso escolta policial.

Giocondo, sempre rindo, com a bocona escancarada e os dentes à mostra, dirigiu-se a Crátilo:

– Amanhã você será o *note taker*. Seis e meia da manhã, aqui.

De manhã cedo, Danúzio foi, com os seus subordinados, ao escritório, no prédio que fica ao lado da Residência do Diretor. Cumprimentou formalmente os funcionários, inclusive os que já estiveram diretamente sob suas ordens. Entrou na sala do Giocondo, observando cada objeto, como a recordar que ali já havia trabalhado. Sentou-se na cadeira giratória do Diretor e começou a rodar, de um lado para o outro, como uma criança e murmurou:

– Meu Deus, esse Escritório é uma maravilha...

Para vingar-se de tal atitude, Giocondo, ao sair para visitar a Sotrebúria, deu dois beijos no rosto da Djanira, como se quisesse esnobar o bobão do Gerente.

Após a visita do Gerente, Crátilo teve que fazer cinco relatórios, um para cada empresa visitada. Era preciso escrever até esgotar os detalhes. O perfeccionista Giocondo queria

mostrar serviço para ser nomeado, no futuro, para a direção de algum escritório em país de primeiro mundo.

Além dos relatórios da visita do Gerente, Giocondo ordenou a Crátilo que insistisse na solicitação de recursos à estatal Soterbúria com o objetivo de trazer a cantora Maria América, a artista brasileira para cantar num auditório local às expensas da Soterbúria e do governo do país.

\* \* \*

Crátilo começou a receber, de noite, ligações anônimas, nas quais uma voz, quase inaudível, murmurava coisas ininteligíveis. No quinto telefonema, resolveu apelar:

– Vá para a puta que o pariu, seu filho de uma puta! - Gritou e bateu o telefone no gancho.

No dia seguinte, por volta de 23 horas, a mesma hora do dia anterior, o telefone tocou. Era a mesma voz. Dessa vez, os murmúrios eram ainda mais indecifráveis. Então, Crátilo voltou a xingar o autor do trote:

– Vá tomar no cu, seu canalha! Eu sei quem você é e já estou mandando a polícia te prender – esbravejou e bateu o telefone.

O sujeito ligou de novo, umas três vezes e ouviu de Crátilo a mesma coisa. Na quinta ligação, Crátilo resolveu não atender mais.

Quem poderia ser? Seria o Satur, proprietário da casa, que por duas vezes tentou enganá-lo na negociação do contrato do aluguel, cobrando mais, além da mensalidade, a pretexto de que pagaria a taxa de câmbio? Ou seria o sujeito da óptica, que ficou ressentido com o mal-entendido em relação aos óculos?

\* \* \*

Num fim de semana, Crátilo telefonou para Teresina, a fim de conversar com o Alonso.

Raimunda atendeu. Reclamou que as sobrinhas do padrinho dela estavam fazendo intriga para ficar com a herança do velho.

– A Aila e a Ana Bolena querem que ele me demita e faça logo o testamento pra elas serem as herdeiras.

Alonso falou do outro lado da extensão:

– Eu tomo vinte comprimidos por dia. Apareceu a tal depressão de novo. A coluna... Não ando mais sozinho. Tem que ser acompanhado. Cambaleando...

Fez a pergunta ordinária:

– Você já defendeu a tese? A carreira é muito bacana. É um passo pra Academia Brasileira de Letras.

– Vou me aposentar mesmo...

Alonso mudou de assunto:

– Você nem quer saber do Piauí, né? Aqui é só fofoca de família.

– Volte pro Rio. Passe uns dias lá – incentivou-o Crátilo. Viaje com a Raimunda.

Foi a vez de Raimunda falar na extensão:

– Ele quebrou o braço em duas partes; operou-se. Foi um parto *glamourioso* – disse ela, dando a risada rouca e tossindo o pigarro seco de fumante inveterada - Ele caiu duas vezes – acrescentou – Uma, no banheiro; outra, com as ventas no chão. Quando caiu no banheiro, arranhou-se. Tá fazendo fisioterapia em casa. No dia do aniversário dele, o padrinho amanheceu cantando. Foram 60 pessoas à churrascaria, de surpresa. 93 anos não é mole não!

Alonso passara quatro dias no hospital. Teve de tomar anestesia geral. Ficou tão traumatizado que já não dormia de rede.

– Pra me levantar, foi um sacrifício. Fui direto pra emergência.

– Que braço foi?  
– É o direito. Perdi a força na mão direita, depois que caí e quebrei o pulso. A minha mão treme a toda hora.

E seguia, sempre em tom de lamentação:

– O problema da Raimunda foi muito chato. Sei lá. É um vício miserável. Ela está fazendo quimioterapia. Tá com o rosto inchado, pálida, os cabelos caíram. Meu temperamento... Sou muito emotivo...

Alonso contou que visitara a cidade de Santa Luzia do Caruru, onde moravam seus padrinhos. Lá, perguntou a um velho pelas pessoas mais antigas e ele respondeu: “você quer notícias dessa gente? Vá fazer visita ao cemitério, que estão todos lá”. Pediu a Crátilo que fosse visitá-lo e se hospedasse em seu apartamento, no bairro do Jóquei Clube, próximo ao rio Poty. Perguntou se o primo viria ao Brasil para a festa do Papa.

– Não demore muito não, senão você não me encontra.

Raimunda entrou na linha outra vez e interrompeu a conversa:

– Queriam tomar conta do dinheiro dele. Ele não tá inválido não! Fizeram até reunião pra decidir o que ele deveria fazer. Ele não concordou com nada. Elas só ficam de olho nas coisas dele. Querem ficar com o apartamento. Como ele não dividiu nada, elas não apareceram mais. E, quando souberam que eu tava doente, sumiram de vez. Antes, eu não conseguia nem abrir os olhos, por causa do tratamento. Tive que escolher entre a saúde e o cigarro... Aqui, as primas estão todas doidas. A Maria Belisa tem uma casa de dois milhões de reais onde moram os gatos e os cachorros que ela cria.

Alonso interveio, perguntando a Crátilo se ele já estava escrevendo a tese.

– Não vale a pena ser diretor da Ventura. Os Diretores são uns energúmenos. Minha tese se chama *O Patriarca de Copacabana*.

- O Patriarca tá chegando ao fim...
- Volte pro Rio – insistiu Crátilo.

Alonso reclamava da dificuldade de levantar-se da cama. Tinha medo de não poder mais andar. Depois, queixou-se da Raimunda:

- Ela fala tão alto! Parece que mora na favela.
- Ele não quer que a vizinha escute o que eu digo. Eu mando à pqp – intervinha ela, do outro lado da extensão – Tô há 28 anos com o Palonso e continuo com uma mão na frente, outra atrás.

- E o Plano de Saúde? E a Unimed? E o INPS? - Pergunta Alonso.

Ela se lembra de repente do Getúlio, a quem Alonso fora muito ligado, pois ambos até viajaram juntos à Europa:

- Na Copa de 2014, o Getúlio *tava* torcendo contra o Brasil. Acho que ele queria dar o rabo a algum gringo na Avenida Atlântica.

\* \* \*

O dia a dia no Escritório não lhe dava tempo para pensar muito na condição de Alonso.

O Diretor reclamou por Crátilo não lhe ter avisado que o empresário da Maria América escreveu, dizendo o motivo do cancelamento da viagem da cantora.

- Soube ontem, no final da tarde.
- Devia ter me avisado antes.
- Agora, de manhã, já estamos falando no assunto.
- É preciso ser mais diligente.
- Só não posso usar telepatia.

Crátilo telefonou ao Muquirama, da Associação de Artistas Barbúrios, informando que a cantora cancelara o seu *show* na Barbúria, porque não podia viajar na data sugerida. Pedia que se visse a possibilidade de outra data.

Os barbúrios ficaram ressentidos. Não perdoaram aquele adiamento. Desde então, todas as vezes que Crátilo contactou Muquirama, ele prometia responder depois, e nunca respondia. O *show* da cantora acabou não acontecendo. Giocondo também se desinteressou da ideia.

\* \* \*

O Escritório da Barbúria se mostrava o mais complicado daqueles em que Crátilo já trabalhara. Pior mesmo do que o da Ilha dos Patrúrias. Em Barbeville, era difícil até conseguir sair de casa, porque, quase todos os dias, algum barbúrio estacionava o carro em frente à sua garagem. Crátilo gritava, fazia um escândalo quando o cidadão demorava a aparecer. Tratava-se, quase sempre, de algum vizinho. Um dia, quando Crátilo buzinou, um barbúrio foi chamar a vizinha que estacionara o carro em frente à garagem de Crátilo. Ela veio e disse, clinicamente:

- É a primeira vez.
- Tenho o direito de entrar e sair em minha casa! – Exaltou-se Crátilo.

\* \* \*

No dia em que Giocondo foi entrevistado pela TV Barbúria, cinco marmanjos fedorentos entraram na sala do Diretor, arrastando sofás. Giocondo e o entrevistador foram maquiados, como dois manequins, por um barbúrio efeminado. Djanira empurrava a camisa do Giocondo para dentro das calças, com a mão na barriga dele. A pedido do Diretor, Crátilo deixara sua sala individual para assessorar o chefe na entrevista.

Durante mais de meia hora, os jornalistas barbúrios correram de um lado para outro, mudando a posição dos

móveis. Discutiam, sem encontrar a solução. Esbarraram nas mesas e cadeiras, até instalarem os fios das máquinas de filmar e suas lâmpadas. O locutor ensaiou diversas vezes, antes de começar. Os outros quatro trapalhões cochichavam entre si, durante a entrevista. O mais alto deles puxou a máquina de filmar e a colocou perto dos pés de Crátilo, empurrando a cadeira em que o amanuense se sentara. Malaquias fazia sua pose, comentando as atividades comerciais da Ventura na Barbúria.

Depois de filmarem na sala, foram ao jardim, expostos ao sol. A essa altura, Crátilo já não o acompanhou. Justificou-se, dizendo que não podia estar sob o sol quente, por causa de seus olhos afetados pela catarata.

Após o almoço, Giocondo mostrou-se preocupado com as respostas que dera às perguntas dos curiosos jornalistas barbúrios, a respeito da situação da Empresa e da economia brasileira. Estava com medo de ter dito alguma coisa indevida.

Crátilo o tranquilizou:

– Uma entrevista concedida à televisão barbúria não tem nenhuma repercussão.

\* \* \*

Véspera da viagem, em que Crátilo se submeteria à operação de catarata em Madri. Permaneceria duas semanas na capital espanhola. O chefe concordou, a contragosto, mas logo reclamou de que seu funcionário ia pegar o avião na metade do expediente, no período da tarde, e não no dia seguinte, quando efetivamente começaria a licença para o tratamento.

– Mas o senhor também faz isso! Será que a orientação aqui é *faça o que eu digo, mas não o que eu faço*? – Argumentou Crátilo, com atrevimento.

– Você tem recebido todos os direitos aqui. Não é correto que reclame. Além disso, eu sempre compenso minhas horas

de férias, trabalhando mais. A Gerência Geral exige que nos empenhemos. Tenho trabalhado até no fim de semana...

– Penso que é um exagero nós virmos ao Escritório nos sábados e nos domingos. Estamos nos matando de trabalhar aqui, e não há necessidade disso. Não vale a pena ficarmos contando as horas e os minutos, numa atitude sadomasoquista.

O Diretor calou-se. Ficou perplexo e não lhe deu mais nenhum trabalho naquele dia. Crátilo retirou-se. Era o final do expediente.

\* \* \*

Crátilo pedira duas semanas de licença médica para ser operado em Madri. Giocondo queria que seu assessor voltasse antes, alegando que o amanuense faria muita falta. Aborrecia o Diretor, também, o fato de Ivonete ir junto. O médico exigia que o paciente comparecesse à sala de cirurgia com acompanhante. Ivonete ofereceu-se para ir com ele. A duras penas, Giocondo liberou a funcionária.

– Mas por que ela tem que ficar com você todo esse tempo? E, você mesmo, eu acho que não precisa de tanto tempo. Duas semanas é muito.

– Necessito de apoio durante o tratamento. É uma exigência médica. Não sei como será a cirurgia. É o médico quem dirá o tempo da licença de que preciso.

Giocondo concordou, sem muita convicção.

No mesmo dia da chegada a Madri, foi à consulta com o Dr. Judas González, o qual, muito às pressas, fitou os olhos do seu paciente e disse:

– Aponte o dedo indicador para o meu nariz, fechando um olho. Depois, aponte de novo, com o mesmo dedo, mas fechando o outro olho.

Crátilo apontou e o médico continuou:

– Com qual olho você vê diretamente o meu nariz?

Crátilo ficou um pouco confuso e tornou a apontar, fechando um olho de cada vez. Em seguida, disse estar vendo diretamente o nariz do médico ao fechar o olho esquerdo.

Dr. Gonzalez, então, afirmou categoricamente:

– O seu olho direito é o que serve para ver de longe. –  
Complementou, despedindo Crátilo:

– Até amanhã, às três da tarde.

Isso significava que a cirurgia estava marcada para o dia seguinte. Crátilo conseguiu, com certa dificuldade, vencer a relutância do Dr. González, que não queria dar-lhe um atestado para 16 dias. O médico achou muito tempo, mas, no fim, concordou.

– Darei o atestado no dia seguinte, pois não posso declarar que você foi operado, antes que a cirurgia seja feita.

Também nervosa, Ivonete perguntou se o médico podia ler o eletrocardiograma que Crátilo fizera na Barbúria. O Dr. González olhou o eletrocardiograma, mas não respondeu à pergunta.

Na saída da Clínica Visiones, a preocupação de Ivonete era a de que Crátilo não tomasse um ansiolítico antes da operação.

– Você está me pressionando psicologicamente. Não aguento mais isso! – Gritou Crátilo.

Ela se calou.

Imensa a expectativa de Crátilo, à véspera da cirurgia. Passeou, melancolicamente, pelo Parque do Retiro, que ele tanto aprecia. Comprou livros na Feira do Livro, que ocorria no Parque. Descansou num banco, à sombra das grandes árvores, tingidas de exuberantes luzes verdes pelo sol da primavera. Ivonete saía a passeio, nas lojas do El Corte Inglés.

O Retiro era o seu refúgio de harmonia. Tudo no parque irradiava bem-estar. Até os pássaros e os cachorros pareciam desfrutar de alegres instantes nas passarelas ecológicas.

Mesmo sem enxergar bem, por causa da catarata, via e sentia as benesses daquele ambiente encantador. A solidão

parecia-lhe a melhor companhia naquele momento de contrição.

Como seria a anestesia? Teria de ficar sem ler durante a recuperação? Pensava à noite, no hotel.

Pingou todos os colírios necessários aos dois olhos, que seriam operados. Tinha as pupilas dilatadas e a esperança de curar-se. Foi com Ivonete, num táxi, até à clínica, onde teve de pagar adiantado a cirurgia. O valor excedia o que o cartão de crédito lhe dava direito a gastar. Certamente, porque já havia pago as despesas do hotel (as duas semanas adiantadas), cuja importância abrangeu quase todo o limite do cartão. A mocinha da clínica estava inflexível.

Crátilo e Ivonete saíram, procurando uma agência do banco para retirar mais dinheiro, mas não havia nenhuma nas imediações. Por fim, a clínica aceitou que ele pagasse na hora uma parte e, no dia seguinte, o restante. Crátilo juntou um pouco do dinheiro em espécie que tinha, com o resto que o cartão lhe permitia gastar e um pouco do que Ivonete dispunha na carteira. Pagou dois mil, prometendo voltar para quitar o resto no dia seguinte.

Durante a cirurgia, manteve-se tranquilo. Deram-lhe a anestesia. Sentiu apenas a impressão de que havia alguém mexendo no seu olho, sem perceber bem do que se tratava. Ao final, porém, despertou normalmente, apoiando-se num enfermeiro, jovem e branco, e no anestesista, idoso e moreno, que sorria muito, como se o paciente tivesse se comportado de maneira engraçada.

Tinha de dormir sem virar a cabeça de lado e com uns óculos escuros que lhe deram na clínica. Esses óculos lhe apertavam a base do nariz e a orelha esquerda, na parte de trás. Não via quase nada de perto, embora a visão de longe parecesse quase normal. Havia, na janela do hotel, uma luz que acendia e apagava a noite toda. Essa claridade o molestava, provocando-lhe insônia. Por mais que fechasse as cortinas,

a luz penetrava no quarto. Incomodado, ele reclamou na portaria. Disseram que as lâmpadas se apagariam no decorrer da noite. No entanto, só ao amanhecer é que deixavam de oscilar. Crátilo apelidou o hotel de *albergue de la lucecita bailarina*. Dormiu mal durante as dez noites em que tinha de manter a cabeça imóvel, direcionada para o teto e de óculos. Além desses incômodos, sua insônia aumentava, porque Ivonete desligava as lâmpadas e o computador depois de duas da madrugada.

Dia e noite, ele andava por toda parte de óculos escuros. Considerava que logo voltaria a apreciar as noites feias da Barbúria, com olhos novos. Desfrutava da vista magnífica do Palácio Real, em pleno Jardim do Oriente. O jardim se encontrava todo iluminado por belos candelabros. Que alívio sentia por encontrar-se num ambiente sem a poluição e sem o barulho dos carros que circulam nas estreitas e tortuosas ruas barbúrias! Embora sentisse os olhos inchados e ardendo, estava contente, apreciando as pessoas que caminhavam sorridentes, tirando fotos, passeando de bicicleta ou sentadas na grama, respirando a amena e acariciante brisa de junho. Que diferença das noites tristes da Barbúria, onde quase não se vê uma viva alma pelas ruas, depois das 20 horas!

Três dias após a cirurgia, Crátilo ainda não enxergava muito bem. De longe, distinguia os frisos das paredes e grades do portentoso Palácio Real e os cabelos das jovens de pele branca como a nata. De perto, não conseguia ler nada. No melhor do passeio, resolveu voltar ao hotel, para não forçar a vista.

Antes, passou por uma farmácia para comprar mais colírio. A farmacêutica o advertiu para que não fizesse nenhum esforço, nem mesmo mínimo, pois uma conhecida dela, que também fizera essa cirurgia, voltara a trabalhar antes do tempo, pegando pesos e arrastando móveis. Em consequência, ficara com o olho todo vermelho, porque a lente saíra do lugar.

– *Y el médico tuvo que pinchar su ojo.* – Concluiu a atendente da farmacia..

Ao chegar ao hotel, Crátilo detectou que havia um pequeno derrame no canto do seu olho esquerdo. Ficou assustadíssimo e deprimido, com medo de alguma complicação. Apavorado, correu para mostrar o rosto a Ivonete e perguntou o que ela achava do aspecto de seus olhos.

– O olho esquerdo está vermelho.

Ansioso, Crátilo dormiu mal. Ficou três dias *de molho*, recolhido ao hotel, sem fazer seus passeios. Naquela angústia toda, pensava na pressão que Giocondo fizera para que ele voltasse o mais rápido possível. Aquele ressentimento o perturbava. Disse a Ivonete que estava disposto a processar a Empresa ou o Giocondo, por assédio moral.

– Qualquer advogado, pegando a causa, a consideraria um prato cheio...

Por outro lado, preocupava-se pelo fato de não estar enxergando bem pelo olho esquerdo. O mesmo em cuja retina se fizera a fotocoagulação. Dr. González explicou que não zerara os graus dos olhos do seu paciente para que Crátilo, muito míope, pudesse ler de perto, sem óculos.

Crátilo sabia de pessoas que se haviam operado de catarata e sofriam de miopia, que puderam ver bem, de perto e de longe, inclusive ler, com o grau zerado nos dois olhos e sem óculos. Expressou ao Dr. Judas o seu descontentamento com o critério do oftalmologista, o qual se justificou:

– Sou catedrático e faço operações de catarata há quarenta anos.

Com os olhos inchados e ardendo, Crátilo tinha medo de fazer esforço ou baixar a cabeça. Com a vista borrada, sentia-se incapaz de ler qualquer coisa e de usar o computador.

No retorno à Clínica Visiones, fez algumas perguntas ao Dr. Judas González: Até quando usaria os óculos escuros? Quando poderia voltar a fazer exercícios? Já poderia dormir,

virando a cabeça de lado? Até quando usaria os colírios?

- Pode fazer tudo, menos exercícios físicos.
- Estou com dificuldade de ler as letras pequenas.
- Leia somente livros de letras grandes.

Crátilo não gostou nada dessa restrição. Como poderia desfazer-se de tantos *livros de bolso*, ainda não lidos, de sua biblioteca?

- Dr. González, eu não me sinto em condições de usar o computador. Ontem, fui tentar usá-lo e senti muito incômodo. Não estou conseguindo enxergar bem as palavras. O computador é uma máquina agressiva para os olhos.

- O computador é inofensivo e quem força a vista são as crianças. - Interrompeu o Dr. González, apressadamente.

- Será que eu não vou forçar a vista com um olho vendo menos do que o outro?

- Não. Você pode até começar a ler livros e usar computador.

Somente depois de muitos dias é que Crátilo teve condições de ler as recomendações escritas pelo médico, que decretara o extermínio da metade de sua biblioteca.

Somente no seu penúltimo dia em Madri, aquele estranho médico deu-lhe a receita dos óculos. Depois de 16 dias de intenso sofrimento, Crátilo perguntava a si mesmo como voltaria a trabalhar, se não era capaz de ler. Quando regressasse à Barbúria, teria que escrever manualmente, como se fazia nos tempos antigos, e pedir aos funcionários do Escritório que passassem a limpo os textos.

\* \* \*

Por fim, com a alma no chão, Crátilo regressou à Barbúria pelo voo da Ibéria. Para recebê-lo no aeroporto se encontrava o Joseph, o mais jovem dos quatro motoristas do Escritório, que foi logo anunciando:

– O Dr. Giocondo pediu que o senhor telefonasse para ele, urgente.

Crátilo não telefonou, mas foi diretamente ao Escritório.

Giocondo o esperava, com muitos papéis nas mãos para passar-lhe. Crátilo tinha ainda os olhos inchados, ardidados e avermelhados. Os óculos para a leitura de textos impressos e jornais não serviam para trabalhar no computador. O Dr. González lhe deixara os olhos sem ver bem, nem de perto nem de longe. E E Giocondo já lhe estava passando o serviço burocrático acumulado durante sua ausência.

– Ainda não consigo ler os textos. Preciso fazer os óculos apropriados. – Explicou a Giocondo, em cuja mesa sobravam recortes de jornais que seriam transformados em textos de trabalho.

Crátilo comprara, numa farmácia de Madri, um par de óculos de dois graus, para cada olho. Ao experimentá-los, notou que via bem os textos do computador com o olho direito, embora a visão do esquerdo ficasse borrada. A graduação que o Dr. González lhe passara era diferente. Para o olho direito, receitou 2,75 dioptrias (para ver de perto) e 0,50 (para ver de longe). E, no olho esquerdo, 1,25 (para perto) e -1,0 (para longe). Crátilo mandou fazer, numa óptica barbúria, os óculos para perto que o Dr. González lhe recomendou. Com eles, só de forma difusa é que conseguia ler papéis de letras pequenas. Não podia ler bem os textos do computador, nem mesmo aumentando a fonte para Arial 16. Tinha de aproximar muito a cara da tela para distinguir os caracteres.

Considerando os óculos que havia comprado na farmácia espanhola, fez os seguintes cálculos: subtraiu dois graus de 2,75, encontrando, como resultado, 0,75 para o olho direito. Em seguida, subtraiu 0,75 dos 1,25 do olho esquerdo e obteve 0,50. Desse modo, prescreveu para si mesmo essas dioptrias. Não deixou de consultar o gordo e barbudo Dr. Kamak, o mesmo que lhe havia diagnosticado o problema

da retina. O médico barbúrio condenou o diagnóstico do espanhol.

– Ele deixou um pouco de miopia... Deveria ter colocado lentes multifocais nos seus olhos. Quanto você pagou?

– Caro. Mais de três mil euros...

O médico barbúrio esboçou um sorriso, que parecia uma careta, para significar que em Barbeville a operação seria muito mais barata. E receitou-lhe óculos para ver de perto e de longe, com graduação diferente da recomendada pelo Dr. González.

O amanuense levou as receitas a uma óptica recomendada pelo motorista Karolene. Foi atendido por uma mulher morena, risonha e de cabelo curto. A moça achou que a receita do espanhol deveria ser a correta, porque o Dr. Kamak colocara a visão de perto igual para os dois olhos. Recomendou-lhe procurar um terceiro oculista, cuja clínica ficava próxima, descendo uma ladeira. Crátilo seguiu até lá e foi recebido pela Dra. Parquinha, uma médica jovem, branca e tímida, cuja voz mal se ouvia. Ao pedir-lhe óculos para visão intermediária, que servissem para trabalhar no computador, Crátilo lhe mostrou os cálculos que fizera para aquele propósito. A oftalmologista não lhe mostrou sequer algum letreiro com a distância equivalente ao espaço entre o rosto e o computador. Simplesmente, receitou-lhe os óculos exatamente conforme os graus que ele calculara.

Ivonete quis saber como fora a consulta.

– O médico espanhol me *sacaneou!* Ele poderia ter corrigido, cem por cento, a catarata e a miopia, mas disse que isso não seria possível. O Dr. Judas González é um charlatão.

Seus olhos ardiam constantemente, por mais que ele gotejasse os colírios. Aos poucos, foram-se desinflamando.

\* \* \*

De tanto atravessar as ruas correndo, Crátilo emagreceu. Pesava 70 quilos. Passou a pesar 63. Sua diversão, além da leitura, era passear, nos fins de semana, pela Praça Malebolge, no bairro do Poço, onde os homens, trajando saiotes e exibindo as barbas assediadas pelos mosquitos, conversavam ociosos, fumando, sentados nos bancos sujos de manchas de café, cinzas de cigarros e fezes dos pombos. Das varandas dos edifícios decrepitos, manchados de poeira, pendiam panos encardidos. As antenas parabólicas enferrujadas nas paredes davam a impressão de uma cidade abandonada.

Em toda parte, demasiado estrépito. Os barbúrios gastavam o ócio discutindo ao redor da praça.

Crátilo soube, por meio de um telefonema de sua prima Juana, que a Raimunda havia falecido.

– Ela descansou, a pobre.

Crátilo ficou chocado. Outro dia, falara com ela por telefone. Não esperava que o desenlace fosse tão rápido. Afinal, ela vinha resistindo bem à quimioterapia. Telefonou imediatamente para Alonso, em Teresina. O velho primo desabafou:

– Tô arrasado. Ela morreu falando em visitar a família no interior. Mas, afinal, sofreu pouco. Ficou só dois dias no hospital.

Emocionado, Crátilo lembrou-se de que Raimunda cantava sambas, enquanto cozinhava ou lavava a louça. Especialmente, as canções do repertório de Clara Nunes, artista favorita dela. Lembrou-se de que, certa vez, dera a Raimunda um disco da cantora. Ela o escutava, no aparelho de som que ganhara do seu padrinho. Raimunda ria muito, quando Crátilo imitava o professor Serafim, da Ilha dos Patrúpachas. O amanuense punha as duas mãos na cabeça e dizia:

– Menino, pelo amor de Deus!

Raimunda era pessoa da família. Fora criada pela tia-avó de Crátilo, mãe de Alonso. A morte dela deu motivo a

que o funcionário da Ventura recordasse muita coisa do seu passado. Lembrou-se, por exemplo, do dia em que Raimunda disse que Alonso havia completado noventa anos, e o primo falou: *Noventa anos é o rabo!*

Ela fazia jantares copiosos para os amigos diletos de Alonso, a maioria deles, médicos. O primo de Crátilo sempre gostou de cercar-se de profissionais da área da saúde. Lamentava não ter tido um sobrinho médico, exceto o marido da Maria Belisa, o Walter. Este sim, atencioso, tanto que já o tratara de graça de uma tendinite e das mazelas da coluna. Alonso elogiava o Dr. Walter, como fazia com os familiares que desfrutavam de prestígio social.

– É medalhão na especialidade. Viaja ao exterior todo ano, pra participar de congressos internacionais.

Raimunda sentia também estima especial pelo Dr. Walter. Caprichava nos almoços, quando o médico da família se hospedava no apartamento de Copacabana.

Ela, às vezes, falava disparates, implicava com as sobrinhas de Alonso e respondia com desaforo às ordens do patrão. Levava bronca e logo tudo voltava ao normal.

Nesses mais de noventa anos de existência, Alonso se sentia feliz por haver visto muita coisa pelo mundo. Porém, lamentava o desaparecimento de vários amigos e entes queridos.

Decidiu ser solteiro por toda a vida. Morou, por um tempo, com o Wilson, o amigo mais querido, um ex-jogador de futebol, para quem o primo prometera deixar de herança o apartamento de Botafogo. Quando Alonso apresentou o amigo a Crátilo, afirmou:

O Wilson é o meu filhão.

A família não se conformava com o fato de a Raimunda ser a herdeira do apartamento de Copacabana. Alonso anunciou, mais de uma vez, que deixaria os imóveis, seu pequeno patrimônio, para quem o apoiasse na velhice. E a Raimunda,

apesar de rabugenta e atrevida, foi-lhe fiel o tempo todo. Havia uma espécie de cumplicidade entre ambos, decorrente da longa convivência. Ela o chamava de *Palonso*, abreviatura de *padrinho Alonso*. Também tinha por hábito chamar o patrão de *meu veinho*. Alisava-lhe a careca:

– Esse *veinho* não vive sem mim...

Alonso retribuía, chamando-a de *Menina Velha*. Quando tinham alguma desavença, ele ameaçava jogar *essa idiota pela janela*. Ao que ela respondia:

– Se *tu ficar* sozinho aqui, em dois dias quem morre é *tu*.

Um dia Raimunda comentou:

– Preciso tirar uns dias de descanso do padrinho...

– *Tá cansada de mim? Sobe naquela janela e pula!* –

Brincava o Velho Patriarca de Copacabana.

– Se *tu ficar* sem mim, quem se joga pela janela é *tu, véi besta!* – Alfinetava a afilhada.

Quando a Ana Bolena, sobrinha do Alonso, ofereceu-se para casar com ele, para receber a pensão depois que ele morresse, Raimunda ficou *uma arara*.

– Aquela falsa ofertou até o filho *pro* meu padrinho adotar.

Alonso não gostava de falar no assunto. Sabia que todo mundo estava de olho no pequeno patrimônio que ele conseguira acumular à custa de muito sacrifício. Mas não reclamava nem das sobrinhas nem dos irmãos.

Quando Crátilo telefonava, era sempre a Raimunda quem atendia, e ia logo dando conta das aventuras e mazelas de Alonso.

– Tem dia que o seu primo se levanta todo tremendo. Ele *tá* com hérnia de disco e bico de papagaio. Foi *numa* feira, carregou peso e rebentou o nervo ciático.

Crátilo continuou recordando outros episódios, alguns engraçados, como quando Alonso lhe disse, certa vez, almoçando, nos anos de 1980: *Você come igual a um carneirinho*,

com a boca quase dentro do prato. Ou, no café da manhã: *Você come o mamão e deixa toda a fruta. Tem que raspar bem.* Ou, ainda, quando Crátilo comprou uns sapatos e os calçou, e Alonso observou: *Você desaprendeu a andar de sapato.*

Movido pela saudade do velho, Crátilo telefonou ao primo e perguntou como ele estava passando:

– Tô ruim, andando com dificuldade. Os pés estão quase sem movimento. E o Plano de Saúde tá muito caro. Venha me visitar. Não demore muito não, senão você não me encontra.

– Prepare-se pra voltar pra Copacabana. – Aconselhava Crátilo.

– Tô fora há nove meses. Toda vez que eu me preparo pra voltar, acontece algum infortúnio. Nunca demorei tanto no Piauí. Se fosse por mim, já estaria no Rio. Mas, no Rio, eu fico muito isolado. Meus amigos já se foram todos. *Tá chegando a minha vez.*

Em seguida, perguntou quem falou mal dele:

– Preciso saber com quem a gente conta. Não sei por que algumas pessoas têm mágoa de mim. Mas eu só fiz o bem a essa família. Estou com a consciência tranquila.

Quando seu irmão Egberto ligava, Alonso atendia e dizia, com a mão tapando o telefone: *Eu não entendo nada do que ele fala.* E perguntava:

– Tá com o aparelho? – Aludia à surdez do irmão.

Para fazer raiva ao *Doutor*, Alonso falava *sho, sho, sho* e dizia, zombando que era japonês.

– Vai-te à merda, respondia Egberto.

Raimunda pegava o telefone e dizia:

– Seu irmão Alonso é *abestado*, não entende o que você fala.

– O povo do sertão fala alto! – Revidava Alonso.

Crátilo se recorda de que um dia ligou uma moça, fazendo propaganda de um plano telefônico. Raimunda atendeu.

– Não estou interessada! – E bateu o aparelho.

– Ela é grossa. – Brincou Alonso.

Se Crátilo perguntava:

– *Veneza ou o Rio, qual a mais bonita?* – Alonso respondia:

– O Rio é melhor, porque é a minha terra de adoção. Às vezes sonho que estou em Veneza; outras, no Rio. Apesar de tudo, ainda vale a pena morar no Rio. O Brasil todo está em pé de guerra com tanta criminalidade.

– Quando viajamos de novo? – Perguntava Crátilo, para evocar as aventuras do passado, quando fizeram algumas viagens juntos. No entanto, sabia que dificilmente o primo idoso e com saúde precária poderia, novamente, viajar por lazer.

– Pra Deus, nada é impossível. Você vai comigo ao Líbano? – Devolvia Alonso.

– Pode ser. Mas agora tem guerra lá.

Ao lamentar as querelas da família, Alonso dissera não acreditar que o sobrinho Eliseuzinho, que fora preso e perdera o mandato político, fosse capaz de desfalcar a Prefeitura de Santa Luzia do Caruru, cidade interiorana onde nasceu a maior parte da família. Segundo dizem, Eliseuzinho, que então ocupava o cargo de Vice-Prefeito, naquele município, teria embolsado o dinheiro destinado à construção de um hospital.

O outro lado da família, descontente com a perda dos respectivos empregos na Prefeitura, em consequência dos desfalques, acusava Alonso de parcialidade. Na sua ingenuidade, o Patriarca de Copacabana achava impossível que um parente cometesse falcatrua com dinheiro público.

– Não fiquei nem do lado de A, nem de B. Não sou contra ninguém. Muito antes pelo contrário. Esses meus sobrinhos nasceram com a veia política. Os *bichos* são saídos, viu?

Alonso se vangloriava de ter pacificado, certa vez, nos anos 1960, um conflito armado iminente entre os políticos da família. Contudo, nos anos de 1990, em virtude da prisão do sobrinho Eliseuzinho, a família se dividiu novamente.

As desavenças familiares eram motivo de tristeza para aquele Alonso que tinha orgulho do seu sobrenome e considerava a família uma espécie de religião. O Patriarca jamais admitiu que os parentes se repartissem em dois grupos inimigos. Crátilo chegou a adverti-lo de que não deveria tomar partido, mas o velho primo argumentava:

– Como é que eu podia ficar contra a Isaurinha? (Referia-se à sua cunhada Isaura, sua melhor amiga e mãe de Eliseuzinho). Aliás, por que o prenderam, se ninguém no Brasil vai preso por essas coisas? E não ficou nada provado, afinal de contas... Não tolero ingratidão. O Anito deixou de falar comigo depois que perdeu o emprego de Diretor Financeiro da Prefeitura de Santa Luzia do Caruru. Eu hospedei ele aqui e consegui o melhor médico do Rio, quando ele precisou ser operado do coração. Ele chorava feito criança, dizendo que não tinha dinheiro. Ele me deve esse favor. Detesto ingratidão! – Reiterou Alonso, sentindo-se injustiçado.

Desde o rompimento das relações entre os dois lados da família, sempre que Anito encontrava algum parente inimigo, em lugares públicos, gritava, indignado, algum impropério. Alonso achava aquilo uma descompostura. Certa vez, ao cruzar com ele numa igreja, em plena missa, no momento em que o padre disse: *Saudai-vos uns aos outros*, Anito berrou: *Eu não aperto a mão de ladrão!* – E retirou-se, desabaladamente, ante o olhar estupefato das pessoas. Passaram-se os anos, mas Alonso ainda se lembrava desse episódio triste. Lamentava, sobretudo, a injustiça de que se sentia vítima.

Praticamente todos os membros da família já se hospedaram no apartamento da Constante Ramos. Seja para tratamento de saúde ou a passeio, ocuparam o quarto de hóspedes. Alonso gostava de ver os parentes por perto, embora reclamasse por ter que sacrificar a própria privacidade. Tinha o prazer de ter um sobrinho deputado, outro vereador e outro prefeito.

Sempre atento aos assuntos da família, preocupava-se também com os casamentos das sobrinhas e dos sobrinhos. Não perdia uma festa de matrimônio em Teresina, sobretudo quando os pais dos noivos patrocinavam comida e bebida fartas, com a presença de gente chique da sociedade.

Agora, velho, com as mãos trêmulas e andando com lentidão, às vezes Alonso mijava nas calças, porque não aguenta a pressão da urina até chegar ao banheiro.

\* \* \*

Crátilo ia passando pelo corredor, sentindo o desconforto visual causado pelas brancas paredes e vidraças do Escritório, quando Nemésia observou:

– Crátilo, seus olhos estão roxos e inchados.  
– É porque ele dormiu mal essa noite. – Esclareceu Ivonete.

Na verdade, Crátilo tivera diarreia à noite, depois de haver tomado um sorvete de chocolate na sorveteria Afrodite, de propriedade dos donos da casa em que ele morava. Aborrecido com a atitude do chefe, que o forçara a trabalhar convalescente, comentou com Nemésia a vontade que ele sentia de ir-se da Barbúria o quanto antes. Nemésia recordou, a esse respeito, um tal Bonifácio Morgado, um Diretor com quem ela trabalhou na Parafúrdia. Um sujeito que gritava com os funcionários, comportamento que suscitou a decisão do Vice-Diretor Aristarco Pedreira de pedir transferência de lá, antes do final de sua missão. Em decorrência, Aristarco teve de pagar a própria mudança, conforme estabelecem os Estatutos da Empresa, para aqueles que saem do posto antes do tempo regulamentar.

\* \* \*

Veio o tempo de regressar a Madri para uma revisão nos olhos. O mau humor de Giocondo Malaquias aumentava, toda vez que Crátilo ia tirar férias. O chefe inventava que aconteceria alguma visita de Diretores da Empresa ou de autoridades brasileiras. A duras penas, Crátilo conseguiu marcar a viagem. Giocondo só lhe permitiu tirar cinco dias de férias, ficando os outros 25 para setembro, porque, segundo seu chefe, no final de julho chegaria uma delegação brasileira e aconteceria uma negociação por videoconferência.

Crátilo foi a uma clínica na Calle Caracas, de bom aspecto, com duas atendentes simpáticas, de cabelo louro oxigenado, na faixa dos 50 anos. Fazia calor naquele mês de junho, verão europeu, com o ar-condicionado da clínica desligado.

O Dr. Quintero, grisalho e meio gorducho, disse que o Dr. González não permitiu que seu paciente pudesse escolher entre usar óculos para visão de perto ou não precisar mais de óculos, conforme é de praxe em situações assim. Receitou-lhe outro colírio, além dos que ele estava usando, e ali terminou a consulta.

Crátilo ficou confuso pela velocidade com que o Dr. Quintero o atendeu. Saiu da clínica sem haver perguntado tudo o que queria.

\* \* \*

Crátilo andava tão absorto em Madri, que tudo lhe parecia encantador. Frequentava os restaurantes e bares ao redor da Plaza de Alonso Martínez. Caminhava dali até o hotel, na Calle de García de Paredes. Revia os locais mais interessantes da cidade, como a Gran Vía, a Puerta del Sol, a Plaza de Sant'Ana, o Palácio Real e o Parque del Retiro. Passeava pelo sofisticado bairro de Salamanca, nas imediações da estação Goya do Metrô. Por ali, frequentava uma *lan house*, de onde ele enviava *e-mails* aos amigos. Da Calle Velázquez ia, a pé,

ao bucólico Parque del Retiro, onde lia e escrevia, sentado à sombra do arvoredado.

Ampliava a sensação de prazer, comendo tortilhas, deambulando pelos comércios e admirando a beleza das jovens mulheres espanholas. Estava namorando firme com Ivonete, companheira de intensa sensualidade. A voz melodiosa de sua namorada o acalmava naquela situação existencial precária.

Escreveu um poema, que registrou em sua caderneta de viagem:

*No sinal de trânsito, / cruzamento da Calle de Almagro com a Calle de Génova, / atravessa a rua um rapaz, vestido de mulher. / Ou será uma mulher vestida de rapaz? / Que me importa? / Ocupa-me a diligência de passar à calçada em frente, / antes que os carros avancem. / O céu se enfeita de nuvens / para amenizar o calor.*

*No bar El Santander, / numa esquina da rotunda de Alonso Martínez, / leio um livro de Raymond Queneau. / Ao lado, um casal de italianos fala em seu idioma musical. / A substância líquida que bebo / dá-me a sensação de que a vida vale a pena.*

\* \* \*

No aeroporto de Madri, enquanto esperava o embarque, Crátilo experimentava a desagradável expectativa de voltar à Barbúria. Giocondo, Barbúria e Ventura: aquele trio de arrasar o desanimava e abatia. O barulho o irritava. Nas imediações, crianças brincavam, num espaço infantil, fazendo estardalhaço. Uma moça, de porte atlético, atravessou em frente a ele, falando ao celular. Um homem passou, comendo sanduíche e tossindo. Ivonete se distraía com seu *Smartphone*.

Crátilo se levantou, foi a um café, pediu uma água mineral. Tomou um Lorazepam para exorcizar a angústia. Pouco depois, entrou no avião, sentou-se. Ao lado dele, Ivonete o olhava com ternura, procurando transmitir-lhe

tranquilidade. Uma aeromoça iniciou a rotineira demonstração dos procedimentos de segurança e eventual emergência. Assim que o avião subiu, Crátilo inflou seu travesseiro portátil e o colocou sob o pescoço. Segurou a mão de Ivonete e, com os olhos já quase fechando, sorriu. Logo depois, dormiu e só despertou na chegada.



## Quarta Parte

Uma das primeiras coisas que Crátilo soube, ao chegar, foi a ocorrência de um atentado num quartel. Dezenas de terroristas haviam atacado, na noite de 26 de julho, um quartel no vilarejo de Cabana, a oeste da cidade de Burburina, a aproximadamente 450 quilômetros da Capital. Após cercarem o quartel e cortarem a corrente elétrica, os agressores abriram fogo com morteiros artesanais. Os militares reagiram, repelindo o ataque, afugentando os invasores que tentavam escalar o muro, de quase três metros, da caserna. Helicópteros do Exército intervieram, mas não capturaram ninguém. No mês anterior, o mesmo grupo rebelde emboscara um coronel, cujo veículo foi atingido por uma bomba, no Monte Cabantis, próximo à cidade de Meroplúria, na região de Burburina. O terrorismo continuava na Barbúria, embora sem a intensidade registrada em alguns dos países vizinhos, nem qualquer incidente ocorrido na Capital, cidade com três milhões de habitantes.

Nos tempos das ações mais acendradas, os terroristas entravam nas casas, nos hospitais e nas igrejas, metralhando todo mundo, indistintamente. Em Barbeville, o terrorismo para Crátilo era dia a dia imposto por Giocondo.

O trabalho na Ventura era *sui generis*. A empresa era uma mistura insólita de agência publicitária e de jornal, com critérios politizados de promoção e regulamento específico para as transferências periódicas e sucessivas de funcionários, entre a Gerência e o Exterior. Uma empresa original, sem paralelo com qualquer outra. Os funcionários mais fanáticos a apelidaram de “A Casa”.

\* \* \*

Numa manhã de quarta-feira, Giocondo entrou, de súbito, na sala de Crátilo, arroudeou a cadeira onde se sentava o seu assessor, meteu a cara e espiou o que o amanuense estava fazendo no computador. Por acaso, Crátilo estava passando a limpo alguns de seus poemas. Nada bobo, porém, fechou rapidamente a tela, retirou o *pen drive* e cobriu os originais sobre a mesa, com o mesmo papel que lhe dera o Diretor. Este, frustrado em suas intenções bisbilhoteiras, fingiu que ia embora, deu meia-volta e pegou o papel que dera a Crátilo, a pretexto de ver o número e a data do documento. Na realidade, tentava flagrar o funcionário em delito burocrático. No entanto, Crátilo, imediatamente, cobriu suas anotações com outro papel, e o Diretor teve que se contentar em nada ver.

– Escreva um texto sobre os problemas causados pelo colonialismo na Brabúria. Os barbúrios põem nos colonizadores a culpa de tudo quanto existe de ruim aqui. Faz mais de 50 anos que o País se tornou independente. Depois que os estrangeiros se foram, os barbúrios estiveram em guerra civil durante 20 anos – Explicou, didaticamente, o Dr Malaquias.

\* \* \*

Incomodado pela inadaptação visual aos óculos recomendados pelo Dr. Judas González, Crátilo continuava sentindo muita secura nos olhos. Ainda não se sentia em condições de trabalhar, apesar dos 54 dias passados desde a operação, e escreveu ao médico, acusando-o de haver decretado a extinção de seis mil livros de sua biblioteca, editados com letras pequenas, os quais não estava conseguindo ler. O Dr. Judas não respondeu a essa mensagem.

\* \* \*

Em Barbeville, 90% dos homens são barbudos. Os 10% restantes, por serem imberbes, são vistos com desconfiança. Havia boates clandestinas na Barbúria, toleradas pelo ditador Mariposo e pelos capatazes que governam em seu nome. Crátilo soube, pelo motorista Karolene, que o antigo Diretor Danúzio, teria frequentado essas boates barbúrias. O Dr. Danúzio teria convidado para dançar, numa boate dessas, uma menina barbúria. Segundo Karolene, o Danúzio aproveitou-se da escuridão para passar a mão mais baixo do que a moral oficial permitiria. Assustou-se e perguntou:

– *Do you girl?*

E a resposta foi:

– *Imitation...*

Karolene alto, forte, careca e de barba ruiva, dizia que ter 42 anos de idade. Com sua voz fina, vivia espalhando fofocas e se gabava de ter viajado ao Brasil. Mencionava ter ido, exclusivamente, à cidade de Pelotas, para tentar namorar algumas louras gaúchas.

O motorista falava sempre mal do Petrúcio. Afirmava que o funcionário banto devia ser um feiticeiro, porque não tinha nenhuma função no escritório, e o Dr. Giocondo não

percebia isso. Na verdade, nem lhe notava a presença ou a ausência. O feitiço de Petrúcio, portanto, consistia em tornar-se invisível aos olhos do patrão. Mesmo depois da redução salarial, sofrida pelo Petrúcio, Karolene continuava falando contra o colega. Dizia admirar-se de que Petrúcio ainda não fora demitido, porque continuava no escritório, mesmo sem trabalhar.

Aliás, no Escritório de Barbeville passou a ocorrer muita intriga. Malufa se recusava a falar com Djanira. Murano evitava dirigir a palavra à Nemésia. O motorista Amoralato disse que não acataria ordens de Marion, porque, na cultura de onde vinha, as mulheres têm de ser submissas. Por sinal, afirmam que Murano teria ameaçado bater em Marion, não se sabe por qual motivo. Por sua vez, Karolene, quase aos prantos, com voz em falsete, reclamou que Júlia gritara com ele.

Malufa, Djanira e Nemésia competiam pelas atenções do Diretor. Malufa levava sempre um pedaço de jornal para dar ciência ao chefe de alguma notícia que considerasse relevante. Djanira promovia intrigas, para exibir-se na condição de predileta do Giocondo. Nemésia tratava grosseiramente os funcionários locais, mas era dócil com o chefe. Ficava depois do expediente, contando ao Giocondo o que ouvira dos outros a respeito dele.

Djanira tinha atrevimentos incríveis, chegando ao ponto de cobrar serviços e dar instruções a Crátilo.

Nemésia contou que viu Djanira aos abraços com o Diretor:

– Aquele tipo de abraço apertado, em que os corpos se tocam, da cabeça aos pés.

Joseph reclamava da Djanira:

– Djanira acha que, por estar cuidando das autorizações de uso dos carros, tem o poder de mandar em nós, motoristas.

\* \* \*

A Empresa está cheia de sujeitos pretensiosos, oportunistas, que atuam, hipocritamente, em nome de uma pseudoequidade. Naquele ambiente de deslealdade, nota-se uma febre de megalomania e ânsia de superprodução, e a regra de conduta inclui as **delações** e as perseguições. Alguns funcionários fundaram um Sindicato, mas o autoritarismo foi reforçado como forma de defesa contra as contestações daquela instituição. Não é à toa que esse Sindicato é composto somente de funcionários subalternos.

O Dr. Décio Pinto abriu muitos escritórios em variados países, alguns sem condições de dar retorno financeiro. Tal expansão megalômana provocou o desequilíbrio orçamentário da Empresa. Com o passar dos anos, os recursos sumiram. A Matriz se recusava a fechar uma parte dos escritórios para reequilibrar as finanças, mas ameaçava cortar vantagens concedidas aos funcionários, como o fornecimento de passagens aéreas para os que servem em países menos desenvolvidos e as ajudas de custo para aluguéis.

A Gerência recomendava tantos zelos e controles, que caberia perguntar por que tanta preocupação com as despesas, se a Empresa continuava gastando somas incríveis para manter tantos Escritórios em lugares exóticos.

\* \* \*

O Escritório recebeu mensagem oficial, dando conta da intenção do Diretor-Presidente de visitar a Barbúria no dia 17 de setembro. Isso significava o adiamento das férias de Crátilo. Ele teria que pagar multa para mudar a data de sua viagem. Também corria o risco de perder a passagem aérea.

Giocondo chamou Crátilo, Djanira, Marion e Ivonete para distribuir as tarefas de preparação da festa de aniversário de instalação do Escritório na Ventura. Djanira cuidaria de cobrar os cinquenta quilos de carne prometidos pela

Soterbúria, coordenar o trabalho dos motoristas e recolher os convites entregues na portaria. Crátilo e Ivonete ficariam na fila de recepção, para apertar as mãos dos convidados.

– Meu discurso está quase pronto. Só me preocupa o prognóstico de chuva. Disseram que haverá tormentas no período da manhã. Pode ser que de tarde não chova. Quanto nós temos? – Perguntou a Marion.

– Só 800 mil barburins.

– É pouco.

– Serão 250 pessoas. Já avisei os choferes de que é proibido parar em frente à casa, exceto para as altas autoridades. Vou dizer ao Murano pra não deixar ninguém entrar armado. – Esclareceu Djanira, sorridente.

– Cuidado pra não falarem besteira no Walk Talk – Advertiu Giocondo.

No final da reunião, o Diretor apertou o braço da Djanira e disse:

– Você é a carne...

No dia da festa, Giocondo estava em êxtase. Havia falado, no discurso, da ajuda que a Ventura oferecia aos sócios que fossem viver no Brasil. A empresa intermediaria, com uma agência de viagens, o transporte aéreo dos refugiados da Síria.

Clotilde se gabava de servir vinhos portugueses e representar bem o Escritório da empresa:

– Nós falamos muito bem o idioma inglês e a nossa presença faz a diferença. Sou filha de inglesa. – Falava a mulher do Diretor, com orgulho.

\* \* \*

Crátilo viajou, pela segunda vez, de férias, ao Rio de Janeiro.

– O seu Alonso vem aí, na próxima semana – Anunciou o porteiro do prédio, logo na chegada de Crátilo ao Rio.

Saiu para passear, por volta de cinco da tarde de sábado e as bancas de revista já estavam fechadas. Os passarinhos trinavam seus agudos nas árvores da Avenida Atlântica. Escureceu precocemente. Na primeira noite, o amanuense sonhou que estava trabalhando no Escritório. Acordou e percebeu, contente, que estava em sua cama, no apartamento do Rio.

De manhã, esperou o Celso. O poeta chegou, reclamando do frio de setembro. Usava um casaco preto e balançava, na mão direita, um guarda-chuva marrom.

– Não gosto de usar casaco e sair de guarda-chuva, mas com um tempo desse, não há outro jeito.

Chovia. Foram almoçar, num restaurante, na rua Domingos Ferreira. A televisão e os vizinhos de mesa falavam ao mesmo tempo. Crátilo os escuta como uma polifonia de Babel. O filme dublado ocupa 80% do espaço auditivo.

Celso pediu H<sub>2</sub>O.

– Não chegou. – Desculpou-se o garçom.

O professor prosseguiu:

– As palestras nas academias têm cada vez menos audiência. E se as fizessem no estilo programa de auditório de televisão, também haveria pouco público. Curso, de dezembro a fevereiro, só escola de samba.

Celso comia, vagorosamente, um filé de carne bovina. Crátilo terminara o peixe há mais de meia hora.

– Não há, no Rio de Janeiro, lugar onde os artistas se encontrem. No Baixo Leblon, eles circulam, mas não se reúnem para discutir e conversar. Nos recitais, não há tempo para conversa. Sem falar que hoje as pessoas foram para a internet e estão seduzidas pela ficção visual. – Comentou Celso.

Depois do almoço, foram tomar café numa livraria da Visconde de Pirajá. O dia era de peregrinação literária. Na livraria, quem eles encontram, sentado numa poltrona, lendo um livro em inglês? Demente Loucão! Aquele maluco que

infernizara a vida de Crátilo na Ilha dos Patrúpachas! De boné e cachecol, o homem exótico, de aspecto néscio, tinha o rosto macilento, enrugado e o cabelo desgrenhado e branco. Que estranha e nova coincidência! Nas férias anteriores, o amanuense também o havia visto, por acaso.

Crátilo se arrependeu de não ter tentado conversar com o seu ex-chefe. Preferiu sair com Celso para irem ao Shopping Leblon. Celso, aliás, não quis ser apresentado ao personagem de *Terra de Demônios*, romance em que se narra o período em que Crátilo trabalhou na Ilha dos Patrúpachas.

– Vamos embora. Depois do que você me falou dele e do que li sobre ele naquele romance, não quero nem chegar perto.

Os dois amigos saíram pela rua, expostos à umidade absoluta do ar. Crátilo acabou optando por outro itinerário. Em lugar de irem ao Shopping Leblon, tomaram um táxi e foram à casa de Celso em Botafogo, para que o funcionário da Ventura realizasse uma transferência financeira urgente, por meio do computador de seu amigo.

Naquela mesma noite, os dois amigos voltaram a Copacabana. Foram a um bar na Avenida Atlântica. Era o dia das coincidências. Damásio costumava tomar cerveja ali e foi histórico o encontro dos três. Damásio contou sua recente viagem a Bento Gonçalves, ao Encontro de Poetas daquela cidade. Disse, para alegrar o nordestino Crátilo, que, no avião, brincava com a aeromoça:

– Me traga cajuína, tapioca, baião de dois e castanha de caju. Uma alimentação substancial. O organismo é um tirano, não dá trégua. Pede sono, todos os dias, e água, a todo momento.

Damásio muda o rumo da conversa e comenta suas aventuras e proezas:

– Isto aqui é uma passarela. Por aqui desfilam as mulheres ávidas de serem penetradas. Todas, especialistas

em manipular. Todas, com as mãos libertas do *bambolê de otário*. Todas, na sofreguidão, com o celular entre os dedos e comissuras labiais. Escutem esta história hilariante: Quando ela entrou, todo mundo parou. Chega um cara com ar de cínico. Um sujeito com quatro pastinhas 007. A gata, inflexível, *puta da vida*, levantou-se. Ela era a *também*, a mais uma da coleção. Tinha aquele olhar triste de corça mal abatida, exemplar de um *flash* único. O homem, falando ao celular com outra, protegia com a mão o telefone. Ela veio em minha direção. Seria imperdoável tê-la visto e deixar passar a oportunidade. Então eu disse: *Sabe que eu não consigo traduzir a luz do teu olhar na penumbra?* E lancei para ela um olhar de proprietário, do tipo que emana dos grandes latifundiários. Foi meu momento de glória.

O modo cômico com que Damásio narrou a peripécia fez Crátilo emitir risadas estridentes.

O garçom trouxe batatas fritas.

– Adoro isso. Mas, pra digerir, só bebendo azeite com café.– Brincou Damásio.

– Você é um especialista no campo das carências e no assédio de improviso. – Constatou Celso – a respeito dos talentos de psicólogo do erotismo de seu amigo Damásio.

– Tem que ser como o Pedro das Flores. Ele vendia rosas em botão, percorrendo os lugares noturnos. Ele só chegava em mesa na qual o jogo da sedução já se achasse em progresso. Com frequência, arrematavam o tabuleiro dele! – Exclamou o irreverente poeta, mostrando o seu cartão de visitas, no qual havia a foto de uma bunda de mulher.

O garçom ofereceu um espeto de carne.

– Não! Carne, só mijada, brincou Damásio, vangloriando-se de ser o Gregório de Matos moderno.

O rapaz saiu, rindo, e foi com os alimentos a outra mesa.

Celso falou do livro de poesia urbana, que está escrevendo, e que se intitulará *Caixas de Cimento*. Depois, mencionou sua admiração por Hermeto Pascoal:

– Assisti a um concerto dele, em que o homem tirava música de prato, de colher, de sela de cavalo e até de grunhido de porco.

– As guerras só acontecem quando não se coloca a essência do ser humano acima de tudo. Quando damos mais importância aos aspectos circunstanciais, como os nacionalismos, às diferentes verdades religiosas e à angústia gerada pela perecibilidade do corpo.

– Celso é um baluarte da generosidade e do humanismo.  
– Considerou Damásio.

Celso tentou explicar melhor seu ponto de vista, mas o restaurante estava cheio. Muita gente falava ao mesmo tempo e, a duras penas, ele pronunciou mais um veredicto:

– Os tiranos são psicopatas, doentes do caráter, que subtraem a liberdade e exploram a força de trabalho das pessoas. O mundo está precisando de pessoas mansas e de bom caráter.

Damásio ofereceu a sua tese:

– A falta de ética engendra a doença de caráter. Os megalômanos contam vantagem. Contam farofa, manipulam. Estão ligados à falcatura. Desde a infância, comportam-se de forma anômala. São aqueles que levam caixas com baratas e soltam nas salas de aula. Os que aplicam trote; os que humilham os colegas fisicamente mais fracos; os que põem apelidos nos outros, a partir de suas deficiências. Ligados à falsidade, são mentirosos com boa memória. Inoculam neles mesmos a anestesia afetiva.

Damásio sorveu, com deleite, meio copo de cerveja e, em seguida, brincou com o garçom:

– Café, sopa e mulher são bons quentes. Agora, cerveja, só gelada. E me traga uma boceta bem temperada.

O garçom sorria, meio bonachão e meio contrafeito.

Já um tanto ébrio, ufanista, proclamou Damásio:

– Viva a vulva lasciva de Iracema, com seus grandes lábios de mel! Pois assim escreveu José de Alencar. *Supunhetemos* que, de *repentelho*, não mais que de *repentelho*, escreverei uma paródia ao livro do Gabriel García Márquez: *Cem Anos de Sacanage*, pra rimar com Bocage.

Aconteceria, naquela noite, um eclipse lunar. A lua cheia diminuía, gradualmente, e se tornava avermelhada.

– No eclipse lunar de hoje, dia 27 de setembro de 2015, acontece, numa só noite, o que ocorre em um mês: a lua minguia e cresce de novo em poucas horas. – Comentou Crátilo – e complementou: – O tempo é cíclico. Está sempre girando na espiral do eterno retorno. O que está embaixo é como o que está em cima, dizia Hermes Trismegisto.

Celso disse não acreditar que os astronautas estiveram, de fato, na Lua:

– Aquilo tudo foi uma encenação...

– Aquilo foi tapeação – Concordou Damásio. – É fácil fazer uma motagem de imagens pela televisão. O Umberto Eco se declara em dúvida quanto ao assunto.

Depois daquela animação inebriante, os três poetas voltaram às suas casas para dormir, já no começo da madrugada.

\* \* \*

Verdade mesmo, o que o porteiro Roberto Carlos anunciara: Alonso chegou na tarde do dia 15 de setembro, procedente de Teresina. Crátilo planejava viajar ao Piauí, para visitá-lo, mas eis que o primo chega a Copacabana.

Naquela tarde, Celso fora ao apartamento de Crátilo. Estava já acomodado na poltrona, quando tocaram a campainha. Alonso apareceu com sua escolta de três acompanhantes. A prima Judite, a filha dela, Auxiliadora, e a jovem empregada Bruna. Judite, de 80 anos, quase sem rugas,

exibia um cabelo branco, curtinho e cacheado; no rosto, um permanente sorriso, em que apareciam as covinhas laterais. A filha Auxiliadora, uma morena falante e risonha, de 52 anos, alta e esguia, herdou a simpatia da mãe. Bruna é morena, tem 21 anos, a fisionomia de índia, os olhos grandes, alegres e vivazes, e traja um shortinho apertado que realça as coxas grossas. Bruna é neta da falecida Raimunda, a antiga cuidadora do velho Alonso. Em suma, todo um cortejo assistencial para cuidar do nonagenário primo.

Sofrido pelas duras experiências de mais de nove décadas, o primo de Crátilo se mostrava magro e abatido. Tinha o olhar assustado, mas revelava absoluta lucidez.

– Este é o *Patriarca* de Copacabana. – Brincou Crátilo, apresentando o parente ao amigo Celso.

O professor estendeu a mão ao ancião, sorrindo. Conversaram pouco, porque logo Crátilo e Celso tiveram de sair. Eles haviam programado ir almoçar em Ipanema. Enquanto andavam em direção ao táxi, Crátilo perguntou:

– Qual a sua impressão do aspecto do Alonso?

– Para a idade que ele tem, está ótimo. Consegue andar, enquanto muitos, antes dos 90, já não o fazem.

– E com memória e visão perfeitas. – Completou Crátilo – sem esconder a satisfação de ver o velho primo de volta ao seu inolvidável Rio de Janeiro. Pelo caminho, foi contando a Celso as peripécias do velho Alonso. Em poucos minutos, o professor ficou sabendo de muitos episódios da vida do primo de Crátilo. Celso achou interessantíssima a personalidade do Patriarca de Copacabana.

Alonso costumava esnober os parentes, porque, somente ele, na família, havia dado duas voltas ao mundo. Gabava-se de ter viajado algumas vezes a Veneza, a Florença, a Roma e a Paris, suas cidades prediletas. Queixava-se da ingratidão dos parentes. Não admitia que os sobrinhos e primos deixassem de dar-lhe atenção. Reclamava que eles o paparicavam,

oferecendo-lhe transporte, quando ele ia ao Piauí, em temporadas breves. Quando, no entanto, passava longas temporadas em Teresina, fazendo tratamento de dentes e da coluna, a família o abandonava.

Raimunda lhe fazia companhia, cozinhava, lavava a roupa, pagava as contas, acompanhava-o à fisioterapia. Iam de táxi, “porque ninguém da família se oferecia para levá-lo de carro”.

Era de comover a situação do Alonso. Estava outra vez no Rio, depois de longo exílio, mas não tardaria a voltar a Teresina. Lá, ele se sentia escravizado, porque dependia das sobrinhas e dos sobrinhos para levá-lo a qualquer lugar. Judite tinha prazo para regressar a Teresina e levaria Alonso com ela. Outro agravante era o fato de que ele logo completaria 95 anos. A velhice o deprimia profundamente.

O primo se decepcionou até com a Maria Belisa, a sobrinha que o levava de carro pra visitar os parentes e organizava, em sua homenagem, grandes almoços e jantares nos melhores restaurantes da cidade. Quando Alonso ainda residia em Copacabana, essa sobrinha predileta metera, durante mais de um ano, Lenícia, a ex-nora, no apartamento dele, que ficara vago, em Teresina. Lenícia ficou mais de ano, e sem pagar nem o condomínio. Afinal, a moça só saiu do imóvel porque Alonso teve de regressar a Teresina e ocupar o apartamento.

Crátilo sempre apreciou o humor de Alonso. Entre outras fofocas, ele gostava de falar da Juana, a sobrinha que mora no Rio. Num final de tarde, em seu apartamento, enquanto comia uma *pizza* grande com o apetite de um jovem, Alonso disse a Crátilo:

– Com aquela idade, a Juana anda toda pintada, de minissaia curtíssima. Vive sonhando em morar na Inglaterra. Ela não dorme direito. Acorda às cinco da madrugada. Ninguém quer assumir uma mulher de quase 60 anos. Aquele

jeito dela... Eu falo: *Juana, seja mais recatada*. Ela se arruma pra sair, dizendo: *Vou me produzir pra ficar gostosa*. Outro hábito dela é pôr um lenço no pescoço; acha que assim fica mais bonita.

Depois de uma pausa, Alonso reiterou sua preocupação:

– Quando a Juana foi pro Piauí, levou 20 pares de sapatos. Ela fala alto e anda de um lado *pro* outro, inquieta, cheia de energia. Na rua, de madrugada, anda com brincos e pulseiras de ouro, nesta cidade cheia de bandidos. É gostar de brincar com fogo. Ela tem vontade de arranjar alguém... Afinal, até a avó dela conseguiu um marido, depois dos 80 anos. Cada um pensava que o outro tinha dinheiro. Foi uma decepção de ambas as partes.

Falavam nela, quando Juana chegou, sorrindo, com a boca vermelha de batom e os olhos grandes, rodeados de tintas coloridas. Ela foi logo cochichando no ouvido de Crátilo, que Alonso lhe perguntara se a Raimunda ainda estava no Rio. Crátilo percebeu, no entanto, que Alonso estava totalmente lúcido. Sobretudo, quando lhe indagou qual a sensação de estar de volta ao Rio, depois de mais de dois anos de ausência, e o primo respondeu que estava, ao mesmo tempo, alegre e triste. Alegre pela vinda; triste pela ausência da Raimunda.

Juana trouxe notícias de Teresina. Comentou sobre o Sérgio e a família dele. Sérgio, aquele primo que, quando Crátilo e ele eram jovens, também estivera hospedado no apartamento de Alonso, em Copacabana:

– O Sérgio despediu o motorista e vendeu o carro da mãe.

Sempre indeciso, Alonso indagou a Crátilo:

– Você acha que eu devo ficar no Rio ou voltar pra Teresina? Estou só, aqui no Rio. Meus amigos todos morreram.

– Faça o que lhe for mais conveniente. Se resolver permanecer, a neta da Raimunda terá de ficar também, para lhe dar apoio. Convém que você faça a opção que lhe dê

melhor qualidade de vida. Se em Teresina você se sentir mais seguro, deve voltar para lá. Caso contrário, melhor perseverar no Rio.

– O médico me aconselha a ficar no Rio.

Crátilo estava pensando sobre o conselho do médico, quando o nonagenário mudou de assunto:

– Você já visitou o Egberto? Ele não conta mais histórias.

Não recorda... Dos dezessete irmãos, restam quatro.

Em seguida, murmurou com tristeza:

– *Tá* chegando o meu fim.

Depois de refletir um pouco, acrescentou:

– Quero vê-lo Diretor da Empresa.

– Seria um espinho na minha coroa de mártírios. –

Retrucou Crátilo.

\* \* \*

Munido da caneta e de seu caderno de anotações, foi Crátilo a pé até a livraria do Shopping Siqueira Campos, a poucos minutos da Constante Ramos. O barulho dos carros o deixava atordoado. Procurava andar pela calçada, à sombra, desviando-se de gente, cachorro e bicicleta. O frio acabara, e voltara o calor.

Ofereceu ao responsável pelo sebo, um homem idoso, cerca de 200 livros, explicando que se achavam disponíveis em seu apartamento. O comerciante disse não poder ir à sua casa, para ver os livros. E advertiu que não trabalhava com livros de Direito.

Cê mora onde?

– Aqui perto, na Constante Ramos.

O homem deu-lhe um cartão, com seu nome e o endereço da livraria.

– Telefone depois, no início de outubro, para eu mandar um rapaz à sua casa, fazer uma avaliação. Ele só pode ir dentro

de uns 15 dias, porque está doente. E eu não posso deixar a livraria. Não tenho ninguém que me substitua.

Apesar da explicação, havia, naquele sebo, cinco vendedores ociosos, sentados em banquetas: dois jovens e três senhoras.

Crátilo pôs no bolso o cartão do livreiro, que se chamava Carlos. Cruzou a Praça Serzedelo Correia e foi pela Avenida Atlântica, voltando, a pé, para casa. A visão do mar o redimiou da decepção de não haver vendido os livros naquele dia mesmo.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Crátilo e Ivonete foram ver o seu vizinho. A neta da Raimunda abriu a porta, com seu sorriso de índia. Alonso estava numa poltrona, de olho na televisão e com um travesseiro inflável sob o pescoço.

– Não consigo me levantar, sem o apoio de alguém. A coluna *tá* em condições precárias.

– Já caminhou pelo bairro?

– Fui até a Santa Clara. Antes, eu ia até o Forte de Copacabana. Tô muito só no Rio. Morreu todo mundo. Você se lembra do Dr. Célio Mendonça? Morreu também. Em três dias, a Raimunda se acabou. Morreu, dizendo: *Padrinho Alonso, o senhor vai sentir muito a minha falta*. Como que você soube, lá na Barbúria?

– Juana telefonou, avisando...

– Não sei como a Raimunda conseguiu esconder durante tanto tempo a doença.

– Já tinham diagnosticado?

– Ela sabia.

– Se ela contasse, só chatearia o seu Alonso... – Observou a jovem Bruna.

Alonso comenta a disposição de sua sobrinha Juana:

– Ela tem uma resistência! Chegou do Piauí e já vai pra Argentina.

– E a Veneza, quando vamos? – Indagou Crátilo. – Vamos à Piazza San Marco e ao mercado de Florença, comprar toalhas de renda.

Alonso sorriu. Ele perdera a vivacidade, a verve de contar as histórias de sua vida e as peripécias dos amigos e da família. Antes, quando estava contente, cantava modinhas e recitava para Crátilo todo o discurso que o intelectual Zé Raimundo escrevera, há muitos anos, em Santa Luzia do Caruru, no dia em que o Padre Feitosa fora nomeado bispo. Ele sabia de cor aquele discurso, que durava quatro ou cinco minutos. Também o olhar sagaz e a ironia perderam-se, na longa desilusão do envelhecimento.

Bruna trouxe o chá. O velho primo, sem forças, levantou a xícara com dificuldade, tremendo a mão. Judite o ajudou, pegando a xícara e colocando-a perto da boca de Alonso.

– São seis remédios. Eu fico meio tonto.

A neta da Raimunda põe os comprimidos numa colherinha, e ele os engole com água.

– Seu Alonso não gosta, porque tem que tomar tudo de uma vez. Ele acorda tarde e não toma na hora certa.

Juana intervém na conversa:

– O tio pergunta dez vezes o que fazer, e faz o que quer, sem levar em conta a opinião de ninguém. Ele vive perguntando se eu não vou casar de novo, e eu respondo: *Só se o senhor me der o enxoval: calcinhas, vestido, perfume, sutiãs e o penteado.* Eu tô livre, até viúva fiquei.

Alonso riu, e Juana continuou:

– Eu não quero parar de trabalhar. Tenho muita energia.

– Vocês têm notícias do Getúlio? – Perguntou Crátilo.

Respondeu a prima:

– Ele aparece pouco. Está doente, no Piauí. Da última vez que falei com ele, soube que tinha gasto sessenta mil reais em São Paulo.

- Tô na minha cidade. Lá é só fofoca. – Interferiu Alonso.
- O senhor também fofoca e se mete na minha vida.

Pergunta se minha filha se dá com a sogra e se o marido dela continua trabalhando no açougue – Retrucou Juana.

Alonso fala pouco. Tem o olhar retraído e fica, quase sempre, cabisbaixo e macambúzio.

Uns pratos e um faqueiro aberto jazem no chão, sob a luz da janela que dá para o pátio. Lá fora, os edifícios formam um quadrado, com paredes de janelas simétricas. De vez em quando aparecem vultos.

Juana murmurou para Crátilo e Ivonete:

- Eu não quero nada do tio Alonso. O Zezé, quando se hospedou no apartamento dele, mudou a chave, como se fosse o novo dono. No Piauí, todo mundo só quer morar em apartamento *de cinema* e frequentar restaurante de luxo. Apesar de tanta ostentação, vivem cobiçando o imóvel do tio.

A sobrinha de Alonso prosseguiu, tecendo críticas às primas de Teresina:

- A Lúcia tem a pretensão de ser a mais culta, a mais inteligente e a mais bonita. Quando encontra um político nos restaurantes, fica bajulando até o sujeito não aguentar, de tanta adulação, e deixá-la falando sozinha. A Anastácia, oriunda dos subúrbios de Teresina, não passa de uma cabritinha que, antes do casamento, não tinha nada na vida. Depois que se casou com o João Carlos, virou dama da *highsociety*. Faz plástica todo ano e gasta quinze mil em roupas por mês. Elas vivem se fazendo de idiotas, mas não têm nada de bestas. Elas soltam as tranças, com as caras esticadas de *botox*.

Em seguida, após um meneio de cabeça, referiu-se a Alonso:

- É todo mundo de olho no patrimônio dele. Inventou que ia doar tudo pra umas freiras de Belo Horizonte. Pelo menos, elas vão rezar pela alma dele.

Alonso fez que não escutava e falou com Crátilo:

– Será que eu vendo o apartamento ou não? Num local bom desse! – Não esperou a resposta e acrescentou: – Você tem que escrever a tese.

– Minha tese poderia ser a respeito do Patriarca de Copacabana, que pretendia fazer do amanuense Crátilo um Diretor da Ventura.

– Pretendia não, pretendo. A Ventura facilita a entrada na Academia Brasileira de Letras... É uma pena que você tenha desistido de tentar as promoções na Empresa.

Crátilo acompanhou Judite, Bruna e Alonso, pela calçada da Nossa Senhora de Copacabana. Elas seguravam, cada qual, um dos braços do primo. Foram ao restaurante Braseiro, na Domingos Ferreira. Alonso queria comprar frango, e só tinha galeto. Crátilo os deixou e foi à *lan house* da Rua Bolívar.

\* \* \*

Uma noite, Ivonete despertou Crátilo, assustada, porque escutou disparos. Pensaram inicialmente que poderiam ser fogos de artifício, porém, concluíram que, mais provavelmente, seriam tiros de morteiro e de metralhadoras, com regularidade cronometrada. Tudo fazia crer que eram gangues, atirando umas contra as outras, em alguma favela próxima de Copacabana.

Naquela mesma noite, Ivonete sonhou que lhe roubavam a carteira e o aparelho celular. No dia seguinte, o fato aconteceu, realmente, quase igual ao sonho. Ela foi à praia e resolveu tirar fotos no calçadão da Atlântica. Um malandro passou, de bicicleta, e arrebatou-lhe da mão o caríssimo aparelho celular.

\* \* \*

Numa cálida quarta-feira, sentado no sofá, com um travesseiro ao redor do pescoço, Alonso lamentava que

Crátilo só fosse ficar mais três dias e que Ivonete viajaria no dia seguinte, de volta à Barbúria. Falava da venda dos objetos do apartamento, que Juana e Judite tratariam com uma vendedora, num leilão.

As janelas e cortinas estavam fechadas e o ventilador saltitante não amenizava o calor. Crátilo tinha a camisa suada. Em frente ao aparelho de tevê, Bruna, Auxiliadora e Judite assistiam à novela, com total atenção.

– Qual o nome dessa novela? – Indagou ele a seu primo.

– Sei não... Esse lustre é todo furta-cor. Foi um gringo que me vendeu. É cristal da Boêmia.

Continuava no dilema:

– Que você acha do seu primo morar no Piauí?

– Deve permanecer onde você se sinta melhor.

– Liga *pro* pintor Gonzaga, pra saber quanto *tá* custando o quadro dele que vou pôr no leilão.

Crátilo liga para o Piauí, mas o telefonema não é atendido.

– O número deve ter mudado, minha agenda é antiga.

Juana chegou, sorrindo. Toda enfeitada, usava um vestido de tigresa, batom vermelho sensual e cabelo louro, penteado. Cumprimentou os presentes e desandou a falar:

– Se fui morena, eu não me lembro. Danço forró e tango, com direito a perna pra cima. Foi assim que dancei no Museu do Carlos Gardel, em Buenos Aires.

Alonso permaneceu calado.

– Perdeu a língua? – Pergunta Juana.

– Tô ouvindo e observando. – Diz Alonso, com incrível agilidade mental, e voltando-se para o seu primo, indaga.

– Você vai quando?

– Depois de amanhã.

– Você acha que eu devo vender o apartamento?

– Não.

Bruna levanta Alonso, segurando-lhe pelo braço. Leva-o ao banheiro para tomar banho.

A avaliadora do leilão era esperada, para dizer os preços dos objetos que Alonso pretendia vender (ou que as sobrinhas o induziram a vender).

Juana conhecia a especialista:

– Ela fica com 25% do valor arrematado.

Alonso volta-se para Crátilo e torna a perguntar:

– Você acha que eu devo vender ou alugar o apartamento?

– Se vender, pegue o dinheiro e vá passear na Europa.

– Eu não consigo andar direito. Só se for em cadeira de rodas...

– Leve a Bruna com você. Ela é nova e aguenta a parada. Cadeira de rodas será só no aeroporto. Você está andando relativamente bem, embora devagar.

– E se o dinheiro acabar?

– Acaba não, o apartamento vale uma boa grana, mas, se não quiser vender, alugue.

– O difícil é eu conseguir me desfazer de tudo o que está dentro de casa.

– Alugue mobiliado.

Nisso, chega o Wilson. Alto e forte, como Crátilo o vira há mais de dez anos, porém com o rosto vincado de rugas. O ex-atleta saúda Alonso, que o cumprimenta com certa indiferença.

– Eu vim *levar ele* pra passear, mas ele já tomou banho...

– Tenho medo de vender este apartamento. – Confessa Alonso.

– Alugue por temporada. Dá seis mil de aluguel. – Opina Wilson.

– Você viu o meu faqueiro?

A caixa continuava no chão e as bandejas de prata dispersas pela sala.

Havia uma claridade, entrando pela janela, que Crátilo só suportava de óculos escuros.

Judite voltou do supermercado, trazendo um saco de frutas.

Wilson continuou:

– Depois que o metrô foi pra Pavuna, a multidão vem à praia em Copacabana. Eu moro aqui perto, na Arco Verde. Meu filho, no Humaitá.

A televisão divulgava a notícia de um tiroteio entre polícia e bandidos, no qual morreram duas pessoas. Depois, falou dos Jogos Olímpicos.

– Técnico de futebol não fecha contrato por menos de 800 mil. Ninguém joga mais por amor à camisa. É tudo financiado por empresa. O dinheiro é que manda. – Considerou Wilson.

Alonso come com babador. Bruna lhe dá a comida na boca.

Crátilo telefonou ao Egberto, para despedir-se. O primo de Niterói mal escutava e murmurava palavras ininteligíveis.

\* \* \*

Apareceram, nos olhos de Crátilo, os relâmpagos e reflexos que ele não via desde algumas semanas. Marcou consulta com o oculista recomendado pelo Celso. Comprou geleia de mirtilo, porque o amigo disse ser bom para os olhos.

O médico explicou que as manchas e relâmpagos decorriam do fato de o gel da retina, com a idade, ir se tornando líquido. E recomendou que o paciente repetisse o exame.

Ao sair do oftalmologista e voltar para seu apartamento, naquela tarde do dia cinco de outubro de 2015, Crátilo observou a multidão que caminhava pelas calçadas de Copacabana. Notou que, no fim do dia, os mendigos vão para as portas dos bancos e dos supermercados. Mulheres com crianças ao colo e vendedores ambulantes pronunciavam seus pregões suplicantes, enquanto a tarde se transformava em noite.

À véspera do regresso à Barbúria, só lhe restava a conformação. Sentia-se menos angustiado do que nas férias anteriores. Na despedida, jantou com Damásio na esquina da Siqueira Campos com a Barata Ribeiro. Queixou-se dos problemas oculares:

– O corpo humano é uma máquina precária com um deus dentro. Não é fácil manter tudo funcionando bem.

– É o deus do caos – assegurou Damásio.

O poeta dionisíaco fumava, compulsivamente, um cigarro após outro. Acendia um novo, no toco final do anterior. Os olhos de Crátilo ardiavam com a fumaça.

– O recital tem que ser performático. Pra recitar, você deve *videoaudilizar*. – Sugeriu Damásio, e discorreu sobre as três dimensões da fruição poética, isto é, a poesia escrita em livro, recitada e cantada.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Crátilo se despediu de Alonso. O nonagenário lamentava que o primo tivesse ficado tão pouco tempo. Aquelas férias tinham sido mais curtas do que as anteriores. Foram somente duas semanas. O amanuense nem teve tempo de ir à praia.

– Na minha profissão, vivo o desassossego de viajar constantemente e de não ter residência fixa. Se eu fosse Diretor, teria ainda menos tempo de ver você.

– Não dá tempo nem de almoçar?

– O avião não espera por ninguém.

– Não deixe acontecer como em Veneza, quando nós perdemos o voo de regresso. Deus acompanhe você, meu querido primo. – Disse, afetuosamente, o velhinho.

Crátilo tomou um táxi e chegou ao aeroporto com quase três horas de antecedência. No trajeto, para esquecer a melancolia, ia lembrando os momentos agradáveis que

passara no Rio de Janeiro.

Viajou sem a companhia de Ivonete, que partira antes, pois as férias dela foram mais curtas ainda do que as dele.

Dormiu a viagem toda. Chegou à Barbúria de noite, ainda com muito sono e a sensação de extremo cansaço. No aeroporto, retirou o relógio e o colocou na bandeja, junto com o casaco. Pouco depois, um outro passageiro, na fila, comentou alto:

– Um relógio foi levado pelos agentes.

Crátilo percebeu que se tratava do relógio dele e cobrou dos aeroportuários. Eles perguntavam a marca e a cor. O funcionário da Ventura não soube responder, mas exigiu com tanta convicção a devolução, que eles lhe trouxeram o objeto. Ficou prevenido, a partir daquele dia, para o fato de que, naquela aduana, os agentes de segurança estavam com o mau hábito de surrupiar os pertences dos viajantes.

Em casa, Ivonete o recebeu com calorosos beijos. De tanto sono, ele não quis jantar. Deitou-se na cama, com a roupa com que havia viajado, e dormiu todo o resto da noite. Ao acordar, lembrou-se de alguns sonhos.

Sonhara com o Dr. Raguine, personagem de um conto de Tchekhov. Raguine tentava fugir do manicômio, mas o guardião do hospício dava-lhe tanta porrada que a história terminava mal. Na sequência, Crátilo sonhara que ia à casa de um amigo, onde havia um cachorro brabo. O animal corria em sua busca e ameaçava mordê-lo. Teve ainda outros sonhos confusos e de situações vexatórias, como estar defecando diante de todo mundo, num banheiro sem porta, e pessoas virem cumprimentá-lo.

Analisando os trechos, o amanuense concluiu que tanto o guardião do manicômio quanto o cachorro feroz eram Giocondo, símbolo da mesquinhez e da opressão.

\* \* \*

No primeiro instante do regresso ao trabalho, o chefe apareceu em sua sala. Entrou, exibindo um recorte de jornal, no qual se lia a notícia sobre a expulsão de uma multinacional, da área de siderurgia, pelas autoridades barbúrias. Recomeçava o jogo da proatividade sem trégua. Era preciso que Crátilo escrevesse urgentemente a respeito do assunto, comentando as consequências comerciais da decisão arbitrária do governo barbúrio.

Giocondo falou do grande investimento que poderia ser o relançamento do comércio de couro de jacarés, que, embora clandestino, significava para os empreendedores mais uma importante *commodity*. Depois, comentou que, no jantar da noite anterior, apareceram muitos convidados. Contraditoriamente, os que ganhavam menos tinham os carros mais luxuosos. A renda *per capita* desses convidados se sabia pequena, para tantos carros opulentos.

Pancrácio Cupertino, o novo colega, nomeado Vice-Diretor, chegara na semana seguinte ao regresso de Crátilo. Era o mancebo prometido pelo Gerente Geral, Dr. Danúzio, ao Diretor da Ventura em Barbeville. Pancrácio, um rapaz muito pálido, delicado, quase feminino, de rosto comprido e barba por fazer. Tinha estatura média, corpo apolíneo, olhos sagazes e voz melíflua.

Ivonete soube, por Nemésia, que Pancrácio escrevera um *e-mail* a Crátilo, pedindo para pernoitar na casa do amanuense e deixar ali guardadas suas malas, pois só assumiria o posto depois de uma semana. Tinha ainda um resto de férias e viajaria nesse íterim. Porém, Crátilo não abriu os *e-mails* oficiais durante as férias dele no Rio. Portanto, nem respondeu ao pedido do colega. Tampouco, apesar da recomendação de Giocondo para que o fizesse, o amanuense foi ao aeroporto receber o Vice-Diretor. Crátilo precisava repousar da viagem. Estava recém-chegado do Brasil, com o fuso horário defasado e cheio de sono.

Ivonete, que frequentava diariamente a casa de Crátilo, pernoitando com o amanuense, passou agora a morar com ele. Desse modo, rescindiu o contrato de aluguel do imóvel em que estava e providenciou a mudança.

A namorada de Crátilo levou tantos móveis que a casa do amanuense ficou quase sem espaço para circulação. Com os objetos que trouxe, dobrou a quantidade de sofás, mesas, cadeiras, estantes e outros móveis.

Apareceram três baratas dentro das caixas de CDs que Ivonete colocara na cozinha. Ela matou duas delas e transferiu as caixas para o quarto de leitura de Crátilo, fechando a porta do aposento. Não conseguiu matar uma das baratas, que ficou morando naquele quarto. Crátilo sugeria que arrumassem os discos noutra espaço. Ela, simplesmente, dizia:

– Depois.

No terceiro sábado de outubro, Ivonete convidou Crátilo para um passeio no hotel Hilton, a 30 quilômetros do bairro do Poço. Poderiam desfrutar ali de sauna, piscina, salão de ginástica e um bom *self-service*. Eles só tinham ido uma vez lá, com a Nemésia, há cerca de um ano, para almoçar.

– Você dirige melhor do que eu.

Dizendo isso, ela entrou no carro. Levava uma bolsa grande, contendo roupa de banho, óculos de sol, bronzeador, sandálias e outros apetrechos.

Já de saída, Crátilo se atrapalhou. Deu voltas, sem achar a entrada da autoestrada. Quando encontraram o caminho, foi um *deus-nos-acuda*: os barbúrios ultrapassavam em alta velocidade, pelo lado direito, e cortavam, em diagonal, passando para o esquerdo.

– É na autoestrada que eles mostram a agressividade. – Reclamou Crátilo.

Crátilo não viu nenhuma placa indicando a direção do hotel. Viu um túnel, mas não entrou nele. Seguiu em frente, sem saber se aquele caminho levaria ao Hilton. Era impossível passar, de súbito, da faixa da direita para a da esquerda, com muitos carros transitando pelos dois lados, em alta velocidade.

Resolveu contornar uma rotunda, sem parar para os carros que vinham na perpendicular. Avançou, em meio ao tumulto de veículos. De repente, um veículo bateu violentamente na lateral do seu Nissan, que rodopiou e bateu contra uma mureta. O susto foi imenso. Ivonete gemia de dor e tinha um hematoma no braço direito. Crátilo, muito assustado e nervoso, saiu para falar com o motorista do outro automóvel e também para ver como ficara o seu.

Dois barbúrios se aproximaram, com os rostos enraivecidos e reclamaram em voz alta:

- Por que tanta velocidade? - Inquiriu um deles.
- Mas eu não vinha com excesso de velocidade. Não entendi quem é que tinha a preferência, se eu ou vocês.

Ivonete mostrou a Crátilo um grande hematoma no braço direito. Sentia dor. Ele tentou abrir a porta do lado em que ela estava, mas não conseguiu. Achava-se travada por causa da pancada.

Angustiado, Crátilo não sabia bem o que fazer. Voltou ao carro do cidadão barbúrio, que protestava, quase gritando, no idioma local. Só entendeu a palavra *money*, que o indivíduo vociferou explicitamente.

Crátilo perguntou, em inglês, se ele tinha seguro. O homem se aborreceu e falou coisas ininteligíveis. O automóvel do barbúrio, um Peugeot branco, tinha apenas uma lanterna da frente quebrada e o para-choque um pouco amassado. O carro de Crátilo estava bastante danificado. Afundara a segunda porta do lado direito e, no lado esquerdo, tinha um buraco no canto, onde havia apenas pedaços da lanterna.

Surgiram quatro policiais. O barbúrio, dono do carro que bateu no de Crátilo, vociferou e gesticulou perante o mulato alto e grisalho, chefe dos policiais. O amanuense fingiu serenidade:

– Minha namorada está machucada. Onde se poderia conseguir gelo? – Perguntou aos policiais.

– Fique calmo. Isso foi um acidente de trânsito comum. Não foi nada grave. O seguro pagará tudo. – O policial tentou tranquilizá-lo.

– Minha namorada se acidentou. – Insistiu Crátilo.

– Já chamamos a ambulância.

Ivonete, assustada, parecia não entender bem o que estava acontecendo, mas se tranquilizou, ao saber que viria uma ambulância. Crátilo tentava ligar para Djair, o empregado que trabalhava na casa que alugara, mas se atrapalhava com os números. Quando ele tentava usar o telefone, vinha um policial e lhe pedia os documentos do carro. Ele deu também a carteira de motorista e o documento de funcionário internacional.

Chegou, por fim, a ambulância, de onde saíram três cidadãos de uniformes verdes. Um deles levou Crátilo e Ivonete ao interior da viatura que os conduziria ao hospital.

Os enfermeiros ligaram a ambulância e já iam saindo, quando Crátilo se lembrou de que o assunto ainda não estava resolvido e de que não poderia deixar o automóvel no local da ocorrência. O homem da ambulância perguntou se o carro estava em condições de circular e se Crátilo se achava capaz de dirigir. O amanuense respondeu positivamente às duas indagações. Por sua vez, um dos enfermeiros examinou o Nissan, explicando que a causa do ferimento em Ivonete fora a explosão do *airbag*, que impactara contra o braço dela.

O chefe dos policiais tirou fotos do Nissan e ficou com os documentos de Crátilo. Disse que o amanuense poderia levar o carro ou deixá-lo. Crátilo não poderia abandonar o veículo, sob pena de nunca mais reavê-lo.

- Como vou conduzir sem os documentos?
- Diga que estão com a polícia.

Crátilo foi dirigindo, rumo ao hospital, seguindo a ambulância, na qual Ivonete se encontrava deitada numa maca. Pelo retrovisor, viu que o cara do Peugeot continuava falando com o policial.

No hospital, os procedimentos foram rápidos. Preencheram fichas, e uma médica jovem os atendeu. Fizeram radiografias do aparelho digestivo e do tórax. Ivonete fez também do braço. A médica perguntou-lhes se tinham problemas de saúde. Ivonete declarou que sofria de hipertensão e Crátilo mencionou a operação de cataratas. O acidente não fora grave. Somente Ivonete se machucara no braço.

- O senhor está um pouco aturdido? – Perguntou a médica, olhando as radiografias.

- Aturdido e angustiado.

Ela sorriu e disse que não havia fraturas ou derrame.

Puseram um curativo com esparadrapo e gaze no braço de Ivonete. Ela perguntou de não havia perigo de trombose. A enfermeira a tranquilizou.

Djair foi até o hospital, no carro de Satur, proprietário da casa alugada, para ensinar a Crátilo o caminho de volta.

Ao chegar a casa, Djair, baixo, mas dotado de força hercúlea, desentortou a porta amassada e travada para que ela pudesse ser aberta.

Ao passar gelo no local machucado, Ivonete falou do acidente.

- Por essa você ainda não tinha passado, né?

- É...

- Eu estraguei o teu passeio. – Lamentou Crátilo.

- O lado esquerdo do carro bateu na mureta, do outro lado da rua. Se não tivesse a mureta, nós teríamos caído lá em baixo.

– Que coisa terrível. Aqui, na mesmice dessa vida triste, quando a gente tem a oportunidade de se divertir um pouco, acontece uma coisa dessas... Mas não vamos lamentar. Graças a Deus, estamos sãos e salvos.

Crátilo foi com Petrúcio ao Comissariado de Polícia, a fim de resgatar seus documentos em poder dos policiais. O policial da guarda o interrogava, quando outro, mais graduado, chamou o subalterno para a sala dele. O amanuense esperou, sem entender.

– Recebi instruções para aguardarmos a vinda do seu *adversário*. Nós o chamamos, está para chegar – Disse o policial, quando voltou.

Crátilo e Petrúcio custaram a entender o que o homem dizia, porque ele falava uma palavra em inglês e dez em barbúrio.

Enquanto esperavam, o policial perguntou a Crátilo se o carro dele estava seguro. O amanuense respondeu que não. A pergunta era intencional. Se Crátilo tivesse seguro, as duas seguradoras poderiam conversar entre si, para tratarem do assunto. Por não ter feito o seguro, Crátilo expunha-se à exploração dos barbúrios, que cobrariam quanto quisessem de indenização, em favor do cidadão nativo.

Depois de quarenta minutos, apareceu o dono do Peugeot. Teria uns 35 anos. Era branco, magro, estatura mediana, barbudo, e usava óculos. Chegou com a cara fechada, como se quisesse impressionar o seu *adversário*. Como não falava (ou fingia não falar), nenhum idioma ocidental, o policial tentava traduzir, a duras penas, a conversa.

Crátilo logo percebeu que o investigador estava a favor do *adversário*, porque, depois de dialogar longamente com o dono do Peugeot, em barbúrio, o policial disse ao funcionário da Ventura:

– A falha foi sua.

O adversário, cujo nome era Jaser, mostrou a foto do carro dele e falou, num inglês precário, que trocara o para-choque. Petrócio perguntou se o seguro tinha coberto alguma parte.

- Não tenho seguro. - Declarou Jaser.
- Quanto custou o serviço? - Indagou Crátilo.
- Doze mil barburins.

Crátilo entendeu que seriam doze mil barburins, e não dezenove milhões, como Jaser viria a pedir-lhe depois.

- Você tem a fatura? - Quis saber Petrócio.
- Não tenho, comprei o para-choque no mercado negro.
- Então, eu lhe pago esse valor. - Anuiu Crátilo.
- Tem mais sete mil da lanterna.
- São dezenove mil barburins?
- Sim.
- Ok, entramos em acordo. Eu lhe pago dezenove mil

barburins.

O policial interveio:

- Dê o seu telefone pra ele.

Crátilo anotou num papel um número de telefone e o endereço em que residia. Estabeleceu-se que o encontro, para efetivação do pagamento, seria na casa do amanuense.

Em seguida, o policial anotou os dados de Crátilo, num caderninho de colegial, e tentou, sem êxito, fotocopiar os documentos (a fotocopadora estava sem *toner* e as cópias saíram ilegíveis).

Abriu-se uma porta e, por trás de grades, saíram um preso jovem e forte, com a fisionomia assustada, e um guarda, que gritava, dando-lhe um esculacho ininteligível. O detento foi ao encontro de dois outros rapazes, também jovens, que vieram buscá-lo.

Jaser foi embora, aparentemente satisfeito com o montante que arrecadaria, a título de reembolso. Crátilo lhe dera o número do telefone de Djair, para que falasse com o empregado, antes de ir receber a indenização.

No dia seguinte, segunda-feira, Djair esperava por Crátilo para informá-lo que Jaser telefonara e que queria receber dezenove milhões de barburins, o equivalente a mais de mil dólares!

– Com esse valor ele poderia comprar um carro novo, não apenas o para-choque. Isso é um absurdo!

– O homem insiste. Diz que você não entendeu bem, por causa da dificuldade do idioma.

– Ele é um ladrão, um salafário. Vou pagar dezenove mil e não dezenove milhões, porque foi o preço que entendi e que me comprometi a pagar. Falei o valor, claramente, pelo menos duas vezes, e ele aquiesceu. Se quiser mais, vamos chamar a polícia!

– Eu tenho amigos policiais. Posso chamar um deles para testemunha. – Sugeriu Djair.

Combinaram que receberiam o cara na esquina, e não dentro de casa.

Satur, convidado pelo Djair, apareceu, com a cabeça raspada, a barba asquerosa e o olhar vivaz, de quem sempre lucra nos negócios. Ofereceu a Crátilo a possibilidade de forjar um seguro com data anterior à do acidente. O funcionário da Ventura rejeitou a proposta. Em seguida, Satur olhou o Nissan e disse:

– Aqui, em Barbeville, você não vai encontrar a lanterna que foi destruída. Quanto à negociação com o outro motorista, deixe comigo. Se quiser, eu falo com ele, e você nem precisa vê-lo.

Crátilo agradeceu, mas disse que não poderia deixar de comparecer ao encontro com o homem, a quem pagaria apenas dezenove mil barburins, valor combinado diante dos policiais, na delegacia.

– E se ele não aceitar? – Questionou Satur.

– Então, que ele procure a Justiça.

– Mas se a Justiça der ganho de causa a ele, você terá que pagar muito mais de dezenove milhões de barburins.

– Espero não ser preso. – Comentou Crátilo, ironicamente.

– Aqui, nenhum estrangeiro que trabalhe em multinacional vai preso. – Garantiu Satur.

Nisso, apareceu o Petrúcio, que Crátilo convidara para testemunha. Foram todos para a esquina, onde o encontro aconteceria.

Quando chegou o magricela, dono do Peugeot, foi logo mostrando o para-choque, que disse ser novo, e que custara dezenove milhões de barburins.

– Você tem a fatura? – Perguntou Petrúcio.

– Tenho, mas não trouxe.

Crátilo declarou, com veemência, que tinham combinado dezenove mil barburins e não dezenove milhões.

Satur conversava com o tal Jaser, examinando o para-choque e o motor do carro dele. Os dois falavam descontraidamente, como dois amigos.

O amanuense argumentou que havia proposto ao Jaser fazer o conserto do carro dele num mecânico conhecido. No entanto, o pilantra fizera o serviço à revelia, sem dar-lhe a possibilidade de qualquer indicação.

Satur, numa atitude visivelmente favorável ao dono do Peugeot, falou:

– O Jaser propõe retirar o para-choque e levá-lo ao seu mecânico para que faça o serviço.

Crátilo percebeu que não convinha essa solução, porque não seria fácil encontrar um mecânico honesto nem a o para-choque novo e bradou, enraivecido, com Jaser:

– Você é um tipo desonesto e que tem assuntos pendentes com a polícia! - Disse e saiu no rumo de sua casa.

Ivonete ficou nervosa, ao ver o namorado tão aflito.

Pouco depois, surgiu Petrúcio, informando que o homem do Peugeot partira, mas insistia em receber dezenove milhões.

– Você acha que eu devo pagar a esse cafajeste mais de mil dólares, quando ele está mentido? O para-choque dele não é novo coisa nenhuma!

– Pra se ver livre do problema, ofereça quinze milhões.  
– Sugeriu Petrúcio.

Djair ligou e propôs o valor. O cara recusou. Petrúcio soprou no ouvido do Djair:

– Diga que, se ele não aceitar, que vá procurar a Justiça.

Não passou meia hora, o sujeito ligou pro Djair, dizendo aceitar o valor proposto.

Petrúcio se encarregou de preparar o recibo e entregar os quinze milhões, no dia seguinte, ao meio-dia.

– Aquele homem era bobo, estava com medo. Perguntou por que teve que assinar o recibo. – Avaliou Djair.

– Bobo, coisa nenhuma! Ele não tem nada de ingênuo. É um grande ladrão e um canalha! – Retrucou Crátilo.

Crátilo teria motivos para desconfiar de um pacto entre Djair, Jaser e Satur. Ao passar, meses depois, diante do mesmo local onde Crátilo sofrera o acidente de carro, Karolene comentou que, naquele cruzamento, a preferência cabia ao amanuense e não ao motorista barbúrio. Essa constatação fez com que o Crátilo revivesse a indignação sentida nos dias posteriores ao ocorrido. Lamentava, sobretudo, não ter podido contar com o apoio de ninguém do Escritório, num momento tão crucial, naquele país onde a infraestrutura se constatava tão precária.



## Quinta Parte

Crátilo ficou de nove às dez da manhã, na fila, esperando para confirmar se o dinheiro transferido estava ou não na conta. Ao voltar para o Escritório, depois de inútil e longa espera, irritadíssimo, deu um murro num armário de metal, produzindo um estrondo assustador.

Nemésia saiu de sua sala, perguntando:

- Que foi que caiu?
- Não foi queda nenhuma, foi raiva. - Explicou ele.

Naquele dia de muita birra, o Dr. Giocondo recebeu com Crátilo as visitas de dois empresários, cujos negócios seriam objeto das tratativas do Diretor-Presidente, Dr. Pinto, com o Diretor-Presidente da Soterbúria, Dr. Rataplan.

O primeiro, Dr. Moura, Diretor da Associação Brasileira de Arrozeiros, vetusto cidadão calvo e de voz mansa, compareceu ao Escritório para pedir a intermediação da Ventura na liberação de uma carga de arroz, que a aduana barbúria retivera injustamente, sob pretexto de a mercadoria estar mofada.

No resumo que Crátilo fez da conversação, ele mencionou a orientação dada por Giocondo ao Dr. Moura, para que o arrozeiro reexportasse o arroz contaminado de aflatoxina para países africanos.

– Como você escreve isso? Eu não posso mandar os arrozeiros venderem arroz mofado para os africanos! – Esbravejou Giocondo.

Depois de receber o Moura, Giocondo recebeu o Mito, Diretor da construtora Fagundes Lima, homem de aproximadamente quarenta anos, baixa estatura, que acusou a Soterbúria, empresa sócia na obra de construção de uma rodovia local, de não haver liberado os espaços para a posterior reforma da estrada, necessária ao escoamento lateral de água. Mito também se queixou que a Soterbúria ainda não havia ressarcido à Fagundes Lima três milhões e meio de euros, por serviços já executados, e mais 26 milhões, em decorrência da revisão dos preços.

No documento, redigido com base em anotações da Malufa, Crátilo registrara as críticas de Giocondo à precariedade dos serviços locais. O Diretor esbravejou:

– Foi o Pedro Mito quem falou mal da incompetência da Soterbúria e de outras instituições barbúrias. Se uma coisa dessa for filtrada pela imprensa eu tô perdido!

\* \* \*

Giocondo, Pancrácio e Crátilo foram ao aeroporto, receber o Dr. Décio Pinto, Diretor Presidente, e sua comitiva. Sentaram-se em poltronas, sob um teto branco, ornamentado por um grande lustre de cristal e filigranas. Enquanto aguardavam, Giocondo gabava-se do seu prestígio, porque o Diretor Presidente viajara exclusivamente para visitar a Barbúria. Ao lado deles, havia um executivo grisalho, Dr. Mitamita, Chefe do Protocolo da Soterbúria. Os quatro esperavam a

chegada da comitiva da Ventura. Dr. Mitamita levantou-se, falou algo, e todos correram para a pista do aeroporto. O Dr. Décio Pinto, entroncado, calvo, rosto redondo, avermelhado e olhos predominantes, e seus três assessores empavonados, desceram a escada do avião, cada um empunhando sua mala. Dali, foram diretamente à mesa de negociações, na sede da Soterbúria.

Foi hilariante o encontro do Diretor Presidente com a máxima autoridade daquela Estatal, o Dr. Abel Rataplan. A mesa retangular se revelou pequena para o número de participantes, que se encontravam um tanto espremidos, os cotovelos se tocando. Não havia cadeiras para todos, ficando inicialmente Crátilo e Pancrácio de pé, uma vez que seus nomes se achavam ausentes dos cartões indicativos sobre o tampo escuro envernizado.

Dr. Abel Rataplan, de baixa estatura, calvo, risonho, portando óculos na ponta de um nariz adunco, apresentava grandes entradas na frente e uma barriga estufada sob os botões do paletó. Postou-se no centro de seu grupo e diante do Dr. Décio Pinto. As duas comitivas sentaram-se frente a frente, seguindo o indicado nos cartões. Do lado da Ventura, além do Dr. Décio Pinto, vieram seus assessores: o Augusto Prestes, o João da Matta e o Carlos Vivenco. Presente também o Diretor Giocondo Malaquias. Do lado barbúrio, Rataplan, Burrelfo e mais três caras barbudos.

Por fim, surgiu uma cadeira extra, na qual Pancrácio se sentou, rapidamente, como se temesse que a levassem dali. Crátilo ficou longe da mesa de negociações, num sofá ao lado, de onde não escutava quase nada do que se falava. Desse modo, ele registrou apenas fragmentos do que se discutia na reunião, tarefa que lhe dera o seu chefe.

Havia também o ruído de um ar-condicionado, o que atrapalhava a audição de quem não estivesse muito perto do Dr. Pinto, embora ele falasse num tom razoavelmente

audível; porém, a voz do Dr. Rataplan não ia muito além de um murmúrio.

Mais tarde, durante o almoço oficial, nas dependências da Soterbúria, a situação desconfortável se repetiu. Havia também cartões com os nomes dos comensais sobre a mesa, e não constavam nem o de Crátilo nem o de Pancrácio. Coincidentemente, como na mesa de negociações, apareceu uma cadeira extra e Pancrácio foi logo se sentando. Todos se acomodaram, e Crátilo ficou em pé, sem saber o que fazer. Chegou o Dr. Mitamita, Chefe do Protocolo, e o convidou a retirar-se a outro compartimento. Ele o seguiu até um cubículo, onde foi convidado a sentar-se num sofá. O representante do Protocolo o deixou só, por alguns instantes. Voltou e lançou sobre a baixa mesa, em frente ao sofá, um saco de papel, cujo conteúdo era uma marmitta fria, com um pedaço de carne dura, umas batatas fritas, pedaços de pão, tomates e talheres de plástico. O amanuense viu aquilo e ligou para o Joseph, com o intuito de sair dali para um restaurante. O motorista estava longe. Tinha ido buscar as malas dos executivos no hotel.

Quando o Dr. Mitamita reapareceu no cubículo, para saber se estava tudo em ordem, Crátilo reclamou de o deslocarem da mesa dos visitantes de honra. Queixou-se também da qualidade da comida. O barbúrio magro e grisalho alegou que o nome de Crátilo não constava na lista que a Ventura remetera, por ofício, à Soterbúria para composição das mesas de negociações e banquete.

Para Crátilo, restava comer a marmitta insípida e fria que lhe deram os anfitriões.

Depois de toda aquela correria, já no começo da noite, Augusto Prestes, Carlos Vivenco, João da Matta, Pancrácio e Crátilo esperavam a volta de Giocondo e Décio Pinto do encontro com o ditador Mariposo. Carlos Vivenco, de rosto fino e óculos escuros, roncava no sofá, com a cabeça virada para trás. João da Matta, gordinho e de barba rala, conversava

baixo com Pancrácio, para não despertar o colega. Augusto Prestes, pálido e imberbe, distraía-se com seu *Smartphone*.

Depois que a delegação da Ventura embarcou de volta ao Brasil, quando Crátilo, Pancrácio e Giocondo voltavam a seus domicílios na viatura conduzida pelo Karolene, Giocondo falava o tempo todo no êxito da visita, anunciando também a missão comercial do próximo mês, cuja preparação geraria muito trabalho.

\* \* \*

Na segunda-feira seguinte à visita do prócer da Empresa, Giocondo mandou a secretária chamar Crátilo. Tão logo o amanuense entrou no gabinete do Diretor, notou-lhe um semblante consternado. Giocondo anunciou que tinha um assunto desagradável a tratar:

– O Chefe do Protocolo da Soterbúria, Dr. Mitamita, queixou-se insistentemente da conduta de um integrante da comitiva da Ventura, o qual teria reclamado de que lhe serviram uma *comida de cachorro*, no almoço de homenagem ao Diretor Presidente. Os anfitriões barbúrios se sentiram ofendidos. O Mitamita disse que aquela não fora a mesma comida do banquete oficial, mas era a alimentação dos funcionários da Soterbúria.

Crátilo negou que tivesse falado *comida de cachorro*. Esclareceu que aludira a *comida de operário*. Explicou a sua versão dos fatos e ponderou que estava indignado, porque o haviam expulsado da mesa do banquete, levando-o a um cubículo, onde lhe entregaram um saco de papel contendo uma marmitta de péssima qualidade e talheres de plástico.

– Reclamei, sim. Afirmei que a refeição fornecida a mim diferia da ofertada aos convidados do Diretor Presidente. Era uma coisa de qualidade inferior. É incrível, como eles fazem isso com a gente e ainda querem ter razão!

Crátilo aproveitou e desabafou as mágoas. Aquele acontecimento era a gota d'água. Agora, mais do que nunca, só esperava que viesse o tempo de ir embora da Barbúria. Jamais fora tão infeliz e tão humilhado. Recordou que, recentemente, quase morrera num acidente de carro. Por fim, queixou-se do Burrelfo, o Diretor da Soterbúria, que agia como um ignorante.

O Dr. Giocondo balançou a cabeça, em sinal afirmativo. Em seguida, confessou:

– Eu também fui tratado com descaso. O Burrelfo me alijou do carro onde ia o Décio Pinto, ficando na companhia do Presidente durante quase uma hora, no trajeto até o Palácio Presidencial.

O fato de Crátilo ter-se referido a *comida de operário* (e não, *de cachorro*) tranquilizou o Diretor. Do contrário, Giocondo teria que solicitar, da parte de Crátilo, uma carta, pedindo desculpas ao Mitamita e às autoridades da Soterbúria.

\* \* \*

Em casa, depois do expediente, enquanto visualizava o aparelho telefônico, Ivonete se queixava do Chefe:

– Ele é escabroso. Entra na minha sala, pega o *mouse*, investiga o que estou fazendo no computador e pergunta: *Será que não tem vírus?* Agora, vou deixar, de propósito, a página aberta no Facebook. Ontem, eu precisava expedir um *fax*, tive uma dúvida e fui à sala dele, para esclarecer. A Djanira estava lá, rebolando e dançando. Eles ficaram sem graça e a secretária falou: *Você já passou o fax?*

Num sábado de manhã, Petrúcio apareceu na casa de Crátilo com um mecânico negro, grisalho, de poucos cabelos e de rosto vincado pelo tempo. O velho examinou as partes amassadas do carro. Calculou o orçamento e pediu 45 mil barburins para desamassar a porta, soldar a quina esquerda da lataria traseira e pintar tudo.

Petrúcio falou em cinquenta mil. Crátilo entendeu que os cinco de acréscimo seriam para ele, de comissão.

Enquanto o serviço de reparação do carro de Crátilo não terminava, Crátilo e Ivonete andavam a pé, pela estreita e esburacada rua, de casa até o trabalho. Muitas vezes debaixo de chuva, e em meio à poluição, naquele trânsito infernal.

\* \* \*

Segundo Nemésia, o Vice-Diretor, Pancrácio, já arranjava diversos namorados na Barbúria, mas ainda não encontrara um para o qual ele não tenha de pagar todas as despesas.

O certo é que Pancrácio conseguira todos os privilégios que o Diretor não outorgava senão a si mesmo. Além de ter carro oficial à disposição e horário flexível, conseguiu acabar com o plantão do fim de semana, até então, motivo de preocupação permanente do chefe.

Giocondo tinha medo de que Pancrácio levasse ao Gerente Geral as ocorrências do Escritório, já que o Vice-Diretor era protegido do figurão.

Na Empresa, quando as línguas ferinas difundem a má fama de alguém, o indivíduo não consegue promoção. Pode ocorrer também de o mal-afamado ser despachado para trabalhar em péssimos países.

O assédio sexual é um problema recorrente no comportamento dos servidores. Aceita-se o homossexualismo e, em alguns casos, chegam a incentivar essa opção, já que certos chefes consideram os funcionários *gays* mais eficientes do que os heterossexuais. Há, também, os que assediam as mulheres e acabam entrando numa fria, porque elas se tornaram poderosas.

Uma tarde, Crátilo, Ivonete e Nemésia conversavam sobre esses assuntos, enquanto faziam fotocópias, quando apareceu o Pancrácio. Risonho, falou, com aquela sua voz melíflua:

– Uma funcionária da Gerência Geral dava em cima de mim, num verdadeiro assédio. Então, eu disse que ela estava ciscando no galinheiro errado...

Coincidentemente, naquele mesmo dia, um jornal publicara denúncias de 115 funcionárias da Ventura, queixando-se de abusos sexuais dos superiores. Algumas reclamavam que tiveram de ajoelhar e rezar diante de zíperes abertos em gabinetes fechados. Havia um Diretor de Escritório que já passara a mão nas coxas de algumas funcionárias. Soube-se também de outro alto executivo da Ventura que mandou os subordinados aplaudirem uma funcionária, após obrigar a moça a alisar o rosto dele, sob o pretexto de verificar se ficara boa a barba, que fizera há pouco.

Entusiasmado com aquele assunto dos assédios, Pancrácio contou o modo pelo qual foi lotado na Barbúria. Ele foi visitar um colega, no gabinete do esbelto e tortuoso Gerente Geral, e se deixou ver por *Sua Excelência*, que ficou encantado com o seu charme apolíneo, a ponto de oferecer-lhe, na hora, a vaga comissionada de Vice-Diretor, em Barbeville, cidade que considerava muito parecida com Nice.

Crátilo recordou-se da república dos lacaios, da *Bruzundanga*, de Lima Barreto. Nela, o Visconde de Pancome escolhia, pelo critério da beleza física, os rapazes que comporiam o quadro de amanuenses das legações. Assim, selecionavam-se sempre os bonitinhos, de lindos dentes e cabelos bem cuidados.

Para Crátilo, a questão principal dizia respeito ao autoritarismo e à prepotência do pessoal da Ventura. O casamento mais perfeito da história empresarial brasileira fora o da Ventura com a ditadura militar no Brasil, quando muitos funcionários foram perseguidos com base no critério da ideologia.

\* \* \*

Numa manhã de terça-feira, o chefe falou de sua expectativa quanto a uma possível visita da Presidente Dilma à Barbúria, no ano de 2016.

– Ela não vem. Receia que lhe suceda o que aconteceu com o Jango. – Afirmou Pancrácio.

– A Dilma, ou quem estiver no lugar dela, tem de vir aqui.

No final da reunião, Giocondo mostrou a Pancrácio a foto do avião, no qual ele viajara à Ruborina.

– A cadeira arrebitada e os assentos do avião sujos. Mas eu viajo, mesmo assim, e por minha conta, porque, se eu pedisse dinheiro à Gerência, iam dizer que não têm. O importante é a gente produzir. Os chineses trabalham os sete dias da semana.

Depois desses comentários, arrematou suas reflexões, categoricamente:

– Aquele Eduardo Cunha é um canalha. Ele quer levar todo mundo pro fundo do oceano, em detrimento do País.

Referia-se ao pedido de *impeachment*, que o Congresso brasileiro, então sob a liderança oficial do deputado Eduardo Cunha aceitara, para tentar derrubar a Presidente, fato que muita gente considerava um golpe.

\* \* \*

Giocondo tinha o hábito de espirrar sem desviar o rosto da direção de seu interlocutor, espalhando vírus por todo o ambiente. Em decorrência dessas disseminações virulentas, Crátilo pegou gripe e ficou dois dias em casa, lendo seus autores prediletos. Giocondo Malaquias ligou três vezes para falar de alguns assuntos pendentes.

Quando Crátilo voltou ao trabalho, Giocondo se vangloriou:

– Eu não pego gripe, porque tomei a vacina.

Mas o certo é que o Diretor apresentava sintomas da doença, tanto que continuava a espirrar, várias vezes, nas imediações do seu assessor.

\* \* \*

Num fim de semana, quando Ivonete foi ao mercado, com o carro recém desamassado, Crátilo desceu a pé a extensa ladeira do beco mais movimentado do Planeta. Foi pela escadaria, repleta de papéis, embalagens plásticas e destroços. Viu os velhos de sempre, nos batentes, fumando e botando conversa fora. Caminhou pelo lado esquerdo da rua do hotel Biafra, entre os carros e a valeta do acostamento, porque calçada não havia. Uma fila incontável de automóveis forjava um enorme engarrafamento. As valetas tinham tomado o lugar de pequenas bodegas, que o Governo mandou derrubar. Restavam ainda, depois de mais de um ano, muitos escombros.

Com destreza e rapidez, ele passou a encruzilhada de viaturas velozes, erguendo os dois braços, em sinal de aviso. Comprou, na pequena livraria do bairro, situada ao lado do Ministério da Energia, uma edição em inglês do livro *Memoria de mis putas tristes*, de Gabriel García Márquez.

Na volta, sentia a frieza do fim de tarde e a poluição do trânsito. Andava depressa para fugir daquela fumaça toda. Meio trôpegos, os pedestres gritavam com os motoristas, que buzonavam para que eles arredassem do caminho.

\* \* \*

No dia sete de dezembro de 2015, Alonso completou 95 anos. Crátilo ligou, para dar parabéns ao primo. O velho estava muito triste, porque alugara o apartamento no Rio e voltara a residir em Teresina. Não sabia se havia tomado a

decisão certa. Viu-se forçado pelas circunstâncias, pois não tinha dinheiro para pagar o tratamento de saúde.

Ivonete falou primeiro. Perguntou se ele havia comemorado o aniversário. Ela não ouvia bem a ligação. Do outro lado da linha, a Bruna, que estava ao lado de Alonso, falava alto, atrapalhando. Alonso lamentou-se de que não estava bem de saúde.

– Alonso, você acha que vai mesmo haver *impeachment*?

O primo não escutou ou não entendeu a pergunta de Ivonete. A ligação estava péssima.

Crátilo pegou o telefone. Perguntou-lhe se estava com saudade do Rio.

– Muita. Vivi minha vida toda no Rio de Janeiro.

– Alugou o apartamento?

– Sim, por três mil. O inquilino é pernambucano. O síndico é bacana. Fez melhoramentos no prédio.

Crátilo perguntou como foi o aniversário:

– Teve almoço com os parentes?

– Fiquei pouco tempo. Tenho medo de sair. Faço fisioterapia em casa. A idade pesa muito.

– Você soube da morte da Marília Pera?

– Soube. Foi às três horas da manhã. Que pena. Era uma atriz espetacular. Assisti a algumas peças dela. Você está satisfeito aí?

– Não. Estou num lugar fora da civilização.

Como a comunicação estava precária, Crátilo não continuou o diálogo. Telefonaria outro dia, ou encontraria Alonso quando fosse a Teresina.

Depois daquela conversa, Crátilo meditou longamente a respeito do primo. Recordou o ânimo viageiro de Alonso e as viagens que fizeram a Paris e, de lá, a Veneza.

Tanto em Paris quanto em Veneza, Alonso comportou-se de forma hilariante. Na Capital francesa, logo no primeiro dia, quis ir à Torre Eiffel, à igreja da Santa Catarina de Labouré, à

Galeria Lafayette e, se sobrasse tempo, ao espetáculo do Lido. A recepcionista do hotel, uma senhora de uns 60 anos, ajudou-os, fornecendo-lhes o endereço da igreja. Tentaram ligar para o José da Corda, funcionário da Torre Eiffel, amigo de Alonso, mas faltava um dígito no número de que dispunham.

Fizeram um lanche, ao lado da hospedaria. Alonso elogiou a atendente:

– Você é bonita.

Ela não entendeu, e ele insistiu:

– É bela.

Ela sorriu.

Saíram, pela Avenue des Champs-Élysées. As mesas dos cafés, nas calçadas, repletas de gente. Fazia frio. Tomaram um táxi. Alonso perguntou ao motorista, em português, o que eram os monumentos que apareciam dos dois lados do rio Sena. Coincidentemente, o taxista era português. Alonso elogiou Portugal, especialmente Fátima, onde já fora diversas vezes em peregrinação.

O fato lembrou a Crátilo o que lhe contou o Getúlio, um parente de Teresina, que acompanhou Alonso numa de suas peregrinações à igreja de Nossa Senhora de Fátima. Ali, o Alonso mostrou-se um grande devoto, tendo lavado o pé direito na torneira que havia na praça, ao lado da igreja, para curar-se de uma pereba, que já tinha cicatrizado. Depois, enxugou o pé nas calças do Getúlio.

Na igreja de Santa Catarina de Labouré, em plena missa, Alonso e Crátilo procuravam e não encontravam o túmulo onde jazia o intacto corpo da santa. Uma negra cantava hinos religiosos, e outras pessoas repetiam o refrão. Só depois da missa, que durou mais de uma hora, eles encontraram o local do corpo. Alonso ajoelhou-se e rezou. Depois, comprou pôsteres da Santa.

Ao saírem da igreja, Alonso falou em assistirem ao espetáculo do Lido, mas não tinha convicção, porque devia

ser caro demais. Caminharam, então, pelo comércio. Entraram em diversas lojas de sapatos. Alonso mexeu nos calçados, perguntando os preços. Não comprou nada. Achou tudo caro e reclamou do euro. Falava em português. Os franceses ficavam perplexos. Dali, foram ao Café de la Paix. Pediram dois expressos a um garçom que corria de um lado a outro, desnorreado. Mas Alonso desistiu, quando constatou que cada um custava seis euros.

– Pagar mais de vinte reais por uma xícara de café? Eu não sou como o Sérgio, que, quando chega ao Rio, só anda de táxi. Pra quê gastar dinheiro à toa! – Exclamou e complementou: – Rapaz, eu não sou miserável, sou econômico.

Depois de andarem entre os balcões floridos e os varandões dos prédios simétricos, entraram num restaurante. O garçom custou a servir, e Alonso decidiu ir embora, porque achou um absurdo o preço da *pizza*. Teve dinheiro, pelo menos, para comprar um cartão postal e enviá-lo à Dona Luciana, a velhota gaúcha que comprava as toalhas que ele trazia de Florença.

– Dona Luciana mora em Porto Alegre, mas passa temporadas no apartamento de luxo que tem no Flamengo, de frente pra Baía da Guanabara. É gente boa e tem bom gosto. Ela viaja muito a Buenos Aires. Eu também já estive lá algumas vezes. Passei vinte dias na Capital da Argentina. Os *bundas-moles* da família não conhecem aquela cidade charmosa.

Repetiu a sequência de frases, com que se vangloriava de ter viajado à Europa: *Roma é uma glória; Paris, uma apoteose; e Veneza, um deslumbramento*. Depois, como sempre, enumerou as cidades chinesas que visitou em outras viagens.

– Ninguém da família deu a volta ao mundo como eu. Dessa família, quem mais viajou fomos eu e você. China, Índia, Japão, Tailândia...

– Eu nunca fui ao Japão nem à Tailândia. – Lamentou-se Crátilo, como se tivesse sofrido duas derrotas.

- Você acha que eu tenho bom gosto?
- Extremo.
- Você é muito irônico. – Replicou Alonso.

Depois de sessenta minutos numa fila imensa, adentraram o portentoso templo de Notre-Dame. Os órgãos ressoavam, entre os vitrais brilhantes, como mandalas esotéricas. Em plena missa, a multidão circulava, fotografando e filmando aquelas paredes fabulosas. Alonso se lembrou da viagem que fez com Getúlio, *aquela caipira*, que, em Paris, dizia *Notra Dama*; em Roma, referia-se à *Capela Cisterna*; e, em Atenas, garantia ter, no bolso, notas de *dráculas*, em alusão ao dinheiro grego daquela época.

Crátilo recordou-se de que, num aniversário de Alonso, Getúlio levou uma torta de chocolate e disse: *Eu trouxe essa torta pra ti comer*.

- O Getúlio fala um português de maloca. É um cara que ganhou dinheiro fácil, emprestando o carro para o Governador sair com a amante. – Revelou Alonso.

Entre arcos e vitrais policromos, a catedral exalava um aroma de incenso inebriante. Isso fez Alonso lembrar-se de que a Raimunda havia pedido um perfume de presente.

- Os preços dos frascos estão na base de 30 a 40 euros. Comprei pra ela uma camiseta de sete euros. Não vou gastar dinheiro num perfume caro.

Alonso quis ir, de qualquer maneira, à Galeria Lafayette.

- É uma loja elegante. – Argumentou.
- Só tem roupa cara. – Advertiu Crátilo.
- Pode ser tudo o dobro do preço de outros lugares, mas a qualidade é excelente. – Insistiu Alonso, que tudo viu, tudo tocou e nada comprou.

Detiveram-se para apreciar a opulência do esplêndido Ópera Garnier. Diante dos balcões ornados com os bustos dourados dos próceres da música, das colunas coríntias e das triunfais alegorias da arte, Alonso recitou, de súbito: *Bahia*,

*minha Bahia de Todos os Santos. / Em cada janela, uma puta./ Em cada esquina um sacana.* Em seguida, cantou um trecho do antigo samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro: *Terra abençoada pelos deuses / e o petróleo a jorrar.* – Estava inspirado.

Ao passar diante de uma farmácia, comentou:

– Como são pequenas as farmácias de Paris! Pelo tamanho das do Rio, parece que os brasileiros vivem todos doentes.

Zé da Corda, o amigo português, levou a dupla até o alto da Torre Eiffel, de graça, e sem entrarem na fila. Encantados com a vista, contemplaram longamente a cidade que se espalhava por todos os lados, os exuberantes monumentos, as torres e as pontes sobre o Sena. Alonso viu o Obelisco da Praça da Concórdia e perguntou do que se tratava. De súbito, lembrou-se do Piauí:

– Os provincianos têm vários carros na garagem, só pra ostentar riqueza. Se eu pudesse, compraria um apartamento em Paris.

No baile do Lido, Alonso nem pestanejava, mesmo diante da luz projetada contra os olhos dos espectadores. Elogiava a música, as bailarinas e os bailarinos. Crátilo apreciava, sobretudo, as bundas, as barrigas e os peitos balançantes das bailarinas que requebravam, tremulando as lantejoulas.

No dia seguinte, tomaram um trem para Veneza. Na Sereníssima, contemplaram as cúpulas argêntas, a polifonia marítima e o virtuosismo iconográfico. Alonso entrava em toda casa comercial e achava os preços *um roubo*. Passava cerca de dez minutos em cada loja. Pegava nos sinos de cristal e balançava várias vezes. Os italianos olhavam, desconfiados. Pedia desconto. Chegava a conseguir quinze por cento, mas não achava suficiente.

Crátilo foi à Gallerie dell' Accademia. Por achar o ingresso caro, Alonso não entrou no museu. Preferiu esperar lá fora, na praça, onde uma soprano húngara cantava árias.

– Você ganha em dólares. Eu, em reais.

Mais tarde, na lanchonete, pediu uma torta. Quando viu que o preço era quatro euros, foi embora, sem comer.

Em outro local, Alonso quis comer *pizza* e foi se sentando à única mesa desocupada. O garçom, empedernido, declarou, militarmente e com estardalhaço, que aquela mesa era para quatro pessoas.

Crátilo não gostou do tom de voz do homem e retrucou:

– Fale suave, *doucement, piano, piano...*

O garçom saiu, sem os atender.

Retiram-se do recinto, não sem pronunciar alguns impropérios.

Crátilo resolveu assistir a um quarteto de violinistas, que interpretava Vivaldi, na Scuola Grande di San Giovanni Evangelista. Cansado, Alonso cabeceou de sono durante o concerto.

Por toda Veneza, tudo suscitava uma espécie de vertigem visual: as filigranas nas fachadas, as luzes refletidas na superfície líquida que deslizava entre edificações multicores, a sucessão dos arcos, as paredes que emergiam das águas, as esteiras de espumas que os barcos imprimiam no fluxo da corrente e o reflexo da claridade flutuante.

No amplo salão a céu aberto, que é Praça de São Marcos, Alonso perguntou:

– São Marcos foi apóstolo, não?

– Foi.

– Tem certeza?

– Ele não foi um dos doze apóstolos escolhidos diretamente por Jesus, mas o termo também se aplica aos primeiros que registraram e divulgaram a palavra de Cristo.

Alonso quis *mijar*. Se não houvesse banheiro perto, corria o risco de urinar nas calças *jeans*. No primeiro restaurante, um garçom aprumado e inflexível não os deixou entrar somente para usar o banheiro. No segundo, tiveram entrada

livre, mas a porta de acesso ficou entreaberta, e uma italiana neurótica começou a gritar que os homens deveriam fechar a porta, quando entrassem no *bagno!* Eles saíram, abotoando as braguilhas e quase correndo, assustados com os gritos daquela louca.

Alonso comprou um boné. O dinheiro saiu com dificuldade da mão. Saiu, deslizando entre os dedos.

– Vamos embora, senão eu acabo com o dinheiro. Mas só comprei coisa barata.

Ele continuou vendo máscaras, lustres, camisetas e miudezas de cristal. Entre os vendedores astuciosos e a economia de Alonso, as negociações tardavam. Quando ouvia o preço, ele exclamava, scandalizado: *Que loucura!* – E pedia mais desconto.

– Quando estive aqui antes, comprei três lustres desses. Vou levar estas taças de vidro.

Quando ia pagando, voltou com as taças e as repôs na vitrine.

Foram de trem para Florença. Alonso saiu perguntando pelo Mercado Novo. Ninguém sabia dizer onde ficava. Levava uma toalha de renda nordestina para vender a um tal de Nicolas ou então trocar com ele por uma de fabricação italiana.

Passaram pelo Mercado de San Lorenzo. Não era ali. Avistaram a torre colorida do Duomo.

– É perto daquela torre. – Uma senhora informou.

Não acharam. Um policial indicou outra direção. Voltaram ao Mercado de San Lorenzo. Desviaram-se da multidão, em frente à catedral. Quando Alonso falou no Mercado de la Paja, um velhinho magro ensinou-lhe a direção certa.

O Nicolas o viu e exclamou:

– Ah, brasileiro!

Alonso perguntou se tinha toalha.

– Tem muita. Branca ou bege?

Não tinha a que ele queria.

Nicolas ofereceu-lhe uma que custava 280 *euros*. Era preciso negociar.

– Eu queria mais trabalhada.

Crátilo foi comer um sanduíche. Voltou, meia hora depois, e o primo ainda estava escolhendo a toalha. Nicolas não quis comprar a dele.

– Que decepção. Já não existem as toalhas de antigamente!

Continuou negociando uma toalha de 160 euros, com o intuito de revendê-la para a Dona Luciana.

– Faz as três por 250?

– *Non posso. Faccio tre per 450.*

Ele ofereceu 400. Depois de quarenta minutos de negociação, Alonso resolveu comprar. Levou também um presente de dez euros para a Dona Luciana.

Enquanto Crátilo visitava o museu do Palazzo Vecchio, Alonso saiu em direção ao comércio, na mesma rua do palácio, para não se perder. O encontro seria em frente à estátua de David. Cerca de duas horas depois, quando Crátilo saiu do museu, viu Alonso olhando para o relógio. Tinha a cara alarmada. Havia-se perdido na hora de voltar ao palácio. Indagara onde se localizava a praça da estátua de David. No entanto, *os gringos* respondiam que existiam várias praças com essa estátua.

Crátilo lamentou o ocorrido e pediu desculpas. Não imaginou que Alonso se fosse perder, porque bastava caminhar sempre pela mesma rua, onde estava o comércio principal.

Chegava a hora de regressar a Veneza. Foram em direção à Estação Santa Maria Novella, Alonso carregando a pesada sacola com as quatro toalhas. O trem atrasou e chegou quase vazio. Comeram pistaches e pêssegos. Afonso começou a tossir e espirrar. Um chuveiro de saliva saiu-lhe da boca, em direção à mesinha do trem e às mãos de Crátilo.

Chegaram por volta de uma da madrugada. Veneza dormia. Cansados e famintos, procuraram em vão algum restaurante. Alonso tomou um suco de caixa, que encontrou no frigobar do hotel, e lamentou que não tivesse *nem um saquinho de castanha pra fazer uma boquinha*.

– *Porca miseria!* – Exclamou Crátilo.

Durante a semana que durou a viagem, Alonso ainda não havia defecado. Para estimular os intestinos, além do remédio para dormir, ele tomou um para defecar. De madrugada, Crátilo acordou com a explosão de um tremendo *peido* de Alonso. Às oito e meia, despertou com novos ruídos e odores produzidos pelo primo. Abriu a janela, discretamente, para ventilar o quarto. Alonso levantou-se e foi ao banheiro. Quando Crátilo foi usar a privada, o assento estava todo *mijado*.

Naquela manhã, Alonso ainda se mostrava abalado pelo incidente da véspera. Para alegrar o primo, Crátilo o convidou para ver as obras de Tintoretto, na Scuola Grande di San Rocco. Saíram pela Calle Degli Specchieri, dobraram a esquina e, ao aparecerem lojas, Alonso entrou na primeira. Perguntou se tinha toalhas de linho. A mulher abriu as toalhas. Ele deu uma olhada e saiu.

– As de Florença são melhores.

Enquanto Crátilo apreciava os esplendores de Tintoretto, Alonso esperou do lado de fora.

Pelo caminho de volta ao hotel, resolveram almoçar. Alonso perguntou a Crátilo se *prego* significava *garçom* e se *vero* tinha o sentido de *tudo bem*.

– *E ecco*, que quer dizer?

Já havia feito todas essas perguntas antes.

Alonso resumiu sua filosofia alimentar no seguinte: *Bom pra saúde é comer. Ruim é não comer*.

Após a refeição, seguiram adiante, enfiando a cara no vão de entrada das portas das igrejas históricas e batendo em retirada, ao saber que precisavam pagar para entrar.

Alonso perguntava, nos guichês, se o Papa sabia que estavam cobrando aos católicos fiéis o acesso ao interior das igrejas.

Quando já estavam no terminal das barcas, Alonso resolveu voltar a uma loja, alegando ter-se esquecido de comprar um colar para a sobrinha Juana. Voltaram, pelo estreito corredor congestionado de gente, e ele comprou mais dois colares de doze euros cada, tendo conseguido três de desconto, elogiando a vendedora.

Entraram no barco sem comprar o bilhete de cinco euros. Alonso tinha medo de que a embarcação afundasse por excesso de lotação. Porém, satisfeito, elogiava Veneza: *Cidade encantadora, uma festa*. Alonso inflou as narinas e exclamou:

– Nunca senti mau cheiro aqui. Dá vontade de ficar mais uma semana.

Ao comentar a sua viagem anterior, queixou-se do *filho da puta* do Sarkis, chefe da excursão, que levou o grupo a ficar só um dia à Praça de São Marcos.

– Enganou a gente. E, em Paris, nem na Torre Eiffel nos levou. O Zé da Corda é que salvou a pátria.

Ao descobrir um pernambucano, vendendo quadros, puxou conversa.

– Piorou a vida, com o euro?

– É suportável.

– Um prato de macarrão por setenta reais, você acha suportável?

Crátilo anunciou que precisava ir ao banheiro.

– Você tá *cagando* por você e por mim.

Alonso foi também ao banheiro, mas não fez nada. Era o oitavo dia. Na Praça São Marcos, comprou, de uns negros, uma bolsa pra levar as toalhas. Pediram 150 euros, mas deixaram por 38. Verificou, depois, que um outro vendia por 30, e ficou lamentando.

– Perdi oito euros.

Crátilo também lamentava ter pago um euro no banheiro, *só pra mijar*. Alonso resolveu comer um sanduíche no McDonald's.

De volta à Praça, permaneciam pasmados diante do florido gótico bizantino da fascinante Basílica de São Marcos, vestida de mármore e coroada de mosaicos.

Na noite da despedida, farto de ver lojas, Crátilo comprou ingresso para outro concerto de Vivaldi. Alonso preferiu ficar no hotel, descansando e arrumando as malas.

Ao voltar do concerto, Crátilo encontrou Alonso fazendo a barba. O primo tirava lentissimamente a espuma da cara, passando a gilete a pouco e pouco na pele. Lembrou-se de que, quando criança, viu o primo, já adulto, na cidade interiorana de Santa Luzia do Caruru, barbeando-se do mesmo modo. Naqueles dias remotos, o Alonso usava uma tigela, pois não havia água encanada. E passava várias vezes a espuma e a gilete no rosto, até ficar perfeitamente escanhoado.

Apesar de triste, por deixar Veneza, Alonso cantou a música do navio Serpa Pinto, cujo refrão dizia: *Cachopa, cachopa...* Recordou-se da Jerônima Lopes, a vizinha que duvidou de que a esposa do Ibrahim Abi-Ackel, então Ministro do João Figueiredo, mandasse buscá-lo, de Mercedes, no apartamento. Porém, de fato, a mulher do ministro enviou o pomposo automóvel e o respectivo motorista. A Jerônima olhou pela janela do apartamento e ficou admirada: *Ih, tem chapa branca!* Alonso vendia toalhas de renda à mulher do então Ministro. Fez amizade com a grã-fina. Quando a conheceu, disse-lhe: – *Você está deslumbrante!* – Ela, vaidosa, sob o luzir das joias e a proteção de um chapelão, comprou-lhe três toalhas de uma vez.

Na partida, de manhã cedo, arrastaram as malas pela San Marco.

– Adeus, Veneza! Azul que começa na terra e não tem onde acabar.– Murmurou Alonso, entre suspiros.

No barco, de vez em quando, dava uma cotovelada leve em Crátilo, pra mostrar a paisagem.

- Olhe ali, primo, outra ilha!- E, pouco depois:
- Mar calmo, né?

Ao longe, as sagradas redomas, os mastros esgalgos e a estampa colorida das edificações. Alonso tinha os olhos inebriados pela paisagem:

- É muito bonita essa Itália. Veja, mais duas torres ali, parecidas com a de San Marco.

De vez em quando, dava um cochilo. Acordava e apontava, com o dedo:

- Estamos perto de Murano?
- Sim, nos aproximamos da ilha dos cristais coloridos.

Quer dar uma passadinha pra comprar alguns?

Ele balança a cabeça, afirmativamente:

- Dá tempo, dá? - E comenta, extasiado:
- Que cidade linda, não tem no mundo nada igual.

O pernambucano disse que Recife é igualzinho, mas o mais parecido de tudo é o povo. Não tem diferença...

No aeroporto, depois da imensa fila da fiscalização, Alonso peregrinou de loja em loja, fazendo um escarcéu: desarrumou camisas e perguntou os preços em português. Os italianos respondiam, em inglês ou italiano, sem que ele entendesse. Perguntou um preço que já estava na etiqueta e o vendedor apontou com o dedo, indicando o valor. Numa das lojas, o vendedor não permitiu que ele provasse a camisa. Andaram por outras. Ele resolveu voltar à loja anterior. O vendedor desdobrou as camisas outra vez, mas ele não quis comprar.

Crátilo comeu uma salada de frutas e Alonso um sorvete, embora quase desistisse, por causa do preço. Sorveu três bolas coloridas, lambendo-as, gulosamente. Caiu-lhe na roupa uma parte. Ele pediu uma paleta, abriu e jogou o papel no chão.

- Quer não?
- Não.

– Não sabe o que *tá* perdendo. É o melhor do mundo.

Quando se deram conta, já não havia ninguém na fila do embarque. Os passageiros já estavam dentro do avião, e a moça não os deixou entrar na aeronave. Não adiantou argumentar que se tratava de um passageiro de quase 90 anos para convencer a moça da companhia aérea. O jeito foi comprar uma nova passagem aérea e esperar mais quatro horas, até embarcarem no outro avião. Enquanto aguardavam, Alonso se manteve sério, contrito com aquele inconveniente e, lamentando o prejuízo, com o qual Crátilo arcou completamente, para que o primo não sofresse tanto.

\* \* \*

As recordações daquelas viagens, que alentavam a mente de Crátilo, foram interrompidas pela consciência de que ele se encontrava na Barbúria, sob as ordens do astuto Giocondo.

O chefe tirou uma semana de férias. Na despedida, estendeu a mão para Crátilo, perguntando se ele ainda estava com gripe. Em seguida, abriu uma gaveta e, com voz sussurrada, mostrou a Pancrácio, que já sentia o gosto de roer o osso, as cópias das chaves dos carros. Fez isso como se revelasse o segredo de tesouros ocultos. E recebeu, de Pancrácio, dois tapinhas aduladores nas costas. Com a secretária Djanira, a despedida foi um abraço apertado e de rosto colado.

Ao assumir a chefia interina, Pancrácio pediu muitos serviços a Crátilo. Depois de lhe solicitar que escrevesse sobre a visita do Vice-Presidente da República dos Vetrúvios à Barbúria, levou-lhe recortes de jornais:

– Vamos informar sobre a nova lei de finanças da Barbúria. Você pode fazer?

– Posso, mas só depois de terminar as duas mensagens grandes, que a Gerência solicitou, sobre o agronegócio e projetos de Engenharia Consultiva.

- Eu faço isso em meia hora. – Vangloriou-se Pancrácio.
- Temos que informar sobre o País, senão, funcionaremos apenas administrativamente.

Crátilo não gostou da obstinação de Pancrácio, que quis dar uma de chefe. Já não sabia quem era pior, se o Giocondo ou o Giocondo Jr.

O Natal e o Ano Novo, passados em Barbeville, foram das experiências mais tediosas da vida do nosso protagonista. Aos ambientes deprimentes da cidade e do trabalho, veio unir-se a triste notícia do falecimento de Egberto, o irmão de Alonso que residia em Niterói. Ocorreu no dia seguinte ao Natal, 26 de dezembro de 2015. Ivonete recebera mensagem de Juana, contando que Egberto sofrera uma queda, fora hospitalizado, tivera convulsões e morrera. Ao pensar no primo Egberto, velho amigo, que o hospedara diversas vezes em sua casa, Crátilo meditou sobre a velhice e o fim da vida. E ficou preocupado com Alonso, cujo melhor amigo era o seu irmão mais novo, Egberto. Alonso sentia-se um pai para Egberto.

O enterro foi no dia seguinte. Crátilo pensou também na Lorena e na Silene, as filhas de Egberto.

A imagem do velho primo falecido não saía de sua mente. Egberto era um gordinho, calvo, de baixa estatura, que andava com as costas encurvadas. Tinha o hábito de fungar, em virtude de uma sinusite crônica, embora dela se tivesse operado na juventude. Outras lembranças do primo vieram à memória de Crátilo: seu sentido de humor, seus impulsos temperamentais, o hábito de beber nos fins de semana, o aparelho de audição que ele se recusava a usar, a gentileza com que o primo ia buscá-lo no aeroporto e o levava para o seu apartamento, enquanto Crátilo ainda não comprara o seu próprio.

Egberto tinha 89 anos, quando a morte o alcançou.

Crátilo precisava dissipar aquela nuvem sombria de tristeza, fazendo alguma coisa agradável. Talvez, passear

numa área bucólica ou conversar com algum amigo, opções não disponíveis na soturna e triste Barbúria.

E as coisas seguiam complicadas no escritório da melancólica Barbeville. O volume de trabalho de Crátilo aumentava.

Crátilo ligou para Alonso, com o propósito de confortá-lo. Para sua surpresa, o nonagenário primo ainda não sabia que Egberto havia falecido. A família lhe escondera o ocorrido. Quando Crátilo lhe falou: *O nosso velho amigo fará muita falta*, Alonso perguntou:

– Quando ele morreu? Foi hoje?

Crátilo ficou desnorteado, sem saber bem o que dizer. Mas teve que falar a verdade. Alonso, com a voz embargada de tristeza, quase chorando, lamentou:

– Você soube quando? Não me disseram nada... Era o irmão que mais convivia comigo!

– Era um amigo fiel.

– O *Doutor* foi embora a que horas? Eu viajaria pra lá. Mas *tô* doente também. Não tenho condições. *Tá* se acabando tudo... Coitado do *Doutor*.

Crátilo ficou constrangido por ter dado a notícia. Juana não o avisou de que a família considerara mais conveniente esconder de Alonso aquela dura realidade. Não se podia, porém, voltar no tempo e dar o dito por não dito.

Telefonou para Silene, uma das filhas de Egberto. Ela atendeu, chorando. Disse que não aguentava nem falar no assunto. Que estava só em casa e por isso evitava atender aos telefonemas porque, ao falar a respeito, sentia-se ainda mais deprimida. Disse que ficara um buraco em sua vida.

Silene era apegadíssima ao pai. Ele fora pai e mãe, ao mesmo tempo, para ela e Lorena. Crátilo, também triste, expressou sua solidariedade e afirmou que gostava muito do primo Egberto. Ela agradeceu, chorando muito, e desligou o telefone.

Crátilo lembrou-se de que, na viagem a Veneza, Alonso pensou em comprar, em Murano, umas taças de cristal para presentear Egberto; mas desistiu, quando viu o preço.

Por causa do falecimento de Egberto e pelas agruras do escritório e da Barbúria, foram melancólicos os primeiros dias de 2016.

\* \* \*

Nemésia cumpriu o tempo dela e esperava ser transferida o mais rápido possível para Blefescu, um lugar remoto e muito frio, onde a Empresa remunerava os funcionários com um dos mais altos salários. Para a vaga da Nemésia, que ainda nem se fora, chegou a Palmira, uma mulherona alta, robusta, de cara inchada, pele amarelada e voz rouca.

Palmira dava beijinhos nas faces de Giocondo. Dizia a todos que se sentia honrada em trabalhar sob as ordens do seu novo chefe. Ingeria copiosamente bebidas alcóolicas e, na janela do andar inferior, fumava inveteradamente.

– Uma coisa que me *orgulhece* de ser brasileira é não esquecer o português. – Garantiu ela, prendendo, no alto da orelha direita, uma caneta esferográfica, com a tampa toda mordida na ponta.

O Diretor regressou do recesso, ávido por acelerar o ritmo dos serviços. Considerou *muito ruim* o texto imenso, de dez páginas, que Crátilo fizera, sobre os projetos de Engenharia Consultiva na Barbúria. Perguntou se Crátilo lera as instruções escritas na mensagem oficial, que pedia as informações. Crátilo reclamou da dificuldade em obter-se qualquer informação na Barbúria, uma vez que as instituições não têm *sites* de internet. Além disso, tanto as empresas quanto as autoridades locais não respondem aos *e-mails*, nem atendem aos telefonemas.

Aborrecido com as críticas de Giocondo a seu texto, Crátilo disse a Palmira que estava farto dos canalhas, *filhos da*

*puta* da Ventura e que se ele não tivesse tantos móveis e tralhas em casa, faria o mesmo que o Aristarco, que, quando Vice-Diretor do escritório na Parafúrdia, mandou todo o mundo à *puta que os pariu*, pagou a própria mudança e voltou para a Gerência, com o exclusivo propósito de se aposentar.

Giocondo passou a mandar, por meio de Pancrácio, bilhetinhos, cobrando serviços de Crátilo. Ao mesmo tempo em que se unia a Pancrácio, o Diretor detratava seu sucessor imediato, falando mal dele pelas costas. Censurava-o por haver abusado do uso dos carros na sua ausência. E reclamava que, às quatro horas da tarde, Pancrácio ainda não havia chegado ao Escritório:

– Parece que esse rapaz veio pra cá de férias.

Pancrácio, por outro lado, desconhecendo ou fingindo desconhecer as maledicências de seu chefe, sentia-se à vontade. Procurava compensar suas ausências e abusos bajulando seu superior. Oferecia-lhe seus préstimos a todo momento:

– Se o senhor quiser, eu escrevo mais dois ou três parágrafos. Faço do tamanho que for preciso.

\* \* \*

Crátilo lia antes de dormir. A leitura era um lenitivo para o desgosto do trabalho. Comprara diversas lâmpadas para clarear o quarto, porque, depois da operação de catarata, tinha que ler com bastante iluminação. Recolhido à cama, agitado pela insônia, Crátilo recordou-se da odisseia que foi a vinda de Alonso para o Rio, Ele ria, ao lembrar-se dos episódios divertidos, quando, por exemplo, em relação à inteligência de Crátilo, o primo costumava dizer: *Você não é dos mais orelhudos*. Noutra ocasião, Alonso disse-lhe: *Você nasceu em berço de ouro*. Aludia ao fato de o *Seu Zé Carlos*, o avô materno de Crátilo, ter sido um homem rico. Os filhos e genros do senhor Zé Carlos

dissiparam a fortuna que, com trabalho e inteligência, o velho acumulou.

Depois da venda dos objetos do apartamento, Alonso, já de regresso a Teresina, ligava todos os dias para a Juana, cobrando o dinheiro da venda no leilão. Ela estava encarregada de transferir a quantia para a conta dele na Capital do Piauí.

– Até agora não vi a cor do dinheiro. – Reclamava.

Ele vendeu quase tudo o que havia no imóvel. Levou apenas alguns objetos decorativos para Teresina. O leilão pagou muito abaixo do valor. O dinheiro dali proveniente completou o orçamento de Alonso, mas ele continuava economizando o mais possível. Até com comida. Só gastava quatrocentos reais por mês com alimentação, soma insuficiente para nutrir-se bem.

Num telefonema, Alonso queixou-se de haver perdido dez quilos depois da morte da Raimunda, que trabalhara trinta anos para ele.

– A morte dela acabou comigo.

A dificuldade do nonagenário em andar mostrava-se inversamente proporcional à eficácia de sua memória. Se não fossem as pernas bambas e as mãos trêmulas, Alonso certamente se sentiria capaz de viajar outra vez à Europa.

Aila, uma das sobrinhas dele de Teresina, quis colocar-lhe um marca-passo. Ele recusou:

– Pra quê? Se vou morrer mesmo?

Falou mal dos ricos de Teresina, que voam de helicóptero, que pousam nos tetos dos edifícios, fazendo um barulho tremendo, até de madrugada.

– Aqui tem gente com quinze vagas nas garagens dos apartamentos. Todos, carros de luxo.

Incitado por Crátilo, Alonso recordou a primeira viagem que fez ao Rio, com a duração de doze dias, num navio que parou em Recife, Salvador e Vitória. De repente, Alonso interrompeu a narrativa para comentar:

– Agora, dos irmãos, só restamos eu e a Aurora. Os outros já foram todos. – Comentou, num tom melancólico, e perguntou:

– Como é a Barbúria?

– É ruim. Não há diversão, nem vida cultural, nem bons restaurantes, nem vida noturna. É quase uma prisão. Só trabalhar e dormir.

– Você pensa em morar no Rio?

– Penso.

– E o Zé da Corda, onde andarás?

– Ele ia pro Sul da França, Alonso. Já deve estar por lá, há mais de uma década. Na equipe nova da Torre Eiffel, talvez já nem se lembrem dele.

No dia seguinte, Crátilo ligou para Lorena, para expressar-lhe seus pêsames pelo falecimento do Egberto. Ela falou com tristeza:

– Ele faz falta. A gente procura por ele no quarto, no banheiro, e ele não tá.

\* \* \*

Damásio, o poeta dissoluto, enviou diversas mensagens estarrecedoras sobre publicações divulgadas na imprensa, a respeito da situação da Ventura e do Governo brasileiro. O clima no Brasil era de golpe. Havia muito repúdio à Presidente Dilma. Ela já avisara que não sairia e que não se suicidaria, como fez Getúlio. Dilma tentara colocar o ex-Presidente Lula como Ministro para dar-lhe foro privilegiado, livrando-o da jurisdição de Moro, uma vez que as investigações sobre o ex-presidente passariam para outro tribunal, sob outro juiz.

– Quando voltar ao Brasil, traga um capacete e um colete à prova de balas. É nesse clima que serão realizadas as suas tertúlias.– Recomendou Damásio ao amanuense.

De acordo com Damásio, fora publicada, num jornal, matéria acerca de um amanuense de nome Rinaldo Álvarez Canaleto que ficou suspenso, por vinte dias, pela Corregedoria da Ventura por agressões e ameaças a um torneiro mecânico, no escritório da Empresa em Mangangá. O truculento cidadão fora denunciado, também, por infligir ameaças e maus-tratos a uma funcionária da Associação Argolândia. Rinaldo era também useiro e vezeiro em bater no próprio cachorro. Segundo os vizinhos do prédio onde ele mora, ouviam-se os grunhidos do pobre animal, todas as noites. Para vingar-se da suspensão, Rinaldo denunciou a existência, no paraíso fiscal das Ilhas Cayman, de uma conta secreta do Escritório da Ventura em Mangangá.

De vez em quando, Damásio mandava-lhe essas novidades, lidas na grande imprensa brasileira. Na política, os insatisfeitos pediam a demissão da Dilma. Os favoráveis ao Governo falavam que aquilo caracterizava tentativa de golpe. Inconformado, Celso escreveria a Crátilo:

– Dilma foi eleita com 54 milhões de votos, o equivalente a 51%, no segundo turno, batendo Aécio Neves, que ficou com 51 milhões. Aécio e boa parte de seus eleitores nunca aceitaram a derrota.

\* \* \*

Na segunda semana de março de 2016, uns estudantes imbecis, da escola que ficava numa esquina, a uma quadra da casa de Crátilo, jogavam futebol, e a bola escapuliu para dentro do jardim do amanuense. Bateram violentamente em seu portão e tocaram a campainha, com tal estridência, que Crátilo e Ivonete foram correndo, assustados, ver o que estava acontecendo. Três ou quatro estudantes, de cerca de dezessete anos, quiseram invadir a casa para recolher a bola. Ivonete bateu a porta e negou-lhes a entrada. Eles então bateram mais

violentamente no portão de ferro e jogaram pedras por cima do muro. Crátilo ficou raivoso e aterrorizado. As grandes pedras atiradas poderiam causar sérios danos a alguém que precisasse transitar pelo local. Lindoia foi ajudar. Atravessou o jardim bombardeado, pegou a bola e a entregou a um dos adolescentes, não sem advertir de que o dono da casa faria uma carta de reclamação ao Diretor da escola.

Parecia que o assunto já estava resolvido, mas Crátilo notou que, a partir do incidente, havia sempre uma concentração de estudantes diante de sua porta. Em duas ocasiões, ao tentar sair pelo portão, eles estavam sentados à soleira, com as pernas estendidas, impedindo-lhe a passagem. Ele reclamou:

– Pode-se passar?

Eles recuaram as pernas. Crátilo seguiu a pé, rumo ao escritório. Passou a sair pela porta da garagem, usando o controle remoto para fugir de todo contato com aqueles vândalos.

Naquele mesmo dia, Lindoia contou-lhe que os estudantes tornaram a jogar pedras e a bater violentamente no portão. Quando ela estava preparando o almoço, escutou o estardalhaço. A campainha soava insistentemente. Foi ver o que estava acontecendo. Eles debochavam, cada um dizendo: *Não fui eu!*

Crátilo ligou para o Djair e pediu que ficasse como guardião, todas as manhãs, para evitar aquele tipo de provocação. Ele foi à escola da vizinhança, reclamar com a Diretora. A mulher disse que não se podia responsabilizar pelo que os estudantes fizessem fora da escola.

\* \* \*

Um dia, de manhã, Crátilo viu um pneu do carro deixado de lado e perguntou o que acontecera. Djair alegou que o pneu estava baixo e que o havia trocado pelo de estepe. Crátilo

achou aquilo estranho. No dia anterior, o pneu estava bom. De uma hora para outra, sem nenhum motivo, murchara, precisando de substituição. E o seu empregado o trocara sem avisar-lhe nada.

Depois de uma semana, Djair informou que o macaco não estava no carro e que o motorista do escritório esquecera de guardar o artefato, ao lavar o automóvel.

Crátilo e Ivonete desconfiaram daquela conversa, que parecia uma espécie de sabotagem, porque nenhum motorista do escritório havia lavado o carro. Acharam mais provável que o empregado houvesse sumido com a peça do veículo.

Também causava suspeitas ao casal o fato de faltar água, toda vez que o Djair aparecia por lá e aguava o jardim. Sempre se fazia necessário chamá-lo, para resolver o problema. Ele vinha, e logo a água voltava.

\* \* \*

No Escritório, Giocondo entrou na sala de Crátilo e deu a volta, ao redor da mesa, para ver a tela do computador. Crátilo, velozmente, fechou-a.

Frustrado em sua tentativa mesquinha, o Diretor lhe passou a tarefa de escrever um texto, para atualizar as informações sobre os indicadores econômicos da Barbúria.

Giocondo estava indócil, porque tentara vender uma máquina fotográfica a Ivonete, e ela, com a anuência de Crátilo, recusara-se a comprar o artefato. Nemésia, para agradar o Diretor, comentara com Giocondo que Ivonete gostava muito de fotografia e que certamente compraria a máquina.

\* \* \*

Crátilo completou dois anos no País. Agora teria de esperar até que saísse o *pacote* das transferências. Falavam

que poderia ser para o primeiro semestre de 2016. Mas não havia certeza de nada. Por outro lado, chegara o momento de negociar a renovação do contrato do aluguel, cujo prazo de dois anos terminaria no final de março de 2016. Crátilo marcou o encontro com Satur num sábado às quatro da tarde.

Satur não apareceu à hora marcada. Crátilo telefonou diversas vezes ao locador, até que o homem chegou, cerca de uma hora e meia depois do horário combinado. Com a calva brilhando, a barba asquerosa e o olhar de rapina, foi exigindo o aumento da mensalidade e a renovação do contrato por mais um ano. Crátilo explicou que não tinha condições de pagar além do que já pagava. Tampouco podia renovar o contrato por um ano mais, porque não sabia quanto tempo ainda ficaria na Barbúria. O locador se mostrava inflexível. Não aceitava a renovação do contrato pelo prazo nem de seis nem de oito meses. Afirmava que os contratos de aluguel na Barbúria são todos de um ano. E insistia na intenção de elevar o preço.

Crátilo gastava os nervos naquela angustiante negociação. Explicava que não poderia forçar o Gerente Geral a aceitar o prazo que ele, um amanuense, quisesse para a sua permanência no Escritório em Barbeville. Seu tempo de permanência na Barbúria era prerrogativa dos Diretores da Empresa. No entanto, Satur, como um autômato, repetia a sua exigência: ou o aumento da mensalidade ou o contrato de um ano. Crátilo propunha seis meses, renováveis por mais dois. Alegava que a proposta de Satur era uma forma de expulsá-lo da casa. Satur mencionou, hipocritamente, que recebera propostas de candidatos a inquilinos. Segundo ele, pessoas que pagariam até oito mil dólares mensais, com depósito adiantado do valor anual. Prometeu, contudo, consultar o seu pai e dar uma resposta à proposta de Crátilo.

O novo encontro aconteceu quatro dias depois, no Escritório. Malufa, Júlia, Nemésia e Ivonete participaram da reunião. Satur parecia intimidado, diante daquela escolta de

mulheres defensoras de Crátilo. Nervoso, suspirava, mexia os olhos incessantemente, pigarreava e, ao girar a cabeça de um lado para o outro, balançava a barba nos peitos. Falou de novo em aumento e reiterou que a renovação do contrato por seis meses não lhe convinha. Ameaçou novamente aumentar o valor em 10% a cada mês.

Crátilo insistiu em que não poderia pagar mais de sete mil e quinhentos dólares, valor já exorbitante para uma casa na Barbúria. Reiterou que não tinha condições de ficar no imóvel além do prazo regulamentar estabelecido pela Empresa, do qual não tinha certeza. Aduziu que a Empresa só poderia pagar o que já vinha pagando; que aquele montante atingia o máximo admitido pelo regulamento da Ventura. Satur insistiu em sua tese absurda. Estava claro para Crátilo que essa teimosia significava uma estratégia para extorquir-lhe dinheiro. O homem já afirmara que não devolveria nada, se sobrasse algum dinheiro da quantia que ele receberia adiantadamente.

Crátilo argumentou que já pagava 350 dólares por um empregado que lhe fora imposto. Satur retrucou que, se ele quisesse dispensar o Djair, tudo bem, mas se desse algum problema na caldeira ou em qualquer outra instalação da casa, não o procurasse para ajudar. Crátilo via naquilo mais uma chantagem, confirmada pelo fato de Satur ter ainda acusado o amanuense de haver deixado a caldeira ligada, durante sua viagem de férias, com o risco de dar pane.

Afinal, chegou-se a um acordo. Crátilo teve de se curvar à desonestidade do locador, que o forçara a apostar que ficaria na Barbúria por mais oito meses, ou seja, no mês de novembro. Arriscara esse acordo, sem saber exatamente quando a Empresa teria verba para pagar a sua transferência.

\* \* \*

Acontecera um atentado terrorista, no interior do País, a 1.300km de Barbeville. Os terroristas dispararam tiros de obuses sobre uma plataforma de petróleo de uma estatal associada a investidores britânicos. Instalações foram danificadas e uma operação de dois mil soldados teria liquidado quatro deles. O grupo terrorista Ômega 45 reivindicou a realização do ataque. Os bandos de delinquentes, antes estabelecidos somente nas fronteiras, começavam a infiltrar-se no território da Barbúria. Nos dias posteriores à ocorrência, a imprensa retificou a informação, esclarecendo que cinco trabalhadores estrangeiros haviam perecido e outros três se encontravam feridos. A multinacional inglesa decidira retirar-se da Barbúria por questões de segurança.

\* \* \*

A desavença entre Nemésia e Palmira era o assunto do dia no Escritório:

– Você é uma doente mental e deveria estar no hospício!  
– Investiu Nemésia, no meio de uma discussão sobre o carro, que ela vendera à Palmira e esta não lhe teria pago o valor total.

– Você é que é má e maluca! – Respondeu Palmira, acusando a colega de ter tratado tão mal a moça da limpeza, que ela pedira demissão.

Depois da discussão, Nemésia passou a se referir à colega como *aquela drogada*.

– O marido dela foi passar o carnaval em Salvador e ela ingeriu uns comprimidos com uísque, passou mal e ficou hospitalizada por uma semana.

Todos sabiam que Palmira tomava bebidas alcoólicas com frequência. Ela própria contara ao pessoal do Escritório que desmaiara e que, no hospital, passara por diversas alucinações: ouvia vozes, alguém lhe chamando pelo nome.

Teve visões, como se assistisse a um filme no cinema. O médico suspendeu-lhe os calmantes e lhe diagnosticou bipolaridade.

– Precisamos dar apoio às pessoas fragilizadas. – Aconselhou Crátilo.

– Só merece apoio quem é capaz de entender o que se sugere. E ela não é. – Retrucou Nemésia e questionou: – Por que ela foi expulsa do Escritório em Chutefrol?

Giocondo colocou a Palmira no Setor de Documentos e a Nemésia no Administrativo, onde havia mais volume de trabalho. Nemésia ficou insatisfeita com a inversão das funções e falou mal do chefe. Reiterou que o Dr. Giocondo continuava tramando a demissão do Petrúcio e que Pancrácio, que é amigo do chefe do DP, estaria pedindo para prorrogarem o prazo da partida dela do País, apesar de sua substituta, Palmira, já estar trabalhando.



## Sexta Parte

O ambiente político no Brasil se deteriorava vertiginosamente, com o País dividido em duas facções. Havia divergências radicais até entre os amigos de Crátilo: Damásio era a favor da mudança de Governo, porque entendia que as autoridades do PT e outras figuras ligadas ao Executivo *desfalcaram 42 bilhões de reais da Petrobrás*. Por outro lado, não confiava nos políticos de nenhum partido. Celso, por sua vez, considerava golpe de Estado o eventual *impeachment* da Presidente Dilma, uma vez que se fazia cada vez mais evidente que ela não cometera *crime de responsabilidade*.

Damásio mandava recortes de jornais com notícias de manifestantes favoráveis à destituição do Governo petista. Ao mesmo tempo que se empolgava com as manifestações contra o PT, atacava o futuro Presidente, Michel Temer, a quem apodava de *maçom com cara de mordomo de filme de terror*.

Celso achava que a grande mídia estava manipulando a opinião pública e mentindo, descaradamente, para conseguir gerar um racha no país e um assanhamento entre os direitistas,

num clima semelhante ao que ocorrera no tempo do golpe militar de 1964. Chamava o então Vice-Presidente de *aquela raposa traiçoeira do Temer*.

O juiz Sérgio Moro havia sentenciado diversos integrantes do PT, embora, no rol da Lava Jato, constassem nomes de representantes de todos os demais partidos, inclusive o de Aécio Neves, ex-candidato pelo PSDB, nas mais recentes eleições à Presidência, e um dos principais articuladores do *impeachment* contra Dilma.

As delações referiam-se sobretudo a altas gratificações, a título de Caixa Dois, de grandes e poderosas empresas a partidos e políticos, como no caso da Petrobrás, cuja ação de rapina aos cofres públicos produziu uma dívida de R\$ 500 bilhões. Alguns jornais e revistas afirmavam, com base em testemunhas de acusação, que essas ações delituosas eram coordenadas de cima para baixo, com Lula no comando. O dinheiro público teria servido para abastecer os bolsos de políticos, partidos e contas secretas no Exterior. Os promotores da denominada Lava Jato revelaram a existência de obras inconclusas, caríssimas, com o custo inicial e a respectiva propina, diversas vezes aumentados.

Celso se indignava contra a quebra de sigilo e o escândalo público em que se tornaram tais averiguações, que *feriam os princípios básicos do exercício do Direito*. Reiterava que a crise fora fabricada pela imprensa hostil ao governo e pelo Congresso Nacional, dominado por parlamentares corruptos da direita.

Damásio enumerava os efeitos deletérios dos supostos delitos cometidos pelo governo do PT, tais como desemprego, inflação galopante, Estado quebrado pela soma letal de má gestão, roubalheira e malabarismos fiscais. E apostava que Dilma seria derrubada por *deputados mais sujos que pau de galinheiro*.

Crátilo se sentia prejudicado pela crise, porque a Ventura ficara às portas da falência, sem dinheiro para custear as

transferências dos funcionários e as ajudas para os aluguéis. Ele próprio já se achava novamente devendo o aluguel da casa.

Quando Dilma nomeou Lula Ministro de Estado da Casa Civil, tanto o Partido Socialista Brasileiro (PSB) quanto o PSDB pediram o cancelamento do termo de posse publicado no Diário Oficial. O Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, acatou o pedido de obstrução da posse impetrado pelos dois principais partidos de oposição ao Governo. O ex-Presidente estava sob suspeita de formar uma quadrilha de empreiteiros e agentes públicos que teriam lesado o patrimônio nacional em bilhões de reais.

Os principais segmentos da imprensa noticiavam que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) tentavam tumultuar as manifestações a favor do *impeachment* e haviam promovido invasões a propriedades públicas e privadas. Uma emissora filial da TV Globo, em Goiânia, fora depredada por gente da CUT, com agressões a funcionários. Ao saber da notícia, Celso comentou:

– O que a grande imprensa nunca fala é a causa pela qual esses movimentos de luta pela manutenção e conquista dos direitos dos trabalhadores foram levados a tais extremos. Sobretudo a Rede Globo é useira e vezeira em mentir e distorcer os acontecimentos.

\* \* \*

Crátilo achava que a sociedade brasileira precisava aprender lições de ética e que a classe política estava muito mal-acostumada. Os chefes de qualquer repartiçãozinha nacional ou internacional se arvoravam em mandachuvas arrogantes e onipotentes. A crise era sobretudo de dignidade, de falta de educação moral. E era causada por pessoas chegam

ao poder e se deslumbram, acham que são donos das coisas alheias e que podem dispor da vida dos outros como coisa própria.

O certo é que o estrondo da crise afetou a empresa Ventura. Segundo Crátilo, o desmando geral foi anunciado pelo eclipse lunar do dia 27 de setembro de 2015. Desde aquela data, não paravam de acontecer prodígios impactantes no mundo inteiro. Quanto à situação política brasileira, ele acreditava que, com a derrubada do PT, continuaria o mesmo descaramento, já que a sociedade brasileira é imatura, porque tem sido educada pela televisão. Os militares da ditadura não fizeram nada pela educação. Tampouco os civis, que vieram depois. Aquele descaso vinha dos tempos do Major Policarpo Quaresma, que se meteu com demasiado entusiasmo nos negócios da política pátria e acabou em maus lençóis.

Damásio reiterava suas opiniões anarquistas e concordava com o diagnóstico astrológico de Crátilo para a crise mundial. Afirmava que, de fato, desde setembro de 2015, depois do eclipse lunar, o mundo estava fora de controle, especialmente o Brasil.

– Quem consegue governar com a igreja e a imprensa contra? Estão pagando até dois milhões para cada deputado que se dispuser a faltar à sessão no dia do julgamento para não dar *quorum*. O Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, um cara sujíssimo, está querendo derrubar uma Presidente da República. Todos os políticos na linha sucessória estão respondendo a processos. A dilapidação do Produto Interno Bruto foi de 7% em dois anos. Nessas condições, eles não estão pagando nem aos aposentados.

Ao saber da dívida de R\$ 500 bilhões da Petrobrás, Celso lembrou que o fato não se devia apenas à questão da corrupção, decorreria talvez muito mais da queda do valor do barril de petróleo em todo mundo, valor esse que despencara nos últimos três anos e que, conforme depoimentos de

economistas e especialistas no assunto, seria uma tendência a manter-se, pelo menos, até meados de 2017.

Com o declínio da economia brasileira, a empresa Ventura desequilibrou-se financeiramente. As despesas eram muito maiores do que as receitas. Com o atraso no envio do auxílio-moradia para o pagamento dos aluguéis no Exterior, os funcionários estavam devendo aos donos dos imóveis alugados. A Gerência Geral recomendava cortes de despesas. Mandava reduzir o uso de papel-ofício e das máquinas fotocopadoras. Ameaçava cortar privilégios, reduzir salários e demitir contratados locais. Pedia que os funcionários lotados no Exterior renegociassem os aluguéis. A solução, na opinião de Crátilo, era fechar alguns escritórios, abertos quando a economia brasileira estava no auge.

A Empresa estava empobrecendo, paralelamente, com o esvaziamento dos cofres públicos brasileiros. No primeiro Governo de Lula, a Empresa encheu-se de ufanismo e abriu inúmeros escritórios em países onde ainda não os havia. Agora, faltavam recursos para manter toda a imponente estrutura e os dirigentes se recusavam a fechar alguns desses escritórios, de modo a reordenar as despesas.

O contrato do aluguel da casa de Crátilo fora renovado por mais oito meses, com a obrigação de o aluguel ser pago de uma só vez. Crátilo esperava que o dinheiro e a transferência chegassem em novembro, quando terminaria o prazo de permanência de Ivonete e o casal poderia partir de volta a São Paulo.

\* \* \*

Enquanto prosseguiam os problemas nacionais, continuavam também os domésticos. Em pleno inverno, a casa de Crátilo voltava a ficar sem aquecimento e sem água quente durante o dia. Chamava-se o Djair, ele aparecia, a

caldeira voltava a funcionar, normalizava-se temporariamente a situação. Djair reaparecia à noite, mexia na máquina, e ela parava de funcionar. Crátilo disse a Ivonete, no almoço, diante da Lindoia (que se sentava à mesa e comia com o casal):

– A atitude mais sábia é não reclamar mais de nada. O inverno na Barbúria já está no final, e a gente, daqui a pouco, **já não precisará mais** nem de aquecimento nem de água fria. Vamos fazer de conta que está tudo bem. Se a gente continuar reclamando, o Satur dirá que nós estragamos a caldeira e vai querer nos cobrar duzentos mil dólares por uma nova. Ele já fez aquela intimidação, quando negociamos o contrato, acusando-nos de ter viajado e deixado a caldeira ligada. Como é que se deve lidar com gente desse tipo? Com prudência!

A velha Lindoia escutou aquele discurso com ar de perplexidade, mas entendendo tudo. Porque já sabia o que Crátilo pensava a respeito do seu País e dos barbúrios.

\* \* \*

Crátilo conheceu um risonho barbúrio, dono da livraria Benamucké, que ficava ao lado do Ministério da Energia. O livreiro, de olhar perspicaz, rosto fino e de poucos cabelos, que se chamava também Benamucké, declarou-se fã e leitor de Paulo Coelho, a quem ele tinha a pretensão de convidar para que visitasse a feira do livro da Barbúria. Dizia-se também admirador de William Faulkner, cuja biografia estava escrevendo, apesar de considerar esse autor ianque *um racista*. Benamucké convidou Crátilo a fazer uma palestra, em sua livraria, sobre suas experiências profissionais em diversos países, tema que interessaria ao público que frequentava o seu estabelecimento comercial nas tardes de sábado. Ele contava reunir até 20 pessoas. Crátilo aceitou o convite. Seria uma oportunidade de interagir com a sociedade local e conhecer

peessoas. Escreveu o seu *e-mail* num pedaço de papel e o entregou ao Benamucké, para que o livreiro comunicasse alguma eventual mudança do dia ou do horário, na expectativa de de que o compromisso estivesse marcado. Na data e no horário combinados, Crátilo encontrou a livraria fechada e perguntou, nas imediações, o que teria acontecido. Informaram-no que a livraria não costumava abrir aos sábados.

Resolveu não mais frequentar a livraria daquele velhaco. Passados alguns meses, Benamucké escreveu-lhe um *e-mail*, pedindo-lhe um empréstimo de setecentos euros. Não havia entre eles uma intimidade que suscitasse aquela solicitação. E o livreiro já havia faltado uma vez com a palavra. Crátilo não emprestou nada. Disse que estava com muitas despesas e pouco dinheiro. Recordou-se de que fora convidado ao *evento cultural*, ao qual acudiu, na hora marcada, e encontrou o estabelecimento fechado.

\* \* \*

Giocondo confessou sua preocupação com a votação do *impeachment*, que aconteceria no prazo de dois dias:

– A Dilma deveria renunciar para não prejudicar o Lula. Eu assisti a um seriado norte-americano sobre casos de corrupção, em empresas ligadas ao Governo dos Estados Unidos. No final, ninguém foi preso. Esse precedente mostra que, no Brasil, estamos sendo bobos, ao fazermos tanta celeuma por alguns casos de corrupção. Esse Eduardo Cunha é um canalha. Ele é o principal responsável por esse golpe. – Declarou, convictamente o tecnocrata da Ventura, condenando o congressista que liderou as sessões parlamentares que resultaram no *impeachment*.

\* \* \*

No dia 17 de abril de 2016, Ivonete e Crátilo foram assistir, na casa da Nemésia, em seu televisor de grande tela, a transmissão, ao vivo, da votação do *impeachment*. Viram aqueles debates acirrados. Os do PT jurando que a operação Lava Jato era um golpe da direita e que o País estava vivendo uma séria ameaça ao Estado de Direito. Os que queriam derrubar o Governo falavam *do maior escândalo financeiro da história*.

De madrugada, na Barbúria, foi anunciado que Dilma fora derrotada. No pleito, 367 deputados votaram a favor do prosseguimento do pedido de *impeachment*, e 137 se manifestaram contra.

No dia seguinte, de manhã, Crátilo recebeu *e-mail* de Damásio, onde o poeta dizia que “o corvo Michel Temer” iria governar para os empresários, e o povo passaria fome. Porque sua vitória só beneficiará à classe média branca urbana.

Com olheiras que lhe escureciam os olhos agitados, o Diretor, contraditoriamente, se declarava satisfeito com a derrota da Dilma Rousseff e com a iminente destituição da Presidente:

– Ela manipulou os votos na eleição presidencial. O Aécio teria vencido, se o PT não tivesse fraudado as urnas.

No Escritório, o banheiro feminino estava entupido. O servente Amenebá, um sujeito magro, de rosto aquilino, barba rala e olhar matreiro, foi chamado para desentupir o vaso sanitário. Meteu uns arames na privada e retirou de lá o material que entravava a passagem da água da descarga. Foi pelo corredor com tudo que recolhera numa bandeja e mostrou a Giocondo, que ia passando, a porcaria toda, como se fora um troféu. O Chefe do Escritório ficou indignado. Amenebá, que sorria e curvava os ombros diante do Diretor, era um dos barbúrios elogiados na resposta ao pedido de avaliação solicitado recentemente pela Gerência Geral. No clima de contenção de despesas, aqueles que o Diretor elogiasse ficariam; os que não, seriam despedidos.

Nemésia transitava pelo corredor, quando Giocondo a chamou e apontou para a bandeja, mostrando-lhe o que se havia recolhido da privada.

– Olha o que tinha lá! Papéis, fezes! – Exclamou o Diretor, em tom indignado.

– Mas não é minha, Sr. Diretor... Eu não uso o banheiro do Escritório. Só uso o de casa.

Em represália por haver-se deparado com aquele monte de dejetos (que incluía papéis higiênicos molhados e sujos) o Diretor mandou trancar o banheiro feminino e dar a chave à Djanira. Toda vez que as mulheres quisessem usar o reservado, teriam de pedir a chave à secretária dele.

Ivonete perguntou a Djanira se contariam o tempo que cada uma ficaria no banheiro. Djanira respondeu, em tom de blague, que ela faria uma lista onde registraria o tempo que cada uma gastaria lá dentro.

Ao contar o episódio, Nemésia confirmou que não usava o banheiro do Escritório, porque *Só vou em casa*.

– E você aguenta? – Indagou Crátilo.

– Eu condicionei meu corpo assim, eduquei-me. Afinal, isso não é coisa para se fazer na rua. Quando eu sinto o cheiro do banheiro do Escritório, perco até a vontade.

A solução paliativa e absurda não vigorou, porque a chave não funcionava direito.

Conforme o leitor verá, nas páginas seguintes, a *merda* que respingaria no principal prejudicado, o coitado do Dionísio Petrucio, era a crise financeira da empresa. Outras demissões não tardariam a vir.

\* \* \*

Satur, o proprietário da casa, telefonava todos os dias para cobrar o pagamento do aluguel. Crátilo informou que pagaria até onze de maio, na data aletória, na hipótese de que

a Gerência enviasse o dinheiro da ajuda de custo. Ao escrever ao Diretor do Departamento do Pessoal, para falar das verbas para os aluguéis e das transferências dele e de Ivonete, recebeu desse Diretor, Dr. Anísio, a informação, também por escrito, de que não se poderia falar nem de dinheiro nem de transferência de funcionários, sem se saber dos prazos em que aconteceriam. Ninguém tinha ideia de quando nem de que critérios; mas o Dr. Anísio adiantava que os amanuenses com mais de dez anos ininterruptos no exterior, caso de Crátilo, só poderiam continuar no estrangeiro, em Escritórios da categoria D. Isso, se não ocorressem mudanças na política de transferências por parte das instâncias superiores. Crátilo não aceitaria, em hipótese alguma, trabalhar em Escritórios da categoria D, situados em países periféricos, onde alguns funcionários morreram de malária e ebola. Já servira na Patrupalândia e conhecia bem as condições em que se vive em tais países.

\* \* \*

Num sábado, Crátilo saiu de casa e foi à Praça Malebolge, na área central do bairro do Poço. Atravessou as ruas na base do salve-se quem puder, correndo entre os carros. Sentou-se num banco e observou como os barbúrios se agitavam nas ruas, com os carros se cruzando em diagonal, fechando-se uns aos outros. Notou que alguns cidadãos da Barbúria pareciam monstros. Tinham fenótipos assustadores. Narizes grandes e olhos desproporcionalmente pequenos. Eram desdentados, quase todos carecas e de barbas enormes. Tanto os jovens quanto os velhos calçavam chinelões de couro e usavam roupas pretas. Bocejavam, falavam estridentemente e chupavam os chumaços de tabaco, pegados às gengivas. Tinham as bocas tortas, deformadas pelo vício.

As árvores da Praça também se mostravam estranhas. As palmeiras e as oliveiras tinham troncos retorcidos e folhas

escuras. Os muros das casas e demais prédios revelavam um tom predominantemente cinza. Andavam de um jeito trôpego. Vários homens se vestiam com túnicas que iam até os pés. Por baixo delas, usavam calças. Faziam um ruidoso escarcéu, quando se cumprimentavam, trocando beijos nas bochechas.

Ao telefone, gritavam desvairadamente, como se estivessem se dirigindo a alguém que não estivesse também usando um aparelho, e que se localizasse a mais de 500 metros de distância. Também gritavam, como condenados, ao jogar dominó nas mesas dos cafés.

Os velhos pareciam mais gentis do que os jovens. Estes se mostravam debochados, como símios; ou rudes, como feras enjauladas. Por qualquer motivo, lançavam pedras uns nos outros. O suor jorrava-lhes das testas e dos beiços, escorrendo a baba pútrida pelas barbas infectas.

Barbeville existia em preto e branco; como se o espectro do arco-íris não tivesse chegado ao País, que parecia situar-se fora do tempo e do espaço. O céu nublado produzia a sensação de se estar no ambiente sombrio de uma caverna. Um gato morto na coxa exalava um fedor do inferno.

Crátilo notou que só havia uma loja aberta, cheia de cintos usados, malas remendadas, graxa de calçados, sapatos rotos, meias de tecido áspero e outros objetos irreconhecíveis. A loja parecia um depósito de lixo, com tudo aquilo amontoado.

Na esquina, havia um ônibus parado. Ele entrou e esperou, até os assentos fossem todos ocupados.

Nas pistas, os barbúrios passavam correndo e buzinando obsessivamente. Havia jogo de futebol e eles gritavam, num escandaloso alarido: berravam, buzonavam, tocavam cornetas, agitavam bandeiras. Alguns se sentavam, perigosamente, nas janelas dos carros, sacudindo os braços e vociferando.

Como o ônibus não dava o menor indício de que fosse partir, Crátilo desceu e entrou num boteco, de aspecto pouco higiênica onde comeu um sanduíche gorduroso e bebeu um

chá num copo de plástico, repleto de açúcar. Deu dois goles e jogou o resto no lixo. Regressou ao ponto, onde o mesmo veículo se encontrava parado. Tudo indicava que ainda levaria um bom tempo até que todos os lugares fossem preenchidos. Pela calçada, veio uma moça e todos os homens a olharam com olhos de pasmo, como se ela fosse um animal raro.

Cansado de esperar, ele optou por pegar um daqueles táxi, meio de transporte que, na Barbúria, funciona por lotação, até que se preencham todos os assentos. Ao acomodar-se no interior do carro, percebeu que o motorista não ligara o taxímetro. Crátilo indagou ao chofer, um rapaz de meia idade, que exalava um odor de *mijo* apodrecido, quanto seria cobrado.

– Seiscentos barburins.

– Com taxímetro, o preço seria cem barburins – argumentou Crátilo. O sujeito propôs deixar por quinhentos. O passageiro ofereceu trezentos. O motorista reclamou:

– Por que você não me avisou antes, que não queria me pagar quinhentos?

O amanuense já conhecia o golpe dos taxistas. Abriu a porta e saltou, no meio da rua, com o carro em movimento. O automóvel ia devagar, mas ele correu o risco de cair e ser atropelado. Vinham muitos veículos atrás. Deixou a porta aberta e se foi na direção contrária. O homem gritou alguma coisa, fechou a porta e foi embora.

Pegou outro táxi, e o motorista foi logo avisando que não usaria o taxímetro. Pediu quinhentos barburins. Crátilo preparou-se para abrir a porta e sair. O barbúrio percebeu e perguntou a ele quanto estaria disposto a pagar. Crátilo ofereceu trezentos. O condutor aceitou e disse demagogicamente:

– Se você estivesse com pouco dinheiro, eu o levaria e aceitaria o que me pudesse pagar.

Crátilo agradeceu. No engarrafamento, o motorista preparou um montinho de fumo, no papel fino, fez a trouxinha

e meteu na boca. Em Barbeville, aquele vício estava liberado. Laderia acima, de vez em quando, um carro cruzava, de súbito, obrigando a uma freada brusca. Ao redor, uma buzinação agoniada, todo mundo com pressa, embora, aparentemente, sem ter aonde ir.

Numa esquina, um casal jovem acenou e o motorista parou. Eles entraram e, quando viram que o taxímetro não estava ligado, perguntaram se a corrida seria com ou sem o contador automático. O motorista esclareceu que, apenas depois de deixar Crátilo, os informaria sobre o preço. Crátilo percebeu que o casal barbúrio seria cobrado pela tabela do taxímetro, enquanto que ele, estrangeiro, pagaria mais caro. Ao descer do carro, na esquina da sua casa, puxou duas moedas: uma de duzentos e outra de vinte barburins, entregando-as ao taxista. Este reclamou que a segunda moeda era de vinte, não de cem. Crátilo, já indo embora, retrucou:

– Você afirmou que eu poderia pagar apenas o que eu pudesse, e eu só tenho isso.

O cara ficou sem jeito e concordou.

\* \* \*

Numa noite, Crátilo ligou novamente para Alonso. O velho foi logo recordando a morte do Egberto e da Raimunda. Reiterava que ainda estava arrasado. O amanuense perguntou-lhe o que achou do *impeachment*. Ele respondeu:

– Os que vão entrar também não prestam. Cada qual pior do que o outro. A roubalheira é grande. Tem muitos na cadeia, fazendo companhia ao José Dirceu. O melhor é anular o voto... O Senado *tá* fervendo; e a Dilma, reagindo. Voltou ontem de Nova York. Quando você sai da Barbúria?

– Não sei. Falta dinheiro na Empresa para planejar o futuro dos funcionários. Mas já disseram que volto *pro* Brasil.

– Venha para cá. O seu primo *tá* perto de fazer a *viagem* dele. Ando com uma dificuldade doida. Ontem, casou-se o filho do Walter. Eu não fui. Não tinha condições.

\* \* \*

No Escritório, Crátilo comentou com o Vice-Diretor:

– O Chefe virou a casaca. Antes, posicionava-se contra o *impeachment*. Agora, está a favor.

Pancrácio silenciou. Queria mostrar serviço, de olho numa promoção.

Giocondo passava as tarefas para Crátilo através do Pancrácio, e este encontrava sempre algum defeito nos escritos do seu colega.

Quando Pancrácio ou Palmira iam falar algum assunto com Malufa, na sala vizinha, Crátilo não sabia qual dos dois estava falando. Palmira tinha a voz grave como a de um rapaz. Pancrácio tinha a dele aguda como a de uma moça.

O Diretor Malaquias ficou feliz ao saber que o ex-deptado Eduardo Cunha fora julgado, condenado à prisão e tivera o mandato cassado. No embalo da notícia, pediu a Crátilo que escrevesse, *com entusiasmo*, uma mensagem sobre a possível retomada dos investimentos pelos barbúrios. Comentou também uma conversa que tivera com um empresário português que lhe falara de *Os Lusíadas*. O Diretor não hesitou em mostrar sua aversão ao livro e à literatura em geral. Afirmou que *Os Lusíadas* era impossível de ser lido, quase intragável. Crátilo não deu importância à ignorância do chefe. Apenas constatou que, dentro de dez ou vinte anos, ninguém mais saberia quem foi Giocondo Malaquias, enquanto que Camões continuará sempre na memória de muita gente, exatamente por haver escrito o livro a que pejorativamente se referira o executivo da Ventura.

Giocondo é um homem feliz. É um Diretor, e isso é o que efetivamente conta para ele. Além de tal vantagem, a mulher dele passa a maior parte do tempo viajando e ele, nos fins de semana, se aventura pelas temerárias pistas barbúrias, levando à garupa a sedutora Djanira.

\* \* \*

Os computadores apresentavam defeitos, a internet funcionava com deficiência.

– É *urucubaca*. – Assegurava Crátilo. – Tem gente aqui com força na encruzilhada...

Na manhã daquele dia, a duras penas, depois de tentar diversas vezes atualizar os formulários eletrônicos, Crátilo conseguiu transferir, de sua conta para a do Satur, o dinheiro do pagamento do aluguel.

De tarde, o seu chefe lhe pediu para encontrar um acordo, que afirmou existir, entre a Ventura e a filial da Soterbúria de Singapura. Nemésia ajudou a procurar nos arquivos. Passaram mais de uma hora vasculhando os papéis, e só encontraram a notícia de que havia tratativas para a assinatura do contrato. O texto, em si, não apareceu.

Nemésia indagou a Giocondo de que época era o pacto, e ele informou:

– É recente, deste ano...

Quando Crátilo entrou na sala de Giocondo e informou que não localizara nem o acordo nem o projeto dele, o Diretor, cnicamente, perguntou:

– Você procurou bem mesmo? – O Diretor aproveitou a ocasião para advertir o amanuense de que ele deveria ler todos os dias as mensagens recebidas.

– Como é que o senhor me manda procurar uma coisa inexistente, afirmando que tem certeza de que existe?

Sem mover um músculo da face, somente os olhões de Górgona inquieta, Giocondo Malaquias pediu-lhe que escrevesse mensagem à Matriz, solicitando que a Gerência mandasse uma cópia do texto do projeto de acordo.

Giocondo Malaquias escreveu manualmente a palavra *Barbúria*, que Crátilo se esquecera de inserir no índice da mensagem e advertiu o seu subordinado, para que *tivesse mais atenção e disciplina*. Intrigado, Crátilo foi investigar e descobriu que Giocondo não incluía a tal palavra na primeira versão da minuta revisada. Portanto, o erro não fora dele, mas, do chefe. Voltou à sala do Diretor e mostrou a prova:

– Já estou sendo cobrado até por erros que não cometi. Aliás, ainda que o tivesse cometido, seria um lapso irrelevante, pois, em São Paulo, ninguém da Gerência duvidaria de que a mensagem viera do Escritório de Barbeville.

Cansado daquela masturbação mental, que consistia em passar dias escrevendo e reescrevendo um simples texto, quando esse trabalho poderia realizar-se em meia hora, Crátilo não foi trabalhar no dia seguinte. Inventou que estava gripado. Ligou para a Djanira e pediu que transmitisse o recado a Giocondo.

Passou aquele dia organizando a biblioteca de sua casa. Aquele veio a ser, também, o da confirmação da destituição da Dilma pelo Senado e, coincidentemente, do aniversário de Giocondo. Crátilo saiu naquela tarde rumo à Praça do bairro do Poço e deu de cara com a Djanira, que vinha do trabalho. A secretária exclamou:

– De fato, o senhor tem o ar cansado!



## Sétima Parte

No dia apazado para a viagem de férias, Giocondo encheu Crátilo de trabalho. O amanuense escreveu dois longos textos e despachou, a primeira vez, com o seu exigente chefe, que fez as emendas de praxe. Ele passou a limpo e tornou a despachar os escritos. Quando ia saindo em direção ao carro, para deslocar-se ao aeroporto, o Diretor o chamou para corrigir, pela segunda vez, os dois documentos. Crátilo deu meia-volta, subiu de novo a escada, tornou a ligar o computador, acrescentou as novas emendas, gravou os textos num *pen-drive* e o entregou a Giocondo. O seu chefe conectou o *drive* para conferir e reclamou que os documentos não estavam gravados no programa correto. Acreditando que os textos já poderiam ser expedidos, Crátilo ia saindo da sala do Malaquias, em direção ao carro. Teve que voltar e refazer a gravação. Pancrácio, que assistia àquela cena e sabia a hora que Crátilo deveria embarcar, gritou do corredor:

- Crátilo, você vai perder o avião!
- Dá tempo, respondeu o amanuense, sem convicção.

Giocondo lhe cobrou ainda a redação da mensagem em que se deveria comunicar à Gerência o fato de ele estar entrando de férias.

– A Ivonete providencia, na próxima semana.

Giocondo fez cara de quem não gostou da solução, mas Crátilo saiu correndo, em direção ao automóvel, e partiu, conduzido pelo sorridente motorista Amoralato, o Colgate, rumo ao aeroporto. Pelo caminho, Amoralato lhe ia mostrando as casas do irmão do Presidente da República, uma em cada bairro, a maioria delas abandonada.

Passadas as filas paralelas de entrada do aeroporto e os diversos guichês de controle de documentos e inspeção de bagagens, na porta de entrada para o embarque, Crátilo foi indagado pelo agente:

- Algo a declarar?
- Nada.
- Dinheiro?
- Só pra comer.
- Quanto?
- O mínimo.

Crátilo sentiu-se intimidado e constrangido, ao ser inquirido tão indiscretamente. A viagem, todavia, foi tranquila. Horas depois, o amanuense já pôde desfrutar das caminhadas, dos bons restaurantes e das praias do Rio de Janeiro. Passeios para os quais contou com a companhia de Damásio, ao longo de quase todos os dias. O amigo anarquista se admirava das narrativas sobre Barbeville.

– Não é possível que não tenha nada de interessante na Barbúria! – Espantava-se Damásio.

– Por incrível que pareça, não tem.

O lançamento da antologia *Visões do Firmamento*, com poemas de Damásio, Celso e Crátilo, aconteceria, dentro de poucos dias, no Pen Clube, na Praia do Flamengo.

Enquanto esteve no Rio, Crátilo recebeu *e-mails* de Ivonete, contando as novidades de Barbeville. A companheira o ajudava a vencer os dias difíceis da Brabúria. As chateações do Escritório, que o perturbavam, sobretudo, porque ele queria dedicar mais tempo à literatura e aos amigos. Estava farto do serviço burocrático naquela incivilizada e lúgubre Barbúria.

Naquelas duas semanas de junho, Damásio apareceu, todos os dias, no apartamento de Crátilo, em Copacabana. Vinha pela manhã, com o jornal O Globo. Comentava, então, as notícias, em voz alta:

– Presidente interino da Câmara foi desmascarado. Disse que tinha vendido a casa pra financiar a campanha, mas a casa continua no nome dele.

Entre outros assuntos, Damásio confessou que já tivera uma namorada arredia, uma beldade loura, de traços rafaelitas, a quem tentou manter em cárcere privado. Enfeitiçado pela aura dourada, irradiada pela moça, ele fora acometido por cruel possessividade. Ela o abandonou, mandou-se para o Canadá e ligou de lá, comentando que gostaria de ter um filho com ele. O telefone tocou, a conversa se interrompeu, e ele não falou mais no assunto. Era dia de praia e os dois amigos foram curtir o ócio em Ipanema.

– É um triunfo botar o pé na areia, – constatou Damásio, no trajeto até o Posto Nove, porque, segundo ele, só ali valia a pena entrar na água. Tinha seus caprichos. Tomava cerveja belga, *feita com pétalas de flores*.

A praia virou palanque. Faltando apenas dois meses para os Jogos Olímpicos, o Rio tornara-se a capital do mundo.

Damásio andava, com o jornal aberto entre as mãos, e comentava:

– O Jucá foi demitido. Ele tentou barrar o trabalho da Lava Jato. O Governo *tá* sem credibilidade pra restabelecer a confiança da sociedade. Sem isso, não há medida econômica que resolva. O substituto do Jucá é um remanescente da equipe

da Dilma e está sendo investigado por participar do esquema de negociações que beneficiaram montadoras de veículos. O Presidente da Câmara e o Renan estão sendo processados. Estão mais sujos do que gravata de trocador.

– *Mais de mil palhaços no salão.* Tem-se aí o retrato do Congresso. – Concorde Crátilo.

Havia um festival de surfe no Arpoador. Um palco armado, com música estridente em grandes alto-falantes.

– Isso é poluição sonora. – Reclamou Crátilo.

– O Brasil é isso. É caos, barulho, Macunaíma o tempo todo. – Completou Damásio.

Ansioso para chegar ao Posto Nove, Damásio só deixou Crátilo tomar sua água de coco quando ali chegaram. Olhava para toda moça que passava e, achando alguma bonita, exclamava:

– Essa menina resolve o meu problema!

O sol se refletia nas nuvens esparsas, desenhava-se um azul mágico em Ipanema. O dia luminoso mostrava o relevo recortado das agudas pedras dos Dois Irmãos, o topo horizontal da Pedra da Gávea e, na encosta, o deslizar da urbanização irregular da Rocinha. A sensualidade do mar e das mulheres encantava a manhã, num ritualístico desnudamento de corpos para a benção das águas.

Damásio comentou que estava escrevendo um livro sobre um certo Pôncio Renato, ex-perseguido político da ditadura militar, filho de uma costureira que jogava baralho com a mãe dele. Na época, um colega da turma de Pôncio matou um oficial do Exército. Pôncio foi envolvido e incriminado também. O filho da costureira tinha um tio Almirante, que não pôde fazer muito pelo sobrinho. Apenas mandou o garoto para a Holanda. De lá, ele foi parar num *kibutz* israelense, terminando por envolver-se com uma galera de bandoleiros. Foi para Roma e se casou com uma operária italiana. Continuou viajando pela Europa, até ser acusado de ter participado de um atentado

contra militantes muçulmanos. Depois da anistia, no Brasil, ele voltou para o Rio.

Do Arpoador ao Vidigal, o céu aberto se expandia.

– Areia ametista, céu safira, mar turquesa. – Observou Crátilo, inspirado.

Damásio comprou chicletes de um menino.

Voltaram para o prédio de Copacabana. No elevador, entrou e saiu uma garota loura. Damásio murmurou:

– É a vizinha do sexto andar, de cinturinha fina e *sexy*. Viu? Pegar com força... Com uma loura dessa, de frente ou de ré, pode vir, que eu sou o jacaré...

Almoçaram no restaurante Braseiro, na Rua Domingos Ferreira. O garçom era piauiense. Crátilo o chamava de conterrâneo.

Damásio se propôs a organizar um evento para Crátilo, em Salvador, com amigos escritores baianos, em plena praia de Arembepe. De súbito, viu alguém na esquina e perguntou:

– Aquele velho no Restaurante Belmonte não é o seu primo?

– Não. O Alonso *tá* em Teresina, lutando com os seus 95 anos.

\* \* \*

No dia do lançamento do livro dos três poetas, Damásio, conforme o combinado, fora para o apartamento de Crátilo, já pronto para o evento. Dali, foram à banca de jornal, na esquina da Nossa Senhora de Copacabana com a Miguel Lemos, onde Damásio comprou um exemplar e leu:

*Executivos da Petrobrás, bem como das empreiteiras OAS, UTC e Queiroz Galvão foram acusados de fraudar as respectivas empresas, com superfaturamento e lucros resultantes de embustes. Paulo Roberto Costa, ex-diretor de Abastecimento da Petrobrás, denunciou o pagamento de propinas por várias diretorias da estatal*

e apontou empreiteiros, partidos e políticos beneficiados pelo esquema de corrupção.

Uma garota loura, de *short* e coxas grossas, sentou-se em frente aos dois.

– *Olha ela*. As calcinhas minúsculas, cavadas e enfiadas, marcando o relevo da bunda divinamente opulenta. Essa poderia entrar, sem permissão, no paraíso! – Exclamou o poeta das noites cariocas.

Depois do almoço, Crátilo e Damásio foram ao Pen Clube. Encontraram Celso, que os esperava, ansioso, já na companhia de alguns convidados, com quem festejariam a efeméride literária.

Numeroso público compareceu ao evento.

Damásio discursou pelos três:

– Um livro de espíritos livres: Celso é pós-modernista. Eu sou um grafiteiro neoconcreto e Crátilo, um joyciano. Os três sabemos que a poesia só tem uma regra: a liberdade, que é uma antirregra. Ao contrário do Fausto, que vendeu a alma ao Diabo, os poetas doamos a alma ao nosso ideal estético. Como dizia Shakespeare, em *A Tempestade: Somos feitos da mesma substância dos sonhos*.

No salão da sede do Pen Clube, situado na cobertura de um edifício na Praia do Flamengo, os cultores da palavra versificada recitaram com alma. Os convidados eram quase todos escritores, que se revezaram no sarau improvisado. Depois do lançamento, os três autores foram a um restaurante da Lapa.

Celso comentou que estava pensando em promover uma antologia de novos escritores com seus alunos da oficina literária. Damásio sugeriu que ele tentasse o patrocínio de empresas públicas. Crátilo desconfiou que aquela conversa enveredaria pelo terreno árido da política nacional. De fato, Damásio encaminhou o papo nesse sentido:

– Vão tirar todo tipo de apoio a projetos culturais.

– Que situação incrível, chocante, no Brasil! – Observou Celso.

– Não tem mais dinheiro pra investir em nada. Desfalcaram o País. – Asseverou Damásio.

– Isso é o que dizem os jornais e os políticos da direita. Seja como for, a queda no valor do barril de petróleo gerou uma crise que afetou toda a economia do mundo, inclusive, a brasileira. Mas disso nenhum jornal da grande mídia fala.

– Dilma e Lula traíram os princípios do socialismo. – Afirmou Damásio.

– Não é nada disso. O problema é que a direita está empenhada em derrubá-los.

– *Tá* um desgoverno total. Só houve roubalheira. Quebraram a Petrobrás. O Dirceu foi condenado há mais de 30 anos.

– Quem está quebrando a Petrobrás e também várias empresas nacionais é o Moro, com essa tal de Lava Jato. E há quem defenda que Dirceu foi condenado sem provas. Aliás, condenar sem provas virou moda nestes tempos. Só pegam gente do PT. Por que FHC, Serra, Alckmin e o Aécio também não vão pra cadeia?

– A diferença entre esquerda e direita é a mão com que se *bate a punheta*. – Proferiu Damásio.

– E quem bate com as duas, é de centro? – Brincou Crátilo.

– Isso é fazer justiça com as próprias mãos... – Ironizou Damásio e continuou o debate: - Esse onanismo se denomina curral eleitoral. Há refinarias de petróleo abandonadas pela metade...

Celso retrucou:

– Os dados são manipulados. A grande imprensa distorce tudo, em favor do capital. O neoliberalismo da direita pretende um Estado menor, o que implica na diminuição dos investimentos sociais, além de corte dos direitos e conquistas

dos trabalhadores. Sem falar no massacre aos aposentados. Só não vê isso quem não quer. Aliás, anarquistas como você acabam por servir a tudo isso. Fácil disparar para todos lados, entrar nessa conversa fiada de que não existe mais direita e esquerda.

– Todos os políticos são corruptos, atualmente. E os partidos têm que tomar no cu, só isso. Vão grampear tudo enquanto tiver a Lava Jato.

– Esse é o típico pensamento que serve à direita. Condenar por generalização, sem nenhuma prova. Dizer que todos os políticos são corruptos, apenas pelo fato de que muitos foram delatados como corruptos. Vários casos nem sequer foram realmente provados. Os nomes de todos os que deram o golpe e ocuparam o *trono* se acham mais sujos do que os daqueles que foram depostos.

– Ojeito é uma revolução popular, sem nenhum partido.

– Damásio, isso é uma proposta utópica, que não tem o menor sentido. Puro delírio.

– Nós só temos que defender a revolução libertária. Nós, os anarquistas, somos contra a opressão ao indivíduo. A tutela do Estado fode a pessoa na sua plenitude. Eu já fui preso quando era garoto. Partido é pra domesticar as massas e impor os interesses de grupos que lutam pelo poder.

– O Estado não pode ser totalitário, opressor, mas não vejo como evitar a administração da *res publica*. A livre iniciativa tem de ser moderada por uma gestão humanista e pacifista. E, apesar de seus erros, as esquerdas se têm mostrado mais próximas desse ideal.

Naquele momento, um aparelho de televisão, sintonizado na Rede Globo, situado no alto da parede, em frente ao trio, mostrava um ex-deputado que acusava Lula de ter recebido patrocínio em sua campanha presidencial. Celso aproveitou a deixa e argumentou:

– É preciso provar que o patrocínio é ilegal. Cadê as provas? Foi a imprensa que falou?

– O Lula processou a Globo e foi estigmatizado. A Globo o colocou contra a opinião pública. Mas o fato é que a economia do Brasil parou de crescer.

– Quem disse a você que parou? Essas notícias são todas tendenciosas. Você só vê essa porcaria da Globo. Que anarquismo é esse o seu, que somente ouve um lado, que só escuta a voz do patronato?

Crátilo tentou amenizar a discussão:

– Tem gente falando que os americanos estão por trás de todo esse conflito e que há interesse em fragmentar geograficamente o Brasil.

Celso sorriu, aquiescendo ao comentário:

– Eu não acho nada. Estou convicto. Pois já não ficou provado que foi assim em 1964? Aliás, O Globo apoiou o golpe de 64, da mesma forma que incentivou e ainda incentiva o golpe de agora.

Damásio, mastigando o sanduíche:

– A classe média *tá* contra o Temer, e quem *tá* mandando é o Eduardo Cunha, mesmo depois de cassado.

Celso evidenciava seu desconforto com aquele debate. Apesar de manter um tom moderado na voz, não deixava de rebater as considerações de Damásio:

– O Temer só anunciou arrocho. A política da direita é só privatização. As direitas que existem atualmente são todas pró-Estados Unidos, pró-capitalismo selvagem.

– A esquerda também *tá* no pior nível possível. – Insistia Damásio, na sua reiterada tentativa de igualar tudo.

– Não é assim, não. Muito raramente se vê o nome de um político de esquerda votando contra os interesses nacionais e dos trabalhadores, seja na Câmara, seja no Senado. E isso é um fato. Não se trata de opinião de editoriais fajutos. Basta pegar as listas com resultados de votações, o que faço sempre, para ver quem deu seu voto em desfavor do povo.

Crátilo tentou mudar o rumo da conversa:

– Apesar de toda a *putaria*, o Brasil alimenta de gêneros agrícolas o mundo inteiro.

Por acaso, apareceu na televisão do restaurante uma reportagem sobre Hiroshima e Nagasaki. Assim, os temas foram derivando para outras direções, até que, finalmente, mudaram, sem que os dois amigos ficassem raivosos.

Damásio passou a falar de mulheres, seu tema predileto. Garantiu que não pretende casar-se, porque o que as mulheres querem é um homem para financiar suas despesas.

– Passei cinco anos casado. Tive relacionamentos importantes. Atualmente, estou satisfeito com a Francine, uma moça capixaba – confessou Celso.

– Na internet tem *site* em que você interage com as mulheres que fazem *strip-tease*. Conheci uma garota da Rússia.

– Revelou Damásio.

– Não tem que pagar?

– Não precisa. E é tudo em tempo real.

Damásio falou de sua viagem a Canoa Quebrada, no Ceará, em 1982:

– Mulheres lindas, estrangeiras. Aquilo é um paraíso idílico, à beira-mar.

– E Paraty, é bom? – Indagou Crátilo.

– Vou lá, todos os anos, para a Feira do Livro. – Informou Damásio.

– Por incrível que pareça, ainda não fui lá. – Acrescentou Celso – Vi, pela internet, que se trata de uma cidade histórica, com um litoral romântico. Mas as pousadas são um tanto caras.

A conversa terminou nesse clima de concórdia.

\* \* \*

Às vésperas de sua viagem de regresso à Barbúria, Crátilo visitou Juana. Encontrou-a com o cabelo enrolado em

bobes. Usava um vestido curto, estampado, que imitava pele de onça. Completava-lhe o visual uma sapatilha preta e o batom vermelho de sempre. Ela falou, com a voz rouca, que lhe arranhava a garganta:

– É preciso que todos os congressistas renunciem e se convoquem eleições gerais. E é importante que pelo menos a metade da população vote nulo... O Brasil nunca esteve tão mal. Representantes de outros países não param de questionar o problema do vírus Zika e outras epidemias. Estão com medo de viajar ao Brasil.

Crátilo esquecera-se de levar o presente que Ivonete mandara a Juana. Combinaram que o deixaria, mais tarde, com o porteiro Roberto Carlos, do edifício de Crátilo, já que o itinerante funcionário da multinacional não teria mais tempo de voltar ao apartamento da prima para conversar.

Em meio à agitação dos dias que passou no Rio, só no dia da viagem de regresso à Barbúria é que Crátilo observou, atentamente, a porta fechada do imóvel silencioso de Alonso.

O mar, insidiosamente nevoento, combinava com a nostalgia da partida. Crátilo deixaria, mais uma vez, o ambiente de liberdade e alegria de Copacabana, onde todos os dias lhe transcorriam felizes. Estava contente porque fizera a festa do lançamento do livro, com os dois amigos, no Pen Clube, onde compareceram mais de cem pessoas e se registraram muitas fotos no *Facebook*.

Ao chegar ao aeroporto, teve a grata surpresa de encontrar o Dr. Aragão, seu ex-chefe em Estífalo, um país relativamente desenvolvido, próximo à Europa. Aragão estava muito gordo e envelhecido. Havia acentuado o nervosismo que sentia já naquela época, perto do ano 2000. Tinha a expressão facial contraída, o rosto inchado. Falava tão alto que as pessoas ao redor olhavam assustadas. Piscava os olhos e apertava os lábios, depois de cada frase que falava. Suava tanto que o

rosto e a camisa estavam ensopados. O escritório em Estívalo foi o único local de trabalho onde Crátilo teve o que se pode denominar de uma vida normal. Havia ali certa vida cultural, com boas salas de cinema e até teatros. E o Dr. Aragão era bom caráter. Foi um chefe que não só não o submetera a pressões psicológicas. Gostava de pegar carona no carro de Crátilo. Depois do expediente, o então escriturário levava o chefe em seu carro para casa e, no trajeto, com o trânsito tranquilo, Aragão tinha a delicadeza de não falar somente de assuntos relativos ao trabalho.

Aragão reconheceu Crátilo imediatamente.

– Você está indo pra Madri? Sei que gosta de lá.

– Sim, mas, logo em seguida, embarco para a Barbúria, onde estou trabalhando.

Aragão apresentou-lhe sua esposa, uma senhora de sessenta e poucos, elegante, tão alta quanto o marido.

Perplexo com a coincidência, Crátilo sorria e elogiava o seu ex-chefe. Este, agitado e quase gritando, disse que estava aposentado e que ficaria dez dias em Madri.

Como não havia voo direto do Brasil à Barbúria, era preciso passar por Lisboa, Paris ou Madri, no regresso àquela indesejada destinação. Crátilo escolhia sempre Madri. Durante a viagem, o amanuense tomou o calmante e dormiu a noite toda. Por ocasião do desembarque, procurou Aragão, mas não o encontrou. Seu ex-Chefe, provavelmente, já havia recolhido as malas e partido.

\* \* \*

Em Madri, Crátilo deixou a bagagem no hotel e saiu para o Parque do Retiro. À sombra das portentosas árvores, escreveu poemas contemplativos. Entre as verdes florações, os gorjeios auspiciosos dos pássaros e o ambiente de harmonia dos passantes, andou até cansar. O sol de cinco de junho era

intenso. Pegou um táxi para Calle de la Reina, onde comeu *sushi*, num restaurante japonês.

Ficou somente um dia na Capital da Espanha. Saiu, deprimido, em direção ao aeroporto e enfrentou a agitação das pessoas que passavam com malas e bolsas, disputando espaço nos corredores de acesso às salas de embarque. Ivonete o esperava do outro lado do Planeta, na insólita Barbúria. Era um consolo saber que não estaria só naquele ambiente triste.

\* \* \*

No primeiro dia de trabalho, depois das férias, notou que os seus *pen-drives* haviam sumido. Uma semana depois, o Dr. Giocondo Malaquias os entregou. Crátilo deduziu que o Diretor os havia confiscado para ver o que havia ali e saber o que seu subordinado andava escrevendo.

\* \* \*

Havia momentos em que Crátilo se sentia sufocado pela energia pesada dos barbúrios. Os estrídulos dos motores dos carros acelerados e a gritaria deles provocavam-lhe uma espécie de náusea ou vertigem. Nessas ocasiões, a vista escurecia e sentia o estômago demasiado cheio, situação que o obrigava a caminhar durante uma hora ou mais para livrar-se daquele incômodo. Enquanto andava rapidamente, respirava fundo; mas era perturbado pelos esgotos (que jorravam lama podre), pela fumaça tóxica dos carros e, às vezes, pelo odor e visão desagradáveis da carniça de algum gato morto. Subia e descia as escadarias sujíssimas que ligam a parte baixa à parte alta da cidade. O lixo poluía e o areal empoeirava os espaços.

No mês de junho de 2016, os jornais anunciaram que o Exército barbúrio eliminou vinte terroristas que se refugiavam nas imediações de Plaboleia, cidade localizada a oitenta

quilômetros a sudoeste de Barbeville. O Governo barbúrio mostrara preocupação de que pudessem ocorrer atentados na Capital. Havia focos de insegurança persistentes em Estados vizinhos e grupos de delinquentes fanáticos no interior da Barbúria.

\* \* \*

Nemésia flagrou os motoristas vendo filmes pornôis no andar subterrâneo, onde ficavam as garagens dos seis carros, e foi enredar ao Giocondo, que investigava o motivo do retardo na velocidade da internet.

O Diretor entrou nos subterrâneos do Escritório e desligou os cabos de eletricidade para que os motoristas não usassem o computador que havia no quarto escuro que lhes servia de vestuário. A situação piorou: o computador de Crátilo deixou de funcionar.

– Talvez o Karolene esteja gravando os filmes pra vendê-los. Os barbúrios são muito comerciantes. – Opinou Crátilo.

– Os barbúrios vendem a mãe e fazem a entrega em domicílio, embrulhada em papel de presente. – Sentenciou Nemésia.

A mais fofoqueira das funcionárias contou que vira Giocondo beijando a boca da Djanira. Não fora beijo de língua, mas um beijo em que os lábios se tocaram. Revelou ainda que o Diretor já fez o seu testamento *para não deixar nada para o filho*.

Depois, narrou a experiência dela na Netalâmia, posto de nível D, onde ela esteve alguns meses sob as ordens do Dr. Inocência Furtado, um doido varrido, que chefiou a Empresa naquele lugar inóspito. Já não havia atentados e assaltos na Netalâmia, mas as condições sociais continuavam as piores possíveis.

O Dr. Furtado possuía um cachorro bravo, que ele mantinha no Escritório, e que lhe servia de guarda-costas. O

bicho, além de grande, era muito sujo, tal como o seu dono. O animal latia para os visitantes e os funcionários. Todos temiam o cão, de temperamento completamente antissocial. Ninguém conseguia aproximar-se de Furtado, sem que antes o Diretor segurasse o animal feroz, proeza que só ele era capaz de realizar. O mais bizarro é que o órgão sexual do cachorro ficava duro, quando Furtado pegava no animal.

Outra esquisitice daquele Diretor consistia em que Inocêncio Furtado não tomava decisão alguma sem antes consultar a *noiva*, uma cartomante que morava no Rio, para quem ele telefonava cotidianamente.

O Dr. Furtado trouxe o pai dele para a Netalâmia, retirando-o de Londres. O velhinho, ex-diretor da Ventura, aposentado, sofria de Alzheimer e paralisia facial. Ao trazê-lo, em vez de o Diretor manter o idoso sob os cuidados de um médico, confiou a guarda do genitor a um curandeiro libanês. Desprovido do atendimento adequado e transportado para aquele país sem infraestrutura sanitária, o velho morreu, apenas um dia após a sua chegada. Para completar o quadro horripilante, o Dr. Furtado não repatriou o corpo do pai, enterrando-o no jardim da Residência Funcional da Netalâmia. Em virtude disso, o Diretor não deixava fazerem trabalhos de jardinagem naquele espaço.

Ao decidir ir embora de lá, Nemésia disse ao chefe: *Eu vou, mas arranjaréi um substituto*. Convenceu o pobre Francisco de Assis a substituí-la. O escriturário transferido só aguentou alguns meses e se mandou também. O Dr. Inocêncio, que tinha a fala mole e a boca torta, reclamava constantemente dele: *Mandaram pra cá um inválido, claudicante, cheio de gota!* – Francisco sofria de artrite e tinha a perna dura, mas era excelente funcionário. Havia instalado o sistema de comunicações no Posto.

Em Netalâmia, só havia um ponto de venda de água mineral. O Diretor de lá mentia ao vendedor de água,

afirmando ser ele quem lhe pagava o salário, porque o Brasil contribuía, com doções à ONU, que as repassava a países da África.

Outro defeito grave do Dr. Furtado consistia em falar sempre que se fazia necessário *matar, matar esses negros ignorantes*.

A Netalâmia é um dos postos que o Chefe do DP declarou estar disponível para lotar o amanuense Crátilo, caso ele quisesse continuar no exterior. Outro deles é a Bucolafândia, de onde o amanuense Pedro Hamilton fugiu, em desespero de causa, deixando um bilheteinho debaixo da porta da chefe, informando que partia definitivamente dali, sem qualquer possibilidade de regresso.

\* \* \*

A Empresa informou sobre a redução do 13º salário e do adicional de férias dos funcionários, por falta de previsão orçamentária. Os funcionários não sabiam quando seriam transferidos para outros Escritórios. Os cortes de despesas atingiam os privilégios dos diretores, que reclamavam, sobretudo, da suspensão das passagens de primeira classe.

Por conta dessa redução salarial, os funcionários fizeram greve de um dia. Por incrível que pareça, todos os escritórios, no exterior, aderiram ao movimento. Pela primeira vez, na história da Ventura, fez-se uma greve. Naquele dia, os servidores em Barbeville saíram às treze horas e não voltaram para o expediente da tarde. No entanto, isso resultava em apenas meio dia de ausência, o que não teria qualquer efeito em termos de reivindicação. Giocondo trabalhou o dia todo, porque chefes não podiam fazer greve.

\* \* \*

A velhacaria dos barbúrios era tangível. Muitas empresas internacionais exigiam indenizações da Barbúria, junto à Corte Internacional de Arbitragem Econômica. O Governo barbúrio aproveitara o período de alta dos preços do petróleo para modificar as regras relativas à partilha dos lucros decorrentes da exploração multinacional de seus recursos petrolíferos.

As grandes empresas brabúrias eram todas estatais. A iniciativa privada só chegava a estabelecer pequenos comércios. Por preguiça e deboche, os barbúrios ricos preferiam botar o dinheiro em bancos estrangeiros, fora do País. Havia, em Barbeville, bodegazinhas para a venda de frutas, refrigerantes, desodorantes e jornais. Crátilo sentia falta, naquelas mercearias, dos principais alimentos de sua dieta, como o leite de soja, os biscoitos sem glúten e o arroz integral.

\* \* \*

A Empresa raspou a panela e encontrou, no fundo, um restinho de dinheiro para as transferências de Escritórios dos funcionários. Nemésia recebeu, finalmente, autorização para fazer a mudança. Iria para Gelopardia, uma das regiões mais frias do mundo. Ficou contentíssima. Era uma oportunidade ímpar de sair da Barbúria e se livrar da Palmira e do Giocondo. Ela continuava sem falar com a colega, por causa do episódio da venda do carro. Nemésia se dizia ludibriada pela Palmira e seu jovem marido barbúrio, de nome Arizi, que não teriam pago o valor total do carro. Arizi, a quem Giocondo chamava de Arizinho, andava sempre sorridente e tinha fama de bom cozinheiro. Nemésia confessara, numa ocasião, que tinha certa inveja da colega, que arranjava um marido novo e bonito. Ela espalhava pelo Escritório sua repugnância à ingrata Palmira, a quem ela emprestara o automóvel nos primeiros dias de sua chegada. Também, ao entrar de férias, deixara sua residência à disposição do casal.

Já Palmira apresentava outra versão: garantia que comprara o carro, pagara o preço correto e ainda deixara Nemésia usar o veículo, durante três meses, mesmo depois de havê-lo pago integralmente.

\* \* \*

Numa sexta-feira, de manhã, Giocondo ligou para Crátilo e perguntou:

– Você vai hoje à Embaixada da França para a recepção da data nacional francesa? A Empresa foi convidada.

Tomado de surpresa, Crátilo respondeu:

– Em princípio, não.

– Não? Por quê?

Crátilo ficou sem saber bem o que responder. Estava concentrado, fazendo tantas coisas, que nem se lembrou de que ele próprio não recebera convite pessoal.

– É bom você ir lá me representar. Eu não vou, porque tenho minhas razões pra não ir... Vá lá, tomar um vinho.

– Tá bem, eu vou.

Crátilo notou algo estranho naquele *tenho minhas razões*. O convite fora endereçado ao Diretor e não a ele. Concordara em comparecer, porém, teve a impressão de que o motorista nem apareceria em sua casa, como já acontecera duas vezes antes, em situações análogas. Ficou esperando, na incerteza. O motorista, de fato, não surgiu.

No dia seguinte, as notícias da televisão davam conta de um grande atentado na cidade de Nice. Crátilo teve a intuição de que o seu chefe não fora à recepção francesa por medo de que acontecesse também algum atentado na Embaixada da França em Barbeville. Tempos difíceis para a França, onde vinham ocorrendo diversos atentados terroristas.

\* \* \*

Recomendado por alguém do Escritório, Crátilo foi comer num restaurante no centro da cidade. Ivonete não quis acompanhá-lo. Ficou diante do computador. Chegando ao local, constatou que havia somente uma mesa ocupada e, mesmo assim, o garçom tardou uns quinze minutos para trazer o cardápio. Depois que, finalmente, escolheu o que comeria, Crátilo permaneceu mais cerca de vinte minutos, esperando que o atendente voltasse para registrar o seu pedido. Então, perdeu a paciência e resolveu retirar-se. Já na porta da saída, o homem reapareceu e perguntou-lhe:

- Você está com frio?
- Não, mas se você demorar muito, eu vou embora.

O garçom dirigiu-se à outra mesa. Crátilo transpôs a porta e cruzou a rua, pela qual passavam carros dos dois lados, em alta velocidade. A rua fedia a peixe podre e *merda*. Foi andando para pegar um táxi e voltar pra casa, mas se deparou com outro restaurante, quase em frente ao anterior. Atravessou a pista, entrou e perguntou ao garçom se havia peixe. O barbúrio pôs uma cara de menino mimado e disse, com voz indolente:

- Está fechado.

Crátilo retornou à sua residência a pé. Subindo a ladeira, foi contando os gatos que se confundiam com os sacos de plástico que o vento arrastava. Adolescentes jogavam bola nas pequenas praças públicas. De vez em quando, uma bola se metia por baixo de algum carro ou batia num automóvel. O motorista xingava.

Enquanto chupavam tabaco entre a língua e a gengiva, os barbúrios levavam nas mãos copinhos plásticos de café, que iam deixando pelos quatro cantos de Barbeville, poluindo aquela já sujíssima cidade poeirenta.

Das cúpulas dos minaretes, decoradas com colares de luzes e alto-falantes, ressoou a ladainha da reza. Os barbúrios correram, em algazarra, pelas ruas estreitas, para chegar à

casa de oração. Um cheiro de carne grelhada se espalhava no ar. Os barbúrios passavam cabisbaixos ou de olho no trânsito. Crátilo descia e subia as ladeiras, desviando-se do vaivém dos carros. O caminhão de lixo o perseguia. O amanuense puxou a camisa até o nariz, usando-a como uma máscara, para filtrar a poluição.

Apesar de toda a confusão ao redor, a caminhada representava um momento de alívio. E já faltava pouco para ele deixar a Barbúria. Já se aproximava o final de julho e ele esperava ser autorizado a partir dali em novembro.

\* \* \*

Antes de partir, de férias, Giocondo despediu-se de Nemésia, aproximando dela os olhos enormes de lagarto assustado. Olhos que se moviam velozmente. Com a boca descomunal, ele lhe disse, quase sussurrando, falsamente afetuosamente:

– Não vá embora antes que eu volte...

Em seguida, enlaçou a cintura da funcionária baixa, papuda, beijuda e de cabelo de bruxa, com um abraço demorado, de corpos coladinhos.

No meio das férias, escreveu-lhe, reiterando que ela prorrogasse o seu prazo de partida pois ele não conseguira ninguém para substituí-la.

Nemésia deixaria desafetos. Além de Palmira, com quem brigara por causa da venda do carro, havia a secretária Djanira, de quem ela sempre reclamou. Também Murano, que não gostava de ser mandado por mulher. E a Júlia, a gordinha simpática do setor administrativo, a quem Nemésia passou a difamar, desde que o Gerente Geral, Sílvio Danúzio, em sua curta estada em Barbeville, foi à casa dessa funcionária, com o propósito de visitar-lhe a velha mãe, senhora que trabalhara como doméstica na Residência Funcional. Nemésia não

aceitava que o Gerente descesse do seu pedestal para ir à casa de uma reles contratada da Barbúria, cuja mãe, *era somente uma velha inútil, que fora despedida pelo Diretor, porque lhe passava mal as meias*. Para Nemésia, Júlia era lerda, preguiçosa e monopolizava os serviços da Marion, ocupando-a com suas coisas particulares, e não as do trabalho da Ventura.

\* \* \*

No dia em que, acompanhado do namorado, um morenã, alto e forte, com brincos nas orelhas e cheio de tatuagens nos braços, Pancrácio visitou a Palmira e o Arizi, os dois rapazes brigaram porque o Vice-Diretor anunciou que viajaria ao Canadá, mas sem o seu companheiro. Este, por sua vez, proibiu-o de ir sozinho, e a discussão envenenou o ambiente. Quando os moços se retiraram, foi a vez do casal também discutir. No dia seguinte, Palmira telefonou, dizendo que adoecera e que não iria trabalhar.

A Palmira adoeceu porque tem a mania de assoviar, enquanto trabalhava. Os barbúrios não gostam de assovio, porque acham que é uma das formas de chamar o demônio – sentenciou Petrúcio, com seu sotaque luso-africano.

\* \* \*

A situação no Brasil continuava indefinida. O Governo Temer, embora ainda interino e sem a força do voto popular, mal tomou posse da Presidência da República, começou a adotar uma série de medidas antipopulares, em prejuízo do país e da classe trabalhadora. Por outro lado, as lideranças mais influentes no Congresso não inspiravam confiança. Havia onze milhões de desempregados, uma inflação que apenas aumentava e um cenário marcado por suspeições, que não poupavam sequer o próprio Chefe interino do Executivo.

Diante do quadro de insegurança internacional, depois dos vários atentados terroristas na França e na Alemanha, havia quem temesse pela segurança durante a disputa dos Jogos Olímpicos, cuja sede, no ano de 2016, coubera ao Brasil.

Na empresa, a crise obrigava a Gerência a proibir o uso particular dos veículos. Na chefia interina do Escritório, o Vice-Diretor Pancrácio perdera o privilégio de usar os carros da Empresa até para deslocar-se ao trabalho. Permaneceram os seis carros parados na garagem, e os quatro motoristas ficaram ociosos. Nos primeiros dias, para ir trabalhar, Pancrácio pagava, do próprio bolso, a gasolina do carro que pertencia ao motorista Joseph, que, então, o conduzia ao Escritório. A partir da segunda semana, resolveu usar os veículos oficiais, mas somente nas semanas de férias de Giocondo.

Fazia diferença trabalhar sem a presença obsessiva do Dr. Giocondo. Todos ficavam à vontade, desfrutando da trégua dada pelo indesejado homem.

Numa manhã menos agitada, veio Dionísio Petrúcio ter com Crátilo. Elogiou o Brasil. Que essa história de vírus Zika era papo furado, porque não afetava ninguém. E que, aliás, os ianques é que inoculavam vírus em toda parte. Falou também do terrorismo, que ele considerava uma manifestação violenta da pobreza contra a injustiça social. A questão não era religiosa, e sim política e social. Nesse contexto de temas variados, Petrúcio comentou seu *status* de cidadão estrangeiro, discriminado na Barbúria. Fora enganado pela ex-esposa barbúria, que lhe subtraía o patrimônio acumulado ao longo da vida. Assim, pediu a Crátilo dez mil barburins, cerca de 80 dólares, para pagar a tarifa de eletricidade, sob pena de habitar nas trevas. Alegou que, com o rebaixamento do seu salário, não tinha como quitar as despesas. A conta de eletricidade aumentara no verão. Culpou o ex-administrador Anésimo por haver-lhe reduzindo os proventos. Para encurtar o assunto,

Crátilo prometeu emprestar-lhe o dinheiro, mas teria de falar com Ivonete, que era a sua tesoureira.

Ivonete não gostou da atitude do Petrúcio, mas, afinal, concordou:

– Diga a ele que fale comigo – falou como quem tenta controlar uma situação de perigo.

Ao entregar os dez mil barburins ao funcionário, ela disse:

– Depois você paga a mim, diretamente.

Petrúcio pagou, honestamente, quando recebeu o salário.

Crátilo lamentava a situação daquele funcionário, cuja demissão não tardaria a ser confirmada.

Giocondo retardaria ao máximo a hora de dar a má notícia ao africano. Só o avisaria no final de novembro, como veremos nos próximos capítulos.



## **Oitava Parte** **(Já falta pouco)**

Em sua chefia interina, Pancrácio adotava a mesma mania giocondiana de reescrever, diversas vezes, tudo quanto Crátilo lhe levava. Giocondo e Pancrácio perdiam, de duas a três horas, reescrevendo coisas que seriam lidas por quatro ou cinco colegas, nos diferentes Escritórios da Empresa.

O advento do computador dificultou o trabalho dos melindrosos Diretores. Os antigos executivos da Empresa escreviam as mensagens oficiais mais rapidamente do que os atuais. Mas o titubeio para tomar qualquer decisão e a insegurança ao afirmar qualquer coisa sempre foram características comuns a todos os burocratas da Ventura. Eles temem a crítica dos colegas, que relutam em reconhecer os méritos dos outros. Na corrida pelas promoções, a politicagem, a adulação e, muitas vezes, a cumplicidade criminosas são estratégias válidas. E, uma vez investidos nos cargos de mando, eles adotam como conduta a impostura, a fraude e

a hipocrisia. Nessa disputa, os que competem suportam os golpes da humilhação, enquanto aguardam ter a sua vez de também humilhar.

\* \* \*

Nemésia entrou no Escritório esbravejando, neurótica. Falava sem parar, gesticulava, estufava o peito e esganiçava a voz. É que uma mocinha, missionária da Congregação Católica Brasileira, queixara-se dela, dizendo-se vítima de gritos e palavrões, só porque usara o celular nas proximidades do guichê:

– Não é capaz nem de ler os avisos! – Teria dito Nemésia irritada, em voz alta, perante testemunhas.

Palmira chegou, meio trôpega e com bafo de bebida, beijou, como de praxe, as funcionárias barbúrias e, sem deixar passar a oportunidade, sentenciou:

– A dita cuja é grossa feito uma sucuri. É uma trombada de frente...

– Há muita gente que atende à maneira de Nemésia, aos gritos. – Observou Ivonete.

– Falta, na Empresa, uma orientação sobre bons tratos aos clientes e entre os colegas. Os chefes são os primeiros a darem o mau exemplo. – Ressaltou Crátilo.

– Nemésia dá a leve impressão de que já vai tarde... – Arrematou Palmira.

\* \* \*

A hora se mostrava decisiva para Crátilo, que precisava sair da Barbúria a curto prazo. O Chefe do DP o orientara a conseguir sua própria lotação na Gerência Geral, como condição para ser transferido. O amanuense escreveu ao Acrísio Ferrara, Chefe do Departamento para o Comércio da

América Latina, situado na Matriz, em São Paulo. Perguntou se o aceitaria como um dos seus assessores. Passados dez dias, sem uma resposta, Crátilo escreveu de novo ao Dr. Ferrara reiterando o pedido. Acrísio argumentou dificuldades em recebê-lo como funcionário no seu Departamento. Não tinha poderes para tanto e, além disso, não havia vaga no momento. Proferiu aquele *não*, típico do pessoal da Empresa, com palavras enfeitadas e elogios a Crátilo.

Decepcionado com a resposta do Diretor Acrísio Ferrara, Crátilo escreveu ao Raimundo Armando, Chefe do Departamento de Exportações de Serviços, cargo importante na hierarquia da Matriz, em São Paulo. Raimundo Armando fez ponderações. Seria a quarta lotação de amanuense num período curto. E não haveria gratificação extra. Também, já assumira compromissos com amanuenses mais novos que Crátilo e, se surgisse oportunidade de formalizar a ocupação de algum cargo, eles teriam precedência, em razão das funções para as quais os convidara e dos compromissos para com eles já assumidos. Diante de tais argumentações, o amanuense agradeceu-lhe a *boa vontade* e encerrou o assunto.

Escreveu a um terceiro colega lotado na Matriz. Desta feita, ao Geraldo Rocha, seu conterrâneo, que fora seu professor de inglês em Teresina. Rocha tinha espírito humorístico e costumava dizer que, em sua cidade, podiam-se fritar ovos no asfalto. Porém, Geraldo Rocha sequer respondeu à sua mensagem.

O Chefe do DP informara que na Gerência Geral, em São Paulo, estavam precisando de pessoal. Contudo, quando Crátilo escrevia aos colegas, eles lhe respondiam que as lotações, em seus departamentos, achavam-se completas ou até ignoravam a mensagem dele.

\* \* \*

Farto do trabalho insípido, da falta de diversão, das ruas atulhadas de veículos e da sujeira da cidade, Crátilo buscava algum lugar onde desfrutar um pouco de silêncio. Havia um pequeno jardim abandonado e maltratado, perto de sua casa, onde ele, às vezes, refugiava-se, sentado num banco de pedra. O portão do jardim, porém, estava quase sempre fechado com cadeado. Os parques verdes da cidade se encontravam ocupados pelos quartéis militares.

O ditador paralítico reforçara o contingente militar depois de ter debelado o terrorismo que assolava o país desde 1980. A cúpula de civis e militares valia-se da imagem do pacificador enfermo, que vivia numa cadeira de rodas, e já quase não conseguia falar. A fórmula vinha funcionando, mas não se sabia até quando. Cada dia apareciam mais policiais pelas esquinas da Capital para prevenir um golpe de Estado ou a volta ao estado de guerra.

\* \* \*

Mal chegou das férias, Giocondo agitou logo o ambiente. Os funcionários giravam ao redor dele, como formigas na tampa de um açucareiro. Mostravam-se disponíveis para qualquer serviço. Pancrácio não desgrudava do pé do Chefe. Apareceram uns operários, que começaram uma obra no andar de baixo, batendo martelos, fazendo um barulho tremendo. Os aduladores subiam e desciam a escada, como abelhas em busca do pólen para fabricar o mel do trabalho.

Naquele dia 31 de agosto, a televisão mostrou a votação do *impeachment*. Crátilo achava que os piores elementos da República não estavam somente na política partidária, mas, sobretudo, em certas empresas internacionais, onde os funcionários graduados abusavam das prerrogativas e privilégios. O Dr. Giocondo tirou da parede do seu gabinete a foto da Dilma, que tinha ali pendurada. Para continuar

gozando de prestígio, teria que se aproximar do grupo que assumia o poder. Conhecia mal os novos dirigentes e sua capacidade de influência se reduzira.

Crátilo foi encarregado, pelo Dr. Giocondo, de falar com o Diretor da Gomoloc, para confirmar a doação da carne para os convivas da festa de comemoração, na Residência, do advento do novo Governo brasileiro. Nabolite, Diretor da importadora de carne brasileira na Barbúria, assegurou que as boas relações entre os dois Diretores garantiriam o abastecimento desejado de cinquenta quilos de carne. O Escritório dependia dos favores de terceiros, não tanto pela carência de recursos financeiros, mas, sobretudo, pelo oportunismo de Giocondo, que fazia questão de maximizar todas as vantagens.

Crátilo designou Malufa para coordenar a entrega da carne na Residência Funcional. Uma semana depois, já à véspera do evento, Malufa avisou Crátilo de que Nabolite viajara para o interior do País, e que a entrega da carne estaria pendente de uma gestão por parte da Ventura para resolver um trâmite na aduana, onde se achava o navio com o carregamento do produto.

Indignado, Crátilo descontrolou-se:

– Esse Nabolite não tinha garantido que a carne seria fornecida sem problemas? Ele é um homem sem palavra, um *filho da puta*. Tudo aqui é complicado, por isso eu quero ir embora, com urgência.

Malufa, ofendida, saiu pela porta, sem dizer palavra.

Nervoso, o amanuense foi à sala de Giocondo e disse:

– Esse pessoal barbúrio não tem palavra. São uns canalhas! O homem garantiu que forneceria a carne. Agora, deu para trás.

Proferiu sua cortante crítica e se recolheu à sua sala, sem esperar pelos comentários de Giocondo. Este, por sua vez, chamou Djanira, para conversar, a portas fechadas. Isso se

deu quase ao final do expediente, e o amanuense não tardou a retirar-se para casa.

Crátilo atribuiu o nervosismo que o acometera à indefinição da situação em que se encontrava. Precisava ir embora, a curto prazo, e não sabia quando iria. Ivonete via tudo com otimismo. Crátilo era desconfiado. Para ele, os colegas não tinham palavra e a boa vontade do DP não passava de uma ilusão.

Afinal, o doador da carne confirmou que teria cinquenta quilos disponíveis para o Escritório. Contentíssimo, Giocondo mandou o motorista buscar a encomenda na sede da empresa Gomoloc. No dia seguinte, contudo, o mordomo Ayababa telefonou a Crátilo para dizer que só haviam chegado trinta quilos, e não os cinquenta que o fornecedor havia prometido. E perguntou se Crátilo telefonaria ao fornecedor para cobrar o restante.

– É ridículo ter que pedir doações aos barbúrios para as atividades da Ventura. Isso é uma indignância, uma comédia de erros. – Respondeu Crátilo, numa evasiva.

\* \* \*

O amanuense consultou Giocondo, sobre sua necessidade de sair da Barbúria.

– Neste país é difícil conseguir alugar imóvel por prazo menor do que um ano. E os proprietários exigem o pagamento total adiantado. Esse problema me obriga a pedir para ir embora a curto prazo.

Constrangido, Giocondo alegou que, se ele intercedesse em favor da saída de Crátilo, poderiam interpretar o pedido como se tivesse ocorrido um problema entre eles dois. A duras penas, depois de muita conversa, admitiu que assinaria uma mensagem que seu subordinado redigisse, na qual o amanuense solicitaria à Gerência Geral sair do posto antes do

processo normal de transferência. Feita a minuta, o Diretor riscou algumas coisas e inseriu a frase: *Pretende ser transferido a pedido*. Isso significava: *Sem receber recursos da Empresa para pagamento da mudança*. Por fim, orientou Crátilo a não expedir a mensagem, sem antes consultar o Chefe do DP, para citar o número da legislação interna que admite as transferências à Gerência Geral, fora do mecanismo padrão.

O Chefe do DP respondeu que o processo de transferências não tardaria a ser aplicado, e que talvez valesse a pena Crátilo esperar mais algumas semanas. Permanecia, portanto, o impasse.

Crátilo insistiu com Giocondo. Refez o texto, retirando a expressão *a pedido*, para caracterizar que o seu retorno a São Paulo se dava por uma possibilidade oferecida pela própria Empresa. O Dr. Giocondo Malaquias teve de assinar o documento, que foi, por fim, expedido.

À noite, em casa, durante o jantar, contrariando o otimismo da companheira, disse Crátilo a Ivonete:

– É preciso pensar não apenas no melhor, convém também estar preparado para o pior. E o pior que pode acontecer é a Gerência Geral negar o pedido de transferência e a gente ter que ficar mais tempo aqui. Nessa hipótese, terei de pagar do meu bolso o aumento do aluguel que o Satur exigirá.

Naquela mesma noite, depois de conversar com Ivonete, o amanuense escreveu num caderno que conservava ao lado da cama:

*A Barbúria é um lugar onde o ontem custa a passar... E quem tem esse poder de inverter o tempo, senão Giocondo, que é uma espécie de fenômeno contrário a toda lógica? Se ele estiver parado no vermelho, estarei avançando no verde. Se ele vier de carrapato, irei de inseticida. Se ele entrar pela porta da frente, sairei pela dos fundos. Se na guerra for ele o herói, vou preferir ser o desertor. Se, no Reino dos Mortos, ele for a cabeça da Medusa, eu serei a lâmina de Perseu.*

\* \* \*

No Brasil, os estragos causados pela política partidária continuavam a se refletir no balanço financeiro da Ventura. A Empresa se tornara um investimento frustrado. Dos crescimentos vultosos à queda de 50% nos pedidos de pesquisas comerciais, a Ventura acumulara prejuízos de cerca de US\$ 20 bilhões, e estava iniciando um processo de reestruturação.

Os diretores, soberanos absolutos, dessangraram os cofres da Empresa. Embolsaram os recursos destinados aos investimentos como se os dinheiros fossem propriedade particular. Ao partir de um Escritório para outro, deixavam as Residências Funcionais em estado deplorável. Roubavam os quadros, a louça e outros utensílios domésticos. Faziam gastos suntuosos e apresentavam recibos falsos para despesas fictícias.

– No atual estado de insolvência da Ventura, os credores estão de olho no patrimônio da Empresa, que nunca sofreu uma crise como agora, nem mesmo no tempo do antigo Gerente Geral, Cabeça de Vaca. – Assinalou Nemésia, preocupada com o possível atraso de salário em seu novo Posto.

De fato, o Dr. Cabeça de Vaca institucionalizara a roubalheira, com a conivência e a participação de alguns diretores de departamentos. Fizera contratos com empresas fantasmas, metera-se com lavagem de dinheiro e a Empresa se endividara com vários bancos. Na época, os jornais estamparam o escândalo, e houve até ameaças de morte a testemunhas. A turma do *deixa disso*, no entanto, resolveu tudo. O Dr. Vaca, amigo de um dos figurões políticos que mandavam no Brasil, não só ficou impune, como foi premiado com a chefia de um escritório, num país do Primeiro Mundo, onde viria a aposentar-se.

\* \* \*

Apareceu um resto de dinheiro para as transferências de Escritório dos apadrinhados. Nemésia foi, finalmente, autorizada a preparar a mudança. Ela confessou que pedira ajuda a um senador do Maranhão, Estado em que ela nascera. Nemésia solicitou ao político que intercedesse junto ao novo Presidente da Ventura, Dr. Alcebíades Coriolano.

– O resultado foi positivo. Vou arrumar as malas. – Pontificou, sorrindo e vangloriando-se, com sotaque carregado e tom de voz entusiástico.

A despedida de Nemésia foi comemorada juntamente com a festa que o Diretor fez para celebrar o novo governo brasileiro.

Dona Clotilde esperava, na Residência Funcional, 700 pessoas, porque Pancrácio teria chamado mais gente do que o previsto. Temia que a comida não fosse suficiente para todos.

Quando a secretária Djanira chegou à Residência, pintadíssima e de saia curta, mostrando as coxas grossas e a bunda estufada, a anfitriã exclamou:

– Detesto essa mulher! Já a expulsei uma vez de casa. Ela é muito incompetente! Faz a maior confusão com os assuntos do Escritório.

Crátilo percebeu que não estavam servindo carne bovina no coquetel; só pãozinhos e frituras de frango. Ivonete perguntou ao Ayababa onde estava a carne. O mordomo gaguejou e não soube responder. Ela perguntou a Pancrácio se ele havia comido carne de boi. O Vice-Diretor confirmou que comera bastante.

– Parece que só ele e mais ninguém. Certamente, o Giocondo meteu tudo na geladeira pra comer depois. – Comentou Crátilo, exclusivamente para Ivonete.

– Você tem muito amor pra dar... Afirmou o Diretor, entre outros elogios à Nemésia. Quanto ao novo governo, significava para ele *a esperança mais promissora do ano*.

Ivonete e Crátilo saíram, antes do fim da cerimônia. Foram jantar, em casa, pão com ovos fritos.

\* \* \*

Nemésia, antes de partir, revelou a Ivonete que Giocondo padecia de sarna na bunda, não se sabe por que causa.

Nos dias seguintes, Giocondo gabava-se pelo êxito da festa. Tinha já manchas no rosto, pois a sarna já começara a espalhar-se pelo corpo.

Crátilo resolveu imitar o exemplo de Nemésia e escreveu ao Renato Fabrício, um jornalista amigo seu, que trabalhara numa instituição pública com o novo Presidente da Ventura, Alcebíades Coriolano. O jornalista prometeu *ver o que poderia fazer*. Duas semanas depois, Fabrício escreveu para reportar que falara com seu irmão, Roberto Fabrício, também jornalista. Roberto escreveu a Marco Horta, um Diretor aposentado da Ventura e enviou cópia da resposta, por e-mail, a Crátilo. Horta declarou que não estava mais na ativa, sendo reduzida sua capacidade de influir em questões de transferência de pessoal, nos *tempos bicudos como os que se vive*. No entanto, prometeu ver o que seria possível conseguir para ajudar o Crátilo, *que é bom funcionário e tem uma folha de bons serviços prestados em Postos difíceis*.

Por outro lado, o Chefe do DP, certamente ocupado com os assuntos da greve e da crise financeira da Empresa, tardava a responder ao pedido de Crátilo, transmitido na forma de mensagem oficial, devidamente assinada pelo Diretor Giocondo Malaquias.

\* \* \*

Depois de tempos sem falar com o primo Alonso, Crátilo ligou para o ancião que, ainda uma vez, queixou-se da falta da Raimunda e do Egberto.

– Essas duas mortes acabaram comigo. A vida pra mim tem sido um massacre...

Confessou a saudade que sentia do Rio de Janeiro e comentou ter assistido à abertura dos Jogos Olímpicos. Perguntou quando Crátilo iria a Teresina.

– Talvez, só no fim do ano, no Natal, se eu for transferido para a Gerência Geral, em São Paulo.

– E a tese que você vai fazer pra ser promovido a Diretor?

– Não haverá tese alguma e, talvez, nem sequer a própria Empresa continue a existir.

– Como é possível? A crise atingiu a Ventura? Mas não há perigo dela fechar, não. É uma das maiores multinacionais do Brasil.

Naquele dia, pela primeira vez, o primo Alonso falou, de maneira explícita, sobre o tema da morte, assunto que evitava comentar.

– Estou com quase 96 anos de idade. Eu acho que, depois da morte, tudo se acaba. É impossível saber se a gente encontra os familiares, depois que se morre.

Recordou-se da Raimunda, que fumava escondido e que ocultava a doença. Lembrou-se também do Alcântara, o amigo médico, pneumologista, que morreu de fumar.

Crátilo lhe falou da reencarnação e, ao perceber que Alonso não se interessava pelo assunto, pediu-lhe que ele contasse, novamente, a sua primeira viagem ao Rio de Janeiro – um tema da predileção de Alonso e cuja recordação parecia fazer bem ao espírito do velho primo.

– Foi no Loyd brasileiro. A viagem levava dez dias. Agora, em menos de três horas se chega ao Rio, de avião.

Crátilo, em seguida, perguntou se Alonso ainda cantava a antiga marchinha de carnaval, aquela que falava na companhia de navegação Serpa Pinto, que fazia o trajeto Brasil-Portugal. Alonso cantou todas as estrofes, de memória, com impecável exatidão. Era incrível sua agilidade mental.

\* \* \*

No dia 27 de setembro, Crátilo recebeu um documento urgentíssimo, vindo da Matriz, estipulando um prazo de dois dias para a resposta, em que o Escritório deveria dar conta de todos os assuntos relacionados ao comércio da Empresa com as firmas barbúrias. Aborrecido e atribulado, queixou-se com Giocondo da falta de planejamento e da deslealdade dos colegas.

– Os colegas são uns canalhas, exigindo assim, tanta coisa, num prazo tão curto. Pelo menos já falta pouco, porque, quando voltar ao Brasil, pedirei aposentadoria. – Detonou.

Perplexo, Giocondo escutou e retrucou:

– Tudo que eu tenho, devo à Ventura. A Empresa é uma mãe pra todo mundo...

\* \* \*

Enquanto ela manobrava, com destreza, o largo carro pela estreita rua de mão dupla, para o casal ir ao trabalho, Ivonete comentou com Crátilo que chegara uma mensagem de São Paulo, confirmando a demissão do Petrúcio.

– O Giocondo deve estar satisfeito com a decisão da Gerência. Decisão essa que, aliás, coincidiu com o que ele já vinha maquinando havia muito tempo. – Constatou Crátilo.

O estranho era que, na data em que veio a notícia da demissão do Petrúcio, Giocondo ia viajar para fazer o tratamento de saúde. A sarna renitente subira da bunda para o resto do corpo e o aspecto do executivo assemelhava-se ao de um quadro pontilhado de tons vermelhos, pintado por um aprendiz de artes plásticas. Sobressaltavam em sua cara os estigmas da insidiosa afecção. Ele disse que viajaria a Londres, de licença médica, para fazer uma angioplastia.

– Manifesto-lhe minha solidariedade. – Pronunciou Crátilo, em tom conciliatório.

O Diretor respondeu com um eco e uma rima:

– É a idade...

\* \* \*

No dia 28 de setembro, veio a notícia da transferência do amanuense para o Escritório da Gerência Geral, em São Paulo. Seu pedido e suas preces foram, por fim, atendidos. A ajuda do jornalista Renato Fabrício tinha, certamente, facilitado os trâmites. Crátilo sentiu-se de alma lavada. Aquele momento, longamente esperado, merecia uma comemoração ou um ato de Ação de Graças. Escreveu ao Fabrício, para agradecer o apoio. Sentia-se contente com a perspectiva, a curto prazo, de se livrar tanto da tirania do Dr. Giocondo quanto da vida pífia na Barbúria. Lembrou-se de que aquele dia fazia um ano que acontecera o eclipse lunar.

No fim de semana, enquanto tomava sol na varanda, e passava creme protetor solar nas costas de Ivonete, o amanuense, comentava o seu êxito. Como que, por magia, o Satur mandou, por intermédio do fétido Djair, uma carta em que perguntava sobre as intenções de Crátilo em relação ao imóvel alugado. O amanuense não tardou em avisar ao locador a data em que pretendia entregar a casa, exatamente no prazo estabelecido.

Igualmente surpreendente foi a volta antecipada de Giocondo, depois de cinco dias que partira. O Diretor saíra, pretendendo permanecer dez dias fora da Barbúria, a fim de submeter-se à cirurgia cardíaca. Ao retornar, disse a Pancrácio que os médicos consideraram não ser preciso operá-lo.

Ninguém achou estranho que Giocondo voltasse antes do tempo, porque já se sabia que o tratamento dele era de natureza dermatológica e não coronária.

Giocondo voltou com um tremendo entusiasmo para promover o aumento da produção dos funcionários. Chamou Crátilo e perguntou:

– Já passou a raiva? Ainda quer se aposentar?

– A transferência me livrará de um peso imenso...

Pancrácio entrara de férias, e Crátilo fazia o trabalho dos dois.

\* \* \*

Apesar da ausência temporária de Ivonete, que fora passar dez dias de férias em Paris, ele estava radiante porque, agora sim, faltava pouco para que ele se salvasse da escravidão mental imposta pelo trabalho pífio e pela cidade medíocre. Verdade que os aborrecimentos do serviço burocrático continuariam na Matriz. Em São Paulo, entretanto, desfrutaria da companhia inteligente dos intelectuais paulistas e da vida cultural dinâmica da megalópole. E logo se aposentaria e moraria no Rio de Janeiro. A experiência daqueles anos, em Barbeville, representara um avanço em sua evolução intelectual. Nunca ele lera tantos livros na vida.

Denoite, a lua cheia de outubro o fez recordar que faltavam apenas duas luas para o adeus ao assédio de Giocondo e àquela cidade inculta. Não mais andaria naquelas ruas atulhadas de carros, movidos a óleo diesel, que disseminavam, em toda parte, uma fumaça deletéria. Não mais palmilharia os becos escuros, cheios de gatos assustados, na banal de Barbeville.



## **Nona Parte (Final)**

– Não quero que, ao partir, você deixe o seu carro aqui. Já tenho seis carros no pátio. Não quero ocupar o tempo do pessoal do Escritório, tentando vender o seu. – Informou Giocondo a Crátilo, por telefone.

– Mas, se eu não conseguir vender logo, o que vou fazer? A legislação brasileira não me permite entrar com o automóvel no território nacional. Não posso, simplesmente, explodir o meu carro. – Respondeu-lhe, atrevidamente, Crátilo.

Para encontrar, com a máxima urgência, um comprador para seu Nissan de 1998, Crátilo envolveu Djanira, Palmira e Karolene.

Segundo a secretária do Diretor, a legislação barbúria proibia a venda de carros antigos no território barbúrio. Assim, o veículo teria que ser mandado à Lapodínia, um país vizinho, onde aceitavam destruir automóveis.

Palmira assegurou que o Dr. Giocondo tentara vender o mais antigo dos seis carros da firma e, não tendo conseguido comprador, sondou a possibilidade de destruí-lo na Lapodínia. No entanto, desistira, ao saber que os custos seriam sete mil euros.

Ivonete chegou das férias em Paris. No aeroporto, após beijá-la e abraçá-la, Crátilo foi contando as novidades.

– Se o Giocondo se meter a besta, vou consultar a Gerência Geral, pra saber se está ou não correto forçarem um funcionário a se desfazer de um patrimônio, com um dano de tal monta. Ele não me pode forçar a vender o carro, a curtíssimo prazo, nem me obrigar a pagar sete mil euros pela destruição do veículo.

Ivonete o acalmou, com palavras de otimismo. Trouxe de Paris latas de sardinha, queijos, geleia de mirtilo e CDs de Georges Brassens e de Leo Ferré. O casal escutou os discos, naquela mesma noite, num clima de lua de mel.

No dia seguinte, quando Ivonete foi trabalhar, a primeira coisa que Giocondo lhe falou foi o assunto do carro. Reiterou que não admitiria que o automóvel de Crátilo ficasse no Escritório, depois da partida do casal.

– Mas quem foi que disse que o Crátilo vai deixar o carro aqui? – indagou Ivonete, para frear a insolência do Diretor.

Afinal, o carro pelo qual Ivonete pedira dois mil euros, foi vendido por setecentos euros a um cidadão da Protozolândia. Do total, Crátilo deu, a título de comissão, cem euros ao Karolene, que arranhou o comprador, e outros cem à Djanira, que cuidaria da burocracia da mudança do nome do proprietário.

O último evento a que Giocondo mandou Crátilo comparecer aconteceu no Museu do General Putishanal, um dos heróis da guerra de libertação. O museu ficava num prédio antigo, vazio de qualquer objeto. No pátio, decorado por balões brancos e vermelhos, entre paredes que fediam a lixo, um cara

magro, vestido só de cuecas e com tinta preta nas pernas, até os joelhos, dançava e gesticulava, espalhafatosamente, ao som de uma música fúnebre. Os espectadores se olhavam estarecidos. O bailarino insólito ficou no meio de um fogo cruzado de faíscas, entre dois sujeitos que manipulavam serras elétricas sobre metais. De repente, o dançarino tomou a serra elétrica das mãos de um dos lançadores de faísca e o salpicou de fagulhas. Era talvez a máxima expressão cultural que os barbúrios sabiam produzir, pensou Crátilo, rindo e debochando da “capacidade inventiva” dos cidadãos da Barbúria.

\* \* \*

A Lua de novembro crescera, e Crátilo partiria no final do mês, com Ivonete, para São Paulo. Já faltava pouquíssimo para a sua libertação.

O amanuense Portela viveu, com entusiasmo, os dias a que teve direito para cuidar da mudança. Ivonete mencionou a legislação, que dava direito a dez dias úteis aos funcionários para preparar a mudança. Só assim convenceu Giocondo a liberar Crátilo para ajudá-la a orientar os empacotadores. Ela comandou os operários que encaixotaram os móveis e utensílios, enquanto o amanuense lia e escrevia, incansavelmente. Naqueles momentos de tensão e cansaço, quando o inverno esfriava as residências da Barbúria, Djair sabotou o aquecimento da casa.

Em meio ao barulho dos homens que arrastavam móveis, Crátilo leu tanto que voltou a sentir a afecção nos olhos, que passaram a arder incessantemente. Teve um hematoma no olho esquerdo e certa perda visual no direito. Os esforços visuais no uso do computador, durante os três anos de trabalho na Barbúria, haviam deixado sequelas. O tempo vivido ali custara *os olhos da cara*, por assim dizer. Aumentaram as filigranas e

os reflexos, principalmente, no olho esquerdo. Também se agravou o incômodo diante da claridade.

\* \* \*

Naqueles dias, além de ler, Crátilo se punha a caminhar pelo bairro do Poço. A algazarra dos estudantes, que soltavam fogos para assustar as meninas das escolas, os estrídulos das buzinas, dos motores, dos alarmes, das sirenes da polícia e das ambulâncias davam-lhe a certeza de que ele não aprendera a ser mais tolerante, nos quase três anos de experiência na Barbúria. Seu nervosismo parecia aumentar, à proporção que as caixas iam sendo empilhadas e entulhavam a casa. Qualquer descontentamento lhe provocava uma contrariedade esgotante.

Ele meditava sobre o pensamento de Epicteto, segundo o qual, “não escolhemos as circunstâncias, mas podemos eleger a forma de reagir diante delas”. Sentia-se fracassado, porque não conseguira reagir, de forma serena, perante os embates do desconcertante período vivido ali.

Havia, contudo, incrementado sua cultura. Lera incontáveis livros nos fins de semana e nas noites de insônia. Permanecera lendo, dia e noite, durante os dez dias em que os homens empacotavam os móveis e os livros, até o momento em que entraram no quarto para retirar-lhe o guarda-roupa e a mesa de leitura. Naquele dia, ele saiu de casa, com um livro debaixo do braço, para tentar ler em algum espaço da cidade. Os cabelos ficaram-lhe brancos na travessia dos dias difíceis em Barbeville.

\* \* \*

A título de despedida, Ivonete e Crátilo foram almoçar no apartamento de Pancrácio. Estava presente o Reginan,

namorado do Vice-Diretor. Alto, morenã, magro e musculoso, Reginan ostentava a cabeça raspada, a barba escura e os braços peludos, em que resplandeciam tatuagens coloridas. Portava brincos nas orelhas e um *piercing* prateado, em formato de meia argola, na narina esquerda. Trajava bermuda apertada e colorida, que lhe realçava as nádegas volumosas, as coxas grossas e os quadris mais largos do que os ombros.

Pancrácio, pálido, de camiseta colorida, barba rala e cabelos longos, reclamou, com voz cantante, alongando as desinências das palavras, que Reginan não o ajudara a preparar a mesa. O outro se justificou, dizendo que chegara *cansadíssima* do trabalho e não tivera energia para tanto.

Enquanto servia berinjelas, Pancrácio se gabava de ser bom cozinheiro e de haver juntado dinheiro para investir em títulos do Tesouro Nacional. Enumerou e mostrou os móveis e objetos de decoração que comprara em diversos países. Gabou-se de ser feliz no amor e na profissão.

Reginan fitava o namorado com olhos de ovelha meiga e uma ponta de cinismo no sorriso.

Depois da despedida, na casa de Pancrácio, veio, no dia seguinte, o momento esperadíssimo do adeus a Giocondo. Era a coroação gloriosa daqueles tempos de suplícios. O Diretor estendeu-lhe a mão e disse, sem fitar-lhe o rosto:

– Eu tenho o meu estilo de trabalho e posso não ter agradado...

Tinha o constrangimento estampado na cara. Sua antipatia se acentuara, pela perda dos dois funcionários que ele queria explorar um pouco mais. Clotilde olhava de soslaio, de cara fechada, desconfiada, e não menos frustrada que o marido.

Crátilo agradeceu, em nome dele e de Ivonete, o “apoio recebido”, embora tivesse vontade de dizer: *Graças a Deus chegou a hora de fugir desse pardieiro.*

\* \* \*

No hotel Biafra, onde Crátilo também se hospedara na chegada, colocaram Ivonete e Crátilo num quarto, cuja cama era dura feito pedra. O amanuense reclamou:

– É impossível dormir num colchão igual a um pedregulho.

Os barbúrios puseram o casal em outro quarto, cuja cama estava esburacada e as pontas de arames do colchão espetavam-lhes as costelas. Ivonete tossiu a noite toda. Pegara gripe, depois de dez dias respirando a poeira das caixas da mudança, exposta ao frio da casa sem aquecimento. Crátilo tinha certeza de que o fedorento Djair havia sabotado a caldeira. Temia que Satur lhe quisesse cobrar uma caldeira nova.

\* \* \*

A terceira despedida foi na casa da Palmira e do jovem marido Arizi. Palmira, alta, pálida, de rosto inchado, vincado de rugas e cabelos desgrenhados, luzia um vestido largo, com o propósito de disfarçar a barriga volumosa. Sorria e elogiava os dons culinários do marido, um moreno baixo, de olhar tímido e voz grave. Arizi se gabava, trocando as consoantes:

– Eu *gozinha* bem, modéstia à *barte*. *Juro bor Deus*. Eu *bez guibe bara bocês*. – Vangloriou-se o visitante, num português precário.

Palmira lhes disse que os quibes jaziam na sua geladeira, havia algumas semanas. Depois daquele repasto insípido, ela trouxe uma garrafa térmica, e ofereceu a Crátilo e Ivonete, um chá de cominho e limão.

Ivonete bebeu todo o conteúdo da xícara. Crátilo deu dois goles, sentiu um gosto salgado e intragável, e deixou a xícara pela metade.

Arizi perguntou:

– Você não gostou do *já?* – Eu *zou esbezialista* em *já*.

Crátilo bebeu o restante, fazendo uma careta espantosa.

Palmira comentou uma intriga entre as funcionárias barbúrias, que por serem desleais, deixaram de falar com a Djanira. Assegurou que Djanira era *bacana* e, Giocondo, melhor ainda. Ela o considerava um chefe humano, sensível à súplica dos infortunados, porque ele lamentou muito a necessidade de demitir o Petrúcio. Tirano, para ela, revelou-se o Pancrácio que, ao tratar do assunto da demissão do funcionário, declarou que não dava para fazer caridade com o dinheiro da Empresa.

Palmira e Arizi comeram o mínimo. O restante foi consumido Crátilo e Ivonete, que, mais tarde, já de regresso ao hotel, passaram a noite no banheiro. Aquela combinação dos quibes com o chá salgado funcionara como um tremendo purgante.

\* \* \*

Meses depois, já lotado na sede da Empresa, na Avenida Paulista, a notícia de que o Escritório na Barbúria seria fechado não surpreendeu Crátilo. A Ventura, que antes contava com quinze escritórios no Brasil e noventa no exterior, reduziu à metade esse contingente. Giocondo, no entanto, ficou abalado com a crise da empresa e teve seu estado de saúde agravado. Duplicaram-lhe as afecções da sarna pelo corpo, sobretudo depois que uma muriçoca pousara-lhe na bunda, justamente no ponto de origem do problema. Ele se coçou, piorando ainda mais o quadro. Nenhum remédio curava-lhe aquela sarna fatal.

Na tentativa de esconder o problema, Djanira espalhava a notícia de que o Chefe estava com pneumonia. Por isso, hospitalizou-se em Los Angeles, em plenas férias. Os remédios dos norte-americanos não lhe livraram da sarna. Somente um supositório, tamanho G, proporcionava-lhe algum alívio.

O Dr. Giocondo Malaquias, ressentido, esfregava os cotovelos nas pessoas, dentro dos elevadores, e pegava com as duas mãos nos trincos das portas, com a intenção premeditada de contaminar toda criatura que encontrasse pela frente.

\* \* \*

Tempos funestos se abateram sobre a Barbúria. O velho ditador faleceu e sua morte provocou uma convulsão política no País. Bombas explodiram diante do Palácio do Governo e no Centro da Capital, causando centenas de mortes. Barbeville estava tomada por soldados armados. As ruas do Centro foram fechadas. Os transeuntes se agrediam e se assassinavam selvagememente. Homens armados saqueavam jornais, repartições públicas e casas de comércio. E metralhavam, indistintamente, os cidadãos. A população civil sofria um banho de sangue, uma alucinante jornada de barbárie, opressão e matança. Granadas explodiam em escolas, cafés e restaurantes.

\* \* \*

Na vida cotidiana no Brasil, Crátilo e Ivonete passaram a desentender-se por qualquer motivo. A neurose dos tempos vividos na Barbúria tornou-se um mal crônico para eles. Ivonete andava neurastênica. Demasiado ansiosa. Mostrava-se insatisfeita com tudo e com todos.

– *Pô*, Crátilo, não dá não! Você não conversa mais. Viver com você tem sido muito solitário. Você tem que morar sozinho mesmo. Eu gosto de me divertir, de dar risadas, quero sair de noite para a boate ou o cinema, e você fica em casa, as noites e os fins de semana, lendo e escrevendo. Esse negócio de ficar sozinho não é comigo não.

– Você só sabe falar de dinheiro. Os seus assuntos são chatos. – Retrucava ele.

Cansada daquele homem puritano, neurótico e sem erotismo, Ivonete pediu transferência para o Escritório em Salvador. Levou para a capital baiana a mobília que acumulara ao longo dos anos em que serviu à Ventura no exterior.

Duas pessoas, pensando em diferentes direções, acabam por perder a afetividade. Depois da separação, Crátilo se preocupava com Ivonete, porque a considerava uma pessoa frágil. Escrevia para ter notícias suas. Com o tempo, mesmo a amizade se acabou. Ela arranhou outro namorado.

Quando ele se aposentou, foi morar no Rio de Janeiro, e ali permaneceu, com seus livros, contemplando as aduanas marítimas de Copacabana e sendo visitado por Celso e Damásio.

Com Celso, conversava sobre literatura e sobre a violência na sociedade brasileira. Criticava a mídia imperialista, que aliena as pessoas. Celso continuava com sua oficina literária e seu expediente diário diante do computador.

– O Brasil precisa de uma reforma no sistema educativo. É preciso criar mais escolas e pagar bem os professores. A mão de obra brasileira se reclina, inerte, nas calçadas. – Concordava Crátilo, acreditando na utopia de “ver o Brasil mais civilizado”.

– As pessoas não entendem o objetivo da vida. – Observava Celso – dissertando sobre o que ele acreditava ser *o humanismo que falta para se viver melhor*.

Damásio também aparecia, de vez em quando. Continuava imprudente no trânsito. Dirigia na terceira marcha, subindo e descendo ladeiras, e girando nas curvas fechadas, pelos bairros da Zona Sul do Rio. Estreara seu projeto de recitar poemas por meio de um alto-falante acoplado no alto de seu carro.

\* \* \*

Juana visitava Crátilo, de vez em quando. Lamentava a atitude de Ivonete, que o abandonara.

– Ela não vai encontrar um melhor do que você, Crátilo.  
– Dizia, no intuito de lisonjear o primo.

A prima criticava Alonso, que lhe perguntara por que ela permitira que ele alugasse o apartamento de Copacabana. O ancião se arrependera amargamente de ter vendido os móveis.

– Ele é teimoso. Só faz o que quer. Quando pergunta à gente o que deve fazer, já tem a decisão tomada. Ele tem dinheiro, mas não é capaz de ir almoçar num restaurante.  
– Retomava Juana antigas críticas, reiterando que Alonso já prometera o apartamento de Botafogo para o Wilson. Quanto ao de Copacabana, seria dividido pelos quinze sobrinhos e dezessete sobrinhas.

Crátilo lamentava não ter por perto o velho primo para contemplar com ele a luz esverdeada do mar de Copacabana.

Quando Alonso, aos 96 anos, foi hospitalizado em Teresina. Crátilo telefonou. O primo, com a voz frágil, quase não conseguia falar. Deprimidíssimo, preparava-se para a morte, se é que isso é possível. Seu raciocínio permanecia intocável. Perguntou se Crátilo ainda estava na Barbúria e se estava satisfeito. Crátilo disse-lhe que já se havia livrado da Barbúria e prometeu ir a Teresina o mais rápido possível.

– Talvez você não me encontre mais...

De fato, a saúde de Alonso se deteriorava cada dia. Dois meses depois daquele telefonema, Crátilo soube, por Juana, que Alonso já estava na UTI e decidiu viajar a Teresina para ver o velho amigo e primo.

– Você não o reconhecerá – Disse ela. – Prepare-se psicologicamente. Ele está com as duas mãos travadas, não consegue mais mexer os dedos.

Crátilo viu Alonso prostrado num leito da UTI, pálido, como um cadáver vivo, desdentado e magro, como um esqueleto, com uns fios conectados no nariz e no peito. O

moribundo já não conseguia articular as palavras. Tentava falar. Apenas gemia e murmurava, ininteligivelmente, sob os lençóis que lhe cobriam o corpo descarnado.

Bruna, cuja cara de índia parecia assustada e abalada, tentava decifrar o que o pobre homem dizia. Naquela tristeza toda, Crátilo não sabia se Alonso entendera suas palavras carinhosas, chamando-o de “meu segundo pai”. Afinal, saiu daquele hospital chorando de pena e dizendo à Bruna e à Maria Belisa, já no corredor de saída, que não sabia se voltaria a ver Alonso, porque não suportava vê-lo naquele sofrimento todo, que era pior do que a morte.

– Não dou conta de vir todos os dias. Se não, quem adoce sou eu – desculpou-se Crátilo e saiu, desconsolado e triste. Covardemente, não teve coragem de regressar àquela “câmara de tortura”, em que os médicos e as enfermeiras iam matando, gradualmente, o seu querido primo. Viajou, dois dias depois, de volta ao Rio de Janeiro. Nove dias depois, recebeu a notícia de que Alonso desencarnara. O enterro seria no dia seguinte. Crátilo não assistiu aos funerais de Alonso. Preferiu poupar-se de mais uma tristeza. Sabia, apenas, que seu primo estaria num lugar melhor do que a UTI de um hospital. A morte, certamente, era melhor do que sobreviver naquelas condições.

No trajeto do apartamento à praia, Crátilo pensava no velho primo. Contemplava, melancolicamente, a névoa lânguida que se desenhava no arco dos edifícios, do Leme aos muros escuros do Forte de Copacabana.



## O Autor

**Márcio Catunda Ferreira Gomes**, Márcio Catunda, nasceu em Fortaleza, em 22.05.1957. Formou-se em Direito, pela Universidade Federal do Ceará, em 1979 e ingressou na carreira diplomática, em 1985. A serviço do corpo diplomático brasileiro, trabalhou e residiu em Lima, Genebra, Sófia, Sao Domingos, Acra, Madri e Argel. Atuou em nove movimentos culturais, desde 1975, ano em que foi Presidente do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza. Colaborou em inúmeros periódicos literários. Possui, com esta obra, 50 títulos publicados, entre livros individuais e CDs, no Brasil e no exterior, tais como *Incendiário de Mitos*, poesia, Fortaleza, 1980. *O Encantador de Estrelas*, poesia, Brasília, 1988. *Los Pilares del Esplendor*, poesia, Lima, Peru, 1992. *A Essência da Espiritualidade*, ensaios, Lima, Peru, 1994. *Poèmes Écologiques*, poesia, Bellegarde, França, 1996. *Anthologie Sonore*, CD de poemas recitados em três idiomas, Genebra, Suíça, 1997. *Rosas de Fogo*, poesia, Rio de Janeiro, 1998. *Engenho Urbano*, em *Rios*, Rio de Janeiro, 2003. *Madrid y Otros Idilios*, poesia, S. Domingos, Rep. Dominicana, 2004. *Sintaxe do Tempo*, poesia,

Fortaleza, 2005. *Plenitude Visionária*, poesia, Lisboa, Portugal, 2007. *O Dom de Orfeu*, poemas musicados, Madri, Espanha, 2007. *Meditações Líricas*, em *Vertentes*, Rio de Janeiro, 2009. *Emoção Atlântica*, poesia, Rio de Janeiro, 2010. *Verbo Imaginário*, antologia poética (1998-2010), Lisboa, 2010. *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, Rio de Janeiro, 2011. *Luz sobre la Historia*, poesia, Madrid, Espanha, 2011. *Autobiografía en Madrid*, poesia, Sevilla, Espanha, 2012. *Laudetur: 63 poetas españoles del siglo XXI*, poesia, Madrid, 2012. *Escombros e Reconstruções*, poesia, Thesaurus, Brasília, 2012 (com o qual ganhou o prêmio de *Melhor Livro do Ano*, em seu gênero, conferido pela ACL, Academia Carioca de Letras). *Tierra de Demonios*, romance, Editorial Manuscritos, Madrid, 2013. *Terra de Demônios*, Rio de Janeiro, 2013. *Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido*, biografia, Lisboa/Fortaleza, 2015. *Viagens Introspectivas*, poesia, Fortaleza, 2016 (com o qual obteve o *Prêmio Diretoria*, conferido pela União Brasileira de Escritores, UBE-RJ). E-mail: [marciocatunda@hotmail.com](mailto:marciocatunda@hotmail.com)

Este livro foi diagramado na  
fonte Palatino Linotype e impresso  
em papel Apergaminhado 75 grs.,  
na RDS Gráfica e Editora Ltda.,  
no mês de fevereiro de 2018,  
em Fortaleza - Ceará - Brasil